



© Imagem capa: Aspetos do Corte Sul do Fosso 3 (Valera, 2008)

Scientia Antiquitatis

Revista de Arqueociências

Dinâmicas de enchimento
do Fosso 3 do Complexo
Arqueológico dos Perdigões
(Reguengos de Monsaraz,
Portugal)

Inês Ribeiro

Monografia

Vol. 8 | Nº 1 | 2024

Scientia Antiquitatis

Revista de Arqueociências

SCIENTIA ANTIQUITATIS
Revista de Arqueociências

Semestral
ISSN 2184-1160

<http://www.scientiaantiquitatis.uevora.pt/>

Revista consagrada à publicação de textos interdisciplinares na área da Arqueologia, privilegiando vários tipos de estudos, procurando dar a conhecer resultados de trabalhos mais específicos mas também sínteses mais alargadas que podem abranger publicações de teses de mestrado e doutoramento. Publica dois números por ano mas também números especiais, temáticos, em livre acesso.

Disciplinas: Arqueologia, Arqueociências, Património

Editores:

Leonor Rocha | Gertrudes Branco | Ivo Santos

Local de Edição: Évora (Portugal)

Data de Edição: abril de 2024

Vol.8 | N. 1 | 2024

Capa: Aspetos do corte Norte (imagem da esquerda) e Corte Sul (imagem da direita) do Fosso 3 (@Valera, 2008)

Diretor: Leonor Rocha

Contactos e envio de originais: Leonor Rocha/ lrocha@uevora.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

Nota: O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. A Scientia Antiquitatis declina qualquer responsabilidade por questões de ordem ética e/ou legal bem como no cumprimento do Acordo Ortográfico, que são unicamente da responsabilidade dos autores de cada texto.

Prefácio	
<i>António Carlos Valera</i>	8
Prefácio - Pensar os fossos dos Perdigões: usos e desusos de um lugar de agregação	
<i>Mariana Diniz</i>	9
Agradecimentos	
<i>Inês Ribeiro</i>	10
Dinâmicas de enchimento do Fosso 3 do Complexo Arqueológico dos Perdigões (Requengos de Monsaraz, Portugal): Abordagem através da componente cerâmica e lítica	
<i>Filling Dynamics of Pit 3 at the Perdigões Archaeological Complex: An Examination of the Ceramic and Lithic Components</i>	
<i>Inês Ribeiro</i>	12
Introdução	
.	13
Metodologia	
.	14
Contexto Geográfico e Geológico	
.	19
Contexto Arqueológico	
.	25
Complexo Arqueológico dos Perdigões: A História da Investigação	
.	31
Contexto dos Materiais	
.	34
Estudos dos Materiais do Fosso 3: Critérios para o estudo artefactual	
.	40
Espólio vs Estratigrafia	
.	56

<i>Bibliografia</i>	73
----------------------------	-----------

<i>Anexos</i>	81
----------------------	-----------

Prefácios

O Programa de Investigação Arqueológica dos Perdigões (INARP), há 26 anos coordenado pela ERA Arqueologia S.A., tem sido um projecto marcante na investigação da Pré-História Recente em Portugal. Tanto no plano da investigação, como no plano da formação, as duas faces da moeda da ciência.

Desenvolvido por um núcleo de investigação de uma entidade privada, o projecto tem conseguido estabelecer colaborações com as academias, nacionais e internacionais, das quais têm resultado inúmeras teses de mestrado e doutoramento. E é neste contexto proficuamente colaborativo que esta dissertação para a obtenção de grau de mestre, Dinâmicas de enchimento do Fosso 3 do Complexo Arqueológico dos Perdigões Abordagem através da componente cerâmica e lítica desenvolvida pela Inês Isabel Ribeiro, foi iniciada e chegou a bom porto na Universidade de Évora.

A temática escolhida é central no intenso debate desenvolvido nas últimas décadas a nível peninsular em torno aos significados e funcionalidades dos recintos definidos por fossos da Pré-História Recente: a natureza e dinâmicas dos processos de enchimento dos fossos, aqui tratados a partir da análise da componente artefactual presente nos depósitos de preenchimento do fosso 3 dos Perdigões. Prudentemente navegando entre posicionamentos teóricos distintos e possibilidades interpretativas múltiplas, a Inês Ribeiro foi confrontada, neste trabalho, com a complexidade que envolve os processos de investigação e produção de conhecimento. De como este tanto reflecte as materialidades analisadas e estudadas, como as condições subjacentes à formação do investigador, ao seu contexto institucional e ao seu tempo. E de como estas circunstâncias presentes lhe desenham o questionário e lhe apontam as ferramentas teóricas e metodológicas que utiliza e lhe condicionam o discurso. Foi seguramente um processo enriquecedor para a Inês Ribeiro e mais um contributo para o aprofundamento desta paulatina relação que se vai estabelecendo entre esse passado distante onde “viveram os Perdigões” e este presente que sobre ele se interroga e continua à procura das melhores formas de com ele conversar.

Que esta experiência frutifique e que a Inês Ribeiro, dando largas à sua curiosidade, aprofunde o seu gosto por estas conversas com o passado distante, aprendendo com ele sobre si e sobre o seu tempo.

António Carlos Valera
Linda a Velha, 20 de Janeiro de 2024.

Pensar os fossos dos Perdigões: usos e desusos de um lugar de agregação

Construir um prefácio para a obra de uma jovem investigadora como é a Inês Ribeiro constitui mais que um desafio, um voto de confiança no futuro. Seguramente nascida já depois de identificado o recinto dos Perdigões é sobre as dinâmicas de enchimento de um dos fossos deste sítio – o fosso 3 – um dos fossos intermédios deste grande lugar da Pré-história recente, do Alentejo central que trabalha, ao longo dos dois volumes da sua tese, desenvolvida no Mestrado em Arqueologia e Ambiente da Universidade de Évora, intitulada Dinâmicas de enchimento do Fosso 3 do Complexo Arqueológico dos Perdigões. Abordagem através da componente cerâmica e lítica e orientada por Leonor Rocha e António Valera. Defendido este trabalho em Junho de 2023, esta obra que agora se publica vem juntar-se a um conjunto de largas dezenas de títulos que têm os Perdigões como temática fundamental e onde, a partir de diferentes ângulos de abordagem, se discute um dos mais significativos lugares da pré-história recente da Península Ibérica.

A partir de uma abordagem clássica, com o que de positivo este adjectivo contém, assente na leitura dos materiais arqueológicos, artefactos líticos e cerâmicos, nos dados de terreno, como o contexto e a estratigrafia, Inês Ribeiro acrescenta depois, para pensar as causas, naturais e antrópicas por detrás deste enchimento do Fosso 3, tópicos como o da Fragmentação e da origem não/intencional, dos materiais caídos ou depositados no interior do Fosso 3 e das fases de uso/colmatação desta estrutura negativa.

A apresentação detalhada, feita pela autora, desta utensilagem, fundamentalmente materiais de uso quotidiano recolhidos no interior do Fosso 3 permite também reconstruir os ambientes domésticos dos Perdigões, menos conhecidos que as estruturas funerárias, e onde estes artefactos – alguns dos quais pesados, como os picos de xisto – terão funcionado.

Mas pensar os Perdigões exige uma análise que para além do sítio, e da sua complexidade interna, abranja um território mais alargado, onde gestos e práticas idênticas se devem repetir. Para além de armadilhas naturais, para objectos e restos que resultam de descartes simples, as deposições estruturadas no interior de fossos têm vindo a ser sistematicamente identificados nos Perdigões, mas também em outros lugares com fossos, demonstram a “multi-funcionalidade” destas estruturas negativas que marcam a paisagem e que servem de cenários a gestos significativos de sociedades complexas, como são as do Calcolítico do Sudoeste peninsular.

Uma tese de mestrado, como a que está na origem do volume que agora se publica, é um trabalho de iniciação, de começo de um trajecto de investigação que se espera longo e cheio de sucessos. Com este volume, a Universidade de Évora cumpre o seu papel, apoiando estes percursos e divulgando os resultados obtidos pelos seus estudantes que, como a Inês Ribeiro, escolhem, com um entusiasmo evidente, o caminho da Investigação. Ficamos a aguardar trabalhos futuros!

Mariana Diniz
Lisboa, Março de 2024

Agradecimentos

O desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, ao contrário do que tantas vezes esperamos, não é em momento algum, ou não deve ser em momento algum, um caminho solitário. Assim sendo, muitas foram as pessoas que se foram cruzando comigo no decorrer de uma jornada que já vai longa e que de alguma forma me ajudaram a chegar aqui.

Agradecer à Professora Leonor Rocha, uma verdadeira mentora, desde o meu primeiro ano na Universidade de Évora. Esteve lá, em todas as ideias que me foram surgindo de temas para desenvolver naquela que poderia ser outra dissertação, que não esta, e em todas me tentou motivar, alertar e fazer assentar os pés na terra, quando a minha cabeça decidia fazer voos maiores do que podia aguentar. À Professora, devo um tanto do que sou hoje, tanto enquanto aspirante de investigadora, como pessoa. Grata por toda a paciência e dedicação que teve para com esta orientanda, tão desorientada.

Agradecer ao Doutor António Valera, que aceitou sem hesitações que uma desconhecida pudesse estudar aquilo com que sempre sonhou - os Perdigões. Grata pelo voto de confiança e pela paciência ao longo desta jornada.

Também agradecer a todos os docentes que me ensinaram e sempre me motivaram a questionar sobre tudo aquilo que me rodeava, e que de alguma forma me foram acompanhando, como a Professora Susana Gómez Martínez, o Professor André Carneiro, o Professor Jorge Oliveira, o Professor José Mirão e a Professora Patrícia Moita, entre outros que foram fundamentais neste percurso académico.

Entrando numa esfera mais pessoal, mas que foi proporcionada apenas pela minha escolha profissional, agradecer a duas pessoas fundamentais: à Ana Catarina Basílio, pela paciência que foi necessário ter para esclarecer todas as dúvidas que me foram surgindo...tenho toda a certeza que sem as nossas conversas todas, tudo isto seria mais difícil. E ao Nelson Almeida, que teve a amabilidade de cuidar de uma miúda cheia de receios e incertezas, dando-lhe a mão, e os melhores conselhos que podia. Fica aqui o meu eterno agradecimento a duas pessoas que são, sem sombra de dúvida, um exemplo para mim e que um dia eu consiga ser um bocadinho daquilo que vocês são.

À minha crença e a todos os meus irmãos e irmãs de Caminho, grata por estes anos de amor, de apoio e incentivos.

A ti, Diniz, o meu companheiro. Aquele que, desde o primeiro dia, agarrou em mim e me motivou, fazendo-me acreditar que eu era capaz de fazer tudo aquilo com que

sonhava. Grata por nunca, em momento algum, desistires de mim, grata pelas palavras de carinho, grata por seres tudo aquilo que sempre sonhei e mais ainda. Tu foste e tu és o porto de abrigo ao qual posso recorrer quando tudo desaba. Sem ti, tenho a certeza, que tudo teria sido diferente. Que continues aqui, como sempre estiveste desde daquele dia 19 de setembro de 2016.

À minha irmã, o amor da minha vida, o exemplo que tenho de perseverança, de determinação. Poucas são as palavras que existem para te agradecer tudo aquilo que és para mim, poucas são as palavras para exprimir tudo o que sinto por ti. Deste-me algo, que nunca na vida te conseguirei agradecer o suficiente – um propósito e um sentido. Como duas pessoas tão parecidas, são tão diferentes, e que uma sem a outra nada seriam, um complemento total em todas as dimensões. Se estou aqui, a ti o devo. Grata também por de ti virem os dois amores pequeninos que tenho, a minha Aurora, a primeira luz de um amor tão imenso; e o meu Vivi, uma força da natureza. Eles que tanta vez me deram a vontade de continuar, a alegria e o amor de uma forma tão pura e genuína.

Aos meus pais, que me proporcionaram tudo aquilo que um filho pode desejar. Um amor sem igual; um abrigo aquando das tempestades; uma paciência inigualável face à demora deste processo. Eles são mais importantes do que podem pensar, e que apesar de toda a “rebeldia”, a voz deles foi sempre escutada, pois no fim, queria apenas mostrar que era capaz de ser o que eles desejavam que fosse.

Um percurso que foi também preenchido por amigos, que estiveram lá de várias formas.

Agradecer à Joana, a amiga de 20 anos, que me conhece tão bem, quase como eu própria.

À Filomena, alguém tão diferente, mas que é tão igual. Companheira de turma, de casa, das conversas longas aos risos mais fáceis.

À Mel, onde para além de amiga e afilhada, é realmente, quase como uma filha que irei proteger, mas que também me protegeu e deu a mão tantas vezes, face a tudo o que já vivemos.

À Bea, um feliz acaso, num sítio tão distante, a prima que não é de sangue, mas que a vida decidiu colocar perto de mim.

Ao Ruben, o afilhado desaparecido, mas que me deu sempre um abraço como forma de reconforto.

Ao Fábio, o padrinho e amigo que todos devíamos ter para fazer rir nas horas de mais sufoco.

À Teresa, que se juntou tardiamente neste caminho, mas que tocou de uma forma tão intensa que só ela o sabe ser.

Ao Joaquim, à Luisa, ao Rui e à Tânia, vocês que são tanto, que me ensinam tanto, conselheiros e irmãos.

A vós todos o meu mais sincero e profundo agradecimento.

A não esquecer, àquelas que são as minhas meninas, a Eva, a Catarina, a Joana e a Filipa, que foram essenciais no desenho dos materiais, mas também a mostrarem-me que a Arqueologia é bem mais do que escavar, mas que junta pessoas, e elas foram exemplo disso.

A todos os que estão comigo neste mundo físico, mas também àqueles que já partiram, mas que estão sempre presentes.

São, sem dúvida, agradecimentos longos, mas necessários, pois sem estas pessoas nada teria sido igual, não teria o mesmo sabor e, talvez mesmo, dissabor.

Grata

Dinâmicas de enchimento do Fosso 3 do Complexo Arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal)

Abordagem através da componente cerâmica e lítica

Filling Dynamics of Pit 3 at the Perdigões Archaeological Complex

An Examination of the Ceramic and Lithic Components

Inês Isabel Rosa Ribeiro^{a,®}

^aCHAIA - Universidade de Évora
®Contacto: i.isabel.rosaribeiro@gmail.com

Resumo

Com mais de 25 anos de investigação, o Complexo Arqueológico dos Perdigões, com os seus variados estudos, trouxe ao panorama da Arqueologia Portuguesa, diversas problemáticas e debates que nunca outrora tinham sido discutidos, como a questão da formação dos depósitos das mais variadas estruturas negativas. Entender a formação dos depósitos, permite também traçar o caminho para chegarmos à verdadeira funcionalidade de locais, como os Recintos de Fossos. Realidade que ganhou forte impulso nos estudos, na última década.

O presente trabalho visa o estudo dos processos de enchimento do Fosso 3, através do estudo dos materiais cerâmicos e líticos provenientes do mesmo. Além, de tentarmos verificar se estamos perante uma deposição intencional antrópica, desejamos também verificar se existem paralelos a nível material com outros Recintos de Fossos, bem como alguns assentamentos do 3º milénio a.C., com o propósito de conhecermos um pouco mais das sociedades calcolíticas.

Palavras-chave

Calcolítico | Cerâmica | Complexo Arqueológico dos Perdigões | Deposições Intencionais | Líticos

Abstract

With over 25 years of research, the Perdigões Archaeological Complex has brought several previously unexplored issues and debates to the forefront of Portuguese archaeology, notably concerning the formation of deposits associated with diverse negative structures. Understanding deposit formation is crucial in unraveling the true functionality of sites like the Pit Enclosures, an area of growing interest in the past decade. This study focuses on investigating the filling processes of Pit 3 through an analysis of its ceramic and lithic materials. Our objectives include determining if the deposition was intentionally anthropic and identifying any material parallels with other Pit Enclosures and settlements from the 3rd millennium B.C. This exploration aims to shed light on the Chalcolithic societies and their practices.

Keywords

Archaeological Complex of Perdigões | Ceramics | Chalcolithic | Intentional Deposits | Lithics

1. Introdução

O texto que aqui se inscreve corresponde à Dissertação de Mestrado, apresentada à Universidade de Évora, sob a orientação da Professora Doutora Leonor Rocha e Doutor António Valera, defendida em Junho de 2023.

Este estudo foi concebido com o intuito de ser mais uma contribuição, no concerne dos trabalhos de investigação que têm sido realizados há mais de 26 anos no Complexo Arqueológico dos Perdigões. Deste modo, esta obra pretende apresentar o estudo dos materiais arqueológicos, nomeadamente cerâmicas e líticos, provenientes do Fosso 3, bem como a forma como os mesmos se comportam estratigraficamente. O objetivo final deste estudo, visa a compreensão do processo de enchimento do referido fosso, ou seja, pretende-se perceber se se trata de uma formação intencional ou de um acumular de detritos materiais de forma natural.

Além de se pretender entender a forma como o Fosso 3 se comporta, em termos de preenchimento, existe também o intuito de relacionar os materiais que se estudaram com o que existe publicado e estudado noutros Recintos de Fossos, mas também com outra tipologia de sítios, como é o caso de povoados abertos e fortificados/amuralhados da área do Guadiana, numa perspetiva de tentar conciliar realidades, que por vezes, se pretendem afastar, face às suas dicotomias arquitetónicas, mas que poderão ter tanto em comum.

O estudo encontra-se dividido em 8 capítulos, nos quais podemos verificar a apresentação da metodologia, no capítulo 2, adotada para o estudo dos materiais cerâmicos e líticos do Fosso 3 do Complexo Arqueológico dos Perdigões, bem como a explanação de alguns conceitos, que considerámos fundamentais; explanamos também os Contextos Geológicos e Geográficos do sítio ao longo do capítulo 3. Dedicamos o capítulo 4 a apresentar o avançar dos estudos acerca da temática dos Recintos de Fossos no nosso território ao longo das últimas décadas, e no capítulo 5 expomos os principais trabalhos e estudos sobre os Perdigões, que nos auxiliaram na elaboração desta obra. É nos capítulos 6 e 7 que expomos os dados referentes ao contexto dos materiais, e o estudo dos mesmos. No capítulo 8 apresentamos, um dos conceitos que mais dúvidas na sua utilidade e praticidade levanta - a Fragmentação Cerâmica, a qual utilizámos para compreendermos as dinâmicas de preenchimento do Fosso 3.

O último capítulo, o capítulo 9, é onde estão expostas algumas das nossas teorias, sustentadas pelo estudo comparativo realizado com locais amplamente estudados, de diferentes arquiteturas, mas que compartilham um fundo material comum e cronológico. Neste capítulo, pretendemos também responder à questão de partida.

Por fim, figuram os Anexos, nos quais encontramos, as figuras e desenhos dos materiais selecionados tipologicamente, bem algumas fotografias das intervenções no Fosso 3, bem como a bibliografia que nos serviu de suporte.

Em suma, estamos conscientes da subjetividade das leituras que apresentamos, sobretudo, em temáticas que estão relacionadas com a possível componente simbólica dos comportamentos das sociedades do 3º milénio a.n.e.

2. Metodologia

Estudar um sítio como os Perdigões, não é, de todo, tarefa fácil e para que tal seja alcançado é necessário, logo de início, estruturar uma metodologia organizada de forma a responder às várias questões que vão surgindo ao longo do trabalho. Naturalmente que sendo um sítio já com inúmeros trabalhos de investigação realizados, a metodologia que se iria adotar, neste estudo, teria de estar alinhada com os estudos anteriormente realizados, nomeadamente no que se refere aos espólios.

Antes de se avançar para a análise dos materiais, considera-se também importante clarificar a definição de alguns conceitos que irão ser constantemente referenciados ao longo desta obra. Os conceitos de maior relevância são: Recintos de Fossos; Deposições Estruturadas; Estruturas Negativas e, o mais complexo, o conceito de Ritual, que tantas questões levanta. Conceitos difíceis de definir, mas fundamentais para a compreensão da realidade a estudar. Cabe ressaltar que todos eles irão sempre apresentar um cariz de subjetividade, pois retratam o apreendido pela autora após a leitura de múltipla e distinta bibliografia.

Após definir os conceitos empregues ao longo do estudo, passar-se-á à apresentação do Complexo Arqueológico dos Perdigões, bem como do seu contexto Geográfico/ Geológico e do seu contexto Histórico-Arqueológico. Seguir-se-ão os capítulos dedicados à análise dos materiais, apresentando o contexto em que os mesmos se inserem e a sua leitura estratigráfica. Por fim, apresentar-se-ão os resultados obtidos através do estudo dos materiais.

2.1 Critérios Descritivos

De modo a cumprir todos os objetivos estabelecidos, foi fundamental definir uma metodologia para o conjunto artefactual recuperado no Fosso 3. Este trabalho laboratorial foi realizado no Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro, sito no Palácio do Vimioso, na Universidade de Évora. Por estarmos perante materiais que provêm de uma escavação realizada em 2008, todo o espólio já se encontrava lavado, pelo que o estudo das cerâmicas e líticos se iniciou com a criação de uma base de dados, em *Excel*, para o inventário e descrição geral de cada peça, que foi realizada em várias etapas:

1. Caracterização tipológica de cada peça, apenas possível, nos casos em que existia informação, como a presença de bordos ou de peças carenadas, pesos de tear, entre outros. Esta fase de identificação seguiu o catálogo anteriormente elaborado e aplicado a outros conjuntos do Complexo dos Perdigões (Lago, 1998), de modo a manter a coerência descritiva dentro do sítio e, também, permitir a comparabilidade desta coleção com outras. De realçar que, no caso concreto do Fosso 3, existiam formas que ainda não estavam contempladas nesta tabela, o que conduziu à necessidade de criar novos tipos ou subtipos, como se verá posteriormente. Dentro deste conjunto selecionaram-se alguns fragmentos representativos das tipologias existentes (e das novas), bem como os que apresentam unicidade decorativa, para serem desenhados, e posteriormente vetorizados em formato digital, recorrendo-se ao *Adobe Ilustrador*. Todos os fragmentos com algum tipo de decoração foram também fotografados.
2. Caracterização tecnológica de cada peça, seguindo os pressupostos anteriormente definidos por António Valera (Valera, 1997), ou seja, descrição da forma, dimensão, análise de pastas (definição da cor, calibre e quantidade de ENP'S, descrição do tipo de cozedura), e dos elementos decorativos. A mencionar ainda a realização de uma etapa fundamental, a pesagem de cada um dos fragmentos cerâmicos com vista a uma posterior tentativa de caracterização do nível de fragmentação.

Não procedemos ao cálculo do número mínimo de indivíduos (fragmentos), como é apanágio em outros estudos de material, para outros tipos de cronologias. O recurso a este método é, para a Pré-História Recente, algo de complexo e problemático, não só perante as características inerentes às cerâmicas (irregularidades de formas), mas também pela ausência de métodos e regras gerais, levando a que cada autor utilize as suas próprias linhas orientadoras. Além disto, a coleção em estudo não permitiu a recolagem de fragmentos, dadas as suas irregularidades morfológicas (Costeira, 2017).

3. Este conjunto continha, também, uma pequena percentagem de materiais líticos de reduzida dimensão. Face à baixa representatividade, procedeu-se a uma apresentação geral e descrição sumária, dividida por tipologias (Quadro 5) e à sua representação através de fotografia.
4. Com os dados inseridos, em Excel, elaboraram-se os gráficos que são apresentados ao longo do Capítulo 7 e Anexos deste estudo. Estes gráficos pretendem refletir as informações recolhidas, nomeadamente perceber as percentagens de tipologias, fabricos, decoração e matérias-primas - no caso dos líticos - bem como a realização de uma análise estatística deste conjunto.

Depois de recolhidos todos estes dados, seguiu-se a fase de análise dos mesmos, procurando a partir deles responder à problemática do nosso estudo: Qual(ais) foi(ram) o(s) processo(s) de formação dos enchimentos do Fosso 3?

2.2 Definições e Conceitos

O objetivo da elaboração deste estudo é, como se referiu, compreender os processos de enchimento do Fosso 3 do Complexo Arqueológico dos Perdigões. Deste modo, foi necessário ter como objeto de estudo todo o conjunto de materiais cerâmicos e líticos provenientes do referido Fosso. Assim sendo, é necessário entender o contexto no qual os materiais foram recolhidos, mas também determinados conceitos inerentes a este sítio e ao tema em desenvolvimento, sendo essencial clarificar o que entendemos como:

Estruturas Negativas. Como sabemos muitos sítios arqueológicos Pré e Proto-históricos são maioritariamente (ou exclusivamente) constituídos por estruturas negativas, de morfologias diversas (Almeida *et. alli.*, 2009). As estruturas negativas são cavidades obtidas por escavação do substrato geológico, rochoso ou arenoso, para diversas finalidades (Abreu, 2011:88). Estas estruturas negativas, de dimensões variadas, englobam um vasto número de tipologias relacionadas com a sua funcionalidade, como é o caso dos fossos, mas também os buracos de poste, canalizações, silos, covachos, cisternas, entre muitas outras (Almeida *et. alli.*, 2009). Os próprios conteúdos destas estruturas podem assim ser também bastante díspares, atendendo à sua funcionalidade primária: exclusivamente preenchidos com cerâmicas, morfotecnologicamente homogêneos ou não; com maior ou menor quantidade de vestígios metálicos / metalúrgicos, líticos, fauna, vestígios osteológicos, elementos vegetais, etc. Do mesmo modo, também a estratificação interna descrita varia entre uma única unidade estratigráfica e/ou sequências mais ou menos complexas de depósitos estratificados.

Como sabemos, tem existido um incremento nos estudos dentro desta temática, o que nos coloca diversos problemas (Idem, Ibidem) como, i) a questão dos processos de formação e evolução pós-deposicional do registo estratigráfico conservado, incluindo a questão fundamental dos agentes (antrópicos/ não antrópicos) responsáveis pelos sedimentos que compõem as estruturas negativas (Idem, Ibidem); ii) a funcionalidade das estruturas negativas e o seu tempo de duração/utilização (Idem, Ibidem); iii) a atribuição crono-cultural rigorosa do espólio arqueológico (Idem, Ibidem). Entre tantos outros problemas que surgem ao longo do estudo das estruturas e dos seus conteúdos.

Recinto de Fossos. Trata-se de um fenómeno que cada vez mais se evidencia ser comum por toda a Europa, contando com estudos desde a Península Balcânica, à Escandinávia e Ilhas Britânicas, e que nas últimas duas décadas começou a ganhar destaque e relevância no nosso território (Valera, 2013). Estas estruturas localizam-se cronologicamente dentro da Pré-história Recente e, no caso do Sudoeste peninsular, com as datações mais antigas a enquadrarem-se entre 4000 e 3500 a.C, sendo o maior período de atividade construtiva entre 3500 e 2500 a.C (Márquez-Romero & Jimenez-Jaimez, 2010). Verifica-se assim, que estas estruturas apresentam longas cronologias de utilização, o que as torna fundamentais para o conhecimento da evolução das sociedades do 4 e 3^o milénio a.C., dado o excelente estado de preservação dos espólios (Rodrigues, 2015; Valera, 2013). Além destas datações, é possível identificar utilizações posteriores neste tipo de espaços, encontrando-se muitas vezes vestígios da Idade do Bronze, como é o exemplo dos Perdigões, ou até mesmo romanos e medievais, como é o caso de Valencina de la Concepcion, em Sevilha (Márquez-Romero & Jimenez-Jaimez, 2010).

Em termos de planta, estes Recintos são, por norma, espaços fechados, delimitados por uma ou mais linhas de fossos, escavadas no solo e/ou afloramento rochoso, com plantas tendencialmente circulares ou subcirculares de dimensões variadas, paralelas entre si e concêntricas, indo desde as escassas dezenas de metros até a algumas centenas de hectares (Márquez-Romero & Jimenez-Jaimez 2010; Valera, 2013). As datações que se têm vindo a realizar parecem apontar para que as linhas de fossos existentes não sejam todas contemporâneas. De realçar que, até à data, não se conhece nenhum sítio em que se tenha identificado fossos com ângulos retos. Topograficamente, os Recintos de Fossos apresentam-se bastante diversos, surgindo em amplos vales (Porto Torrão); em anfiteatros naturais (Perdigões e Paraíso); a meio de vertentes (Xancra) ou em vertentes mais inclinadas (Monte do Olival 1); mas também em áreas aplanadas, cortadas por ribeiras que acabam por atravessar os recintos (Salvada), e em topos de elevações (Santa Vitória) (Valera, 2013). Apesar a diversidade referida, verifica-se que tendencialmente, os Recintos de Fossos implantam-se sempre junto de fontes de água, desde ribeiras - exemplo dos Perdigões que se encontra a uma curta distância da Ribeira do Álamo - ou de pequenas linhas de água, como é o caso de Juromenha 1 (Mataloto *et. alli*, 2018) ou da Horta do Albardão 3 (Santos *et alli*, 2009).

Este tipo de recintos tem também, muito frequentemente, associados grandes quantidades de outras estruturas negativas como fossas, também escavadas no solo e substrato rochoso, de diferentes dimensões, plantas e profundidades, localizadas tanto no interior como no exterior dos recintos (Idem, *Ibidem*). A identificação deste tipo de estruturas revela-se assim uma tarefa árdua e difícil face à quase inexistência de evidências à superfície (Márquez-Romero & Jimenez-Jaimez, 2010). Deste modo, para a sua identificação torna-se cada vez mais necessário recorrer a novas tecnologias de análise do território como o uso de Lidar e o recurso a trabalhos de geofísica, que permitem esclarecer as dúvidas que possam surgir. Neste domínio, podemos dar como exemplo os inúmeros trabalhos de prospeção geofísica efetuados por António Valera e Tiago do Pereiro, nos últimos anos (Valera & Pereiro, 2019; Pereiro *et. alli*, 2021).

Fosso. Neste caso, trata-se de um conceito por vezes mais difícil de apreender pois é, frequentemente, confundido com o conceito de fossa. Os fossos são, na realidade estruturas negativas escavadas no solo e/ou substrato rochoso e com um desenvolvimento longitudinal. Os fossos podem apresentar variadas dimensões, em termos de comprimento, largura e profundidade podendo ser esta a característica (medidas e tipo de perfil) que nos permite compreender a eventual funcionalidade da estrutura.

Em espaço ibérico, os perfis encontrados desenvolvem-se em “V” e “U”, de fundo geralmente aplanado (Costa, 2013; Márquez-Romero & Jimenez-Jaimez, 2010). No caso específico dos Perdigões, os fossos definem recintos, condicionam acessos e recebem deposições; por inerência também parecem funcionar como drenos e acumuladores de inertes, resultantes de processos erosivos, embora no estado atual da investigação as razões de base da sua construção ainda não estejam claras. Com isto queremos dizer que há enchimentos pretendidos (revelam uma intencionalidade) e funcionamentos não pretendidos, mas inerentes ao tipo de estrutura¹. De referir, também, que os fossos poderiam estar associados a estruturas defensivas, de implantação de paliçadas, taludes ou funcionarem como estruturas abertas e serem preenchidos de forma antrópica ou natural (Valera, 2013).

Em termos de funcionalidade, podemos verificar que existem várias interpretações, desde dispositivos de defensibilidade, a funções hidráulicas que permitiriam manter o interior dos sítios secos e livres de inundações (Costa, 2013).

Em termos de materiais, verificamos que existem espólios na maioria dos fossos, aparecendo estes completamente preenchidos com depósitos arqueológicos. O tipo de material é variado, mas proliferam alguns vestígios que não se encontram com facilidade (e abundância) em sítios de habitat destas cronologias como os restos faunísticos, sendo destes os mais recorrentes: suínos e canídeos, ambos presentes no nosso caso de estudo, bovinos, cervídeos, ovicaprinos e ocasionalmente equídeos; é também bastante comum restos humanos, tanto completos e articulados como o contrário, ou seja, parecem ser descartados como os ossos de animais. Além das cerâmicas, que são sem dúvida o material mais abundante neste tipo de estruturas,

¹ Informação pessoal dada por António Valera, coorientador deste trabalho, através de troca de e-mails no dia 15 de abril de 2020.

as pequenas pedras, como seixos rolados, também surgem em grande quantidade (Márquez-Romero & Jimenez-Jaimez, 2010). Esta grande quantidade de material, em contexto de enchimentos dos fossos, poderia também revelar uma possível intenção de tentar apagar o fosso da superfície, demonstrando mais uma provável funcionalidade dos fossos: ser local de despejo dos materiais das comunidades que ali habitaram (Costa, 2013).

Deposição Estruturada. Conceito que se encontra muitas vezes conectado a comportamentos de cariz Votivo/Religioso ou ritualístico. Este conceito nasce por volta dos anos 80, ligado às deposições ocorridas no Neolítico final, na Bretanha. Um dos principais trabalhos que traz este conceito à discussão científica, foi o estudo desenvolvido por Richards e Thomas, em 1984 (Richards & Thomas, 1984), no qual os autores apresentaram o conceito de “deposições estruturadas” e novas interpretações para a cultura material do passado. A par destas questões, os autores preocuparam-se com a relação entre a “atividade ritual” e com deposição de cultura material, nomeadamente o problema de definir (ou separar) o que é ritual do que é simplesmente doméstico e utilitário (Garrow, 2012: 88-91). Para Richards e Thomas (1984) as atividades ritualísticas envolvem um comportamento repetitivo, em que os padrões de deposição observados no registo arqueológico mantêm um certo nível de ordem e organização, sendo esta a ideia central do conceito de deposição estruturada. Como é conhecido, os processos de deposição são um elemento fundamental para a interpretação dos dados em Arqueologia. Deste modo, para a conceptualização de deposições estruturadas é possível encontrar duas linhas de pensamento: i) a primeira é a teorização pós-processual, baseada na relação entre ideologia/crença e a deposição da cultura material, focada principalmente nos estudos etnoarqueológicos; ii) a segunda, nasce dentro da arqueologia Pré-histórica britânica, com especial interesse nos rituais do Neolítico final e na ideia de que a deposição se pode constituir como uma prática com significado em si própria (Idem, Ibidem). Contudo, para autores como Jimenez-Jaimez, a deposição ou o enterramento voluntário de objetos poderá exercer-se como meio de expressão de inquietudes, desejos ou até carências de um determinado grupo. No caso específico dos Recintos de Fossos, a deposição intencional, poderá encontrar-se relacionada com atividades que se desenvolveram dentro no próprio recinto (Jimenez-Jaimez, 2008).

Fragmentação Cerâmica. O estudo de materiais cerâmicos é uma ferramenta essencial no que toca à compreensão do registo arqueológico. Para autores como Michael Schiffer, o estudo deste tipo de material é uma ferramenta essencial para o entendimento da formação dos depósitos onde os mesmos se inserem (Barbosa, 2015). Schiffer defende, ainda, que o tamanho dos fragmentos cerâmicos é um importante indicador para a compreensão de “*atividades de limpeza ou de movimentação de sedimentos*” (Barbosa, 2015:49), causada por atividades humanas, animais ou máquinas, ou decorrentes da ação hídrica ou eólica. Segundo Schiffer, quanto maior for o grau de fragmentação dos recipientes, maior é a perturbação na formação dos depósitos. Para o autor, é essencial “*averiguação do completeness index, através do qual se deverá avaliar a relação entre o número total de fragmentos do recipiente e o peso total previsto desse mesmo recipiente*” (Schiffer, 1987: 282 apud Barbosa, 2015: 49). Isto pressupõe que os recipientes estejam praticamente completos, o que pode significar que se o recipiente estiver mais próximo da sua forma original, menos perturbações terão ocorrido no depósito, realçando assim a importância das remontagens e colagens, como técnicas que podem auxiliar na leitura de atividades que condicionaram a distribuição dos fragmentos no depósito e os próprios processos de formação dos mesmos (Barbosa, 2015; Vale, 2011).

Importa referir que nem todos os autores partilham a mesma linha de pensamento de Michael Schiffer, que defende o conceito de fragmento órfão para se referir aos fragmentos que não colam e que representam, como fragmentos isolados, um determinado recipiente. Por exemplo, John Chapman, considera que a existência de elevadas percentagens de fragmentos partidos em grande parte dos sítios pré-históricos se “*deve a práticas sociais de fragmentação intencional de recipientes e não propriamente a processos pós-deposicionais*” (Chapman & Gaydarska, 2007:100 apud Barbosa, 2015:50).

Há ainda outros autores, como Ana Vale, que destacam a importância do tamanho dos fragmentos e a corrosão das arestas na tentativa de entender a formação dos depósitos (Vale, 2011 apud Barbosa,

2015:51). Para esta investigadora, a fragmentação intencional e a manipulação dos fragmentos encontram-se integrados na linha de vida do objeto, o que poderá significar não uma ação de descarte, mas sim uma ação de deposição intencional. Ainda dentro do panorama nacional, de destacar Dulcineia Pinto, que se debruçou sobre o “*tipo de pasta e a sua relação com o grau de fragmentação da cerâmica*” (Vale, 2011:228), juntando variáveis como a corrosão das arestas, a cor, o número de colagens e o grau de conservação de arestas, informações com as quais pretendia entender e avaliar a formação dos depósitos arqueológicos (Idem, Ibidem). Nomes como Márquez Romero e Jiménez Jáimez, parecem também seguir a mesma linha de pensamento de Dulcineia, contudo, demonstram bem quais são os principais objetivos que pretendem alcançar: compreender os processos de formação do registo arqueológico, procurando entender muito mais que o fragmento por si só, mas que fenómenos ocorreram nos depósitos e que marcas o tempo de deposição poderá ter deixado nos fragmentos cerâmicos (Idem, Ibidem).

Podemos então admitir ou supor que, os estudos de fragmentação visam uma possível reconstituição dos recipientes fragmentados e principalmente, no nosso caso, a explicação da formação do depósito (Idem, Ibidem).

De realçar ainda, que este tema só é possível de discutir no nosso território graças a um trabalho essencial elaborado por Susana Soares Lopes [Oliveira Jorge na bibliografia apresentada], acerca dos materiais recolhidos no sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (1994).

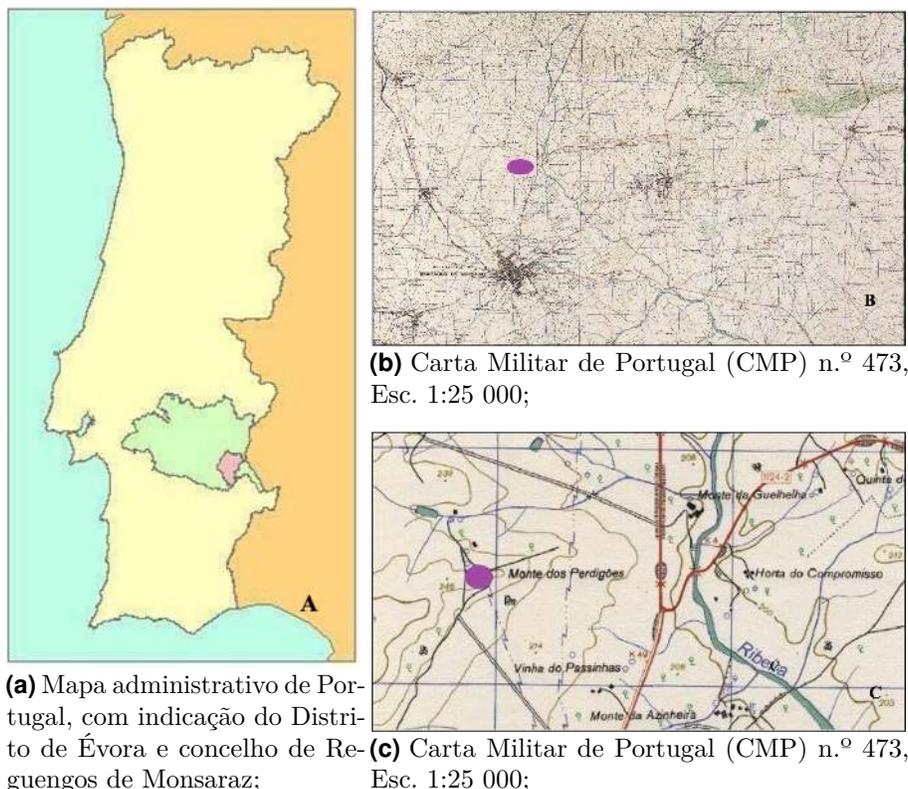
Muito mais haveria a dizer sobre um tema que levanta ainda muitas inquietudes, no seio da comunidade Arqueológica nacional, não só relativo à Pré-História Recente, mas também a outras épocas. De forma a não divagarmos e correremos o risco de nos afastarmos do tema, o nosso intuito é explicar, de forma resumida, o que entendemos por fragmentação e qual o objetivo aquando do recurso a esta. São vários os métodos utilizados na tentativa de chegar a alguma interpretação, os quais já foram mencionados anteriormente. No estudo em caso, optou-se por recorrer ao peso médio dos fragmentos, na procura de entender qual o comportamento da deposição dos materiais ao longo da estratigrafia, não tendo sido avaliada a questão das fraturas.

Ritual. O conceito ritual é um dos mais antigos, mas também um dos mais problemáticos aquando de uma tentativa de definição dentro da Arqueologia. Tal dificuldade decorre das diferentes utilizações e/ou interpretações que cada autor lhe atribui. Ao recorrermos a um dicionário de sinónimos, verifica-se que a descrição mais comum ligada a ritual, consiste num conjunto de atos, regras ou procedimentos que se realizam sempre da mesma forma. Deste modo, pode-se admitir que um ritual é uma ação que se repete, talvez definida por intervalos de tempo (tendo como exemplo a celebração de Solstícios e Equinócios), mas também pela passagem de acontecimentos - como a morte (Hughes, 2014: 10). Para alguns autores como Radcliffe-Brown, o ritual é o que permite a um ser humano funcionar em sociedade. Porém, e como em tantas outras realidades, entender o que na Pré-História se tinha como comportamentos ritualísticos é uma tarefa árdua e, na maior parte das vezes, inalcançável. Compreender o enquadramento arqueológico é o ponto de partida para o reconhecimento de possíveis práticas rituais. Deste modo, e seguindo a linha de pensamento de Barret, considera-se que o ritual é composto por ações e não por objetos e o que se encontra preservado no registo arqueológico é então meramente o que resta destas mesmas ações (1988:31).

O comportamento ritual, para outros autores, pode enquadrar-se a todas as ações, materiais ou até sítios “*que não evidenciam características funcionais e práticas*” (Bell, 1997; Bradley, 2003 apud Costeira, 2017). Para tantos outros, é impossível desligar o comportamento ritual da vida quotidiana, estando, por isso, presente em todos os contextos arqueológicos, de todo o tipo de sítios (Brück, 1999; Thomas, 2012; Bradley, 2003 apud Costeira, 2017). Este tipo de ligação entre mundo ritual e quotidiano, poderá ocorrer mais facilmente nos contextos do Neolítico/Calcolítico, mas ao mesmo tempo ser menos fácil de explicar, pelas incertezas [e falta de dados] que existem.

3. Contexto Geográfico e Geológico

Figura 1. Localização Geográfica



Um sítio não nasce por si só! A construção de qualquer edificado – sejam estes recentes ou antigos – tem por base determinado tipo de opções pessoais (ou de grupo) e de condicionantes, tanto naturais como antrópicas. Deste modo, admitimos que perceber o lugar é “*perceber as razões das suas escolhas*” (Valera, 2018: 16), que podem variar em função das condições físicas como a topografia, vegetação, geologia e recursos hídricos, a “*valorização que é feita dessas condições*” e “*os objetivos pretendidos*” (Idem, Ibidem:16). Começamos então por compreender as condições físicas do nosso lugar de estudo, o Complexo Arqueológico dos Perdigões.

O Complexo Arqueológico dos Perdigões (Fig. 1) encontra-se na Herdade dos Perdigões, que se localiza na freguesia e concelho de Reguengos de Monsaraz, distrito de Évora, apresentando as seguintes coordenadas geográficas: M-50134, P-136134. O sítio, como referido anteriormente, desenvolve-se a partir de um topo aplanado e estende-se ao longo de uma suave encosta virada a nascente, nas imediações da Ribeira do Vale do Álamo (Idem, Ibidem).

Podemos ver o Complexo dos Perdigões quase como um “teatro grego”, dada a sua implementação numa plataforma que se configura num anfiteatro natural (Fig.2) (Jimenez-Jaimez & Marquez-Romero, 2010:67 9). A área afeta ao sítio arqueológico tem uma série de características e atributos que foram aproveitados pelas comunidades que ali passaram ao longo do tempo, adaptando-se aos recursos existentes no espaço, uma vez que o Complexo se encontra implantado numa região repleta de vestígios pré-históricos, nomeadamente monumentos megalíticos funerários².

² Até à data foram identificados cerca de 140 monumentos megalíticos funerários (Antas), graças aos trabalhos impulsionados pelo casal Leisner. A referir, que muitos destes monumentos se encontram destruídos.

Figura 2. Localização da área central do Complexo Arqueológico dos Perdigões e a sua implantação no anfiteatro natural



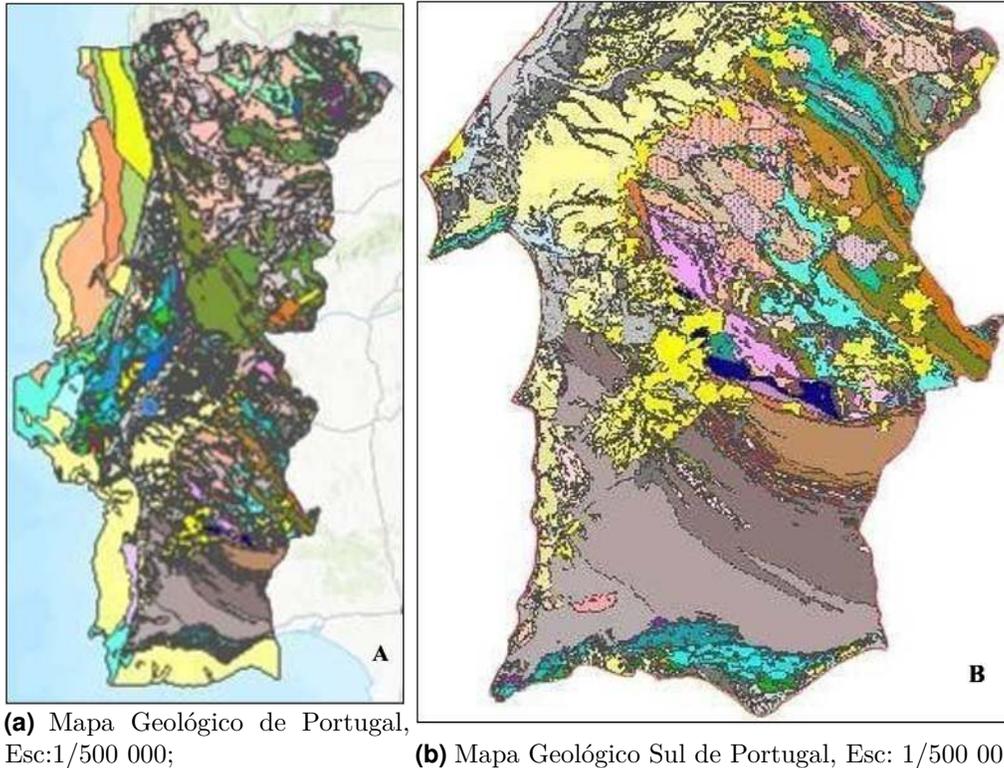
Outro aspeto central a reter é a geologia do local. Antes de mais, é necessário perceber a geologia no seu todo e não apenas no local de localização dos Perdigões, uma vez que por toda a região de Évora, e sul de Portugal se encontram espalhados muitos outros recintos de fossos.

Os dados atuais evidenciam um predomínio de recintos de fossos na região de Beja, com o distrito de Évora a aparecer em segundo lugar e o de Portalegre em terceiro. Apenas se conhece um recinto desta tipologia no Litoral Alentejano (ver 4.1).

A análise da cartografia permite-nos perceber que todos os recintos de fossos se encontram localizados em regiões compreendidas entre a Zona de Ossa Morena e a Zona Sul Portuguesa, subunidade do Maciço Ibérico, uma das grandes unidades morfoestruturais da Península Ibérica (Ribeiro, *et. alli*, 1979), podendo assim a geologia ter sido um fator importante, ainda que não determinante, na centralização destas arquiteturas (recusando um determinismo geológico).

Estas duas Zonas são compostas por vários conjuntos geológicos (domínios) que, na prática, se traduzem em diferentes tipos de formações rochosas. Infelizmente a cartografia existente, mesmo à escala 1: 50 000 ainda não apresenta um grau de definição que nos permita entender bem de que forma é que a implantação destes recintos foi, ou não, condicionada pelo substrato geológico. Naturalmente que um dado resulta claro, rochas muito duras não poderiam ser escavadas com a tecnologia existente à época, pelo que não temos recintos implantados em áreas onde existem formações de rochas granitoides ou xistosas à superfície (Idem, *Ibidem*).

Figura 3. Geologia



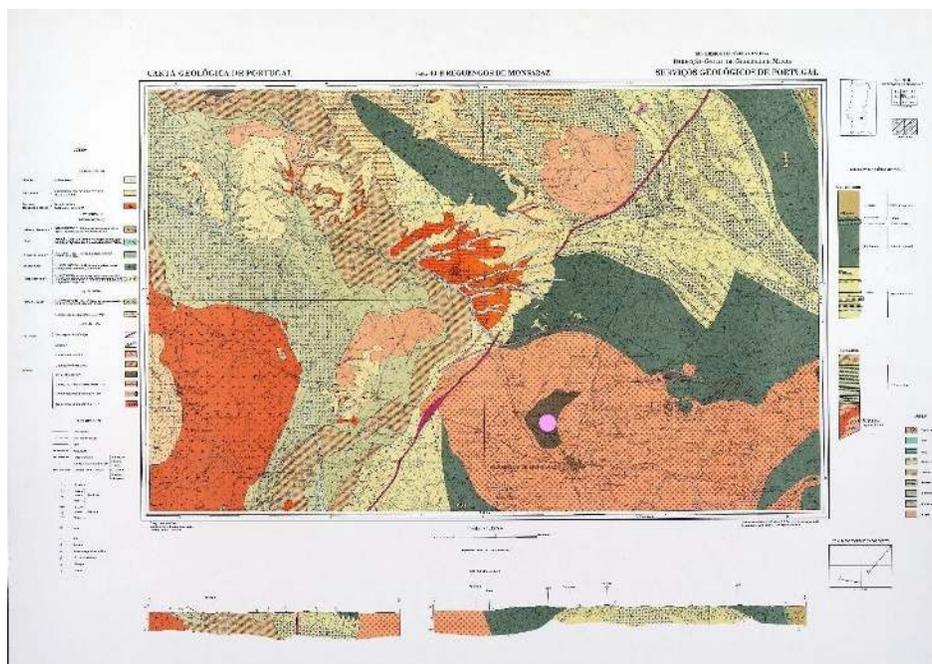
Fonte: Laboratório Nacional de Energia e Geologia, Geoportal Energia e Geologia, 2020 [Em linha] Disponível em: <https://geoportal.lneg.pt/> , acessido a 10 de dezembro de 2020.

A par da compreensão do contexto geológico, é também necessário entender o relevo das paisagens alentejanas. Nesta região, o Alentejo apresenta grandes áreas aplanadas, conhecidas como as peneplanícies alentejanas, sendo os relevos mais elevados os da Serra d`Ossa e a de Portel, com cotas máximas de 653m e 418m, respetivamente. Admitimos, assim, que se trata de um “*território maioritariamente plano, que não oferece grandes obstáculos nem dificuldades à mobilidade e deslocação de pessoas*” (Rodrigues, 2015:347), o que pode justificar também a grande quantidade de recintos de fossos e até mesmo de outro tipo de assentamentos que se encontram pelas planícies alentejanas.

Em termos hidrográficos, o Alentejo é abrangido pelas três grandes bacias hidrográficas do Sul de Portugal, a do rio Tejo, a do rio Guadiana e a do rio Sado, as quais apresentam uma rede relativamente densa, mas atualmente com a maior parte das ribeiras a terem caudal sazonal. Em relação a estes recintos verifica-se que, grande parte, tende a localizar-se perto de linhas de águas, como é o caso, por exemplo, de Juromenha 1, Águas Frias, no concelho do Alandroal e Horta do Albardão 3, em Évora. Outros, como os Perdigões, encontram-se a algumas centenas de metros de ribeiras (Ribeira do Álamo) e a área onde o sítio está implantado é conhecida pela sua formação de águas subterrâneas, que surgem de forma natural na zona mais baixo do vale.

É difícil falar sobre padrões de assentamentos no que toca os recintos de fossos, sendo certo que há aspetos comuns, como é o caso da geologia onde estão implantados, visto que na sua maioria se localizam em substratos rochosos pouco compactos e/ou alterados, o que facilitava a escavação de fossos e de outros tipos de estruturas negativas. Porém, o nosso foco não é entender as estratégias de implantação dos recintos de fossos, mas sim o Complexo Arqueológico dos Perdigões (Santos *et.alli*, 2009:55).

Figura 4. Localização do Complexo Arqueológico dos Perdigões na Carta Geológica, folha 40B



Fonte: Laboratório Nacional de Energia e Geologia, Geoportál Energia e Geologia, 2020 [Em linha] Disponível em:<https://geoportál.lneg.pt/> , acedido a 10 de dezembro de 2020

Em termos geológicos, Reguengos de Monsaraz integra-se na Zona da Ossa-Morena, e tem como principais cursos de água o rio Degebe e as ribeiras do Álamo, Vale do Vasco e Caridade, inseridas na bacia hidrográfica do Rio Guadiana, com traçados pouco sinuosos e encaixados. A região faz parte da peneplanície alentejana, que ocupa grande parte desta carta geológica, e que se situa a Sudeste da Depressão de Montoito e do grande Filão Dolerítico S. Teotónio-Odemira-Ávila (Carvalhosa & Zbyszewski,1991:7-8). Esta peneplanície, dissecada ligeiramente pela rede hidrográfica, estende-se pelo afloramento quartzodiorítico e granodiorítico de Reguengos de Monsaraz, com altitudes compreendidas entre 210 e 220m., apresentando, em alguns pontos, relevos circunscritos como o do Barro (261m), junto dos Perdigões. Já a Nordeste de Reguengos encontramos, em substratos xistossiliciosos, pontos de relevo como a Serra das Pedras (333 m) e a Serra de Motrinos (305m), que se constituem como exemplos de relevos de dureza menos suscetíveis à erosão (Carvalhosa & Zbyszewski,1991:7-8).

Não são conhecidas ocorrências de mineralização metalíferas nesta área, explorando-se granitos, areias e argilas utilizadas como barros na conhecida fabricação oleira de São Pedro do Corval (Evangelista, 2003:38).

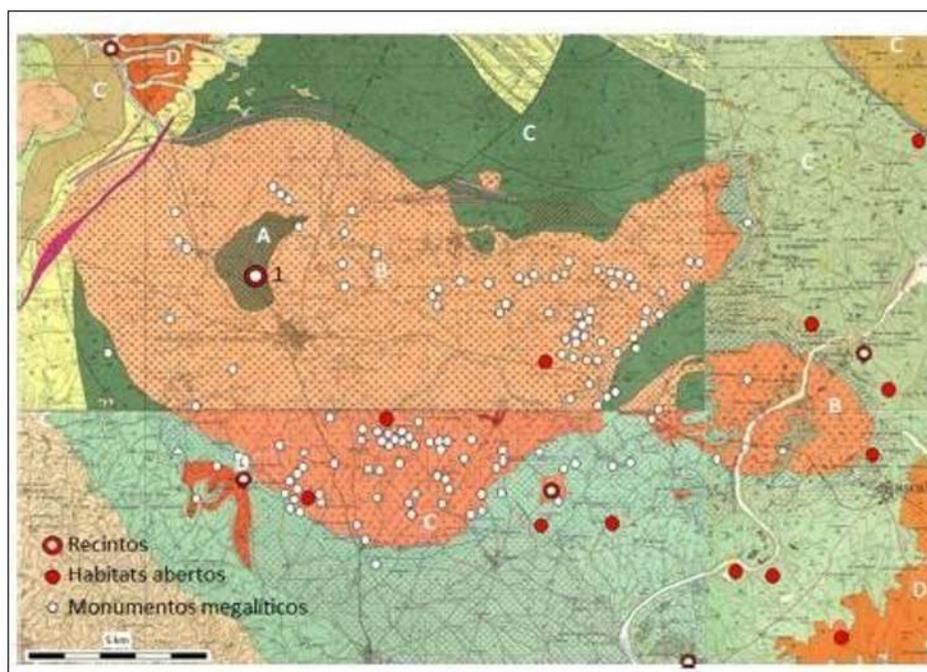
Deste modo, os substratos geológicos da área de Reguengos de Monsaraz caracterizam-se pela existência de rochas eruptivas (granitóides), pertencentes ao maciço eruptivo de Reguengos de Monsaraz, e as rochas metamórficas (xistos e micaxistos).

O primeiro originou áreas de relevo suave, de solos arenosos e aptos para a agricultura, com solos de classes B e C e o segundo, formou relevos mais movimentados, com solos sem apidão agrícola, de classes D e E (Gonçalves, 1992:394).

Estas características permitem-nos compreender a implantação tanto das centenas de monumentos megalíticos da região, como também de todos os povoados pré-históricos, com os sítios funerários a localizarem-se nas áreas onde existia abundante matéria-prima (até aos finais do século XX, este concelho possuía abundantes afloramentos graníticos à superfície, entretanto destruídos/ enterrados tendo em vista a obtenção de grandes áreas abertas para a agricultura) e os povoados a posicionarem-se nas terras mais leves, atualmente classificadas como solos de categorias C a E, mas que eram, à data, os mais fáceis de trabalhar atendendo

à tecnologia existente (Fig.4).

Figura 5. Localização dos Monumentos Megalíticos, dos Recintos de Povoados e Povoados; A- Gabrodioritos; B- Granitos; C- Complexos Xistosos; D- Complexos Detríticos.



Fonte: Valera, 2019: 19

Para além das eventuais condicionantes pedológicas e geológicas que poderão explicar a implantação dos vestígios pré-históricos, constatamos também de uma implantação centrada ao longo da Ribeira do Álamo, que se constitui como uma ligação entre o Guadiana e a própria região de Reguengos de Monsaraz (Idem, Ibidem).

Implantados junto da Ribeira do Álamo, os Perdigões encontram-se sob uma mancha de gabro-dioritos bastante alterados, são influenciados pelo sector tectono-estratigráfico Estremoz-Barrancos, o que facilitou a escavação das estruturas negativas. A par disto, referir que estes gabro-dioritos estão envolvidos por “*uma área de granitoides a qual é rodeada por complexos xistosos, existindo pontualmente, manchas restritas de depósitos detríticos*” (Valera, 2018:20). A sua implantação confere-lhe uma visibilidade privilegiada, sobretudo para Nascente.

As intervenções que têm vindo a ser realizadas neste recinto permitiram fazer uma primeira leitura do espaço e perceber diferentes diacronias de construção dos fossos. Assim, os primeiros fossos a serem construídos são os que se localizam na zona central da depressão natural, sendo os que detinham uma visibilidade mais restrita sobre a paisagem, devido aos limites do anfiteatro, tendo apenas um amplo domínio visual a Este, sobre o vale da Ribeira do Álamo (Idem, Ibidem). Contudo, e como António Valera refere: “*bastava que os recintos se tivessem localizado 200 a 300 m mais a norte, na zona de rebordo do anfiteatro, para que a visibilidade sobre a paisagem se ampliasse largamente, praticamente atingindo um controlo visual de 360º*” (Valera, 2018:20). De acordo com a proposta deste investigador, a escolha do local de implantação dos Perdigões não teve qualquer preocupação com um amplo controlo visual sobre o território envolvente, uma vez que, e ao longo das várias utilizações do espaço, os “*recintos nunca ultrapassaram os limites do anfiteatro natural*” (Valera, 2018:20).

Admitimos assim, que perceber a implantação dos Perdigões, ou de qualquer outro sítio arqueológico, é uma tarefa difícil, mas que passa, naturalmente, por tentar perceber as razões das escolhas das comunidades,

razões, essas, que podem ser de variada ordem, como os aspetos topográficos, a vegetação, a geologia, os recursos naturais (como a água), mas também derivados da valorização que era dada pelas comunidades aos seus objetivos sociais e religiosos, a possíveis constrangimentos (independentemente da sua natureza), factores que funcionaram como um todo e que não se podem desconectar entre si (Idem, Ibidem), mas que para nós, atualmente, podem ser difíceis de vislumbrar.

4. Contexto Arqueológico

A investigação arqueológica na região do Alentejo começou a dar os primeiros passos ainda no século XIX, com a criação, por parte de Estácio da Veiga, de seis circunscrições arqueológicas em todo o território nacional, sendo Évora uma delas (Gonçalves, 1980: 11). Estácio da Veiga foi também um dos grandes impulsionadores do estudo da Pré-História Recente, nomeadamente do Calcolítico, através das intervenções que realizou no conjunto de monumentos de Alcalar (Portimão), apesar de não existirem, à data, muitos sítios que lhe permitissem comparar e aferir a realidade que estava a estudar (Veiga, 1891).

É já em pleno século XX, que se assiste a um acréscimo substancial no que respeita à investigação no Alentejo, impulsionada por investigadores como Vergílio Correia, Manuel Heleno e Georg e Vera Leisner. Do trabalho realizado pelo casal Leisner, surgem importantes monografias focadas nos contextos funerários da Pré-História Recente da região de Évora (Leisner & Leisner, 1949), de Reguengos de Monsaraz (Leisner & Leisner, 1955, 1985) e também para a área da Serra d'Ossa, mais concretamente na Herdade da Casa de Bragança (Leisner & Leisner 1955). É, ainda, na década de sessenta do século passado, que assistimos à descoberta de um dos maiores e mais importantes monumentos megalíticos de toda a região do Alentejo Central – a Anta Grande do Zambujeiro – que foi intervencionada por Henrique Leonor Pina, entre 1965-1969, posteriormente por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (1985-87) e finalmente, em meados dos anos 90, por Rui Parreira. Deste conjunto de intervenções apenas existe um artigo (Soares & Silva, 2010) e outros estudos mais recentes sobre os espólios, trabalho que tem vindo a ser realizado e/ou coordenado por Leonor Rocha (Manhita *et alli*, 2014, 2016; Rocha, 2015; Rocha *et alli*, 2018; Santos & Rocha, 2015), e sobre a história do sítio (Alegria & Dias, 2007; Santos, 2009). Ainda nesta data é também identificado o grande recinto megalítico da Península Ibérica, o cromeleque dos Almendres (Pina, 1971).

A segunda metade do século XX, é pautada por um conjunto significativo de trabalhos de investigação que incidiram ou sobre os contextos megalíticos (Calado, 2004, Gonçalves, 1971, 1975; Gonçalves, 1992, 1996, 1999; Moita, 1956; Oliveira, 1998; Pina,

1971; Rocha, 1997) ou sobre sítios de povoamento (Arnaud, 1982; Calado, 1994; Calado et al, 1999; Diniz & Calado, 1998; Gonçalves, 1990/91; Lago et al, 1998; Silva & Soares, 1977; Soares & Silva, 1992) que muito contribuíram para o evoluir do conhecimento arqueológico.

Mas, é apenas com o início da execução do empreendimento da Barragem do Alqueva, projeto que ficou a cargo da empresa EDIA (Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva, S.A.), em 1975, que a arqueologia adquire um papel de destaque não só no Alentejo Central, como no Baixo Alentejo.

Cedo se iniciaram os trabalhos de prospeção, percorrendo as margens do Rio Guadiana e, conseqüentemente, a identificação de um conjunto de sítios com interesse arqueológico, o que permitiu o desenvolvimento de novas metodologias e uma perceção da relevância da escavação e intervenção de emergência. De facto, no final da década de 70 e início da década de 80 do século XX, são realizados os primeiros trabalhos no terreno, coordenados por docentes da Universidade de Évora, primeiro entre 1978/79 por Jorge Pinho Monteiro e, após o seu falecimento, por Jorge de Oliveira, que realiza trabalhos no concelho de Mourão, a pedido da autarquia (Rocha, 2011). Mas foi a partir dos anos 80, que se constituiu a primeira equipa para a elaboração do primeiro estudo de impacte ambiental, com Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, entre outros (Silva, 2016).

Posteriormente, nasce o primeiro Projeto de EIA Arqueológico do Alqueva (1988-1991), com vista a dar continuidade ao levantamento do património existente e iniciar campanhas de sondagens e escavações arqueológicas nos locais afetados pela construção da Barragem (Idem, *Ibidem*). Deste modo, é a partir dos anos 90 que são identificados e intervencionados novos povoados e um conjunto de monumentos megalíticos que atestam a importância da região para o conhecimento da Pré-História, não só a nível nacional como peninsular. Os trabalhos levaram à recente publicação de monografias organizadas por blocos cronológicos, referentes à 1ª fase de trabalhos realizados, que vão desde o Paleolítico até ao Período Medieval (Albergaria & Melro, 2013; Almeida, 2013; Araújo & Almeida, 2013; Baptista & Santos, 2013; Gomes, *et. alli.*, 2013;

Gonçalves, *et. alli*, 2013a; Gonçalves, *et. alli*, 2013b; Ferreira, 2013; Marques, *et. alli*, 2013; Santos & Abranches, 2013; Soares, 2013; Valera, 2013).

Contudo, o Projeto Alqueva não foi, no século XXI, o único impulsionador no desenvolvimento dos estudos arqueológicos no Alentejo, pois outros projetos públicos e privados de grande dimensão acabaram por exigir a realização de AIA's ou medidas de minimização sobre património que foi afetado, como foi o caso dos Perdigões. Efetivamente, os trabalhos agrícolas com vista à ampliação da produção vinícola da Empresa Finagra (atual Esporão) acabaram por, na Herdade dos Perdigões, afetar um importante sítio arqueológico. Os primeiros vestígios arqueológicos foram identificados em 1983, por Francisco Serpa e Mário Varela Gomes. A primeira intervenção arqueológica, levada a cabo por Mário Varela Gomes, ocorreu na zona do Cromeleque dos Perdigões, ainda durante os anos 80 (Gomes, 1991).

Contudo, foi só em 1996, e face à plantação de vinha por parte da empresa “Finagra”, que através da fotografia aérea se conheceu a verdadeira magnitude do Complexo, revelando assim um amplo conjunto de recintos de fossos (Lago, *et. alli.*, 1998:46).

A descoberta do sítio dos Perdigões, que constitui o nosso objeto de estudo, teve um forte impacto na comunidade arqueológica, nomeadamente, em todos aqueles que se dedicam ao estudo das comunidades agro-metalúrgicas. Tal como refere Ana Filipa Rodrigues na sua tese de doutoramento: “*a proximidade deste importante núcleo de povoamento, conforme a interpretação dada à época, ao conjunto megalítico porventura mais bem conhecido no país – Reguengos de Monsaraz - reforçava a importância da investigação naquele local.*” (Rodrigues, 2015:31).

Ainda em meados dos anos 80, é também identificado o primeiro recinto de fossos, Santa Vitória (Campo Maior), considerado à data como um povoado com uma ocupação única e excecional. Poucos anos depois, já em plenos anos 90, foi identificado um assentamento que junta, possivelmente, duas realidades distintas: fossos e muralhas, o Monte da Ponte (Évora), que foi alvo de prospeções geofísicas e uma sondagem, no final do século XX. Pelo facto de os resultados nunca terem sido publicados, este local deixou mais dúvidas do que respostas até aos dias de hoje, não se podendo confirmar a contemporaneidade das duas realidades. No entanto, o evoluir dos trabalhos, sobretudo devido à obrigatoriedade dos Estudos de Impacte Ambiental no âmbito das grandes obras públicas (Empreendimento do Alqueva) e privadas (como foi o caso dos Perdigões) e o desenvolvimento de projetos de investigação que identificaram mais de uma dúzia de Recintos (Valera, 2013a; Valera *et. alli*, 2020), alterou drasticamente o panorama da investigação sobre este tipo de sítios, no Sul de Portugal.

Na realidade, a investigação realizada até à década de 90 do século XX, estava sobretudo focada nos povoados abertos implantados em pequenos cerros ou esporões com alguma defensibilidade natural, perto de recursos aquíferos e de áreas propícias à realização de atividades agrícolas, como é o caso dos povoados do Monte Novo dos Albardeiros e Marco dos Albardeiros, localizados em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves & Sousa, 2000). O século XXI vem alterar esta visão mais tradicional, devido às inúmeras investigações realizadas nesta área, as quais vêm demonstrar que entre o Neolítico Final e o Calcolítico existe uma grande variedade de sítios, uns que se destacam mais na paisagem, como os povoados murados/ de arquitetura positiva/ fortificados e outros, em relação aos quais desconhecemos qual o seu verdadeiro grau de visibilidade nas paisagens alentejanas, uma vez que apenas nos restam estruturas negativas como é o caso dos recintos de fossos (Santos & Rocha, 2017). De acordo com as informações e datações disponíveis, coexistem assim no tempo e no espaço três tipos de sítios: os povoados abertos, os amuralhados e os recintos de fossos, o que levanta naturalmente diversas questões e diferentes tipos de interpretações (Rocha, 2019).

Muitos autores admitem que tanto os povoados fortificados (ou recintos amuralhados) como os recintos de fossos revelam uma nova formação económico-social, na qual o povoado passa a ser o principal polo agregador das comunidades calcolíticas (Cardoso, 2003). Outros, pelo contrário, consideram que os recintos de fossos “*constituem uma das mais comuns e importantes arquiteturas da Pré-História Recente europeia, com uma das mais longas diacronias, sendo incontornáveis para o conhecimento deste período*” (Valera, 2013a:93). Para António Valera “*Muitos destes recintos de fossos, pela conjugação de características que apresenta, parecem poder ser interpretados como centros cerimoniais, espaços de reunião periódica de comunidades*

locais para a realização de um conjunto de práticas sociais variadas, destinadas ao reforço identitário e à reprodução da ordem cosmogónica (social, económica, política e ideológica), participando ativamente na organização e estruturação das paisagens e territórios” (Idem, Ibidem:107). Deste modo, surgem diversas questões, na leitura do que serão verdadeiramente os recintos de fossos:

- os recintos de fossos são lugares permanentes ou temporários (Rodrigues, 2015);
- lugares residenciais (povoados) ou lugares ritualizados não residenciais (monumentos) (Idem, Ibidem);
- lugares onde se desenvolviam atividades produtivas ou lugares onde se desenvolviam atividades simbólicas (Idem, Ibidem);
- lugares para vivos ou lugares para mortos (Idem, Ibidem);
- lugares complexos, nos quais podem ter existido múltiplas dinâmicas ao longo da sua utilização.

Apesar do forte avanço que os estudos, no âmbito dos recintos de fossos no Sul de Portugal, têm sofrido nos últimos anos, sobretudo por parte de investigadores como António Valera, há ainda um longo caminho a percorrer na procura de respostas para as inúmeras dúvidas que se colocam. Como sabemos, e como já foi referido anteriormente, muitos dos recintos identificados decorreram de processos de minimização de empreendimentos, como o caso da rede de rega associada à Barragem do Alqueva, os quais acabam por ser apenas parcialmente intervencionados, pelo que a informação é sempre bastante restrita. Também os recintos de fossos identificados no Alentejo nos últimos anos, “*cerca de um terço*” (Valera, 2016:1) foram identificados com “*recurso a imagens de satélite e fotografias aéreas*” (Idem, Ibidem), por António Valera e Tiago do Pereiro (2013), não tendo sido, na sua esmagadora maioria, ainda escavados.

Perante tudo isto, os recintos de fossos têm de ser lidos pelos elementos disponíveis, nomeadamente o espaço – local, estratégias de implantação e a relação com a paisagem envolvente (Ver Anexos Cartográficos) –, as características arquitetónicas e as materialidades recuperadas. Apesar das aparentes diferenças entre eles, verificam-se algumas semelhanças e paralelismos ao nível da cultura material (Rodrigues, 2015). Admite-se ainda que, a construção dos recintos de fossos, durante o Calcolítico, pode obedecer a uma estratégia comum, cujo significado ainda se desconhece, mas que pode derivar, por exemplo de questões sociais e religiosas ou de resposta a problemas práticos e ambientais. . .

Consideramos com incerteza, pela fragilidade de abordar este tipo de assuntos, que poderá ter existido um crescimento e complexificação das comunidades do Sul de Portugal entre o 4^o e o 3^o milénio, face ao elevado número de vestígios, não só pela existência elevada de monumentos megalíticos funerários – expressado em Reguengos de Monsaraz – mas também pela quantidade de recintos de fossos que têm sido identificados nos últimos anos.

Verifica-se assim, que apesar do caminho longo e difícil no que é a investigação dos recintos de fossos, muito se fez nos últimos 30 anos e, se em 1985 se conhecia apenas um recinto de fossos no Alentejo, atualmente conhecem-se perto de 60, ainda que muitos tenham apenas sido sumariamente identificados e alvo de prospeção superficial, ao invés de trabalhos de escavação.

Admitimos, assim, que o século XXI, com o seu desenvolvimento digital, foi fundamental na descoberta de vários recintos de fossos que se encontram escondidos no nosso subsolo. Falta agora, passar-se para a fase do seu estudo físico (escavações e estudos de espólios) para se poder, com mais clareza, perceber o que eram e, sobretudo, compreender a sua relação com os sítios abertos e amuralhados que, sabemos pelas datações de C14 existentes, coexistirem dentro do mesmo arco temporal e no mesmo espaço geográfico.

4.1 Os Perdigões no contexto de Reguengos de Monsaraz

A área de Reguengos de Monsaraz, como referi em anterior trabalho (Ribeiro, 2019) parece evidenciar uma paisagem profunda enraizada na Pré-história Recente, polvilhada por monumentos megalíticos e alguns povoados, certamente relacionados com este mundo funerário.

Este grupo megalítico, muito estudado pelo casal Leisner e por Victor S. Gonçalves (Gonçalves,1992; Leisner e Leisner, 1959) é do ponto de vista da sua arquitetura muito homogéneo, e que pode dever-se a fatores territoriais específicos. (Gonçalves, 2000). Podemos admitir que as implantações dos monumentos megalíticos e dos povoados respondem a questões relacionadas com o abastecimento de água, existência de matéria-prima adequada para a construção de monumentos e povoados (incluindo os de fossos), solos com aptidão agrícola média que, no fundo, seriam as questões essenciais para o estabelecimento e permanência destas primeiras sociedades camponesas.

4.2 Os sítios inventariados

Da pesquisa realizada foi possível identificar, até ao presente, um total de 60 sítios que se enquadram dentro da tipologia de recintos de fossos, no Alentejo. Temos consciência que este número poderá estar aquém da realidade pois, por um lado, a informação não está toda disponível e, por outro lado, encontram-se a decorrer projetos de investigação que visam identificar este tipo de sítios. Apresentamos assim, e de forma simples, os sítios identificados e inventariados de que temos conhecimento, neste momento (ver Anexos Cartográficos).

Quadro 1. Inventário dos Recintos de Fossos

Recintos de Fossos	CNS	Localização	Bibliografia
Alto Alentejo			
Monte da Contenda	33889	Arronches, Portalegre	Valera, <i>et. alli</i> , 2014
Moreiros 2	12760	Arronches, Portalegre	Boaventura, 2006; Valera,Becker & Boaventura, 2013
Cabeço do Torrão	-	Elvas, Portalegre	Lago & Albergaria, 2001; Valera,2013
Santa Vitória	3612	Campo Maior, Portalegre	Dias, 1996; Valera, <i>et. alli</i> .2019
Pombal	11912	Monforte, Portalegre	Boaventura, 2001
Horta do Paraíso	-	Elvas, Portalegre	Mataloto & Costeira, 2008 e 2009; Mataloto <i>et alli</i> , 2011
Alentejo Central			
Monteito 2	33890	Redondo, Évora	Valera, <i>et. alli</i> , 2014
Juromenha 1	12221	Alandroal, Évora	Calado & Mataloto, 1998; Mataloto & Boaventura, 2009
Águas Frias	22259	Alandroal, Évora	Calado & Rocha, 2004
Malhada das Mimosas	16232	Alandroal, Évora	Calado & Rocha, 2004
Salgada	22260	Borba, Évora	Calado & Rocha, 2007
Charneca	33891	Portel, Évora	Valera & Pereiro, 2013
Ponte da Azambuja 2	30612	Portel, Évora	Rodrigues,2015
Horta do Albardão	-	Évora, Évora	Santos, <i>et.alli</i> , 2009
Barragem do Ruivo 2	25699	Évora, Évora	Calado,2003
Barrocal 9	37637	Évora,Évora	Base de dados Endovélico

Quadro 1. Inventário dos Recintos de Fossos (cont.)

Recintos de Fossos	CNS	Localização	Bibliografia
Monte da Ponte	-	Évora, Évora	Kalb & Höck,1997
Luz 20	20647	Mourão, Évora	Valera, 2006; Valera & Becker, 2012
Torre do Esporão	-	Reguengos de Monsaraz, Évora	Gonçalves,1991
Horta da Moura 2	14584	Reguengos de Monsaraz, Évora	Gonçalves,1991
Complexo Arqueológico dos Perdigões	597	Reguengos de Monsaraz, Évora	Ver capítulo específico
Baixo Alentejo			
Outeiro Alto 2	31241	Serpa, Beja	Valera, <i>et.alli</i> , 2013
Igreja Velha de São Jorge	-	Serpa, Beja	Soares, 1994,1996
Cortes 1	-	Serpa, Beja	Valera, 2010, 2013
Folha do Ouro 1	33892	Serpa, Beja	Valera, 2013, 2020
Borrinhos	33895	Serpa, Beja	Valera & Pereiro, 2020
Herdade da Corte	28600	Serpa, Beja	Valera, 2014
Monte da Laje	31519	Serpa, Beja	Monteiro, 2015
Rosal 1	37919	Serpa, Beja	Base de dados Endovélico
Porto Torrão	2696	Ferreira do Alentejo, Beja	Arnaud, 1993; Valera & Filipe, 2004; Valera, 2013; Rodrigues,2015
Monte do Olival 1	32924	Ferreira do Alentejo, Beja	Valera, 2012
Monte das Figueiras 3	32936	Ferreira do Alentejo, Beja	Base de dados Endovélico
Monte da Serra 1	33953	Ferreira do Alentejo, Beja	Valera & Pereiro, 2013
Xancra	6689	Cuba, Beja	Valera & Becker, 2011
Horta Nova 4	35565	Alvito, Beja	Valera, <i>et.alli</i> , 2017
Salvada	34624	Beja, Beja	Valera & Pereiro, 2013
Monte das Cabeceiras	33852	Beja, Beja	Valera & Pereiro, 2013
Figueira	33888	Beja, Beja	Valera & Pereiro,2013
Nobre 2	36061	Beja, Beja	Valera, 2013
Lobeira de Cima	34677	Beja, Beja	Valera, 2013
Alto do Outeiro	22708	Beja, Beja	Grilo, 2007
Barreiros	-	Beja, Beja	Pereiro, 2013

Quadro 1. Inventário dos Recintos de Fossos (cont.)

Recintos de Fossos	CNS	Localização	Bibliografia
Quinta do Estácio 6	-	Beja, Beja	Valera, <i>et.alli</i> , 2017)
Horta do Jacinto	31377	Beja, Beja	Base de dados Endovélico
Murteira 6	32534	Beja, Beja	Porfirio, <i>et.alli</i> , 2012
Bela Vista 5	33659	Beja, Beja	Valera, 2014
Salvada 10	33794	Beja, Beja	Valera, 2014
Monte da Coelheira 3	34371	Beja, Beja	Valera,2014
Herdade da Preguicinha 7	38705	Beja, Beja	Base de dados Endovélico
Monte da Coelheira 2	34372	Beja, Beja	Valera, 2015
Monte de Corte de Ribas 5	37632	Beja, Beja	Valera, 2018
Faraleira 3	-	Vidigueira, Beja	Figueiredo, 2013; Valera,2014
Alentejo Litoral			
Horta do Pinheiro 6	35734	Torrão, Setúbal	Valera & Costa, 2017

5. Complexo Arqueológico dos Perdigões: A História da Investigação

O Complexo Arqueológico dos Perdigões foi identificado em 1983, por Francisco Serpa e Mário Varela Gomes, tendo a primeira intervenção arqueológica sido dirigida por este último, ainda durante os anos 80 do século XX, como se referiu anteriormente. No entanto, foi apenas em 1996, que se conheceu a verdadeira magnitude do Complexo, quando se realizaram trabalhos agrícolas para colocação de uma vinha e se revolveram os solos em profundidade, trazendo à superfície milhares de fragmentos cerâmicos. A posterior realização de fotografia aérea, permitiu identificar um amplo conjunto de fossos (Lago *et. alli.* 1998). A partir de 1997, iniciam-se os primeiros trabalhos arqueológicos no recinto, levados a cabo por Miguel Lago, com o objetivo de avaliar o seu potencial científico e patrimonial, bem como os impactos sentidos face aos trabalhos agrícolas realizados.

Foi após a apresentação dos primeiros dados obtidos, que a empresa suspendeu o plantio da vinha prevista e estabeleceu uma zona de reserva arqueológica (Idem, *Ibidem*). Passado um ano, em 1998, os trabalhos de investigação passam a ser tutelados pela ERA Arqueologia e, em 2007, António Valera assume a direção do projeto. Decorridos cerca de 25 anos de investigação, os trabalhos sobre os Perdigões multiplicaram-se e acabaram por aliciar tanto investigadores nacionais como estrangeiros. Todos estes estudos têm revelado informações essenciais para compreender uma realidade que levanta cada vez mais dúvidas. Desta maneira e atendendo à elevada quantidade de textos já produzidos sobre este sítio, apenas serão mencionados aqueles que proporcionaram dados mais relevantes para a elaboração deste estudo. A par de toda a extensa bibliografia já produzida, o Complexo Arqueológico dos Perdigões conta ainda com existência de uma página em linha destinada às publicações referentes ao Projeto³.

Como referido, os primeiros trabalhos foram elaborados por Miguel Lago e a sua equipa, logo após a primeira intervenção no recinto (Lago *et alli.* 1998), no qual mostram os dados preliminares da intervenção realizada em 1997. Este artigo refere o contexto do sítio, como foi encontrado, a sua localização geográfica e a sua implantação na paisagem, fundamental para compreender o próprio sítio e as suas dinâmicas internas. Por se tratar de um trabalho de enquadramento, os autores mencionam, ao longo do estudo, os vários sectores intervencionados e os primeiros resultados, bem como as dúvidas que foram surgindo durante e após a intervenção (Lago *et, alli.* 1998). Um dos aspetos fundamentais a realçar, neste texto, é a inserção de tabelas morfológicas para os recipientes cerâmicos e as técnicas decorativas existentes, constituindo o que continua a ser um documento essencial para o estudo dos materiais provenientes do Complexo Arqueológico dos Perdigões (Idem, *Ibidem*).

Devemos ainda realçar um dos artigos mais importantes para o desenvolvimento da nossa investigação, da responsabilidade de António Valera, que expõe uma reflexão sobre os recintos murados do 4^o e 3^o milénios e a diferenciação entre o conceito de recinto murado e o conceito de povoado fortificado, dois conceitos que tantas vezes se fundem e confundem (Valera, 2003).

O ano de 2008 marca o início da apresentação sistemática de estudos sobre os Perdigões, possível de verificar através da revista “Apontamentos de Arqueologia e Património” ligada ao Núcleo de Investigação Arqueológica da ERA Arqueologia. É nesta revista que vemos publicados múltiplos e variados estudos, nacionais e estrangeiros, sobre os Perdigões. O artigo de Lucy Evangelista e Maria João Jacinto, fala-nos de deposições naturais e intencionais num dos fossos exteriores do recinto dos Perdigões, analisadas a partir da componente material e estratigráfica (Evangelista & Jacinto, 2008). Este estudo é fundamental para a elaboração da obra que apresentamos, pois aborda o nosso ponto de análise: deposições naturais ou intencionais em contexto de fossos, através da leitura estratigráfica e análise material. Porém, e numa análise mais detalhada deste ensaio, acaba por se verificar que não existe uma resposta clara à questão colocada pelas autoras, o que se compreende por ser uma das primeiras investigações dedicadas a esta temática, no Complexo Arqueológico dos Perdigões.

O ano de 2010 é um marco no desenvolvimento de estudos acerca do Complexo Arqueológico dos Perdigões,

³Perdigões- Complexo Arqueológico, [Em linha] Disponível em: <https://perdigoes.org/>.

devido à publicação dos primeiros trabalhos complementares realizados. Efetivamente, o estudo osteológico, tanto faunístico como humano, é essencial na compreensão das dinâmicas deste sítio. Neste domínio, realçamos os trabalhos de Cláudia Costa, que se foca na análise dos restos faunísticos de animais vertebrados do sector I, nomeadamente dos fossos 3 e 4, e conjunto de 12 fossas e outros depósitos arqueológicos externos às estruturas negativas, intervencionados durante as campanhas de 2007 e 2008 (Costa, 2010). Esta investigação é fundamental para este trabalho, por estarmos perante uma análise de materiais provenientes do Fosso 3, foco do nosso estudo, sendo essencial compreender a totalidade dos materiais que o compõe para se poder obter uma leitura completa do mesmo.

Nos anos seguintes, é possível verificar um continuo acréscimo no que toca ao desenvolvimento da investigação sobre os Perdigões, sobretudo, em trabalhos desenvolvidos por investigadores não nacionais. Deste modo, destacam-se artigos como os de J.E.Márquez Romero, José Suárez Padilla, Victor Jiménez Jáimez e Elena Mata Vivar, que nos falam da sequência estratigráfica do Fosso 1, com o principal intuito de avaliar algumas hipóteses que compõe o modelo interpretativo existente sobre os fossos dos recintos no Sudoeste da Península, comparando os resultados do Fosso 1 com as antigas teorias e técnicas de análise (Márquez Romero *et.alli*, 2011). Este trabalho serviu também de base à forma como se analisa estratigraficamente um fosso e como se criam paralelos com outros fossos. Por fim, referir também o artigo realizado por António Valera e Ana Maria Silva, com os resultados obtidos, através das datações de radiocarbono, para contextos de fossas e fossos localizados no sector I (sector no qual se localiza a estrutura em estudo) e Q, permitindo estabelecer um quadro cronológico para as problemáticas da gestão da morte nos Perdigões (Valera & Silva, 2011).

Relacionado também com estruturas negativas, temos a tese de doutoramento de Cláudia Costa (2013) que teve como objeto de estudo os restos faunísticos como recurso para a compreensão destas estruturas, focando-se não só nos Perdigões como noutros recintos de fossos localizados no Baixo Alentejo, nomeadamente nas áreas de Beja e Serpa.

Referimos o estudo de Lara Milesi em parceria com J.E. Márquez-Romero (2019), onde apresentam a morfologia, a dinâmica estratigráfica e a cronologia do Fosso 2 dos Perdigões, utilizando mais métodos de análise e a datação por radiocarbono que, por fugir ao objetivo deste estudo, não utilizaremos. Contudo, o grande contributo deste trabalho é a forma de como devemos ler a morfologia de um fosso e a sua estratigrafia.

A dissertação de Ana Catarina Basílio, um dos grandes estudos acerca do Complexo Arqueológico dos Perdigões, serviu-nos de suporte ao estudo dos materiais, tanto cerâmicos como líticos, permitindo compreender as tipologias que poderão ser encontradas nos Perdigões, bem como refletir sobre a forma de como devemos olhar para os materiais, de maneira a compreender a sua utilização (Basílio, 2018).

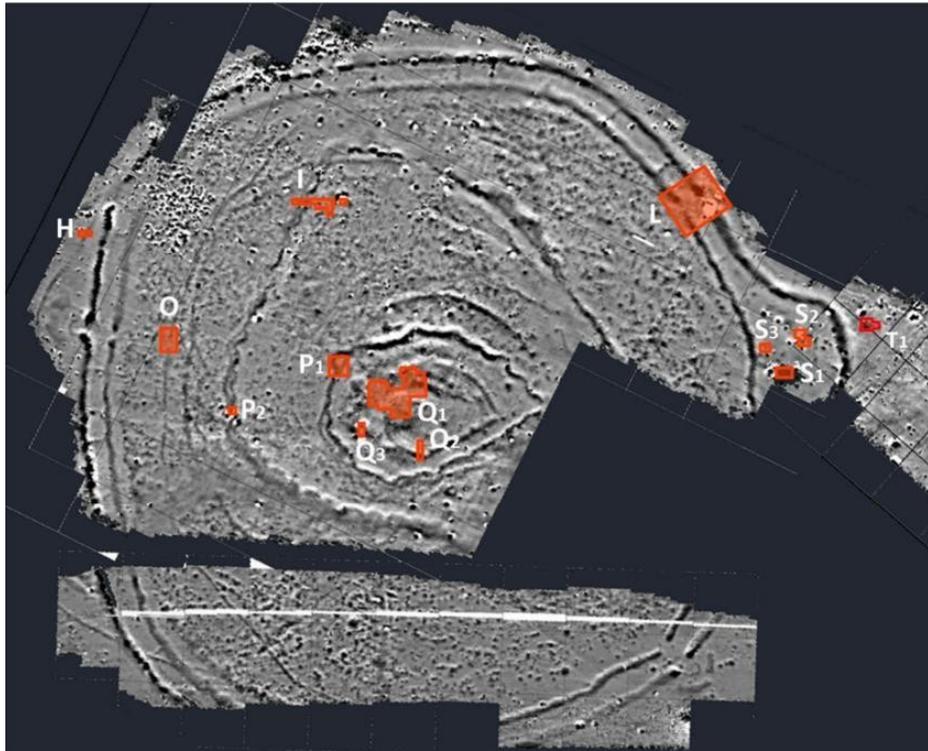
Dentro da análise material, de referir dois outros importantes estudos: i) o primeiro, da autoria de António Valera, no qual é apresentado um recipiente cerâmico com características únicas a nível decorativo, levando à elaboração de diversas hipóteses para a simbologia da decoração presente no recipiente (Valera, 2016). Apesar deste estudo tão específico poder parecer fora de contexto do nosso estudo, na realidade ao estudarmos materiais cerâmicos de um determinado sítio, temos de ter em atenção todos os pormenores, para o caso de existirem paralelos com os outros materiais já estudados; ii) o segundo, também da autoria de António Valera em parceria com Ana Catarina Basílio, um estudo sobre as cerâmicas Campaniformes, tão características da segunda metade do 3º milénio a.C. O estudo apresenta uma classificação estilística, descrição dos padrões decorativos encontrados neste tipo de recipientes e o contexto no qual são descobertos. Mais uma vez, verificamos a importância deste tipo de estudos para a nossa análise material, através dos quais podemos fazer comparações e basear-nos numa tipologia para a identificação do tipo de material em estudo (Valera & Basílio, 2017).

Também a tese de doutoramento de E. Mata Vivar, que refere a construção, o uso e o próprio abandono dos recintos de fossos no Alentejo, tomando, como caso de estudo, o Fosso 1 dos Perdigões. Esta investigação é fundamental para compreender a importância dos fossos, como os mesmos seriam utilizados e, por fim, como acabariam os seus dias de utilização (Mata Vivar, 2015).

Como referido anteriormente, a dimensão da bibliografia existente levou-nos a citar (e justificar), neste capítulo, apenas aqueles que se consideraram mais relevantes para esta investigação. A par da evolução dos estudos de temáticas como deposições estruturadas, recintos de fossos, entre outros conceitos, que já foram anteriormente explanados.

5.1 Os Perdigões e o Fosso 3

Figura 6. Áreas já escavadas nos Perdigões (letras identificam os sectores e os números as sondagens dentro de cada sector)



Fonte: Valera, 2018

De acordo com o investigador António Valera, a área global estimada dos recintos dos Perdigões é de 16 hectares (excluindo a área correspondente ao antigo Cromeleque), estando somente, intervencionada cerca de 1,5%, “sendo que a distribuição das áreas escavadas é assimétrica, com duas grandes escavações em área, uma na zona central e outra na entrada NE, e escavações de menor extensão ou simples sondagens dispersas pelo sítio” (Valera, 2018: 23).

A análise da Figura 6, permiti-nos perceber a dispersão e localização das intervenções realizadas até ao presente, as quais se tem concentrado, maioritariamente, na área Central (Sector Q) (Idem, Ibidem).

Em relação ao número de Fossos, foram identificados, até ao presente um total de 17, cujas datações apontam para um intervalo de tempo entre meados do 4º e o final do 3º milénio a.C. (Idem, Ibidem). O Fosso 3, situa-se na Área Intermédia, junto ao Fosso 4, foi intervencionado entre 2007 e 2008, numa extensão indeterminada.

6. Contexto dos Materiais

Os materiais em estudo, como referido anteriormente, provêm do Fosso 3 do Complexo Arqueológico dos Perdigões. Este Fosso localiza-se no Sector I (ver Fig.5), situado no interior do Complexo, correspondendo à Área Intermédia do mesmo. Além do Fosso 3, esta área abrange ainda o Fosso 4, o Fosso 9 e o Fosso 10, bem como algumas estruturas de tipo fossa ou paliçada (Costa, 2013).

Os trabalhos realizados no Fosso 3, ocorreram entre 2007 e 2008, no âmbito do projeto “Metalurgia no complexo arqueológico dos Perdigões”. O projeto, contudo, teve a duração de cerca de 3 anos, tendo como principal objetivo a caracterização “*contextual arqueológica da produção metalúrgica e procedimentos tecnológicos associados no complexo dos Perdigões*” (Valera, 2008: 4). Foi também, no seio deste projeto que, em 2007, se concretizaram as primeiras prospeções geofísicas, tanto no Sector I como na Área Central e Porta a Nordeste (Idem, Ibidem). Os resultados obtidos ficaram aquém das expectativas, não se tendo identificado qualquer tipo de contexto associado à atividade metalúrgica. Em contrapartida, identificaram-se e escavaram-se dois troços de fossos e um conjunto de 12 fossas. Estes contextos relevaram pela primeira vez, nos Perdigões, enterramentos primários humanos em fossa, proporcionando novas informações sobre a natureza do preenchimento das estruturas negativas, bem como da gestão da morte destas comunidades (Idem, Ibidem).

Em termos metodológicos, e face à dimensão do Complexo, existiu a necessidade de o dividir em Sectores denominados de A a Z, que correspondem a “*quadrados de 100 x 100 m*” (Figura 1- Anexos I) A par deste método de identificação, António Valera e a sua equipa definiram as sondagens através de sequência numeral dentro de cada Sector, no caso específico do Sector I, as sondagens ficaram identificadas como I2 e I3, sendo o I1 uma sondagem já realizada por Miguel Lago, aquando dos primeiros trabalhos no local (Idem, Ibidem).

A escavação que ocorreu entre 2007 e 2008, coincidiu em dois troços de fossos, identificados na metade Oeste do Sector I. A face exterior ficou então designada por Fosso 3, que apresentou uma orientação de cerca de 10º relativamente ao Norte. Já o interior ficou denominado como Fosso 4 (Idem, Ibidem).

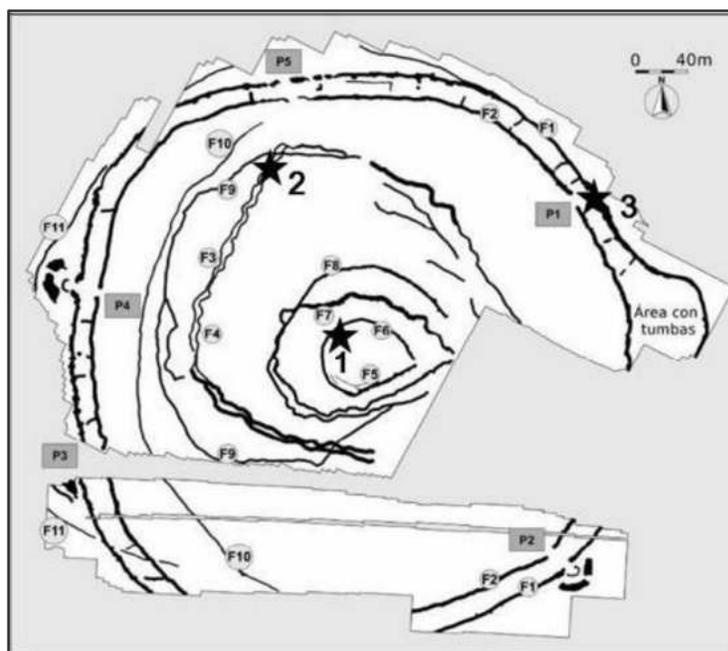
Em termos de dimensões, o Fosso 3 apresenta “*ao nível da superfície do geológico, uma largura que varia entre 4,64m no corte Sul e 4,80m no corte Norte. A profundidade (relativamente à superfície do geológico) é de 1,64m a Norte e 1,74m a Sul, apresentando um perfil em “V” assimétrico (parede Oeste de pendente mais suave e parede Oeste de declive mais acentuado)*” (Valera, 2008: 10). No fundo, identificou-se um declive de Norte para Sul, situação que poderá estar associada a um alargamento progressivo do Fosso a meia profundidade, mas, ao mesmo tempo, a uma redução de dimensões e profundidade, já no final do troço. Estas dinâmicas, juntamente com a possível convergência entre os Fossos 3 e 4, permitiu reforçar a possibilidade de uma interrupção das linhas de fossos e a provável existência de uma entrada (Idem, Ibidem).

Foi possível identificar também a estratificação horizontal nos Fossos 3 e 4. No caso em estudo, o Fosso 3 era composto por depósitos arenosos na sua base, seguidos de camadas de sedimentos argilosos, intercalados por deposições horizontais de líticos, fauna e cerâmica, revelando-se assim, várias fases de dinâmicas de enchimento (Idem, Ibidem; Costa, 2013). Dentro destas dinâmicas de enchimento, foram identificadas possíveis deposições intencionais, como um vaso de suporte inteiro, colocado na vertical, rodeado por seixos esféricos, numa clara posição fálica. De igual modo, identificou-se a deposição de dois crânios de cão, depositados sem qualquer tipo de materiais e próximo do vaso de suporte (Valera, 2008).

Estas sequências de enchimento foram interrompidas, a meio do Fosso, por ações hídras, o que resultou na abertura de um canal (de escoamento) em depósitos anteriores ao longo da parede Oeste do Fosso. O canal foi (re)preenchido por sedimentos arenosos, muito finos e com menos espólio. Verificou-se também, o reinício da deposição horizontal de sedimentos argilosos até ao final do Fosso, com abundantes materiais, tanto fauna como cerâmica, bastante fragmentados e de dimensões reduzidas, contrastando com os materiais anteriores à fase erosiva, que revelam um nível de fragmentação bastante menor (Idem, Ibidem).

Em termos de datações absolutas, o Fosso 3 enquadra-se dentro da primeira metade do 3º milénio a.C. As duas datações provenientes da base do Fosso, obtidas a partir de faunas, revelaram-se idênticas, provando a colmatação do Fosso entre o segundo quartel do 3º milénio a.C. Por seu turno, a datação proveniente de uma unidade de topo, remete-nos para uma data a meio do milénio, comprovando assim que “as observações estratigráficas e do estudo arqueofaunístico estavam corretas ao afirmar que a colmatação teria tido um interregno temporal a meio do fosso”. (Costa, 2013:60)

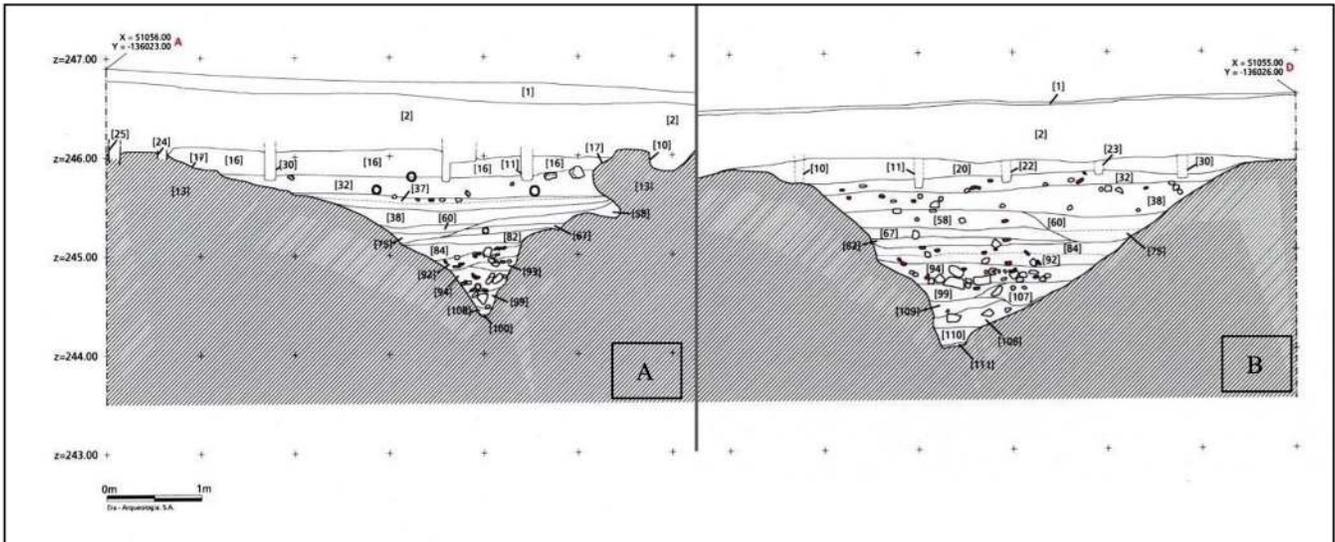
Figura 7. Imagem interpretativa da Prospeção Geomagnética, com a localização dos sectores: 1- Sector Q; 2- Sector I; 3- Sector L



Fonte: Márquez Romero, *et.alli*, 2011

6.1 Leitura Estratigráfica

Figura 8. A - Planta do Corte Norte do Fosso 3/ B - Planta do Corte Sul do Fosso 3.



Fonte: Imagem cedida por António Valera

A caracterização do Fosso 3, passa também por analisar as Unidades Estratigráficas que o compõem (Fig. 6 e 7), bem como apresentar a sua leitura estratigráfica com base na Matriz de Harris.

Como mencionado, o Fosso 3 é composto por sequências de camadas de sedimento argiloso, com uma interrupção aquando da sua utilização como canal hídrico. Deste modo, a sequência de formação observada pelo responsável (Valera, 2008) em termos de Unidades Estratigráficas [UE], foi:

- [UE16]
Unidade de topo constituída por sedimentos castanhos, muito compactos e argilosos, e na qual se verifica a afetação por valas de riper de surriba. Tem espólio associado.
- [UE17]
Trata-se de um troço de fosso com uma orientação de cerca de 10º relativamente ao Norte. A profundidade é de 1,64m a Norte e a 1,74m, a Sul, apresentando um perfil em “V” assimétrico. As dinâmicas presentes no troço sugerem uma progressiva redução de dimensões e profundidade, bem como a convergência com o Fosso 4, o que indicia a possibilidade de uma interrupção das linhas de fossos, isto é, a existência de uma entrada. Sem espólio associado.
- [UE20]
Camada composta por sedimento castanho alaranjado, bastante compacto e de natureza argilosa, tal como a [UE16] corresponde a um depósito de topo, também afetado pela surriba. Tem espólio associado.
- [UE32]
Depósito de sedimento castanho-claro, muito compacto e argiloso, abrangendo todo o troço escavado. Tem espólio associado.
- [UE37]

Camada de sedimento castanho-amarelado, bastante compacto com disposição horizontalizada. Tem espólio associado.

▪ [UE38]

Sedimento argiloso de tons castanhos-amarelados, com bastante compacticidade; abrangia todo a área do Fosso intervencionada. Tem espólio associado.

▪ [UE58]

Depósito composto por sedimento argiloso castanho, também à restante dos anteriores depósitos, compacto. Localiza-se a meio da sequência estratigráfica, e ao contrário do que tem vindo a ser descrito, esta unidade apenas abrangia metade do fosso. Além destas características, foi possível notar algumas possíveis deposições estruturadas (intencionais), de acordo com as informações do arqueólogo responsável (Valera, 2008). Tem espólio associado.

▪ [UE60]

Sedimento argiloso, mas menos compacto e mais arenoso, e de tonalidade mais clara. Abrange apenas o lado Oeste do Fosso, preenchendo o canal hídrico formado. Tem espólio associado.

▪ [UE67]

Camada de sedimento argiloso, compacto e húmido, de tonalidade castanha-alaranjada, abrangia metade do Fosso, foi pelo canal hídrico. Tem espólio associado.

▪ [UE71]

Sedimentos bastante argilosos, brancos, compactos, preenchendo a parte central da metade Norte do Fosso. Sem espólio associado.

▪ [UE75]

Depósito de sedimento argiloso, mais arenoso e fino, de tonalidade acinzentada, também preenchendo o canal erosivo, e abrangendo apenas um lado do troço. Tem espólio associado.

▪ [UE82]

Depósito que abrange toda a área do Fosso, constituído por sedimentos castanhos-claros de compactação média. No lado Oeste, constitui-se como base do canal hídrico. Tem espólio associado.

▪ [UE83]

Camada argilosa, de cor cinzenta, que corresponde a uma fina capa pouco compactada. Sem espólio associado.

▪ [UE84]

Sedimento arenoso, pouco compacto, estendendo-se por toda a área do Fosso. Tem espólio associado.

▪ [UE87]

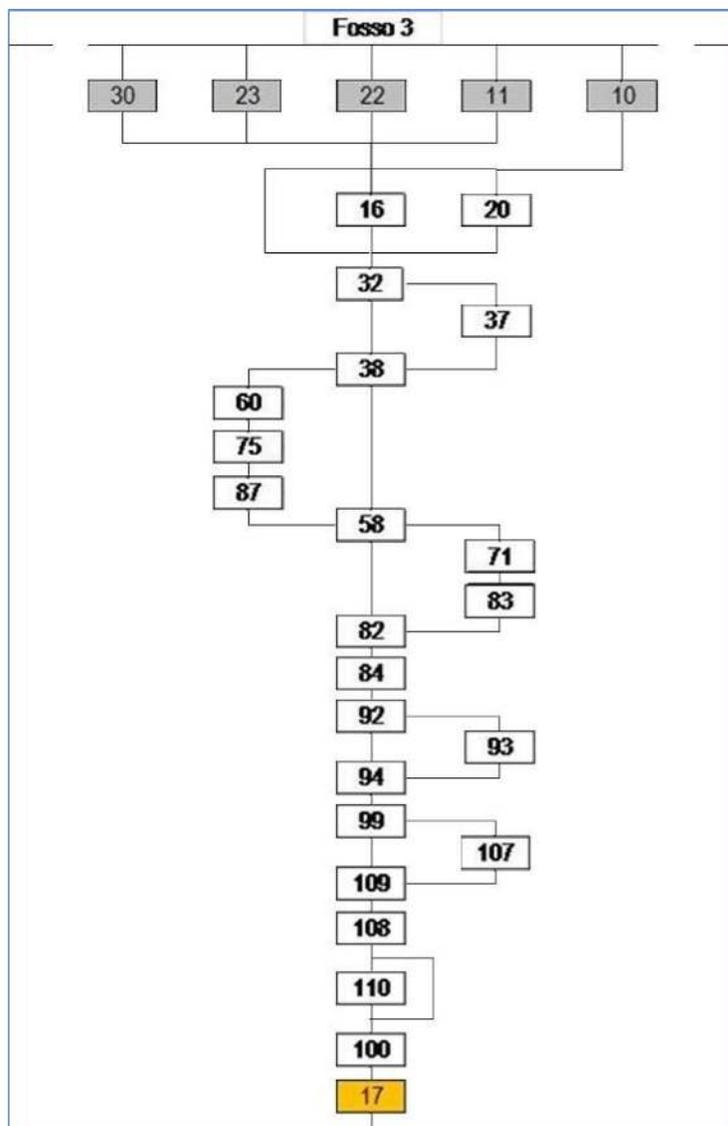
Interface de depressão da metade Oeste do troço intervencionado, correspondente a um canal de erosão efetuado nos sedimentos que preenchiam o Fosso. Sem espólio associado.

▪ [UE92]

Depósito de sedimentos arenosos, pouco compactos, semelhantes à [UE84]. Grande concentração de pedras e materiais arqueológicos, correspondendo a um momento de intensa deposição que surge praticamente na totalidade da área intervencionada do Fosso. Tem espólio associado.

- [UE93]
Camada formada por sedimento argiloso alaranjado, bastante compacto, e que se encontrava restrita a uma pequena área na zona Nordeste do Fosso. Tem espólio associado.
- [UE94]
Sedimento cinzento, arenoso de compactação média. Tem espólio associado incluindo a presença de ossos humanos.
- [UE99]
Camada argilosa de compactação média, de tonalidade castanha. Tem espólio associado.
- [UE100]
Depósito constituído por sedimentos esbranquiçados com elementos concrecionados, e bastante compactos que preenchiam a base do Fosso. Tem espólio associado.
- [UE107]
Sedimentos arenosos, castanhos-claros, altamente compactos que se depositaram na zona Oeste do Fosso. Com fauna associada.
- [UE108]
Depósito argiloso, pouco compacto e pouco arenoso. Com fauna associada.
- [UE109]
Sedimento argiloso, localizado apenas na zona Sul e Este do Fosso. Com fauna associada.
- [UE110]
Última camada identificada, formada por sedimentos cinzentos, argilosos e muito compactos, que se estendia apenas por dois terços do Fosso, do lado Sul do mesmo. Com fauna associada.

Figura 9. Matriz de Harris.



Fonte: Informação cedida por António Valera

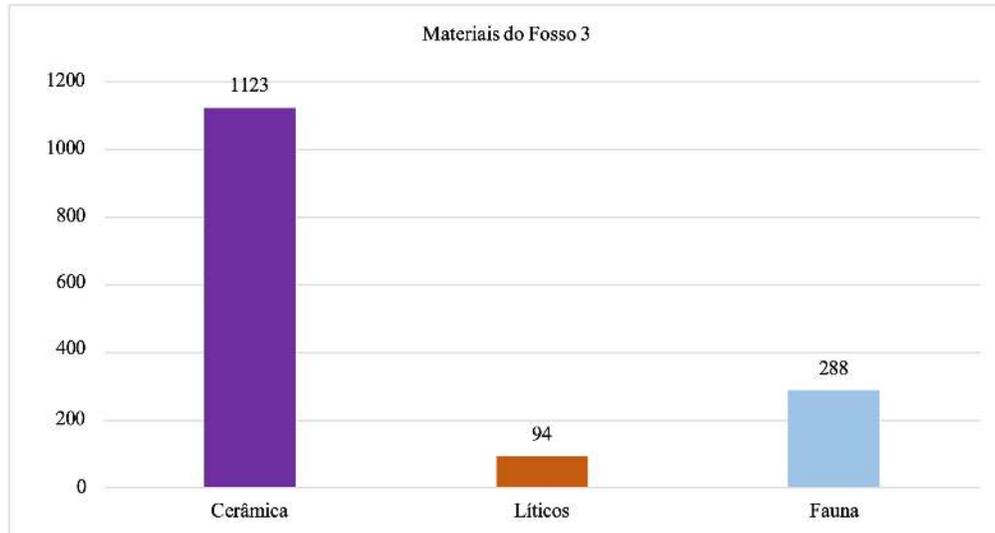
Não foi especificado, neste capítulo, o espólio arqueológico e faunas recolhidos por unidade estratigráfica, dado que estes serão apresentados de forma detalhada no capítulo seguinte, contrapondo-se os dados faunísticos com os dados referentes às cerâmicas e aos líticos.

Pelo descrito, foi possível identificar diversas fases no processo de colmatagem do Fosso, o que pressupõe um enchimento gradual ao longo do tempo (Valera, 2008). Após os primeiros depósitos há uma intercalação entre camadas de sedimentos argilosos, com deposições horizontais de pedras, fragmentos cerâmicos e fauna. Estas sequências acabam por ser interrompidas, a meio do Fosso, aquando da sua utilização como canal hídrico. Este canal é preenchido por sedimentos arenosos muito finos e com menos material cerâmico. Após este momento, verificou-se, mais uma vez, a deposição horizontal dos sedimentos argilosos balançando com a presença de espólio, bastante mais fragmentados, contrastando com os materiais provenientes da fase anterior ao canal - esta realidade será explanada em maior detalhe mais adiante no estudo.

7. Estudos dos Materiais do Fosso 3: Critérios para o estudo artefactual

Através da cerâmica e dos materiais líticos conjugados com os dados sobre a fauna, anteriormente estudados por Cláudia Costa (2010), tentaremos oferecer elementos suficientes para compreender a dinâmica de enchimento do Fosso 3, inquirindo a intencionalidade, ou não, do seu enchimento.

Gráfico 1. Totais de materiais provenientes do Fosso 3



7.1 Recipientes cerâmicos

Os materiais cerâmicos assumem uma importância fulcral enquanto indicador cultural e cronológico. Porém, existem sempre limitações ao seu estudo, pois apesar de algumas formas e decorações comportarem algum significado, tanto cultural como cronológico, como é o caso das cerâmicas simbólicas estudadas, a maioria dos fragmentos contém poucas informações que nos remetam para momentos específicos dentro da Pré-história Recente (4^o e 3^o milénio a.C.). Como referido no capítulo acerca da Metodologia, a análise tipológica teve por base o catálogo de formas já existente para o Complexo Arqueológico dos Perdigões (Lago, 1998). Contudo, face ao carácter subjetivo inerente ao estudo de material, no decorrer deste trabalho houve a necessidade de acrescentar novas tipologias e sub-tipologias, que serão justificadas mais adiante.

Foram contabilizados 1121 fragmentos cerâmicos, perfazendo um peso total de 27175 kg. A sua análise foi realizada tendo em conta os aspetos morfológicos e tecnológicos e, apesar do conjunto ser constituído, na sua maioria, por bordos, foram identificados alguns bojos, dos quais foram anotadas as suas características gerais. A par destas características, agruparam-se ainda em formas abertas, fechadas e híbridas. Este último grupo foi definido face à existência, dentro da mesma tipologia cerâmica, de formas abertas como fechadas, como é o exemplo dos Copos e Tigelas.

7.1.1 Formas dos Recipientes Cerâmicos

No que concerne às formas identificadas, existe uma grande variedade, desde taças, tigelas, potes, até aos típicos pratos almendrados, característicos das sociedades calcolíticas do 3^o milénio a.C. no Sul de Portugal.

Os pratos, que representam cerca de 20% dos recipientes cerâmicos, apresentam vários tipos de acabamentos, alguns com superfícies completamente polidas e outros fragmentos com superfícies muito rugosas, sem qualquer tipo de tratamento. Tal como Ana Catarina Sousa refere: “os pratos apresentam um papel de destaque no Sul Peninsular, desde os finais do 4^o milénio, com intensificação ao longo do 3^o milénio” (Sousa, 1998:102). A forte incidência desta tipologia nos contextos Calcolíticos do Sul, pode ser interpretada

como uma alteração comportamental e social nos modos de consumo destas comunidades, podendo estar conectada a uma questão comunitária e de partilha das refeições, à semelhança de outras sociedades já mais recentes, como a islâmica (Idem; Ibidem). Esta foi uma das tipologias em que se acabou por encontrar várias novas formas, sobretudo por causa da grande variabilidade registada nas formas dos bordos.

A segunda categoria mais representada é a das taças que, tal como acontece com os pratos, parece ser uma das formas mais utilizadas (28 %) por estas comunidades. Dentro das taças, é de salientar a escassa amostragem de taças carenadas (1,25 %), mas que fornece importantes indicadores cronológicos e culturais e, tal como sucede com os pratos, este tipo de forma poderá refletir uma mudança de hábitos alimentares, entre o Neolítico final e o Calcolítico (Idem; Ibidem; Lago, 1998: 81). A forma carenada é, por norma, muito diversificada e os seus subtipos estão relacionados com a área do ponto de inflexão e subsequentemente com uma relação de abertura e profundidade, existindo taças de carena alta, de carena média e de carena baixa (Lago, 1998:81).

Se entrarmos na comparação de formas abertas e formas fechadas, verificamos que a primeira é dominante comparativamente à segunda categoria. Este predomínio de formas abertas poderá traduzir padrões de consumo, em termos de alimentação, como conteúdos sólidos. Contudo, no que toca às formas fechadas, identificaram-se formas esferoidais, recipientes de paredes espessas – potes - de grandes dimensões (Idem; Ibidem), tipologia que se encontra intimamente associada ao 3^o milénio a.C. Ainda dentro das formas fechadas, a mencionar os fragmentos que contam com a presença de decoração simbólica e decoração incisiva. As tipologias identificadas neste tipo de peças foram pequenos recipientes esféricos, recipientes globulares e recipientes acampanados (Quadro 2) (Ver Anexo IV). Ainda nas formas fechadas, identificou-se um fragmento de recipiente globular com caneluras. Sobre decoração em formas abertas, foi possível identificar apenas um fragmento associado à tipologia das taças.

Quadro 2. Formas identificadas

Forma	Número	Percentagem	Forma	Número	Percentagem	Forma	Número	Percentagem
1. Pratos			3. Taças Carenadas			9. Pote de Carena Média		
1.1	15	1,34	3.1	7	0,62	9.a	1	0,09
1.3	4	0,36	3.2	1	0,09	9.c	1	0,09
1.4	13	1,08	3.3	5	0,45	10. Copos		
1.5	138	12,31	3.4	1	0,09	10.3	6	0,54
1.6	49	4,37	4. Tigelas			10.4	2	0,18
1.7	4	0,36	4.1	5	0,45	10.5	2	0,18
1.9	1	0,09	4.2	37	3,29	10.7	3	0,27
2. Taças			4.3	5	0,45	10.8	1	0,09
2.1	138	12,30	4.5	2	0,18	13. Mini-Vasos		
2.2	36	3,21	5. Esféricos			13.b	1	0,09
2.3	12	1,07	5.1	14	1,25	13.c	3	0,27
2.4	66	5,89	5.2	15	1,34	13.g	2	0,18
2.5	28	2,49	5.3	1	0,09	13.i	1	0,09
2.6	3	0,27	6. Globulares			13.j	1	0,09
2.7	3	0,27	6.1	41	3,66	15. Acampanados		
2.9	1	0,09	6.2	2	0,18	15.a	1	0,09
2.10*	13	1,16	6.3	18	1,60	15.b	2	0,18
2.11*	9	0,80	6.4	1	0,09	17. Vasos de suporte		
2.12*	4	0,36	6.5	1	0,09	17.	2	0,18
2.13*	6	0,54	6.7	2	0,18	19. Caixas		
2.14*	3	0,27	7. Recipientes tipo-saco			19.a	2	0,18
2.15*	1	0,09	7.1	4	0,36			
			7.2	1	0,09			
			7.4	5	0,45			

As especificidades tipológicas serão apresentadas nos Anexos, conjugando a informação escrita com os desenhos que permitem ilustrar e justificar a necessidade de acolher novas tipologias. As novas tipologias criadas são apresentadas no quadro seguinte:

Quadro 3. Novas tipologias identificadas

Novas Tipologias	
1. Pratos	
1.1c	Prato de bordo espessado muito pouco profundo
1.3c	Pequeno prato com carena
1.5g	Pequeno prato com bordo aplanado e ligeiramente espessado interiormente
1.5 h	Prato com bordo ligeiramente espessado
1.5 i	Prato com bordo espessado
1.5j	Prato com bordo arredondado e espessado interior e exteriormente
1.6e	Prato com bordo ligeiramente interior e aplanado
1.6f	Prato com bordo espessado ligeiramente extrovertido
2. Taças	
2.1b	Taça de bordo direito ou arredonda de maiores dimensões
2.4 b	Taça de bordo aplanado e espessado internamente
2.4c	Taça com bordo aplanado e espessado no exterior e ligeiramente no interior
2.5b	Pequena taça com bordo espessado exterior e interiormente, mas arredondado
2.5c	Pequena taça de espessura reduzida
2.5d	Pequena taça com bordo ligeiramente aplanado e espessado interior e exteriormente
2.7b	Taça com bordo aplanado e não espessado
2.10	Taça com bordo espessado exteriormente e de paredes espessas
2.11	Taça com bordo aplanado e espessado interior e exteriormente
2.12	Taça com bordo ligeiramente espessado pelo exterior
2.13	Taça/tigela com bordo arredondado e espessado interiormente
2.14	Taça com bordo não espessado
2.15	Taça/alguidar com bordo ligeiramente espessado exteriormente
4.Tigelas	
4.2h	Tigela com pequeno mamilo perto do bordo aplanado
4.3c	Pequena tigela com bordo não espessado com o mamilo por baixo do bordo
6.Globulares	
6.1d	Globular com bordo arredondado não espessado
6.1e	Globular de bordo arredondado de grandes dimensões
6.1f	Globular com bordo arredondado e ligeiramente espessado exteriormente
6.1g	Globular de grandes dimensões, com mamilo grande e alargado e com bordo arredondado
6.1h	Globular de grandes dimensões com bordo espessado exteriormente
6.7	Globular com gargalo alto e estreito e bordo aplanado

Quadro 3. Novas tipologias identificadas (cont.)

Novas Tipologias	
7. Recipientes tipo-saco	
7.4	Recipientes ligeiramente fechado com bordo aplanado e ligeiramente espessado no exterior
13. Mini-vasos	
13.i	Pequeno vaso com bordo ligeiramente espessado no interior
13.j	Pequeno vaso com bordo ligeiramente espessado exteriormente

É possível notar que existiu uma maior necessidade em acrescentar novas sub-tipologias dentro da categoria das taças e dos pratos, verificando-se, como já tinha acontecido nas tipologias gerais, uma percentagem maior de formas abertas relativamente a formas fechadas, como se pode verificar no Quadro 4.

Quadro 4. Quantidades de novas tipologias

Novas Tipologias	Quantidade	Novas Tipologias	Quantidade
1.Pratos		4.Alguidares	
1.1c	7	4.2h	3
1.3c	1	4.3c	1
1.5g	3	6.Globulares	
1.5h	12	6.1d	4
1.5i	5	6.1e	4
1.5j	2	6.1f	1
1.6e	8	6.1h	1
1.6f	1	6.7	2
2.Taças		7.Recipientes tipo-saco	
2.1b	14	7.4	5
2.4b	24	13.Mini Vasos	
2.4c	8	13.i	1
2.5b	3	13.j	1
2.5c	3		
2.5d	2		
2.7b	3		
2.9	1		
2.10	13		
2.11	9		
2.12	4		
2.13	6		
2.14	3		
2.15	1		

7.1.2 Componentes de Tear

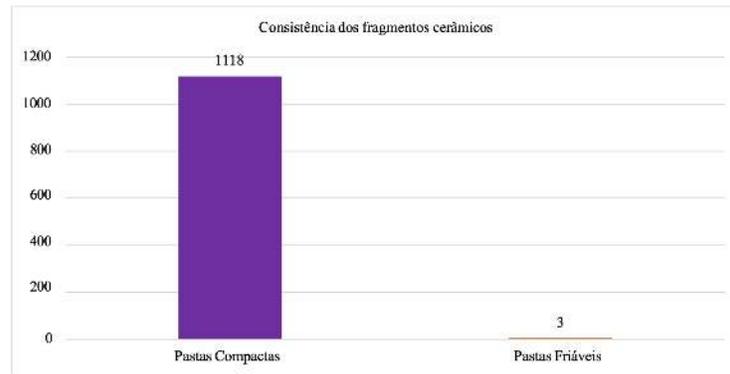
O conjunto dos componentes de tear é substancialmente pouco representativo, contando apenas com 33 elementos identificados. De referir, que se decidiu dividir os componentes em duas tipologias: Crescentes e Placas, face à sua diferença tipológica. À semelhança da cerâmica, também os crescentes e as placas foram alvos da avaliação tecnológica das pastas e dos tratamentos de superfície, seguindo os mesmos critérios.

7.1.3 Atributos tecnológicos

A análise global dos atributos tecnológicos possibilitou estabelecer algumas categorias, que seguem os parâmetros definidos por António Valera, na sua Tese de Mestrado (Valera, 1997), e que foram aplicados ao estudo de material proveniente dos Perdigões. A análise dos atributos tecnológicos incidiu sobre as características das pastas, tendo em conta sua consistência e textura, a proporção dos elementos não plásticos e o calibre dos mesmos, a cozedura, o tratamento de superfície e a localização da decoração. Recorreu-se à codificação numérica dos parâmetros, aquando da inventariação, utilizada por António Valera

e que será explanada ao longo do estudo.

Gráfico 2. Consistência dos fragmentos cerâmicos



Analisando todos os dados disponíveis, podemos verificar os seguintes resultados: Em termos de consistência foram registadas três categorias:

- Pastas Compactas (0): forte consistência, homogeneidade e elementos não plásticos finos e de pequeno calibre;
- Pastas Friáveis (1): pastas de fácil desagregação, geralmente com elementos não plásticos de grandes dimensões;
- Pastas de Consistência Média (2): que como o nome refere, acaba por ser uma mistura entre as duas pastas.

O gráfico 2 apresenta-nos os dados referentes à consistência das pastas dos fragmentos cerâmicos analisados, no qual é possível verificar um claro predomínio para pastas compactas, um vazio no que se refere a pastas friáveis e a pouca representação de materiais com pastas de consistência média.

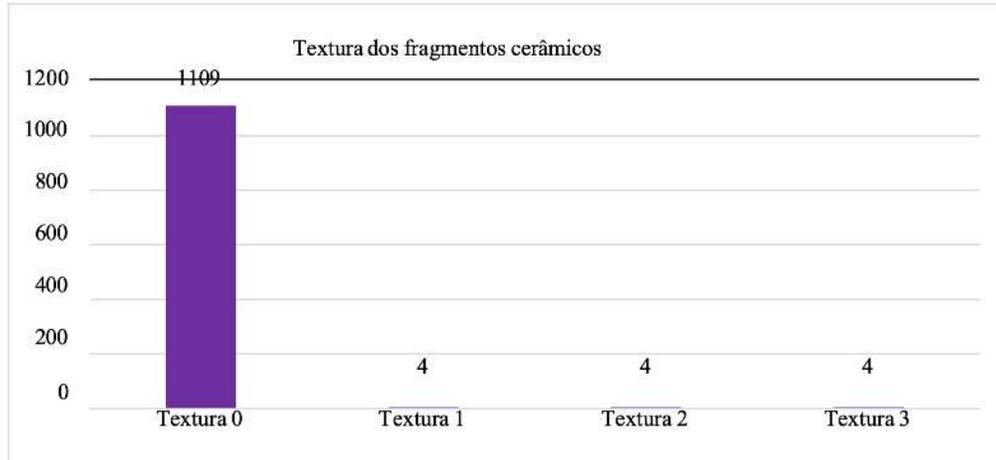
A situação é bastante semelhante quando analisamos os componentes de tear, crescentes e placas de tear, onde também as pastas compactas são exclusivas.

É assim notório a qualidade no fabrico das peças, mesmo existindo algumas, dentro da categoria de pastas compactas, que apresentem alguns elementos não plásticos de maiores dimensões, mas que são apenas casos pontuais não interferindo com a qualidade e homogeneidade da pasta.

Em relação à textura, considerou-se:

- Homogénea (0): com elementos não plásticos finos e bem distribuídos;
- Xistosa (1): organização laminar dos elementos não plásticos;
- Granular (2): presença de grânulos;
- Arenosa (3): elementos não plásticos finos, mas abundantes e distribuídos irregularmente.

Gráfico 3. Textura dos fragmentos cerâmicos



Relativamente à textura dos materiais, e face aos dados apresentados no gráfico 4, há uma notória preponderância para materiais de textura 0, isto é, de matriz mais homogênea, o que se justifica com a forte presença de materiais com pastas mais compactas neste conjunto. Os restantes tipos de texturas apresentam-se bastante equilibradas, sendo estatisticamente residuais.

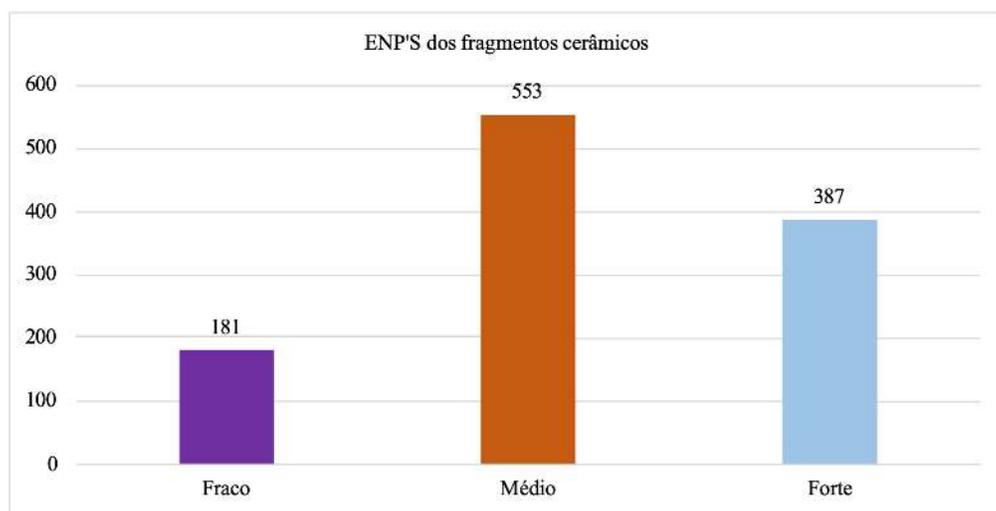
Mais uma vez, os componentes de tear seguem a tendência dos fragmentos cerâmicos, onde todos os materiais se enquadram em texturas homogêneas (textura 0).

É nos elementos não plásticos (doravante apenas designados por ENP's) que encontramos maior diversidade, tanto no caso dos fragmentos cerâmicos como nos pesos de tear.

Na descrição dos elementos não plásticos estabeleceram-se as seguintes classes de ocorrência:

- Fraca (0): com uma presença de ENP'S $\leq 15\%$;
- Média (1): $\leq 30\%$;
- Forte (2): $> 30\%$.

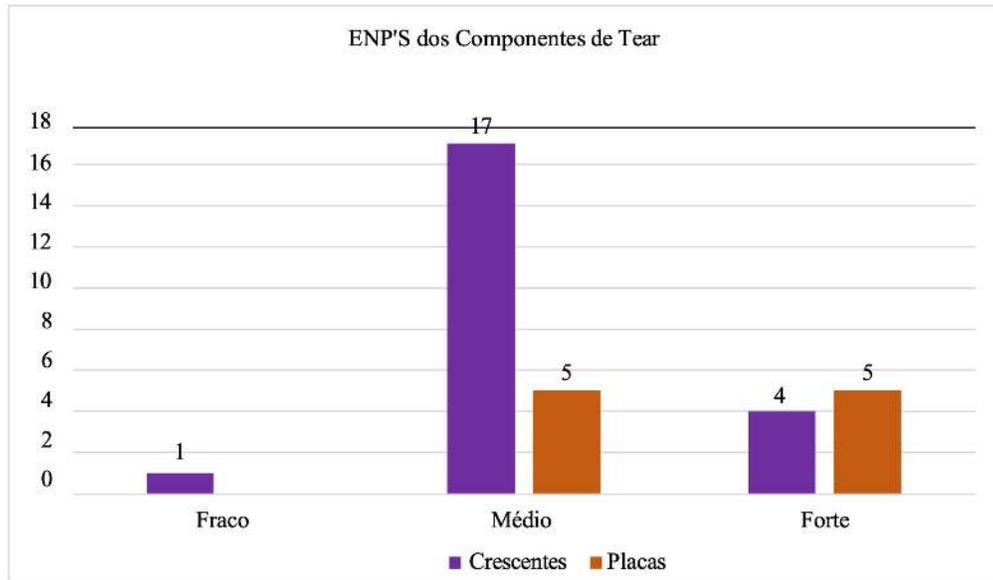
Gráfico 4. Análise dos ENP'S das cerâmicas



A presença de ENP'S nos fragmentos cerâmicos é bastante diversa. Apesar de estarmos perante materiais que revelaram, na sua maioria, pastas compactas e homogêneas, e que por isso, tinham inerente a fraca quantidade ou até mesmo escassa visibilidade de elementos não plásticos, a análise dos dados obtidos permite-nos verificar que é na categoria “médio” que se encontram mais de metade dos fragmentos estudados.

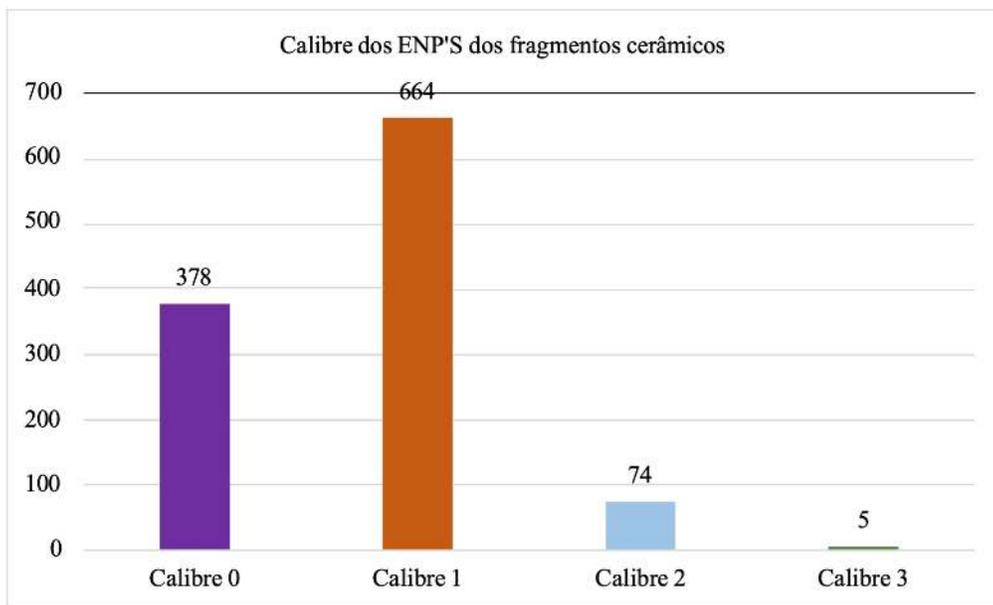
Mais uma vez, e na linha do que tem sido até agora, vemos a mesma dinâmica dos fragmentos cerâmicos também nos pesos de tear (ver gráfico 6).

Gráfico 5. ENP`s dos Componentes de Tear



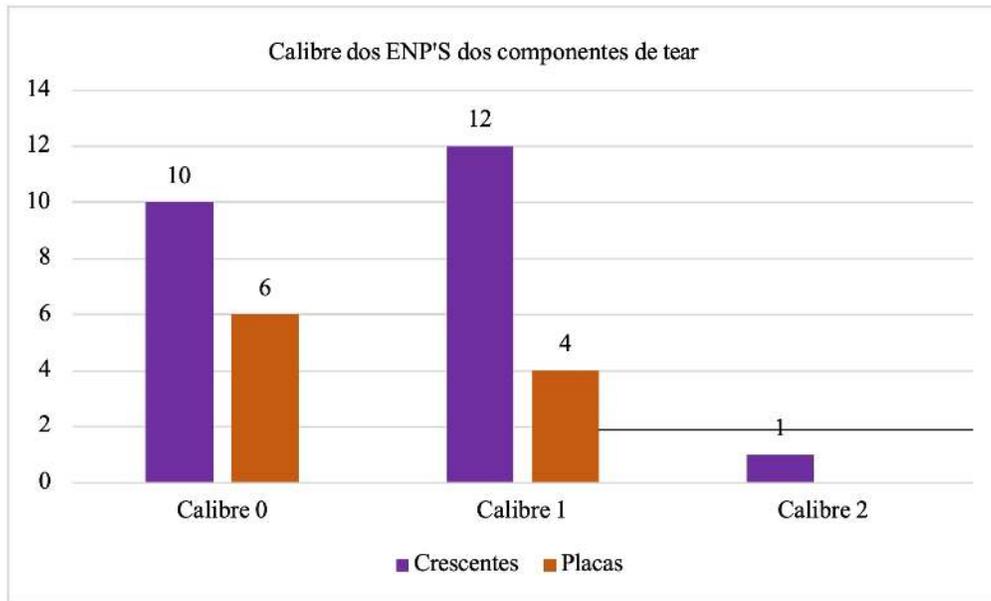
Quanto ao calibre dos ENP's, assistimos a uma grande percentagem em calibres de pequenas dimensões, que voltam a retratar a qualidade das pastas.

Gráfico 6. Calibre dos ENP'S dos fragmentos cerâmicos



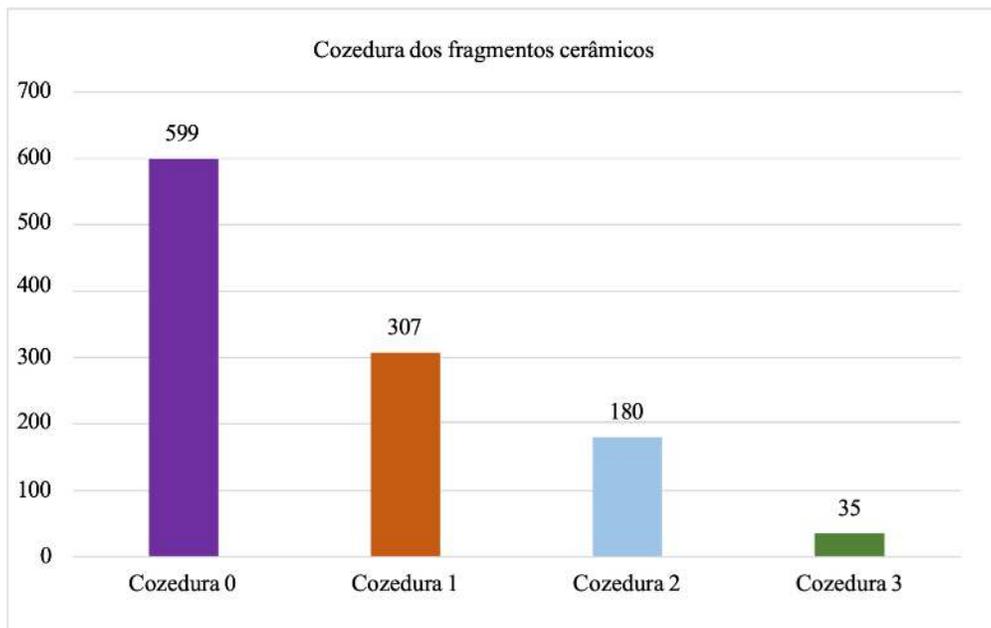
É assim possível confirmar que existe um domínio no calibre 1 de ENP'S, com tamanhos compreendidos entre 1 e 3 mm, mas também uma forte presença de ENP'S de reduzidíssima calibragem, inferiores a 1mm, do calibre 0.

Gráfico 7. Calibre dos ENP'S dos componentes de tear



No caso dos elementos de tear, os dados são bastante similares, com um domínio dos ENP'S de calibre 1, mas com ausência total de ENP'S de grandes dimensões (que se enquadram no calibre 3) (ver gráfico 8).

Gráfico 8. Cozedura dos fragmentos cerâmicos



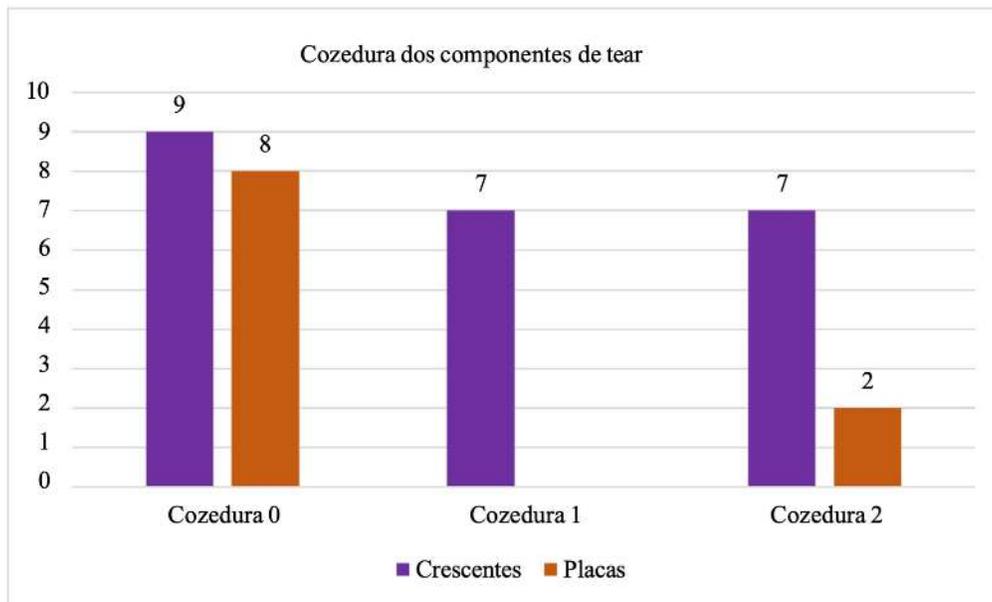
Relativamente ao tipo de cozedura, a análise dos dados revelou-se mais complexa, devido à não homoge-

neidade das cozeduras que variavam, por vezes, ao longo do perfil das peças. Deste modo, a classificação de algumas das cozeduras pode não ser totalmente fidedigna, face à inexistência de peças inteiras e aos escassos perfis completos.

Assim sendo, e apesar da falta de uniformidade de cozeduras, existe uma superioridade na cozedura 0, que corresponde a cozeduras resultantes de ambientes oxidantes, originando superfícies e núcleos claros e proporcionando peças de tons alaranjados. De seguida, é possível verificar que as cozeduras de ambiente redutor - cozedura 1- também se encontram bem representadas. Em menores quantidades, encontramos as cozeduras mistas, cozedura 2 (superfícies claras e núcleos escuros) e a cozedura 3 (superfícies escuras e núcleos claros) (Valera, 1997).

No caso dos componentes de tear, a tendência é bastante semelhante, com a ausência total de peças de cozedura 3.

Gráfico 9. Cozedura dos componentes de tear



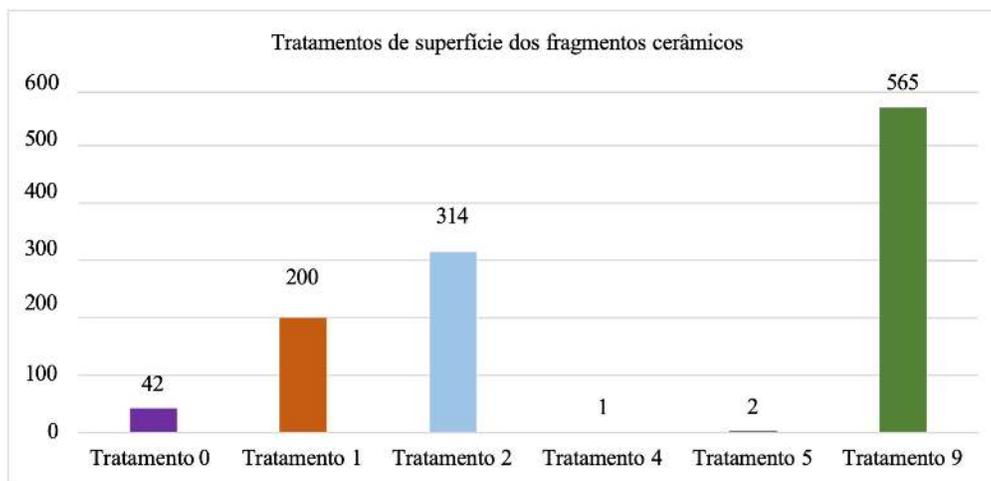
Entramos por fim, na análise do último atributo tecnológico, o tratamento de superfície, parâmetro onde se pode identificar uma grande variabilidade.

Em relação a esta categoria, consideraram-se nove parâmetros descritivos do tratamento de superfície. Note-se que esta observação foi realizada sem recurso a qualquer tipo de instrumento ótico:

- Tratamento 0: Engobe externo
- Tratamento 1: Engobe interno;
- Tratamento 2: Engobe interior e exteriormente;
- Tratamento 3: Brunido exterior;
- Tratamento 4: Brunido interior;
- Tratamento 5: Brunido total;
- Tratamento 6: Polido exteriormente;

- Tratamento 7: Polido interiormente;
- Tratamento 8: Polidos nos dois lados;
- Tratamento 9: Peças sem qualquer tipo de tratamento, consideradas normais.

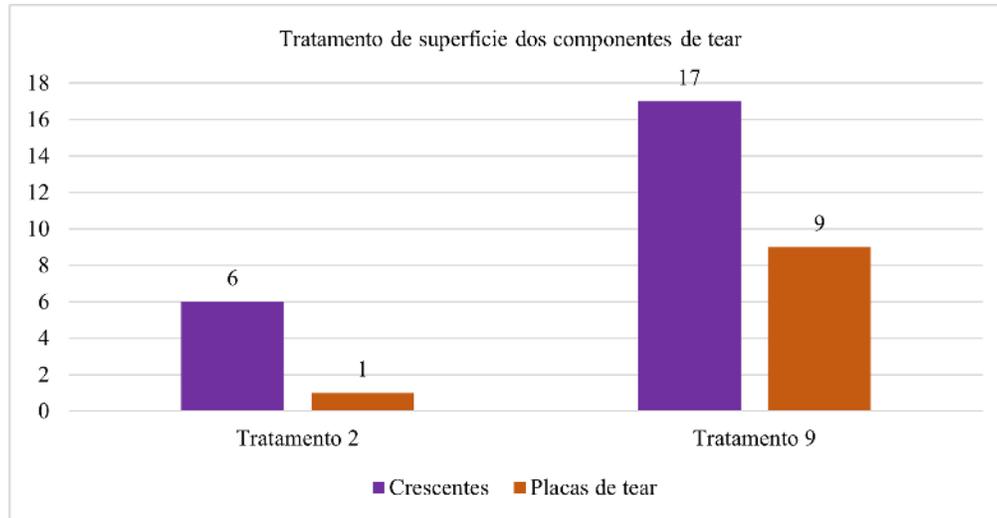
Gráfico 10. Tratamentos de superfície dos fragmentos cerâmicos



A análise do Gráfico 11 permite-nos verificar a elevada quantidade de fragmentos cerâmicos com o tratamento de superfície 9, que corresponde a peças “normais”, isto é, sem qualquer tipo de tratamento, ou seja, superfícies rugosas. Segue-se um domínio para o tratamento 2, peças com engobe total e o tratamento 1, que corresponde ao engobe na parte interior da peça. Estão ausentes os restantes tipos que se consideraram neste estudo e anteriormente elencados.

Dentro dos tratamentos de superfície, não nos podemos esquecer de mencionar a decoração. Apesar de apenas terem sido identificados 4 fragmentos com decoração, de realçar o claro domínio para a decoração incisiva e impressa, mas também a presença de um fragmento com caneluras na vertical (Anexo IV). Reconheceu-se, ainda, a existência de pasta branca, em dois dos fragmentos, ambos com pontilhado e triângulos (dentro da tipologia 1, explicada em (Lago,1998)). O terceiro fragmento, de decoração puramente incisiva, poderá corresponder à tipologia 5 (Idem, Ibidem). Por fim, a mencionar o último fragmento, com uma decoração de caneluras em vertical. Todos os fragmentos que revelam elementos decorativos correspondem a formas fechadas, inserindo-se tanto na classificação de esféricos como de globulares, mas de pequenas dimensões.

Gráfico 11. Tratamento de superfície dos componentes de tear



Ao contrário do que seria de esperar, existe a presença tanto de crescentes como de placas de tear, com o tratamento de superfície 2, ou seja, com engobe total, valores que se traduzem no gráfico 11.

Em relação a este parâmetro, deve-se salientar que se trata de um componente que pode ter sofrido alterações derivado de processos pós deposicionais, ou seja, não podemos descartar a hipótese das superfícies terem sofrido desgaste ou erosão, depois de fragmentadas, por ação de agentes externos, que no caso em estudo, um Fosso, pode ser provocado por estarem expostas à degradação provocada pela chuva, sol, entre outros.

7.2 Líticos

Não só de materiais cerâmicos se constitui o nosso conjunto artefactual, estando também presentes alguns materiais líticos, no total de 94 inventariados. Englobam-se todos os líticos provenientes do Fosso, inclusive, os indeterminados, que não nos revelam à partida qualquer tipo de informação adicional. Identificaram-se as seguintes categorias:

Quadro 5. Líticos identificados

Número	Percentagem
Líticos Indeterminados	
32	34,04
Lascas	
8	8,51
Bigorna de Xisto	
1	1,06
Enxó	
1	1,06
Fragmentos de Machado de Pedra Polida	
2	2,13
Percutores	
10	10,64
Ponta de Seta	
2	2,13
Tampas	
5	5,32
Seixos Rolados	
9	9,57
Pedra Afeçoada	
3	3,19
Restos de talhe	
16	17,20
Pedra Talhada	
2	2,15
Pico de Xisto	
1	1,06
Lâmina	
1	1,06
Movente de mó	
1	1,06

7.2.1 *Líticos Indeterminados*

Nesta categoria, como o nome indica, foram inseridos os líticos que na análise efetuada não nos parecem poder incluir-se em nenhuma das outras categorias, uns por não terem uma explicação funcional definida, outros porque a sua dimensão não permitiu obter uma leitura.

7.2.2 *Pedra Lascada*

Utilizamos aqui o termo de pedra lascada para englobar genericamente algumas das categorias apresentadas no Quadro 3. Deste modo, referimo-nos aos núcleos, lâminas, restos de talhe, lascas, ponta de seta, pedra afeiçãoada e pedra talhada.

Núcleos Como percebido através do Quadro 3, não foi detetado nenhum Núcleo.

Lascas Foram identificadas 8 lascas, todas em quartzo. Como lasca define-se um produto fruto de debitação, que pode depois ser utilizado ou não como utensílio. Neste caso em concreto, a utilização pode não se aplicar, uma vez que nenhuma delas apresenta retoque. Ignorou-se nesta análise devido às suas reduzidas dimensões e amostragem.

Pontas de Seta Foram somente identificadas duas pontas de seta. Uma inteira, em xisto jaspoide, de base côncava, com retoque semi-abrupto em ambos os lados, com um dos lados direito e o outro convexo. A segunda, também de xisto jaspoide, falta-lhe a extremidade distal e proximal, não apresenta retoques.

Lâminas No caso das lâminas, foi identificado um único fragmento. De acordo com os parâmetros usados para esta tipologia (Forenbaher, 1999), as lâminas são os produtos que apresentam um comprimento maior ou igual, ao dobro da sua largura. Neste caso, trata-se de um fragmento mesial, com retoque parcial nos dois lados, em rocha siliciosa com secção trapezoidal. A sua tonalidade muito escura no exterior e não homogénea, nem coincidente com a cor do interior, faz-nos ponderar que possa ter estado exposta a calor.

Restos de talhe Os restos de talhe são por definição produtos que resultam da preparação da matéria-prima para obtenção de instrumentos. Nesta categoria foram consideradas 16 peças, entre xisto jaspoide, quartzo e quartzito, o que pode indiciar a existência de oficinas de talhe, nesta área dos Perdigões.

Pedra Afeiçãoada Dentro da categoria de pedra afeiçãoada consideram-se os percutores, moventes e dormentes, sendo que os últimos não estão presentes no Fosso 3, em estudo. Percutores existem 10, de forma tendencialmente esférica e apenas um movente.

Seixos Rolados Foram recolhidos 9 seixos rolados, sem qualquer evidência de talhe ou percussão. Muito provavelmente são recolhidas nas ribeiras existentes na área, como a Ribeira do Álamo, ou do próprio Rio Guadiana.

7.2.3 *Pedra Polida*

Identificaram-se 3 instrumentos de pedra polida: dois possíveis fragmentos de machados de pedra polida e um fragmento de enxó. Um dos machados apresenta fratura longitudinal e o gume gasto com evidentes sinais de percussão. Também do lado do talão temos evidências de ter sido utilizado como percutor. A enxó encontra-se fragmentada no sentido transversal, tem as superfícies completamente polidas (exceto as laterais) e o gume intacto. O outro machado é na realidade um fragmento que resulta de uma fratura transversal e outra longitudinal, não tendo a parte do gume.

7.2.4 *Outros*

O pico de xisto é sem dúvida um dos elementos mais interessante desta coleção, pela sua raridade. Efetivamente, em contextos que se torna necessário proceder à abertura de Fossos e Fossas, naturalmente, que este trabalho seria realizado ou com objetos de pedra ou com paus aguçados. Encontrar e identificá-los no contexto de uma escavação, comprova-nos a forma como foi aberto, neste caso, o Fosso 3. Recentemente,

também num Menir do Norte Alentejano, foi identificado um objeto similar, no alvéolo do Menir do Patalou, Nisa (Oliveira, 2016).

Neste caso, morfologicamente, temos um objeto em xisto, com duas reentrâncias que serviam para facilitar o seu manuseamento, quer ele fosse através de um cabo ou apenas com as mãos. A extremidade funcional encontra-se aguçada.

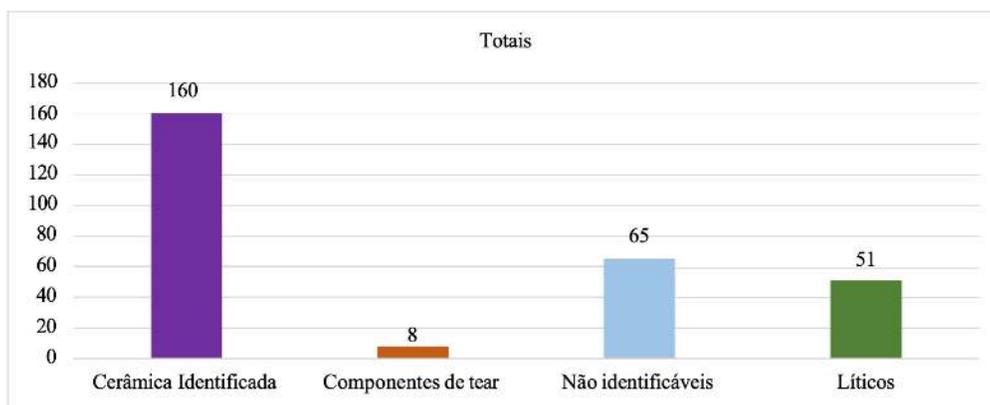
Dentro deste conjunto foram identificadas uma coleção de 6 tampas, em xisto, com diâmetros variáveis entre os 6 e os 12 cm, de forma arredondada, sendo perfeitamente visível o trabalho de arredondamento dos limites. Uma delas, a de maiores dimensões, que se encontra fraturada longitudinalmente, apresenta, sensivelmente a meio, dos dois lados, uma depressão obtida por percussão. Poderá resultar do seu uso como bigorna ou de servir de base a outro utensílio.

8. Espólio vs Estratigrafia

Neste capítulo procuramos analisar espólios e estratigrafias, de modo a evidenciar o comportamento (presenças/ ausências e quantidades) ao longo do preenchimento do Fosso 3. Assim, para melhor compreensão, optou-se por fazer este estudo de forma individual para cada unidade, deixando para o Capítulo final as possíveis conclusões.

- [UE16]

Gráfico 12. Totais dos materiais da [UE16]



A análise do espólio recuperado nesta unidade que, como se referiu anteriormente é a superficial, corresponde em termos gerais ao expectável perante a surribo que este sítio teve. O elevado número de cerâmicas não identificáveis em termos de forma deve-se, naturalmente, ao grau de fragmentação deste espólio. Em relação aos líticos, é também a unidade que apresenta valores mais elevados.

Ao olharmos para os valores referentes à fauna, que nos são apresentados por Cláudia Costa (2013), verifica-se que a autora alerta que a [UE16] é a Unidade Estratigráfica que forneceu a maior quantidade de restos faunísticos, cerca de 812 fragmentos (Costa, 2013:99). Contudo, esta elevada percentagem de fauna ocorre, e como já mencionado anteriormente, por estarmos perante a Unidade de topo da sequência do Fosso 3.

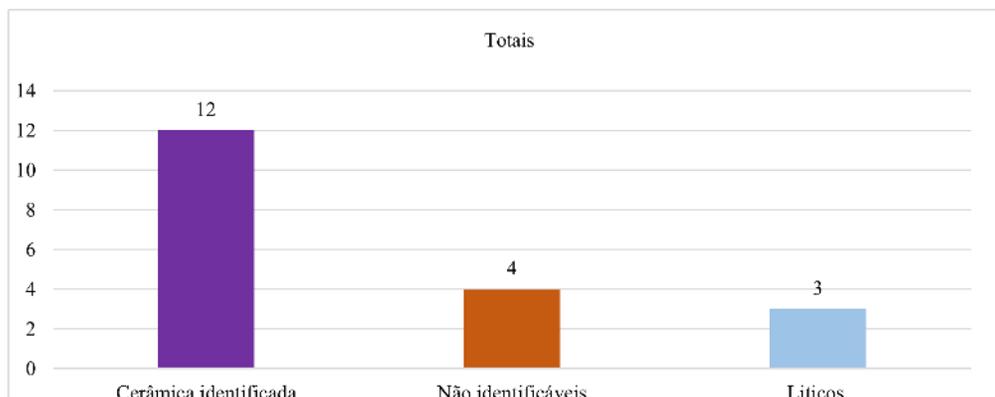
Deste modo e atendendo ao contexto da sua formação, estes valores não devem ser muito valorizados.

A mencionar, por fim, que nesta Unidade foi identificado um pequeno fragmento de cerâmica (tipologia 2.2.5a) com decoração.

Em relação aos líticos, e por a ser a Unidade com maior quantidade, podemos referir a presença da Enxó, de um fragmento de ponta de seta, algumas lascas de quartzo e restos de talhe de uma ponta de seta inteira em xisto jaspoide, de um percutor, de um machado com fratura longitudinal; também em xisto, foi identificada um tampa e um pequeno xisto afeiçoado, alguns seixos e líticos não identificáveis.

- [UE20]

Gráfico 13. Totais de materiais da [UE20]

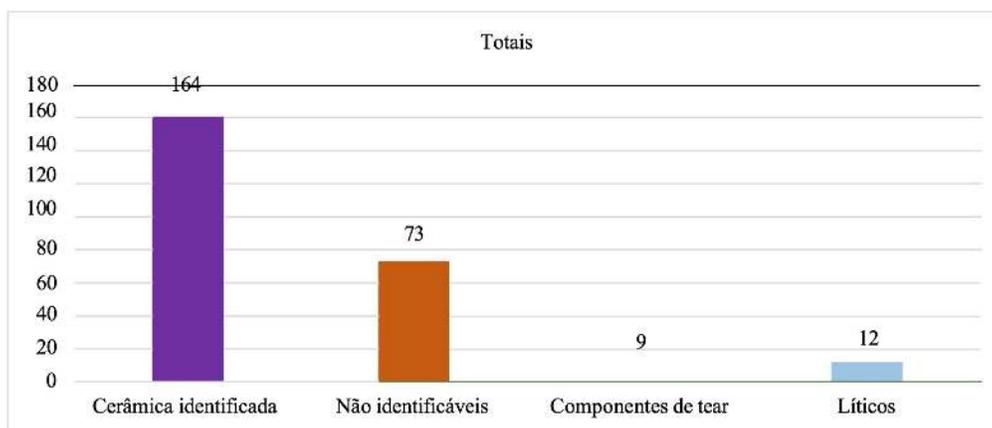


A [UE20] é também uma Unidade muito superficial na sequência estratigráfica, tendo sido ainda bastante afetada pelos trabalhos da surriba. Porém, comparativamente com a Unidade antecedente, revelou uma quantidade substancialmente inferior tanto de material (cerâmicas e líticos) como de restos faunísticos, contendo apenas 32 fragmentos (Costa, 2013:99).

Dos três líticos encontrados, foram identificados restos de talhe, uma lasca de quartzo e um fragmento de percutor.

- [UE32]

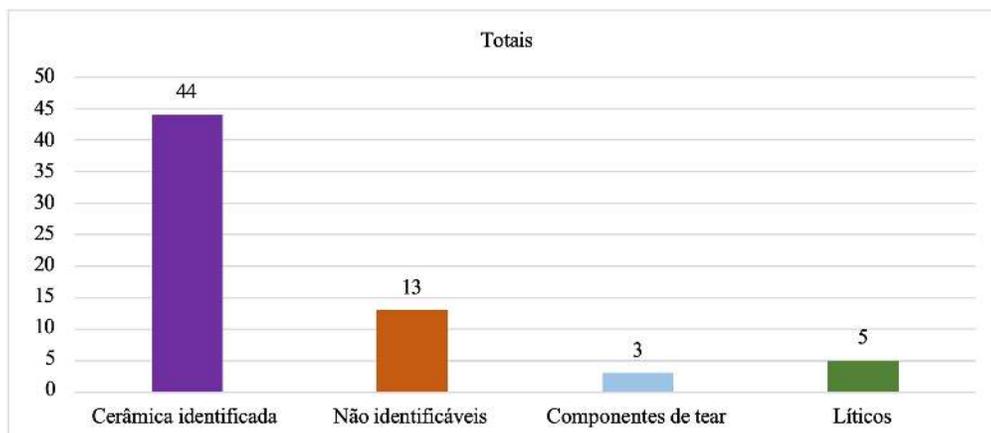
Gráfico 14. Totais de materiais da [UE32]



A [UE32] ainda se encontra na metade superior da colmatção do Fosso e forneceu uma quantidade elevada tanto de cerâmica e líticos como de restos faunísticos (762 fragmentos) (Idem, Ibidem). De realçar, que foi também nesta Unidade que se registou uma das maiores percentagens de líticos, tendo sido identificados alguns fragmentos e restos de talhe em xisto, uma lâmina em material silicioso, líticos indeterminados, dois percutores, alguns seixos e mais uma tampa em xisto.

- [UE37]

Gráfico 15. Totais de materiais da [UE37]

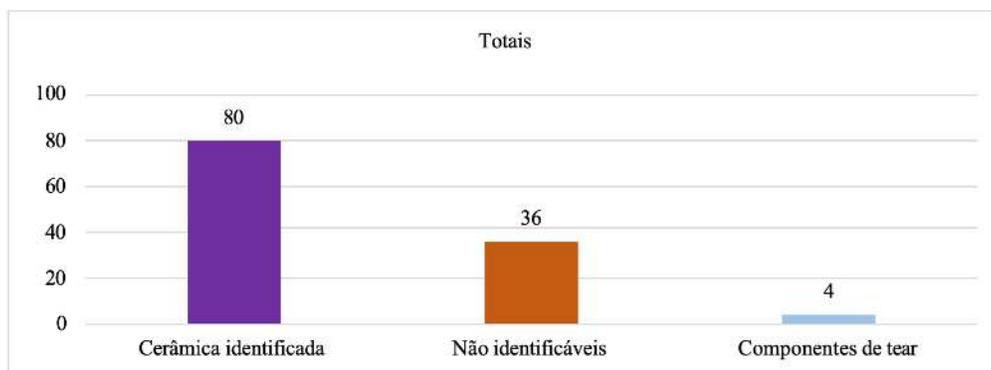


A [UE37] demonstra a sua relevância, tendo em conta a quantidade de líticos que se encontraram, a mais elevada dentro deste Fosso, marcando, aparentemente, uma divisão dentro desta tipologia, uma vez que a partir da [UE37] estes materiais diminuem ou mesmo desaparecem do registo de grande parte das Unidades Estratigráficas. Em termos faunísticos, forneceu 215 restos (Costa, 2013:99), contudo, é necessário ter em conta que se tratava de um “*depósito pouco espesso, o elevado número de restos dever-se-á à elevada percentagem de material com fractura recente*” (Idem, Ibidem: 98), o que acabou por permitir a sua multiplicação. Contudo, o mesmo não parece suceder na questão do espólio cerâmico.

Relativamente aos líticos, há a mencionar uma lasca de quartzo, um percutor, um resto de talhe e um seixo.

- [UE38]

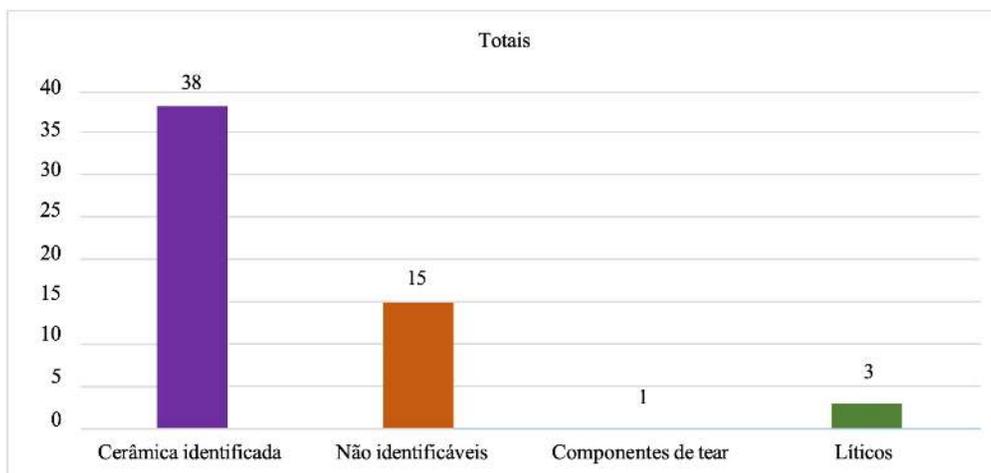
Gráfico 16. Totais de materiais da [UE17]



Relativamente à [UE38], é possível notar a completa ausência de líticos e a existência de um elevado número de fragmentos cerâmicos, dos quais não foi possível identificar a tipologia. Conjugando estes dados com as informações referentes aos restos faunísticos, verificamos que estamos perante uma das Unidades Estratigráficas com mais material recolhido (350 fragmentos) (Idem, Ibidem).

- [UE58]

Gráfico 17. Totais de materiais da [UE58]



A [UE58], contrariamente ao que poderia ser esperado face à deposição intencional identificada, não é das Unidades que forneceram mais material arqueológico, quer sejam cerâmicas e líticos como também fauna, não chegando sequer à centena de ossos (Idem, Ibidem). Porém, isto não diminui a importância desta camada. Estamos perante o meio da sequência de colmatagem do Fosso 3 e, ao contrário do que ocorre nas Unidades sobrejacentes, o número de ossos com fratura recente ocorrida durante o processo de escavação revela-se substantivamente menor que o número de ossos que apresentavam fraturas antigas (Idem, Ibidem). Foi também nesta Unidade que se detetou, num pequeno nicho, um resto de crânio humano. Além disto, foram também identificados os únicos restos faunísticos inteiros e dois crânios de cão depositados (Figura 5 - Anexos I) numa zona sem materiais (Valera,2008).

Em termos de líticos, os únicos identificados foram os seixos que compõem a possível deposição intencional (Figura 4 - Anexos I).

- [UE60]

Gráfico 18. Totais de materiais da [UE60]

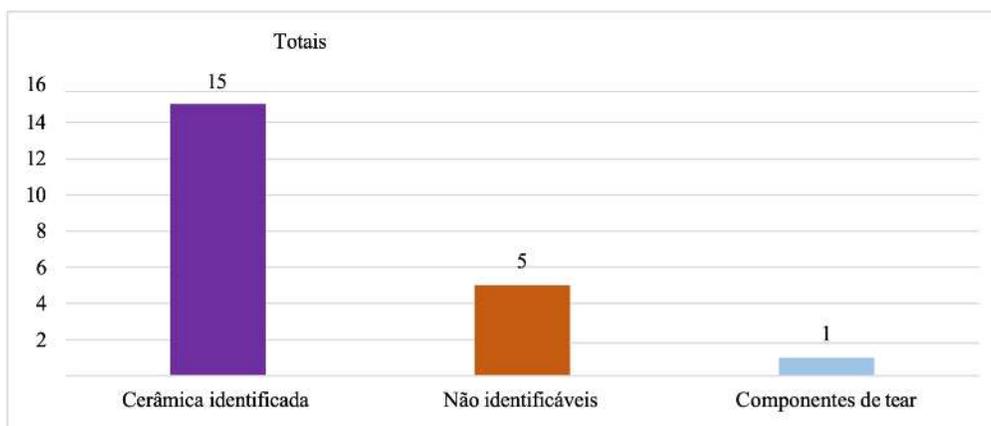


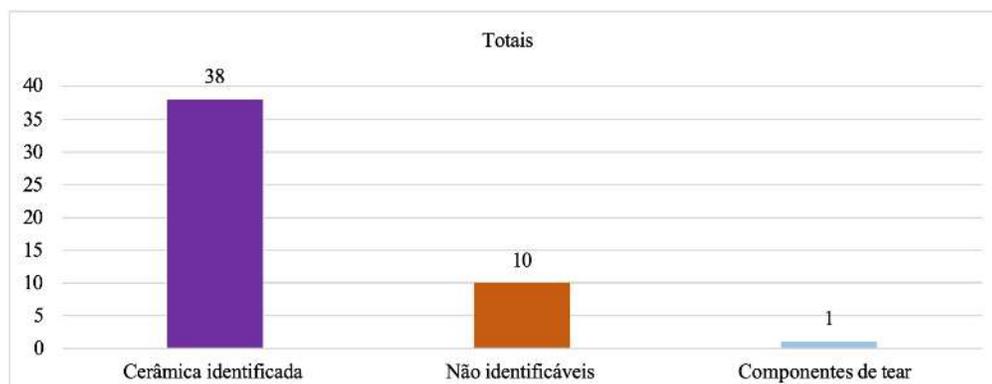
Gráfico 18: Totais de materiais da [UE60]

A [UE60] comprova a tendência para o desaparecimento dos elementos líticos na parte inferior do Fosso,

bem como para uma diminuição de vestígios de componentes de tear e de restos faunísticos, com apenas 23 ossos identificados (Idem, Ibidem).

- [UE67]

Gráfico 19. Totais de materiais da [UE67]



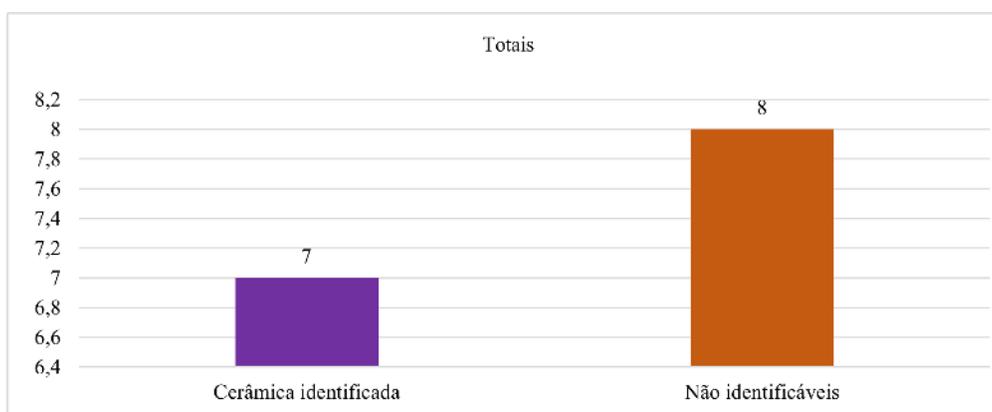
Pouco há a referir sobre a [UE67], apenas que se mantém a dinâmica que foi verificada nas camadas da segunda metade do enchimento do Fosso, ou seja, a inexistência de líticos e a diminuição substancial de restos faunísticos (35) (Idem, Ibidem), que já se tinha verificado na Unidade [UE60], o que nos remete para dois momentos distintos de deposição no Fosso (Idem, Ibidem).

- [UE71]

Não foi identificado nenhum tipo de espólio cerâmico ou lítico, apenas 18 restos ósseos de fauna (Idem, Ibidem).

- [UE75]

Gráfico 20. Totais de materiais da [UE75]

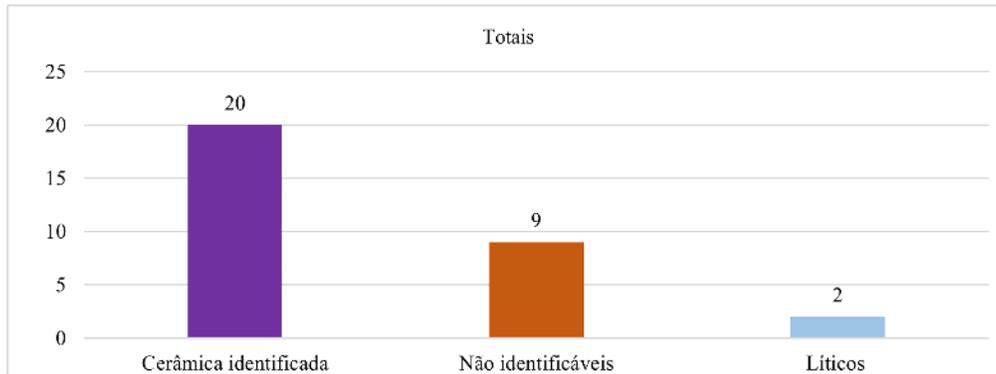


O gráfico 20 demonstra que a [UE75] foi uma das camadas de colmatação que menos materiais forneceu, desde cerâmicas a faunas, que totalizam apenas 9 fragmentos ósseos (Costa, 2013:99), com a completa

ausência de líticos e componentes de tear. Além destas dinâmicas, é possível verificar que dos poucos materiais recolhidos, a maioria não foi possível de identificar, realidade que ainda não tinha sucedido em mais nenhuma Unidade Estratigráfica.

- [UE82]

Gráfico 21. Totais de materiais da [UE82]



A [UE82] prossegue a linha de deposição típica daquilo que podemos chamar o 1º momento de deposição, seguindo uma leitura de baixo para cima, correspondendo à sequência deposicional natural. Menos restos faunísticos, com apenas 18 fragmentos, poucos fragmentos cerâmicos e líticos (Idem, Ibidem).

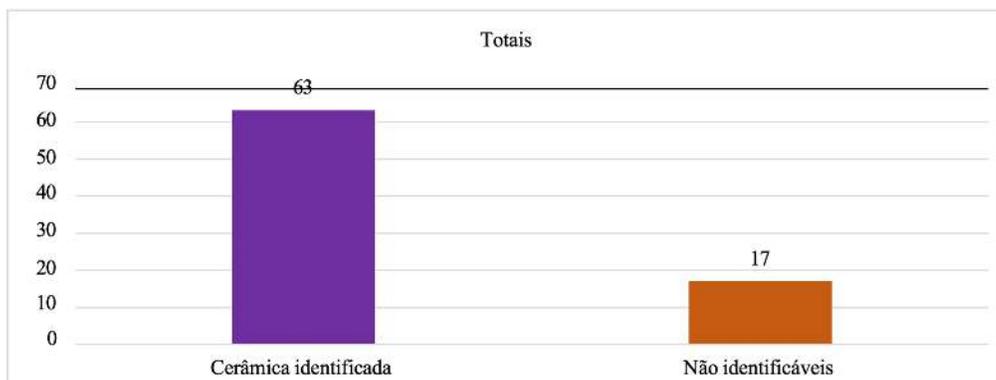
Após a ausência de líticos nas Camadas acima da [UE82], foram encontrados somente dois líticos, ambos em xisto, uma bigorna e uma tampa.

- [UE83]

Não é necessário apresentar um gráfico para explicar a situação encontrada em termos de materiais desta Unidade Estratigráfica, pois apenas foi identificado um fragmento de cerâmica não identificável e dois restos faunísticos (Costa, 2013:100).

- [UE84]

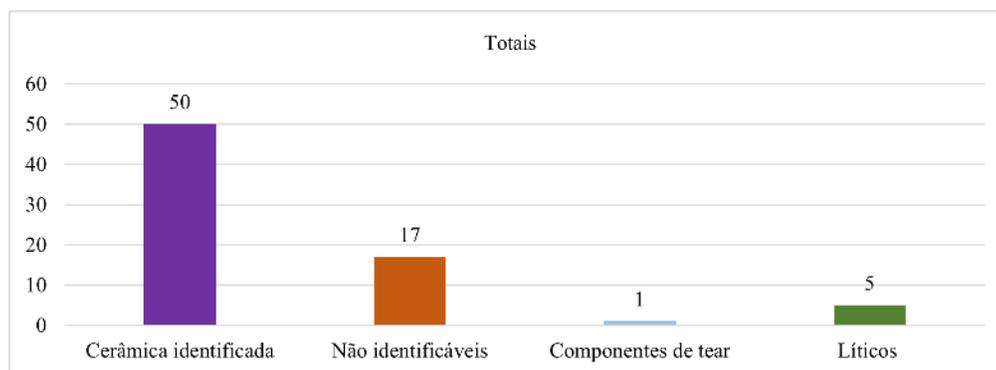
Gráfico 22. Totais de materiais da [UE84]



A [UE84] revelou uma quantidade significativa de fragmentos cerâmicos identificáveis e não identificáveis, balançando ainda com um número elevado de restos faunísticos quando comparado com as Unidades da parte de baixo do Fosso, 61 restos (Idem, Ibidem). De carácter excecional, a mencionar o fragmento cerâmico de cerâmica simbólica (tipologia 6.6.5) (Ver Anexo IV).

- [UE92]

Gráfico 23. Totais de materiais da [UE92]

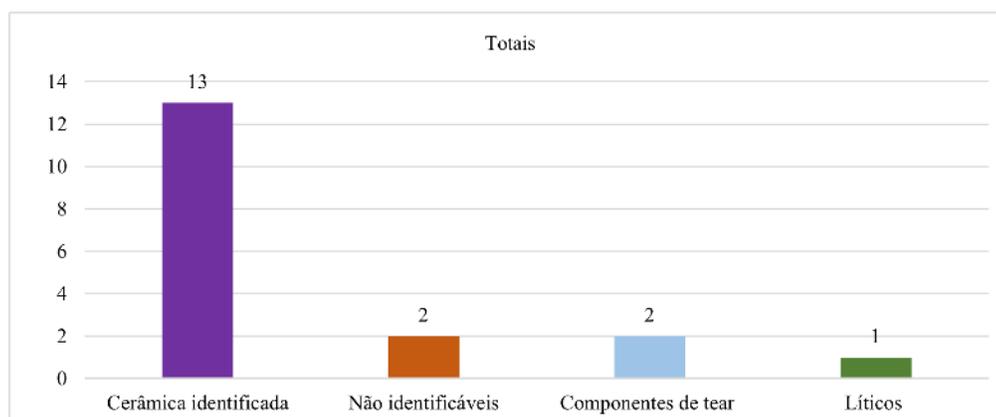


Esta unidade continha todo o tipo de material, desde fragmentos cerâmicos aos líticos e componentes de tear, que tiveram uma diminuição substancial da sua presença após a [UE58], com pequenas presenças na [UE60], [UE67] e [UE93]. Quanto a restos faunísticos, foram recolhidos cerca de 53 fragmentos (Idem, Ibidem). Foi identificado num fragmento de taça, incrustações possivelmente calcárias.

Foram identificados alguns restos de talhe, um percutor, um movente e uma lasca.

- [UE93]

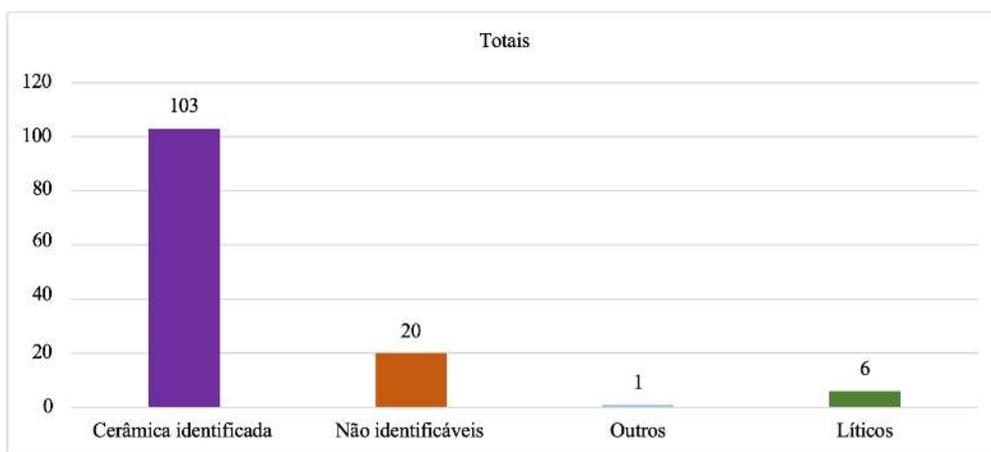
Gráfico 24. Totais de materiais da [UE93]



A [UE93] proporcionou poucos materiais, contudo, contou com a presença de todos os tipos, tendo sido recolhidos 10 restos de fauna (Idem, Ibidem). Esta Unidade demonstrou, mais uma vez, a dinâmica assistida nas restantes unidades do 1º momento deposicional, a diminuição drástica de espólio. O único lítico foi um importante machado de pedra polida.

- [UE94]

Gráfico 25. Totais de materiais da [UE94]



Esta unidade é sem dúvida a grande exceção em termos de espólio, relativo ao 1º momento de deposição. Apresentou um número relativamente superior de restos faunísticos, quase 150 (Idem, Ibidem), número bastante elevado face à sua dimensão e à localização no Fosso, contrariando totalmente o que apresentámos até agora, isto é, a tendência para a redução de materiais. Face ao restante espólio, também a realçar a grande quantidade de fragmentos cerâmicos identificáveis e o destaque para um Outro que foi identificado como fragmento de colher, único na coleção em estudo. À semelhança da [UE92], foram encontrados três fragmentos cerâmicos, com vestígios de incrustações calcárias.

Encontrados também alguns líticos indeterminados, uma tampa lítica, alguns restos de talhe e seixos.

- [UE99]

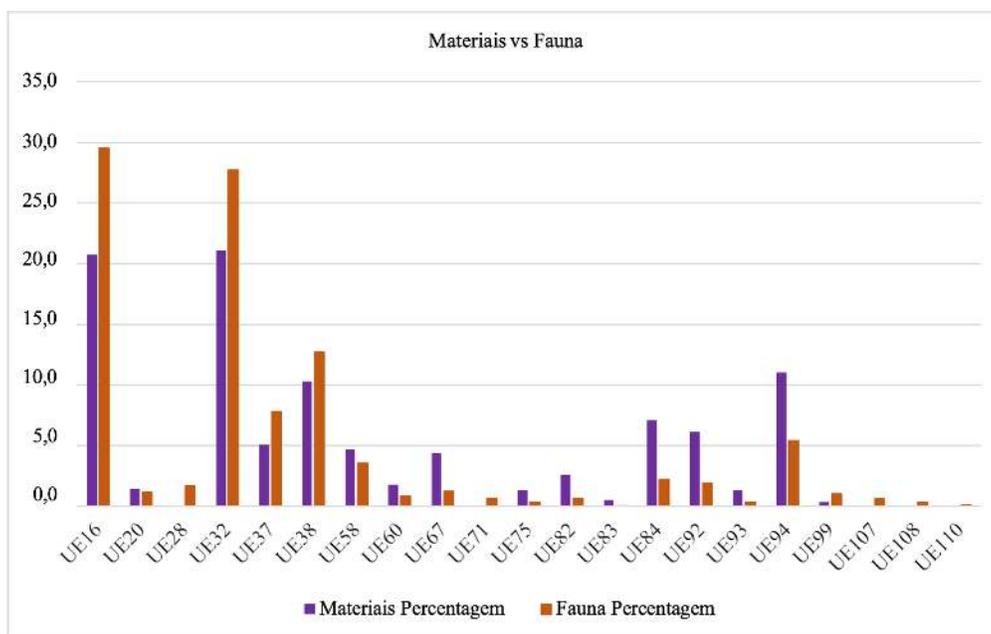
A Unidade Estratigráfica 99 permitiu recolher apenas 4 fragmentos cerâmicos com tipologias identificáveis e apenas 1 lítico. Foi a última Unidade na qual foi possível associar espólio cerâmico e lítico, apesar de existirem mais Unidades que formam a base do Fosso 3. Em termos faunísticos, na [UE99] foi possível recolher 28 restos faunísticos (Idem, Ibidem).

- [UE109]

Apenas identificados dois líticos, um fragmento de xisto e o imponente pico de xisto com incrustações calcárias.

Não são aqui referidas as Unidades Estratigráficas [UE107], [UE108] e [UE110], uma vez que não foi identificado nenhum material cerâmico ou lítico proveniente destas camadas finais. Contudo, foram recolhidos restos faunísticos, não de grandes significâncias, mas que ainda assim necessitam da sua menção. Deste modo, a referir os 17 fragmentos da [UE107], 10 fragmentos da [UE108] e 3 restos fragmentos ósseos da [UE110].

Gráfico 26. Relação materiais cerâmicos e fauna



É ao olharmos para os dados respeitantes a materiais cerâmicos e fauna no seu conjunto, que verificamos dinâmicas deposicionais das Unidades Estratigráficas. É possível verificar, através do que se encontra apresentado no Gráfico 26, que não existem grandes diferenças percentuais entre os materiais cerâmicos e as faunas ao longo da sequência estratigráfica.

Deste modo, assumimos que a proporção entre faunas e materiais cerâmicos é equilibrada, apesar de, obviamente, existirem algumas Unidades que apresentam mais materiais cerâmicos que fauna – realidade mais acentuada a partir da [UE58] e até à [UE94]. Porém, quando analisamos as Unidades de topo, a dinâmica é o oposto, com mais restos faunísticos do que materiais cerâmicos. Contudo, e voltando às Unidades de base do Fosso, verifica-se a completa ausência de materiais cerâmicos.

Em relação aos líticos, verifica-se uma baixa representatividade ao longo da colmatação do Fosso. Desta forma, podemos aqui dizer que a Camada Estratigráfica com maior quantidade líticos é a [UE16]. Seguidamente, as Unidades com maior número de líticos são as [UE32] e [UE37], com 12 e 13 líticos, respetivamente. A partir da Unidade que divide a sequência deposicional do Fosso em dois momentos – [UE58] – assiste-se a uma relativa diminuição da presença dos líticos, apenas com a [UE94] a destacar-se com 6 líticos. Apesar da descrição dos “tapetes de material” identificados durante a escavação, é quando os estudamos em pormenor, que verificamos a real dinâmica do enchimento do Fosso.

8.1 Fragmentação

Uma das grandes problemáticas que se pretende abordar neste estudo é a questão da fragmentação, a qual nos poderá ajudar a entender a intencionalidade (ou não) das deposições materiais.

Como mencionado no subcapítulo **2.2 Conceitos e Definições**, existem várias formas de olhar para a fragmentação, sendo uma questão que, em termos gerais, não parece ser consensual no estudo dos materiais deste período, uma vez que muitos autores não realizam estes estudos, por razões várias, e que não iremos debater. No nosso caso específico, e em virtude das perguntas para as quais queríamos obter algumas respostas, preferiu-se recorrer ao peso médio dos fragmentos. Pesaram-se todos os materiais estudados, desde bordos de tipologia identificável aos não identificáveis, carenas e pesos de tear, deixando-se de fora somente os líticos.

Infelizmente, não é possível apresentar os dados para os bojos, pois não possuímos a totalidade da informação necessária para a elaboração do peso médio dos fragmentos. Deste modo, iremos apenas focar-nos no nível de fragmentação dos bordos, com a apresentação dos dados nos dois momentos de deposições identificados no Fosso.

Tabela 1. 1º Momento de deposição

1º Momento de deposição: Unidade Estratigráfica 99-58	
Peso	Número de bordos
15179 gr	464 fragmentos
Total	
15179/464= 32 gr.	

Tabela 2. 2º Momento de deposição

2º Momento de deposição: Unidade Estratigráfica 58-16	
Peso	Número de bordos
11996gr.	651fragmentos
Total	
11996/651= 18 gr.	

Numa tentativa de compararmos os dois momentos/fases de utilização deste Fosso são necessário cruzarmos os dados. Para isso, realizámos uma pequena regra de três simples, transpondo os dados dos dois momentos:

- 1º momento: temos um total de 464 fragmentos que totalizam um peso de 15, 179kg. Dividindo estes dois valores temos um peso médio de 32 gramas por fragmento.
- 2º momento: neste caso, temos um total de 11,996kg para 651 fragmentos, o que dividindo os dois valores dá um peso médio de 18 gramas por fragmento.

A leitura conjunta destes dois momentos resulta nas seguintes hipóteses:

1. Para termos no 1º momento valores semelhantes aos do 2º momento, seria necessário ter 11,996 kg e existirem 366 fragmentos, com um peso médio de 32gr, como se apresenta na equação:

$$\begin{array}{r} 15,179\text{kg} - 464 \text{ fragmentos} \\ 11996 - \chi \end{array}$$

$$k = \frac{11996 \times 464}{15179} = \frac{5630814}{15179} = 366 \text{ fragmentos}$$

2. Para termos no 2º momento os valores do 1º momento, teria de existir 15,249 kg, e 823 fragmentos, com um peso médio por fragmento de 18gr, como se expressa na equação:

$$\chi = \frac{15179 \times 651}{11996} = \frac{9957597}{11996} = 823 \text{ fragmentos}$$

Analisando os dados existentes, verificamos que no 1º momento a fragmentação é menor, pois temos os fragmentos com um peso médio de 32gr, enquanto no 2º momento, o peso médio é de apenas 18gr.

De maneira a entendermos o comportamento destas fragmentações nos dois momentos, de forma mais individualizada, apresentamos os seguintes gráficos:

Gráfico 27. Peso médio dos fragmentos cerâmicos por UE no 1º momento de deposição

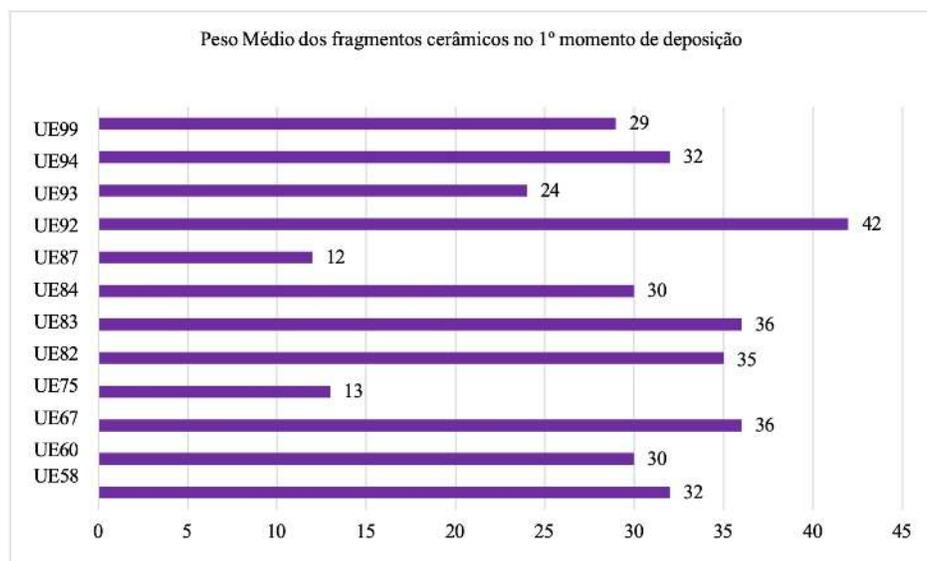
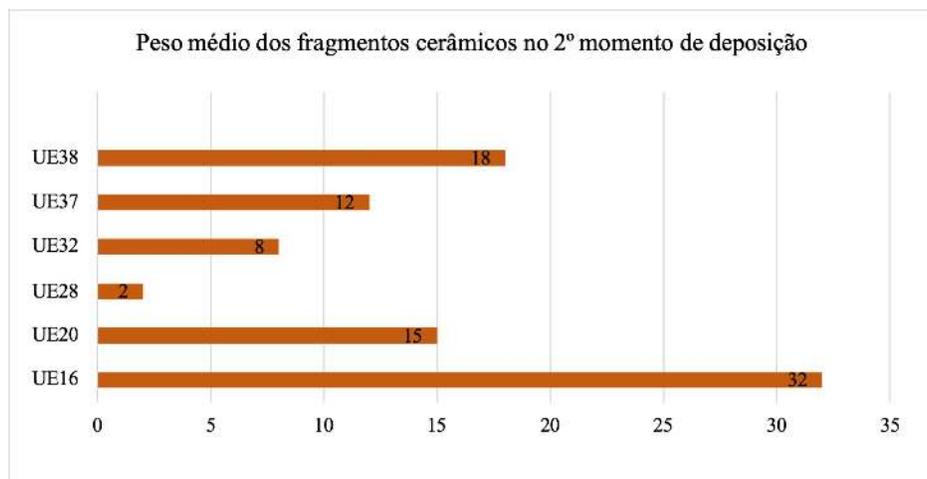


Gráfico 28. Peso médio dos fragmentos cerâmicos por UE no 2º momento de deposição



Ao analisar os dados aqui apresentados verifica-se, tal como seria de esperar, que os fragmentos no 1º momento apresentam um peso médio mais elevado e menos fragmentos, contrariamente ao que ocorre no 2º momento, no qual os fragmentos apresentam um peso médio menor e uma quantidade maior de fragmentos.

Contudo, apesar de se poder relacionar a maior percentagem de fragmentação com agentes exteriores – como é o caso de trabalhos agrícolas – ao olharmos detalhadamente para os pesos médios por Unidade Estratigráfica no 2º momento (Gráfico 28), verificamos que a Unidade de topo [UE16] é a que apresenta o maior peso médio de fragmentos, cerca de 32 gramas, sendo também uma das Unidades com maior número de fragmentos (225) e com o maior peso total deste momento (7150 gr). Podemos então supor que, por se tratar de uma Unidade mais superficial, a [UE16] terá mais fragmentos pela questão de transporte de materiais. Porém, poderemos aqui apresentar uma outra visão: por ser a Unidade de topo do fosso e face ao que descrevemos em capítulos anteriores, podemos estar perante uma tentativa de eliminar o fosso através de uma colmatação intencional. Deste modo, seria mais fácil a utilização de fragmentos cerâmicos maiores, servindo como uma espécie de tampa do mesmo.

Contudo, se observarmos outras realidades que ocorrem no Complexo, verificamos que são várias as estratégias de encerramento dos fossos, como acontece no fosso 8, no qual a colmatação final *“revela um deliberada deposição destes materiais, encerrando o enchimento do fosso. Também aqui os fragmentos eram de pequenas dimensões, não se tendo registado remontagens entre os fragmentos”* (Valera,2018:64). Verificamos aqui, que a escolha para encerrar o fosso foi de materiais de pequenas dimensões, enquanto no fosso 3, a escolha debruçou-se sobre materiais de dimensões maiores.

Ao olharmos para o 1º momento de deposição, sublinhamos a existência de menos materiais de maiores dimensões. As quantidades por Unidade estão já explanadas no **Capítulo 8**, mas ao lermos o Gráfico 27, verificamos que existem diferenças significativas entre Unidades, tal como acontece no 2º momento de deposição. Os pesos médios dos fragmentos variam substancialmente entre as Unidades, podendo demonstrar o reflexo da quantidade de fragmentos existente.

Reunindo toda a informação supradita, verificamos que existem dois momentos claramente distintos no que toca à utilização do fosso. Esta divisão ocorre não só devido à quantidade de materiais registados como também através das próprias dinâmicas entre as Unidades Estratigráficas.

Podemos marcar a [UE 58] como ponto divisório desta clara separação. Esta Unidade serve de marco, pois é a única que revela uma possível deposição intencional, composta pelo vaso de suporte rodeado de seixos rolados.

As unidades inferiores a esta apresentam espólio de maiores dimensões, pouco fragmentados e em reduzida quantidade, como é possível evidenciar pelos gráficos supra apresentados. As unidades superiores à [UE 58] revelam uma maior quantidade de material, mas também uma maior fragmentação. Este factor pode dever-se principalmente à forma do fosso (em V), que levaria a que as unidades de menores dimensões e mais fundas suportassem menor quantidade de material e, assim, quanto mais perto da superfície, mais área possível de preencher. Novamente, esta realidade transpõe-se para outros fossos, nos quais assistimos à sequência de depósitos que apresentam menos material, sendo intercalados por depósitos com grandes concentrações de materiais. António Valera, assume, assim, que este tipo de colmatações, tratam-se de colmatações intencionais, faseadas e periódicas, nas quais se observam as sucessivas deposições horizontais de concentrações de materiais (Valera,2018).

Uma questão importante a realçar, e que certamente levantará algumas dúvidas, é a não explicitação das fraturas nos materiais cerâmicos. Esta componente não foi analisada, o que poderia ter-nos ajudado na questão da fragmentação, entendendo que é um dos factores a considerar. Contudo, não se justificou recorrer a este método, por estarmos perante um ambiente mais seguro, com poucos remeximentos, à exceção da Unidade superior, não existindo grandes discrepâncias entre as Unidades em relação à quantidade de material.

8.2 Resultados e Discussão

A análise de todos os dados apresentados não se revela de toda tarefa simples. Pretendemos aqui, dar a resposta à pergunta de partida deste estudo “a compreensão do processo de enchimento do referido fosso, ou seja, pretende-se perceber se se trata de uma formação intencional ou de um acumular de detritos materiais de forma natural”, contudo, não sabemos se a mesma será aquilo que pensámos inicialmente- a deposição intencional dos materiais. Possivelmente, encerraremos esta discussão com mais questões do que aquelas que iniciámos, mas a verdade, e a única certeza que temos, é que esse é o caminho da investigação em Arqueologia, a constante dúvida e incerteza.

Retomemos então a grande questão: qual o tipo de preenchimento do Fosso 3 do Complexo Arqueológico dos Perdigões? Terá alguma intenção mais profunda, que nos leve a perceber algum tipo de comportamento ritualístico? É certo, que muitas vezes, os Arqueólogos, ao não saberem explicar um determinado comportamento, abrigam-se no conceito de ritual. Como já aludido, no **Capítulo 2**, ritual vai muito mais além do carácter votivo e religioso, remete-nos, também, para comportamentos repetitivos, que tenham algum tipo de sentido para quem os pratica.

Como mencionado, de forma a obter o maior número de respostas possíveis, foi essencial recorrer ao estudo de materiais provenientes do Fosso 3, tanto cerâmicas como líticos, contrapondo com os dados de fauna já previamente estudados e publicados por Cláudia Costa.

Tentemos aqui resumir e apresentar algumas considerações do nosso estudo.

Seguindo a linha de pensamentos abordada ao longo deste estudo, começemos por retomar a problemática dos Recintos de Fossos. Dos 53 Recintos de Fossos inventariados e publicados, apenas 12 sofreram trabalhos de escavação (nenhum deles integralmente), sendo eles, Montoito, Santa Vitória, Porto Torrão, Ponte da Azambuja, Monte das Cabeceiras 2, Horta do Paraíso, Juromenha 1, Águas Frias, Torre do Esporão, Bela Vista, Outeiro Alto 2 e, naturalmente, os Perdigões.

Uma percentagem ainda elevada de Recintos de Fossos intervencionados, se tivermos em conta a realidade de muitos trabalhos arqueológicos. Contudo, ao investigarmos um pouco mais a fundo sobre os trabalhos publicados, verificamos que existem poucos que tenham sido alvo de estudos de materiais. Deste modo, podemos mencionar, e de forma também a ser uma maneira de estabelecer paralelos a nível de materiais, alguns dos Recintos que têm este tipo de estudo publicado e divulgado.

Num projeto recente, e que começa agora a revelar dados importantes, o **Projeto SANVIT** (Basílio, *et. alli*, 2021), demonstrou que o Recinto de Fossos de Santa Vitória revelou um domínio para formas abertas simples, sobretudo pratos e taças, tal como acontece no caso do Fosso 3. A referir ainda a questão das taças carenadas que à semelhança do que acontece no Fosso 3, e nos dois Fossos intervencionados em Santa Vitória, é uma categoria pouco expressada. A presença reduzida dos elementos de tear é também semelhante ao que acontece no nosso caso de estudo. No que se refere à componente lítica, em ambos os Recintos há a presença de pedra talhada e pedra polida (Idem, *Ibidem*).

Ao lermos o trabalho feito por Célia Silva sobre a realidade de Monte das Cabeceiras 2, na sua dissertação de mestrado, verificamos que existem, e como já seria de esperar, formas semelhantes às nossas, sobretudo, dentro das formas abertas: pratos dentro da tipologia 1 e taças dentro da tipologia 2 (Silva, 2016). Ao contrário do que ocorre no Fosso 3, os dados que existem para Monte das Cabeceiras 2, não nos mencionam qualquer tipo de vestígio que se enquadre na categoria de taças carenadas, e apesar da pouca expressão no Fosso em estudo, é de notar a total ausência no caso do Monte das Cabeceiras 2. Além destes dados, mencionar que também o Recinto do Monte das Cabeceiras 2, apresenta a constante realidade do Sul Portugal – a escassa existência de cerâmica decorada e o predomínio para a decoração impressa e incisiva, tal como acontece nos fragmentos de cerâmica decorada que identificámos no nosso estudo (Almeida, *et. alli*, 2021). Em termos da componente lítica, há muitos paralelos, desde pedra talhada a pedra polida, moventes, seixos e bigornas (Silva, 2016). Nestes contextos estudados, as datações realizadas remetem para a 1ª metade do 3º milénio a.C., mais especificamente o 2º quartel, o que se relaciona com a datação do nosso Fosso 3, em estudo.

O sítio da Ponte da Azambuja, estudado por Filipa Rodrigues, tinha materiais cerâmicos praticamente

semelhantes aos do Fosso 3. Verificou-se mais uma vez, a sobreposição das formas abertas face às formas fechadas, com o destaque dos pratos e taças. Filipa Rodrigues, alerta-nos para o tipo de uso conectado a estas formas, associado, sobretudo, a consumos domésticos (Rodrigues, 2017). Esta investigadora discute ainda na sua tese, qual a verdadeira funcionalidade dos vasos de suporte, face à recolha de um exemplar, morfologicamente distinto do vaso de suporte dos Perdigões. Outra das diferenças a assinalar, é a presença de vasos de paredes retas, que não foram identificados no nosso caso. O sítio da Ponte da Azambuja, é sem dúvida, e dentro dos locais que se encontram em comparação, com a realidade do Fosso 3, o que apresenta mais diferenças. Uma das grandes diferenças, é a forte presença de taças carenadas – forte indicador para o Neolítico Final-, e que não tem praticamente expressão no que toca aos recipientes cerâmicos provenientes do Fosso 3 (Idem, Ibidem). A par destas dissimilaridades, revela-se constante a escassez de fragmentos com decoração e, quando existentes, expressam motivos incisos e impressos. No que diz respeito aos líticos, temos a ocorrência do mesmo tipo materiais.

A leitura que parece poder apreender-se através desta análise comparativa é que temos, no Neolítico final/ Calcolítico, um fundo material comum observável em todo o tipo de sítios, apesar de diferenças pontuais, desde Recintos de Fossos até aos povoados abertos e recintos amuralhados - mais conhecidos e até à data mais bem estudados e publicados.

Não assumimos aqui a posição que os Recintos de Fossos possuam meramente um carácter habitacional, até porque as áreas intervencionadas não nos permitem perceber a realidade da sua verdadeira organização interna, mas não negamos que também possam ter tido este tipo de função sendo assim um lugar agregador de comunidades nas suas diversas dimensões, desde funerária (atestado face aos variados restos ósseos humanos detetados neste tipo de estrutura, e que foram identificados, inclusive no Fosso 3) ao carácter doméstico, comprovado pelas cerâmicas de formas abertas simples, como os pratos e taças, das mais variadas subcategorias e os pesos de tear, que comprovam a existência de atividades produtivas, até a um possível carácter mais ligado ao mundo mágico-religioso, face à excecionalidade de alguns dos materiais existentes e que têm sido constantemente publicados e estudados, sobretudo no que toca ao caso do Complexo Arqueológico dos Perdigões.

Porém, há muitos paralelos a estabelecer para outras realidades, que se revelam tão distintas, como é o caso dos povoados abertos e recintos fortificados/amuralhados, com arquiteturas tão distintas, mas que analisados ao pormenor apresentam bastantes semelhanças. Semelhanças não só a nível material, mas, também, em algumas estratégias de implantação, ficando este assunto para outro tipo de estudos, pois acaba por fugir ao que é aqui pretendido. Foquemo-nos apenas nas semelhanças materiais, que já demonstram possíveis redes de contacto e uma cultura bastante enraizada em todo o tipo de assentamentos e lugares, independente da sua arquitetura e da sua funcionalidade.

Deste modo, e para nos servir como base de exemplo, decidimos escolher como fonte de comparação sítios mais conhecidos e estudados da região em torno do Complexo do Arqueológico dos Perdigões, dois deles amuralhados e o outro povoado aberto. Falamos assim de sítios como o povoado do Porto das Carretas (Soares, 2013), o povoado de São Pedro (Costeira, 2017) e o recinto do Monte do Tosco 1 (Valera, 2013).

Em relação ao conjunto das cerâmicas, regista-se no Porto das Carretas o “*reportório morfológico característico do Calcolítico do Sudoeste*” (Soares, 2013: 283), contando com a presença dos conhecidos e já falados pratos de bordo almendrado, taças de bordos simples e de bordo espessado, com morfologias bastante semelhantes aos pratos e taças estudados. Esta realidade está também presente nos materiais da 1ª fase de ocupação do Monte do Tosco 1 (Valera, 2013), onde mais uma vez, existe um predomínio claro das formas abertas sob as formas fechadas, com o domínio das taças, seguidas dos pratos e por último das tigelas. Já na realidade das formas fechadas, a sua representação é dada através dos recipientes globulares e esféricos, tal como no Fosso 3. Já no caso do povoado de São Pedro, em que se repetem estes padrões gerais, com uma preponderância de formas abertas face às formas fechadas, temos uma situação inversa, quando analisamos a categoria de formas abertas. (Costeira, 2017).

Dentro da cerâmica falar ainda de uma realidade, bem presente nestes períodos, as taças carenadas da qual podemos dizer e de forma sucinta, que Porto das Carretas segue a tendência existente no Fosso 3, a

praticamente inexistência deste tipo de recipientes cerâmicos (Soares, 2013), caso semelhante acontece em Monte do Tosco 1, o que nos atesta a cronologia dos sítios já para o Calcolítico, e com menos expressão para Neolítico Final. Contrariamente temos São Pedro, no qual se identificou uma percentagem considerável de recipientes carenados, atestando a presença consolidada para o Neolítico Final (Costeira, 2017).

Em relação aos elementos de tear, tanto o Porto das Carretas como o Monte do Tosco 1 forneceram um conjunto muito reduzido de peças, constituído tanto por placas como por crescentes (Soares, 2013, Valera, 2013). Já no caso de S. Pedro, o elevado número de peças recolhidas permitiu a Catarina Costeira elaborar um trabalho exaustivo sobre os componentes de tear (Costeira, 2017). Neste domínio, as diferenças existentes entre o povoado de S. Pedro e os restantes aqui analisados parecem remeter para uma especificidade tecnológica do primeiro face aos restantes, sendo que, mais uma vez, no caso dos Perdigões não podemos tomar a parte pelo todo. Contudo, os elementos de tear têm tendência a estar bem representados em vários sítios arqueológicos enquadrados entre o final do 4º e início do 3º milénio a.C. (Idem, *Ibidem*).

O caso das cerâmicas decoradas é, em relação ao Fosso 3 dos Perdigões (apenas) o que pode apresentar mais dissemelhanças, uma vez que neste universo restrito não foram identificados os campaniformes do Porto das Carretas (Soares, 2013). Monte do Tosco 1 segue, mais uma vez, a tendência do Calcolítico do Sul de Portugal, com pouca representatividade de peças decoradas - apenas 7 casos identificados (Valera, 2013). Em termos de técnicas decorativas, novamente o domínio de incisões e impressões, mas também caneluras (que ocorrem também no Fosso 3, mas apenas num fragmento, como já mencionado), dentro dos padrões de decoração há a sublinhar os pontilhados e triângulos - típicos das cerâmicas de cariz simbólico (Idem, *Ibidem*). Também o povoado de S. Pedro apresenta uma reduzida presença de fragmentos decorados, com destaque para a decoração incisa, seguida da impressão. A utilização de pasta branca expressa-se numa clara associação nos motivos triangulares e pontilhados - cerâmica simbólica.

Dentro da categoria das cerâmicas registamos ainda, nos sítios em análise, outras presenças/ ausências, como é o caso das colheres, presentes em Porto das Carretas, S. Pedro e Monte Tosco 1 e com um exemplar no Fosso 3 (Soares, 2013; Valera, 2013; Costeira, 2017) e outros fragmentos no povoado de S. Pedro, que se interpretam como queijeiras, ausentes no Fosso 3, mas que ainda precisam de alguns estudos mais aprofundados, face às dúvidas que existem sobre a sua funcionalidade (Costeira, 2017).

No que toca ao espólio lítico, no Porto das Carretas, segundo Joaquina Soares, este era pouco numeroso, sendo a existência de indústria lítica em sílex rara, destacando-se a produção de expeditos a partir de seixos rolados (Silva & Soares, 2002). Curiosamente, Monte do Tosco 1, relativamente ao espólio lítico, forneceu somente 151 peças (algumas pontas de seta, lâminas, núcleos e poucos instrumentos de pedra polida), pouco mais dos que se recolheram no Fosso 3 dos Perdigões (Valera, 2013). Por fim, falamos dos líticos do povoado de São Pedro, que contrariam a tendência recorrente dos anteriores, com uma boa coleção de líticos, desde pedra lascada a pedra polida (Costeira, 2017).

Em termos de datações, verificamos, contudo, que apesar de todos terem um período de ocupação similar ao do Fosso 3, alguns têm um período de ocupação mais alargado do que outros. As datações obtidas para o Porto das Carretas remetem-nos para o Calcolítico pleno (1ª metade do 3º milénio a.C), a mesma cronologia do Fosso 3. Porém, foi ainda identificada, uma segunda fase de ocupação do povoado, já enquadrado no Horizonte Campaniforme, correspondendo à segunda metade do 3º milénio a.C. (Soares, 2013). Também o Monte do Tosco 1 possui uma datação dentro do Calcolítico pleno, numa primeira fase e segunda fase, com uma reocupação já na fase de transição para a Idade do Bronze (Valera, 2013). No caso do povoado de São Pedro, parece existir uma diacronia temporal bastante complexa, uma vez que as datações realizadas permitiram enquadrar o sítio, com várias fases de ocupação, compreendidas entre o 4º milénio e 3º milénio a.C. (Costeira, 2017).

Além de todas as semelhanças em termos de existência material, há um padrão notório, em questão de ausências, com exceção de São Pedro. Como sabemos, as sociedades do 3º milénio a.C., passam por diversas modificações nos seus padrões de vivência, sendo que umas dessas alterações, comparativamente com as sociedades anteriores, é o desinvestimento na indústria lítica. Não se dá o total desaparecimento, mas a introdução da metalurgia acelera este processo. Assim, apesar do claro desinvestimento em algumas

parcelas da vida destas comunidades, nomeadamente na questão da pedra polida no que toca a contextos funerários, verifica-se que as mesmas ainda estão presentes em locais de natureza habitacional (Valera, 2013), podendo ainda ser objetos essenciais para o normal fluir do dia-da-dia destas sociedades. Em termos de pedra lascada, a grande fatia dos nossos materiais líticos continua a ser presença bastante assídua em praticamente todos os locais em estudo.

A análise comparativa anteriormente realizada permitiu-nos perceber que existe um fundo material comum presente em diferentes tipos de sítios, mas que coexistem em termos temporais e físicos. Contudo, e deixamos aqui a ressalva que, o contexto analisado trata-se de uma contexto fechado e redutor de toda a realidade existente no Complexo Arqueológico dos Perdigões, tendo sido comparado com realidades que se encontram amplamente escavadas. Porém, foi possível notar, e que apesar de se tratar de uma pequena escala comparada com escalas de maiores dimensões, as semelhanças são notórias, e que este tipo de estudos comparativos, nos permite elaborar algumas teorias e colocar novas questões. Mas voltemos então, a uma das grandes problemáticas que surgiu ao longo deste estudo o que se passa com os Recintos de Fossos.

O estudo dos Recintos de Fossos tem sofrido um aumento exponencial nos últimos anos em termos de investigação. São sítios por natureza bastante complexos, também porque se apresentam, em regra, em melhor estado de conservação que os abertos e/ou amuralhados, existindo uma abertura interpretativa bastante diversa, entre os investigadores que se dedicam a esta temática. Uma das grandes interpretações, que tem ganho força entre os mais diversos autores, é a questão do enchimento destas estruturas, de forma intencional, premeditada, e até mesmo simbólica/ritual (Márquez Romero, 2015). Se assumirmos, e face ao apresentado já no Capítulo 2, que não se desassocia o quotidiano do ritual/simbólico, assume-se assim, que a funcionalidade deste tipo de estruturas seria revestida de gestos simbólicos, desde a escavação da estrutura (nomeadamente com a presença do pico de xisto identificado, que revelou marcas de uso e que poderia demonstrar, a forma como o Fosso foi escavado), à sua utilização e, por fim, ao seu encerramento funcional. Nenhuma deposição/ enchimento é igual, pelo que, os depósitos apresentam-se muito diversificados, com diferentes materiais a preenchê-los, mas todos com uma característica em comum: materiais fragmentados, dispersos, dificultando padrões de intencionalidade na sua colmatação. Há autores que admitem que a presença de fragmentos em conexão, ou de peças inteiras, poderão representar deposições estruturadas/intencionais, assumindo-se que as estruturas negativas seriam construídas para comportarem este tipo de deposições (Mataloto & Costeira, 2016). Por sua vez, para autores como Brück ou Garrow, a existência de fragmentos inseridos na mesma tipologia, sem revelarem a intenção de deposição, podem apenas refletir ações de limpeza e de descarte de materiais, resultando de atividades do quotidiano e não de ações rituais/simbólicas (Brück, 1999; Garrow, et al., 2005; Costeira, 2017). Contudo, não é só de materiais cerâmicos que as deposições estruturadas se constituem, sendo também, perceptíveis através da fauna.

Um dos exemplos máximos de deposições estruturadas, seja de materiais cerâmicos ou de fauna, é a Fossa 50 do Complexo Arqueológico dos Perdigões, realidade que, comparada com o que acontece no Fosso 3, se revela bastante dispar. A Fossa 50 revelou além da fauna em conexão, nomeadamente vertebrae de *Ovis/Capra*, a identificação de alguns chifres de *Capra* que revelam marcas de remoção do crânio, além disto recolheram-se ainda, extremidades apendiculares também de Caprinos, em ligação anatómica (Valera, et. alii, 2020), o que não ocorre no Fosso 3. Segundo o estudo de Cláudia Costa, não existia nenhuma fauna em conexão anatómica e a fauna recolhida encontrava-se com algum nível de fragmentação. Além da fauna, podemos ainda referir que os materiais cerâmicos provenientes da Fossa 50, em termos de tipologia, eram bastante semelhantes aos do Fosso 3, assim como nos elementos líticos a realidade é bastante semelhante também, com pouca amostragem lítica.

Deste modo, conjugando todos estes factores, chegamos ao ponto de tentar responder à pergunta que motivou a elaboração deste estudo: será o preenchimento do Fosso 3 uma deposição estruturada?

A verdade, é que é difícil afirmar com toda a certeza que o preenchimento corresponde a pressupostos intencionais, vocacionados para uma perspetiva mais ritualística. É certo que existe uma deposição intencional, já anteriormente identificada e estudada, mas não parece ser suficiente para transpor ao todo do Fosso 3. A fauna encontrava-se desarticulada e fragmentada, à exceção dos crânios de cão, acontecendo

o mesmo na cerâmica, não apresentando a colmatação do fosso nenhum padrão. Apesar da presença de restos ósseos humanos, estes resumiram-se a dois fragmentos, um fragmento de rádio encontrada na [UE94] e um fragmento de crânio na [UE58]. O fragmento de rádio não revelou qualquer tipo de excecionalidade face às características do depósito, anteriormente descrito. Por sua vez, o pequeno fragmento de crânio, por se encontrar na Unidade na qual se identificou a suposta deposição intencional e por se localizar num pequeno nicho, junto à parede do Fosso, obteve uma atenção maior aquando dos estudos dos restos ósseos (Valera & Godinho, 2010), mas não nos parece representar uma amostragem suficiente para que nos leve a leitura mais aprofundada. Sabemos que os enterramentos de restos humanos, em Fossos, como existe nos Perdigões, podem ajudar a documentar um carácter simbólico e ritualizado, constituindo-se mais como uma expressão complexa das práticas funerárias das sociedades do 3^o milénio a.C., mas não é o caso deste.

Em suma, é certo que o Fosso 3 se enquadra nas dinâmicas complexas e variáveis do Complexo dos Perdigões, onde os comportamentos do quotidiano poderiam estar assentes em valores simbólicos e que ao ler isoladamente os dados já estudados do Fosso 3, o primeiro pensamento levar-nos-á para uma colmatação recheada de deposições intencionais, profundamente estruturadas, pensadas e recheadas de sentido, também é verdade que ao lermos os dados em conjunto, verificamos que assumirmos essa posição é mais difícil. Em termos de materiais cerâmicos, existe uma grande variação, com o foco para as formas abertas, sobretudo, pratos e taças, desde bordos simples a bordos espessados (típicos do Calcolítico), mas não foi identificado nenhum material cerâmico inteiro, e apesar de terem sido identificados fragmentos pequenos associados aos grandes recipientes globulares e esféricos, que estão frequentemente associadas às deposições intencionais, no nosso caso o mesmo não acontece.

Da análise realizada ao longo deste trabalho e através da comparação com os dados disponíveis para outros sítios similares e/ou contemporâneos, parece-nos evidente que o Fosso 3 teve claramente um enchimento antrópico com, nalguns casos, a escolha deliberada de alguns materiais, como é o caso do vaso de suporte na [UE58], os fragmentos de cerâmica simbólica, um dos picos de xisto que poderão ter sido a ferramenta de abertura do próprio Fosso, os crânios de cão e as “mantas” de materiais dispostas horizontalmente em camadas sucessivas. Serão deposições intencionais, estruturadas, pensadas e rituais, caso concordemos com o pensamento que é impossível dissociar a vida quotidiana do mundo ritual/simbólico. Contudo, como se referiu, não podemos deixar de notar a existência (ou o seu uso), num determinado período de tempo, como canal de escoamento, o que pode ter alterado alguma da estratigrafia por arrasto.

O Complexo Arqueológico dos Perdigões é, hoje, um dos Recintos de Fossos - apesar de redutor este termo para a realidade que conhecemos e face ao que tem sido escrito e publicado ultimamente - com mais estudos, mas que ainda nos suscita tantas interrogações e nos coloca tantas inquietações. Os 25 anos de estudos são claramente um marco e um exemplo para outros locais deste género. Almejamos que este estudo seja mais um contributo para entendermos mais uma ínfima parte de um mundo ainda infinito, entender as dinâmicas, crenças e sentidos das comunidades Calcolíticas do Sul de Portugal.

9. Bibliografia

- ALBERGARIA, J. & MELRO, S. 2013. Ocupação proto-histórica na margem esquerda do Guadiana, EDIA, S.A, Beja;
- ALEGRIA, A; DIAS, C.M. 2007. “A anta Grande do zambujeiro na memória do arqueólogo Henrique Leonor Pina”. *Boletim*. Museu Évora;
- ALMEIDA, F. 2013. Testemunhos do Paleolítico no regolfo de Alqueva, EDIA, S.A, Beja;
- ALMEIDA, N., BASÍLIO, A.C, SILVA, C., MONGE SOARES, A.M., BORGES, N.]ALMEIDA, N., BASÍLIO, A.C, SILVA, C., MONGE SOARES, A.M., BORGES, N. 2021. “Faunal Remains manipulation during the Chalcolithic in Pits 13, 16 and 54 from Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Southern Portugal)”. *Zephyrus*, 88, p.41-64;
- ANTUNES, A.I.M. 2006. “Rochas Granitoides da Zona de Ossa-Morena: magmatismo, geodinâmica e reconstituição geo-histórica”, Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro;
- ARÁUJO, A.C. & ALMEIDA, F. Barca do Xerez de Baixo: um testemunho invulgar das últimas comunidades de caçadores-recoletores do Alentejo interior, EDIA, S.A, Beja;
- ARNAUD, J.M. 1982. “O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular”. *Arqueologia*. 6. p. 48-64;
- BAPTISTA, A.M. & SANTOS, A.T. 2013. A arte rupestre do Guadiana português na área de influência do Alqueva, EDIA, S.A, Beja;
- BARBOSA, M.H.L. 2015. “O Contributo do Material Cerâmico do Crasto de Palheiros para o entendimento de processos de uso e construção do Talude e Plataforma Inferior”, Dissertação de Mestrado, Universidade de Porto, Porto;
- BARKER, P.1982. *Techniques of Archaeological Excavation*, 2ª edição, Batsford, Londres ;
- BASÍLIO, A.C.2018. “Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C. nos Perdigões: Continuidades e descontinuidades”, Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve, Faro;
- BASÍLIO, A. C.; ALMEIDA, N. J.; VALERA, A.C. 2021. “O Recinto de Fossos de Santa Vitória (Campo Maior): Trabalhos de 2019 e 2020 (Projecto SANVIT)”. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 15, p. 09-29.
- BASTOS, B. 2013. “Potencial of lipid analysis on prehistoric Portuguese pottery. Dissertação de Mestrado,” Bradford University, Bradford;
- BELL, C. 1997. *Ritual Perspectives and Dimensions*, Oxford University Press, Oxford;
- BOTELHO I. 1996. “Dos cacos e dos vasos. O “Castelo Velho” de Freixo de Numão, na charneira do IIIº / IIº mil. a.C. Contributo para o estudo da cerâmica pré-histórica de Castelo Velho”. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto;
- BOAVENTURA, R., & MATALOTO, R. 2013. “Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16, p. 81-101;
- BRADLEY, R. 2003. “A life less ordinary: the ritualization of the domestic sphere in later prehistoric Europe”, *Cambridge Archaeological Journal*, p.5-23;
- BRÜCK, J. 1999. “Ritual and rationality: some problems of interpretation in European Archaeology”, *European Journal of Archaeology*, 2/3, p. 313-344;
- BRÜCK, J. 1999. “Houses, Lifecycles and Deposition on Middle Bronze Age Settlements in Southern England” *Proceedings of the Prehistoric Society*, 65, p. 245 –278;
- CABAÇO, N. 2009. “Restos faunísticos em contexto funerário nos Perdigões, Reguengos de Monsaraz (Sepulcros 1 e 2)”, Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar.
- CALADO, M. 2004. “Menires do Alentejo Central- Génese e evolução da paisagem megalítica regional”, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa;
- CALADO, M, BARRADAS, M & MATALOTO, R. 1999. “Povoamento Proto-histórico do Alentejo Central”. *Revista de Guimarães*. Vol.I, p. 363-386;

CALADO, M. & ROCHA, L. 2007. “As Primeiras Sociedades Camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento”, in CERRILLOCUENCA, E. & ALADÉSSIERRA, J.M (eds) *Los Primeros Campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*. Cáceres: Museo, p.29-46;

CARDOSO, J. L.2003. “Ainda sobre os impropriamente chamados ‘Ídolos de Cornos’ do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste”. *Al-Madan*, 12, p. 77-79;

CARVALHOSA, A. & ZBYSZEWSKI, G. 1991. Notícia explicativa da folha 40-B: Reguengos de Monsaraz, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa;

CHAPMAN, J. 2000. *Fragmentation in Archaeology. People, places and broken objects in the prehistory of the South Eastern Europe*, New York Routledge, London;

CHAPMAN, J. & GAYDARSKA, B. 2007. “Parts and Wholes. Fragmentation in Prehistoric context”, Oxbow Books, Oxford;

COSTA, C. 2010. “Os restos faunísticos de animais vertebrados do Sector 1 dos Perdigões (fossas e fossos 3 e 4)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6, p.53-74; COSTA, C. 2013. “Tafonomia em contexto pré-histórico. A zooarqueologia como recurso para a compreensão das “estruturas em negativo” da Pré-História Recente, Tese de Doutoramento, Universidade do Algarve, Faro;

COSTEIRA, C. 2017. “No 3º milénio a.n.e., e o sítio de São Pedro e as dinâmicas de povoamento no Alentejo Média”, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa;

CUNHA, C.M.S. 2015. “Crossing the river the dental morphology of the chalcolithic populations in the middle Guadiana”, Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra;

DANIELSON, R., MENDES, P.M. 2013 “Pollen analysis of Late Neolithic ditch deposits from the Perdigões archaeological site”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, p.13-20;

DIAS, A. C. 1996. “Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa Vitória”. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto;

DIAS, S., & FIGUEIREDO, M. 2009. “Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos e antropológicos do Monte do Pombal 1”, *Era, Arqueologia*; EDIA, S.A;

DINIZ, M. & CALADO, M. 199. “O povoado neolítico da Valada do Mato Évora, Portugal) e as origens do megalitismo alentejano”. *Actas do II Congreso de Arqueología Peninsular*,2, p. 23-31.

DUARTE, I. 2002. “Solos Residuais de Rochas Granitóides a Sul do Tejo: Características Geológicas e Geotécnicas”, Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora;

DUARTE, C., EVANGELISYA, L., LAGO, M., VALENTE, M.J, & VALERA, A.C. 2006. “Animal remains in Chalcolithic funerary contextes in Portugal: the case of Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Alentejo)”, *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro, Universidade do Algarve, p.47-55;

EVANGELISTA, L.2003. “O Complexo arqueológico dos Perdigões e a construção da paisagem em Reguengos de Monsaraz”, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto;

EVANGELISTA, L. 2018. “Resting in peace or in pieces? Tomb I and death management- In the 3rd Millennium bc at the Perdigões Enclosure (Reguengos de Monsaraz, Portugal)”, Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra;

EVANGELISTA, L. & JACINTO, M.J. 2008. “Deposições intencionais ou naturais? Análise estratigráfica e material do fosso exterior do recinto dos Perdigões”, *Actas do III Encontro de Arqueologia do SW, Aljustrel*, p.122-127;

EVANGELISTA, L., SILVA, A.M. 2013. “Tomb 3- Perdigões Prehistoric enclosure (Reguengos de Monsaraz, Portugal): first anthropological results”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*,9, p.47-54;

FERREIRA, F.E.R. 2013. *Arqueologia alto-medieval no regolfo do Alqueva: vestígios de uma ocupação judaica nas margens do Guadiana no século VII*, EDIA, S.A, Beja;

FIGUEIREDO, M. 2013.” Fareleira 3 ditched enclosure”, in VALERA. A.C. (ed.) *Portuguese Prehistoric Enclosures*, [Em linha] Disponível em: <http://portugueseenclosures.blogspot.com/> ;

- FORENBAHER, S. 1998. “Production and Exchange during the Portuguese Chalcolithic: the case of bifacial flaked stone industries”, *Trabajos de Prehistoria*, 55, p. 55-71;
- FORENBAHER, S. 1999. “Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic”, *BAR International Series*, Archeopress, Oxford;
- GARROW, D.2012. “Odd deposits and average practice.A critical history of the concept of structured deposition”, *Archaeological Dialogues* , 19, p.85-115;
- GARROW, D.; BEADSMOORE, E.; KNIGHT, M. 2005. “Pit clusters and the temporality of occupation: an earlier Neolithic site at Kilverstone”, *Proceedings of the Prehistoric Society*,71, p. 139-157.
- GODINHO, R. 2008. “Deposições funerárias em fosse nos Perdigões: dados antropológicos do Sector I”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, p.29-34;
- GOMES, S.M., BRAZUNA, S., MACEDO, M. 2013. A ocupação romana na bacia de Alqueva: da Ponte Junta à Ponte Velha de Mourão: uma proposta de reconstrução da paisagem, EDIA, S.A, Beja;
- GONÇALVES, J.P. 1975. Roteiro de Alguns Megalitos da Região de Évora. Évora;
- GONÇALVES, J.P. 1971. “Menires de Monsaraz”, *Arqueologia e História*. Vol. II. Lisboa;
- GONÇALVES, V.S. 1980. “Estácio da Veiga: um programa para a instituição dos estudos arqueológicos em Portugal (1880-1891)”, IV Congresso Nacional de Arqueologia Centro de História da Universidade de Lisboa, Lisboa;
- GONÇALVES, V.S. 1990. “O povoado Pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz)”. *Portugalia*,XI-XII, p. 53-72.
- GONÇALVES, V. S. 1992. Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz, Uniarq/ INIC, Lisboa;
- GONÇALVES, V. S. 1993. “Emergência e desenvolvimento das sociedades agro-metalurgista” in MEDINA, J (ed.), *História de Portugal. 1. Portugal na Pré-História*, Ediclube Lisboa, p. 351-457;
- GONÇALVES, V.S.1996. “Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º milénios”, *Ophiussa*, 0, p.77-96;
- GONÇALVES, V. S. 1999. Reguengos de Monsaraz Territórios Megalíticos. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa;
- GONÇALVES, V. S. 2007. “Breves reflexões sobre os caminhos das antigas sociedades camponesas no Centro e Sul de Portugal”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, p. 79-94;
- GONÇALVES, V.S., CALADO, M., ROCHA, L. 1992. “Reguengos de Monsaraz: O Antigo Povoamento da Herdade do Esporão”, *Setúbal Arqueológica*, IX-X, p.391-412;
- GONÇALVES, V.S. & SOUSA, A.C. 2000. “O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz)” *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, p. 11-104;
- GONÇALVES, V.S., SOUSA, A.C., ALFARROBA, A.2013a.No limite oriental do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, EDIA, S.A, Beja;
- GONÇALVES, V.S., SOUSA, A.C., MARCHAND, G., 2013b. Na margem do grande rio: os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana médio, EDIA, S.A, Beja;
- GRILO, C. 2007. “O povoado pré-histórico do Alto do Outeiro, Baleizão, Beja”, *Vipasca*, 2, p.95-106;
- HARRIS, E. 1989. *Principles of archeological stratigraphy*, 2ª Edição, Academic Press, Londres;
- HUGHES, E. 2014. Structured Deposition and the Interpretation of Ritual in the Near Eastern Neolithic: a new methodology, Tese de Doutoramento, Universidade de Liverpool, Liverpool;
- JORGE, S.O.1993. “O Povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história recente do norte de Portugal”, *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol.33, Porto, Sociedade Portuguesa da Antropologia e Etnologia, p. 179-216;
- KALB, P & HÖCK, M. 1997. “O povoado fortificado calcolítico do Monte da Ponte, Évora”, *Actas do II Congreso de Arqueologia Peninsular. TII-Neolítico, Calcolítico y Bronce* , Fundación Rei Afonso Henriques,

p.417-423; Laboratório Nacional de Energia e Geologia, Geoportal Energia e Geologia, 2020 [Em linha] Disponível em: <https://geoportal.lneg.pt/>;

LAGO, M.2003. “Arqueologia em construção e o Complexo dos Perdigões”, in JORGE, S.O (coord), Recintos murados da Pré-História Recente, DCTP/CEAUCP, Porto/Coimbra, p.225-240;

LAGO, M., & ALBERGARIA, J. 2001. “O Cabeço do Torrão (Elvas): contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano”, *Era. Arqueologia*, 4, p. 39-62;

LAGO, M., DUARTE, C., VALERA, A., ALBERGARIA, J., ALMEIDA, F., & CARVALHO, A. 1998. “Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, p.45-152;

LEISNER, G. 1949 “Antas dos arredores de Évora. Évora”, Estudos de História, Arte e Arqueologia, Offprint, Évora;

LEISNER, G.& LEISNER, V.1955. Antas nas herdades da Casa de Bragança no concelho de Estremoz. Lisboa.

LEISNER, G., & LEISNER, V. 1985. Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz, UNIARCH, Lisboa;

MANHITA, A.; MARTINS, S., COSTA, J., PRAZERES, C., ROCHA, L., DIAS, C., MIRÃO, J., TEIXEIRA, D. 2014. “A multi-analytical approach for the study of Neolithic pottery from the Grat Dolmen of Zambujeiro (Évora, Portugal) – a preliminary study”. *E-conservation Journal*, 2, p. 66-78

MANHITA, A; DIAS, C, MARTINS, S; COSTA, J; TEIXEIRA, D; COSTA, M, BELTRAME, M; MIRÃO, J; OLIVEIRA, J; ROCHA, L. 2016. “A new look into the archaeological materials from the Museum of Évora, Portugal: the case study of the Zambujeiro Dolmen”. *XIII Conferencia Internacional Antropología 2016*: Instituto Cubano de Antropología, Havana, p. 212-228;

MÁRQUEZ ROMERO, J. 2015. “A dos metros bajo tierra. Pensando los yacimientos prehistóricos de hoyos”. *ARPI, Arqueología y Prehistoria del Interior Peninsular- Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann*, vol 3, p. 224-237;

MÁRQUEZ ROMERO, J. 2015 “A dos metros bajo tierra. Pensando los yacimientos prehistóricos de hoyos”, in *ARPI, 03 extra – Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann*, Universidad de Alcalá, Alcalá p. 224-237.

MARQUES, J.A., GÓMEZ, S.M., GRILO, C., BATATA, C. 2013. Povoamento rural no troço médio do Guadiana entre o rio Degebe e a ribeira do Álamo (idade do ferro e períodos medieval e moderno): Bloco14-intervenções e estudos no Alqueva, EDIA, S.A, Beja;

MÁRQUEZ ROMERO, J.E., MATA VIVAR, E., JIMÉNEZ -JÁIMEZ, V. & SUÁREZ PADILLA, J. 2013. “Dataciones absolutas para el fosso 1 de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal): Reflexiones sobre su cronología y temporalidade”, *SPAL*, 22, p.17-27;

MÁRQUEZ ROMERO, J.E., SUAREZ PADILLA A. J., JIMENEZ JAIMEZ, V. & MATA VIVAR, E. 2011. “Avance a la sequencia estratigráfica del fosso 1 de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal) a partir de las campañas de 2009 y 2010”, *Menga*,2, p.157-175;

MÁRQUEZ ROMERO, J.E., SUARÉZ PADILLA, J., MATA VIVAR, E. JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V., CARO, J.L.2011. “Actividades arqueológicas de la Universidade de Málaga en el complexo arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal)” *Apontamentos de Arqueologia e Património*,7, p.33-40;

MÁRQUEZ-ROMERO, J.H, SUÁREZ PADILLA, J., MATA VIVAR, E., JÍMENEZ-JÁIMEZ, V., CARO, J.L. & CUEVAS ALBADALEJO, P. 2013.“Actuaciones arqueológicas realizadas por la Universidad de Málaga en el yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal): trienio 2011-2013”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, p.61-76;

MÁRQUEZ ROMERO, J.E; VALERA, A.C, BECKER, H., JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V., & SUÀREZ PADI-LLA, J. 2011. “El complexo Arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Prospecciones Geofísicas- Campaña 2008-09”. *Trabajos de Prehistoria*, p.175-186;

MATA VIVAR, E. 2015. Foso 1 del yacimiento de Perdigões (Reguengos de Monsaraz-Portugal) Aproximación histórica a la construcción uso y abandono de un recinto de fosos tardío en el Alentejo (III milénio a.C.) Tese de Doutoramento, Universidade de Málaga, Málaga;

MATA VIVAR, E., FERNÁNDEZ, J., CARO, J.L. 2011. “Figurinha en xisto procedente del relleno del foso 1 del complexo arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7, p.19-22;

MATALOTO, R., & COSTEIRA, C. 2008. “O povoado calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11, p. 5-27;

MATALOTO, R. & COSTEIRA, C. 2016. “Gestos do Simbólico- recipientes fragmentados em conexão do 4º/3º milénios a.n.e de São Pedro (Redondo),” in SOUSA, A.C., CARVALHO, A., VIEGAS, C., (eds), Terra e água, escolher as sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves, Estudos e Memória, 9, Lisboa, p.189-208;

MATALOTO, R., PEREIRO, T., ROQUE, C., COSTA, C., ANDRÉ, L., PEREIRA, A. & CALADO, M. 2018. “O Neolítico de Juromenha 1 (Alandroal, Alentejo Central): vinte anos depois”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, p.25-43;

MENDONÇA, M. & CARVALHO, A.F. 2016. “A componente em pedra lascada dos monumentos funerários 1 e 2 do Complexo Arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, p. 33-45;

MILESI, L., CARO, J.L., FERNANDÉZ, J. 2013. “Hallazgos singulares en el contexto de la Puerta 1 del complexo arqueológico de Perdigões: Portugal”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, p. 55-59;

MILESI, L.; MÁRQUEZ-ROMERO, J.E.; PADILLA, J. S.; CARO-HERRERO, J. L. 2019. “Arquitectura monumental final (2500-2250 cal AC) en el yacimiento de Perdigões (Portugal). Aspectos formales y cronológicos a partir del estudio de Foso 2.”. *Trabajos de Prehistoria*, 76, p.161-176;

MOITA, I. 1956. “Subsídios para o Estudo do Eneolítico do Alto Alentejo”, *Arq.Port*, III, p-135-175;

MORENA-GARCÍA, M. & CABAÇO, N. 2009. “Restos faunísticos em contexto funerário: fossas 7 e 11 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4, p.11-14;

ODRIOZOLA, C.P. LINARES-CATELA, J.A & HARTADO-PÉREZ, V. 2010. “Perdigões’ green beads provenance analysis”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6, p.47-51;

OLIVEIRA, J. 1995. “O Megalitismo da bacia hidrográfica do Rio Sever”. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora;

OLIVEIRA, J.T., RELVAS, J.M.R.S., PEREIRA, Z., MUNHÁ, J., ROSA, C.J.P., ROSA, D.R.N., FERNANDES, P., JORGE.R., PINTO, A. 2013. “Geologia Sul Portuguesa, com ênfase na estratigrafia, vulcanologia física, geoquímica e mineralização da faixa piritosa”, in Dias, R., Araújo, A., Terrina, P. & Kullberg, J.C., (eds) *Geologia de Portugal*, 1, Escolar Editora, Lisboa, p. 674-765;

PEREIRO, T. 2013. “Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospeção sistemática”, *Arqueologia em Portugal-150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, p. 345-350;

PEREIRO, T., SILVA, A.M., VALERA, A.C. 2017. “Monte do Vale do Ouro 2: Os enterramentos das Fossas da Pré-história recente”, *Estudos do Quartenário*, 17, p.77-88

PINA, H.L. 1971. “Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora”. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, I, p. 151-161;

PINTO, D. 2011. “O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro. Contributos da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica”, Tese de doutoramento, Universidade do Porto, Porto;

RIBEIRO, A., ANTUNES, M. T., FERREIRA, M. P., ROCHA, R. B., SOARES, A. F., ZBYSZEWSKI, G., MOITINHO DE ALMEIDA, F., CARVALHO, D., MONTEIRO, J. H., 1979. Introduction à la Géologie Générale du Portugal. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa;

RIBEIRO, I. 2021. “Reguengos de Monsaraz e os seus segredos pré-históricos”, *Scientia Antiquitatis*, 4,p.7-80;

RICHARDS, C. & THOMAS, J. 1984. “Ritual activity and structured deposition in Later Neolithic Wessex”, in Bradley, R. J. Gardiner., (eds) *Neolithic studies. A review of some current research*, Oxford, Oxford, p. 189–218.

- ROCHA, L. 2015. “Anta Grande do Zambujeiro: contributo para o conhecimento das cerâmicas”, in Branco, G; Rocha, L;
- Duarte, C; Oliveira, J; Bueno Ramírez, P. (eds.). *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*. CHAIA, Évora, p. 42-51;
- ROCHA, L. 2017. “Contributo para o estudo da Neolitização no Alentejo Central: o povoamento mais antigo na área de Mora (Portugal)”, *Scientia Antiquitatis*, 1, p. 83-100;
- ROCHA, L. 2019. “Neolítico, datar para creer ... ¿Un problema a resolver o de imposible resolución?”, in Romero L. & Monchet K. (eds), *Arqueología, historia y medio ambiente. Visiones cruzadas* Dykinson, S.L, Madrid, p. 55-76;
- ROCHA, L. 2020. “Datações absolutas para contextos funerários do Sul de Portugal: algumas reflexões em torno das arquiteturas e dos espólios”, *Scientia Antiquitatis*, 2, p.81-104;
- ROCHA, L; OLIVEIRA, J; DIAS, C; MIRÃO, J; DIAS, L; MANHITA, L. 2018. “About the Presence of Exotic Materials in Some Funerary Megalithic Monuments in Alentejo (Portugal): The Cases of Cinnabar and Amber, in Cruz, A & Gibafa, J.F (eds.) *BAR International Series 2891*, BAR Publishing, Oxford, p.83-90;
- RODRIGUES, A.F. 2015. “O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a Emergência dos Recintos de Fossos no SW Peninsular nos finais do 4º milénio a.n.e.”, Tese de Doutoramento, Universidade do Algarve, Faro;
- RODRIGUES, A.F. 2015. “Hidráulica na Pré-História? Os fossos enquanto estruturas de condução e drenagem de águas: o caso do sistema de fosso duplo do recinto de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo, Beja)”, *O neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: Perspetivas em debate*, Associação dos Arqueólogos Portugueses p. 119-130;
- SANTOS, F. C., SOARES, A. M., RODRIGUES, Z., QUEIROZ, P., VALÉRIO, P., & ARAÚJO, M. F. 2009. “Horta do Albardão 3: um sítio com fossos e fossas, na encosta do Albardão /S. Manços Évora)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, p. 53-71;
- SANTOS, H.V., ABRANCHES, P.B. 2013. A ocupação medieval moderna dos territórios da margem esquerda do Guadiana nos actuais concelhos de Moura e Mourão, EDIA, S.A, Beja;
- SANTOS, I., & ROCHA, L. 2015. “Contributo para o conhecimento da Anta Grande do Zambujeiro (Évora. Portugal): as pontas de seta”, in Branco, G; Rocha, L; Duarte, C; Oliveira, J; Bueno Ramírez, P. (eds.). *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*. CHAIA, Évora, p.34-41;
- SANTOS, I & ROCHA, L. 2017. “As primeiras sociedades camponesas no atual concelho de Arraiolos (Portugal): estratégias de povoamento”, *Actas do III Congresso Internacional de Arqueologia de Transição-Estratégias de Povoamento: da Pré-História à Proto-História*, p. 123-138;
- SANTOS, J. C. L. 2009. “A Anta Grande do Zambujeiro. Contributo para o processo de recuperação do monumento”, Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora. Évora;
- SCHIFFER, M. 1983. “Toward the identification on formation processes”. *American Antiquity*, vol. 48, No. 4, p.675-706;
- SCHIFFER, M. 1987. *Formation Processes of the archaeological record*. University of New York Press, Albuquerque;
- SILVA, A.C. 1999. Salvamento arqueológico no Guadiana: do inventário patrimonial à minimização dos impactos, EDIA, S.A, Beja;
- SILVA, A.M., VALERA, A.C., COSTA, C & DIAS, M.I. 2010. “A new research project on funerary practices at Perdigões enclosure”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5, p.43-48;
- SILVA, C. 2016. “O povoado do Monte das Cabeceiras 2: o estudo das interface negativos e análise da componente artefactual das fossas 13,16 e 54”, Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Tomar e Universidade de Trás-os Montes e Alto Douro, Tomar e Vila Real;
- SOARES, A.M. 1996. “Datação absoluta da estrutura neolítica junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa)”, *Vipasca*, 5, p.51-58

- SOARES, J. 2013. Transformações e mudanças durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O Povoador do Porto das Carretas, EDIA, S.A, Beja;
- SOARES, J., & SILVA, C. T. 1992. “Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos”, *Setúbal Arqueológica*, 9-10, p. 37-88;
- SOARES, J. & SILVA, C.T. 2010. “Anta Grande do Zambujeiro- arquitectura e podes: Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87”, *MUSA, museus, arqueologia & outros patrimónios*, 3, p.83-129;
- SOUSA, A.C. 2016. “Megalitismo e Metalurgia: Os *Tholoi* do Centro e Sul de Portugal”, in Sousa A.C, Carvalho. A & Viegas.C (eds), *Terra e Água Escolher Sementes, Invocar a Deusa: Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves*, UNIARQ, Lisboa, p.209-243;
- VALE, A. 2011. “Modalidades de produção de espaços no contexto de uma colina monumentalizada: O sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa”, Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto;
- VALERA, A.C. 1997. “O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda). Aspectos da calcolitização da bacia do alto Mondego”, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa;
- VALERA, A.C. 2003. “A propósito de recintos murados do 4º e 3º milénios a.C. dinâmica e fixação do discurso arqueológico”, in JORGE, S.O (coord), *Recintos murados da Pré-História Recente*, DCTP/CEAUCP, Porto/Coimbra, p.149-168;
- VALERA, A.C. 2006. “A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão) dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio a.C.”, *ERA Arqueologia*, nº7, p.136-210;
- VALERA, A.C. 2008. Relatório Técnico-Científico do Projecto “Metalurgia no Complexo Arqueológico dos Perdigões”: campanha de 2008. Acessível nos Arquivos da DGPC. Lisboa, Portugal. 31p;
- VALERA, A.C. 2008. “Recinto Calcólico dos Perdigões: Fossos e Fossas do Sector 1”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, p. 19-29;
- VALERA, A. C. 2010. “Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica”. *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Município de Almodôvar, Almodôvar, p. 25-38;
- VALERA, A.C. 2011. “Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: Resultados da Prospecção Geofísica em Xanra (Cuba, Beja)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7, p. 23-33;
- VALERA, A.C. 2013a. “Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português”, *Arqueologia em Portugal-150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: p.335-343;
- VALERA, A.C. 2013b. “Recintos de Fossos da Pré-História Recente em Portugal: investigação, discursos, salvaguarda e divulgação”, *Al-Madan*, 18, p. 93-110;
- VALERA, A.C. 2013c. As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana: 2ª metade do IV aos inícios do III milénio a.C., EDIA, S.A, Beja;
- VALERA, A.C. 2016. “Problemáticas e Trajectórias Metodológicas na Investigação de Recintos de Fossos da Pré-História Recente no Interior Alentejano”, *Pré-Atas de Arqueociências 2016: Recintos Peninsulares da Pré-História Recente Métodos Multidisciplinares de Investigação*, Universidade do Porto, Porto, p.1-5;
- VALERA, A.C. 2016. “Nota sobre uma decoração incomum num recipiente dos Perdigões”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 11, p.9-12;
- VALERA, A.C (ed). 2018. Os Perdigões Neolíticos: Génesis e Desenvolvimento (De meados do 4º aos inícios do 3º milénio a.C.), vol.1, Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) Era Arqueologia S.A., Lisboa;
- VALERA, A.C., BASÍLIO, A.C. 2017, “Approaching Bell Beakers at Perdigões enclosures (South Portugal): site, local and regional scales”, in Gonçalves, V.S. (ed.), *Sinos e vasos. Junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença Campaniforme na Península Ibérica. Estudos & Memórias*, UNIARQ, Lisboa, 10, p. 40-55
- VALERA, A.C., BASÍLIO, A.C. & ALMEIDA, N. 2020. “The Fragment, The Half, and The Whole: approaching pottery and fauna depositions in Pit 50 of Perdigões enclosure (first half of the 3rd millennium BC)”, *Estudos do Quaternário*, 20, p.11-33.
- VALERA, A.C, BASÍLIO, A.C, & ALMEIDA, N. 2021. “O Recinto de Fossos de Santa Vitória (Campo Maior): Trabalhos de 2019 e 2020 (Projecto SANVIT)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 15,

p. 9-29;

VALERA, A.C., BASÍLIO, A.C., & PEREIRO, T. 2019. O Projecto SANVIT: um novo ciclo de investigação no recinto de Santa Vitória (Campo Maior). Os resultados da campanha de 2019”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 13, p. 9-19;

VALERA, A.C., & BECKER, H. 2010. “Arqueoastromia, geofísica e recintos de fossos da Pré-História Recente no Sul de Portugal”, *Actas do 8º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves;

VALERA, A. C., BECKER, H., & BOAVENTURA, R. 2013. “Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, 37-46.

VALERA, A. C., BECKER, H., & COSTA, C.2014. “Os recintos de fossos pré-históricos de Monte da Contenda (Arronches) e Montoito 2 (Redondo)”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, p. 195-216;

VALERA, A. C., & FILIPE, I. 2004. “O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). Novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular”. *Era. Arqueologia*, 7, p. 23-32;

VALERA, A.C., FILIPE, V., & CABAÇO, N. 2013.”O recinto de fosso o Outeiro Alto 2”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, p. 21-35;

VALERA, A. C., & GODINHO, R. 2009. “A gestão da morte nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, p. 371-387;

VALERA, A. C., & GODINHO, R. 2010.” Ossos humanos provenientes dos fossos 3 e 4 e gestão da morte nos Perdigões”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6, p. 29-40;

VALERA, A.C, LAGO, M., DUARTE, C., & EVANGELISTA, L.S. 2000. “Ambientes funerários no Complexo Arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo”, *ERA Arqueologia*, nº2, p.84-105;

VALERA, A.C., & PEREIRO, T. 2013. “Os recintos de fossos de Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Portugal)”, VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, p. 316-327;

VALERA, A.C., & PEREIRO, T.2020. “O recinto de fossos pré-histórico de Borralhos (Serpa): Aproximação à sua arquitetura através da prospeção geofísica”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 14, p. 17-28;

VALERA, A.C., SILVA A.M. 2011. “Datações de radiocarbono para os Perdigões (1): contextos com restos humanos nos Sectores I e Q”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7, p.7-14;

VALERA, A.C., SILVA, A.M., CUNHA, C., & EVANGELISTA, L.2014. “Funerary practices and body manipulation at Neolithic and Chalcolithic Perdigões ditched enclosures (South Portugal)” in VALERA, A.C (ed.), *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*, Archeopress,Oxford, p.37-57

VALERA, A.C., SILVA,A.M., & MARQUEZ ROMERO,J.E.2014. “The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practives”, *SPAL*, 23, p.11-16;

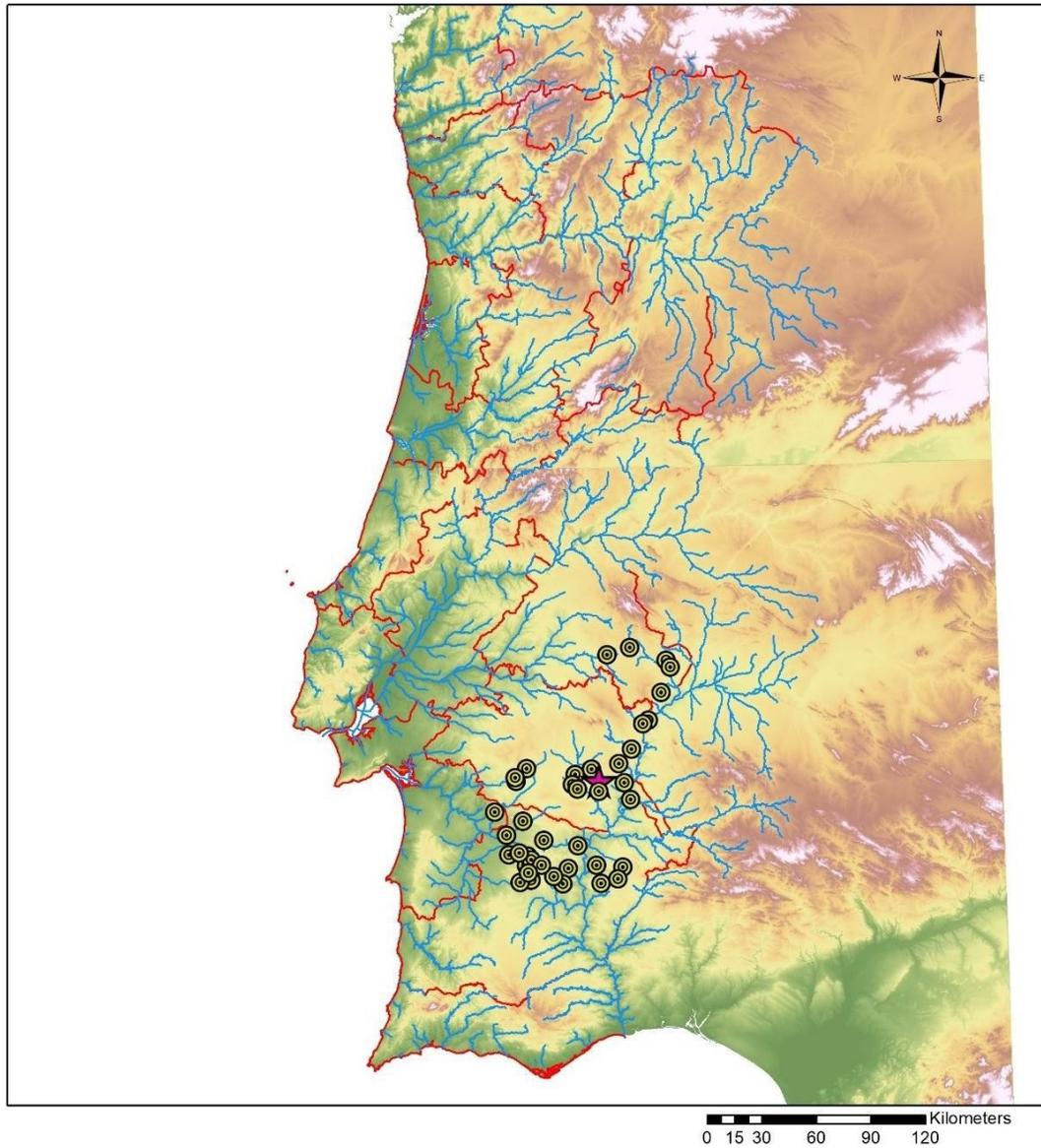
VALERA, A.C. SIMÃO, I., NUNES, T., PEREIRO, T. & COSTA.C. 2017. “Neolithic Ditched enclosures in Southern Portugal (4 millennium BC): New Data and New Perspectives”, *Estudos do Quaternário*,17, p.57-76;

WHEELER,J. 2010. “Paleoenvironmental assessment of two archaeological sediments from Perdigoes, Alentejo reigon, Portugal”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6, p.41-45;

10. Anexos

10.1 Anexo I: Cartografia

Mapa 1. Mapa com os relevos e identificação dos Recintos de Fossos e Complexo Arqueológico dos Perdigões



Legenda:

Informação Complementar:

— Linhas Hidrográficas

□ Distritos

Sítios:

⊙ Recintos de Fossos

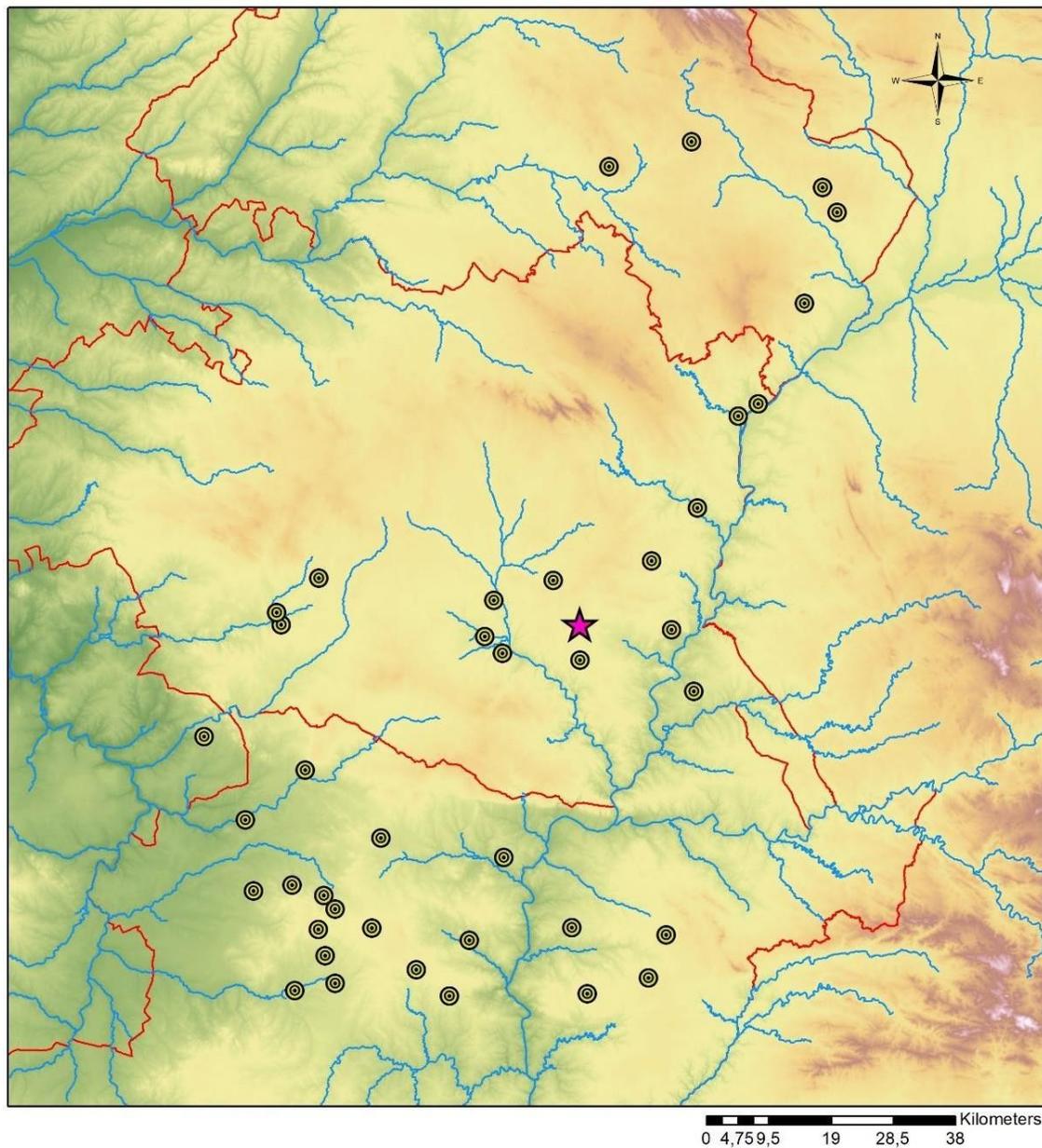
★ Complexo Arqueológico dos Perdigões

Relevo:

High : 2506

Low : -8

Mapa 2. Mapa de relevo em escala aproximada com a identificação dos Recintos de Fossos e Complexo Arqueológico dos Perdigões



Legenda:

Informação Complementar:

— Linhas Hidrográficas

□ Distritos

Sítios:

⊙ Recintos de Fossos

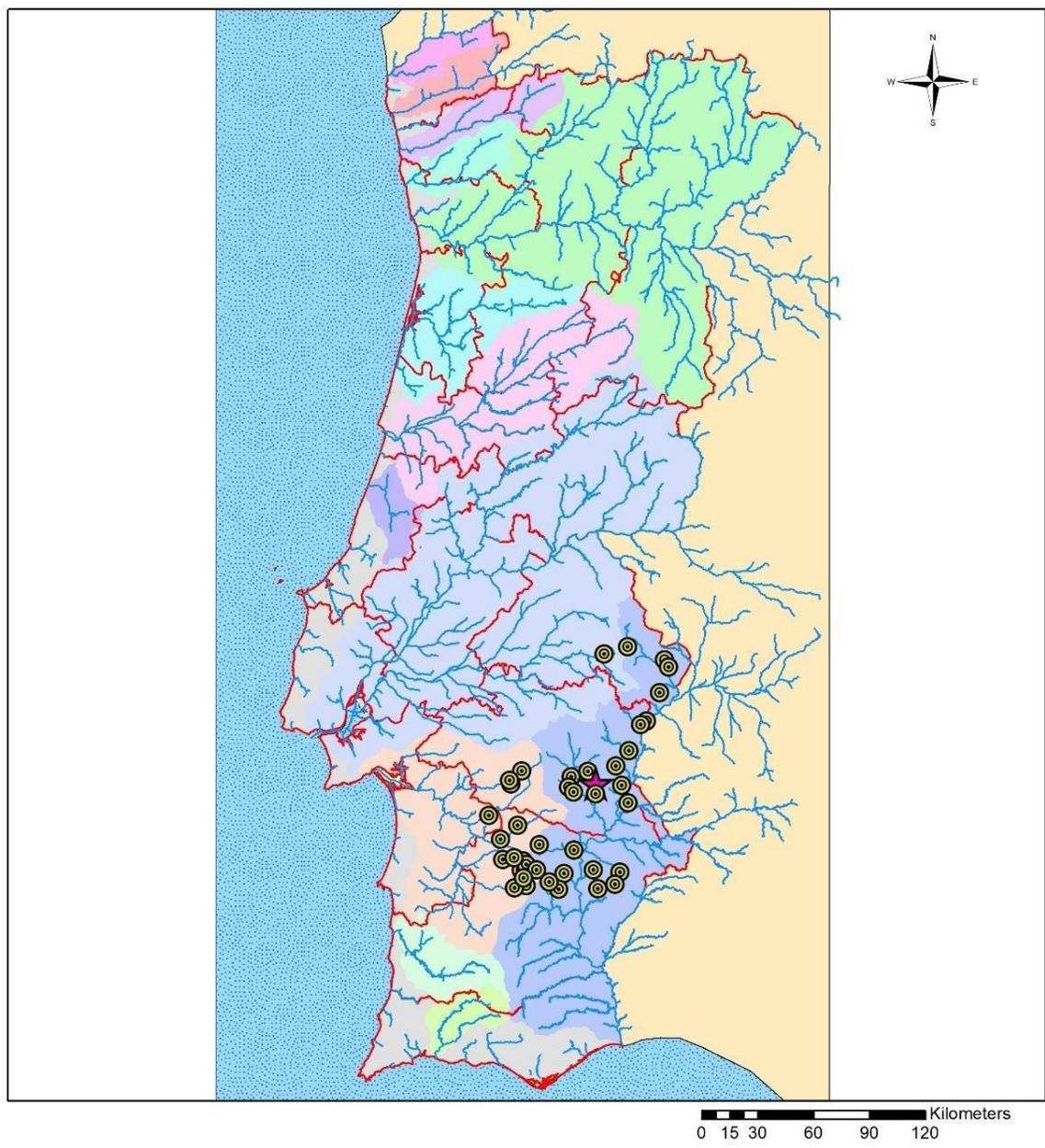
★ Complexo Arqueológico dos Perdigões

Relevo:

High : 2506

Low : -8

Mapa 3. Mapa de Bacias Hidrográficas com a identificação dos Recintos de Fossos e Complexo Arqueológico dos Perdigões



Legenda:

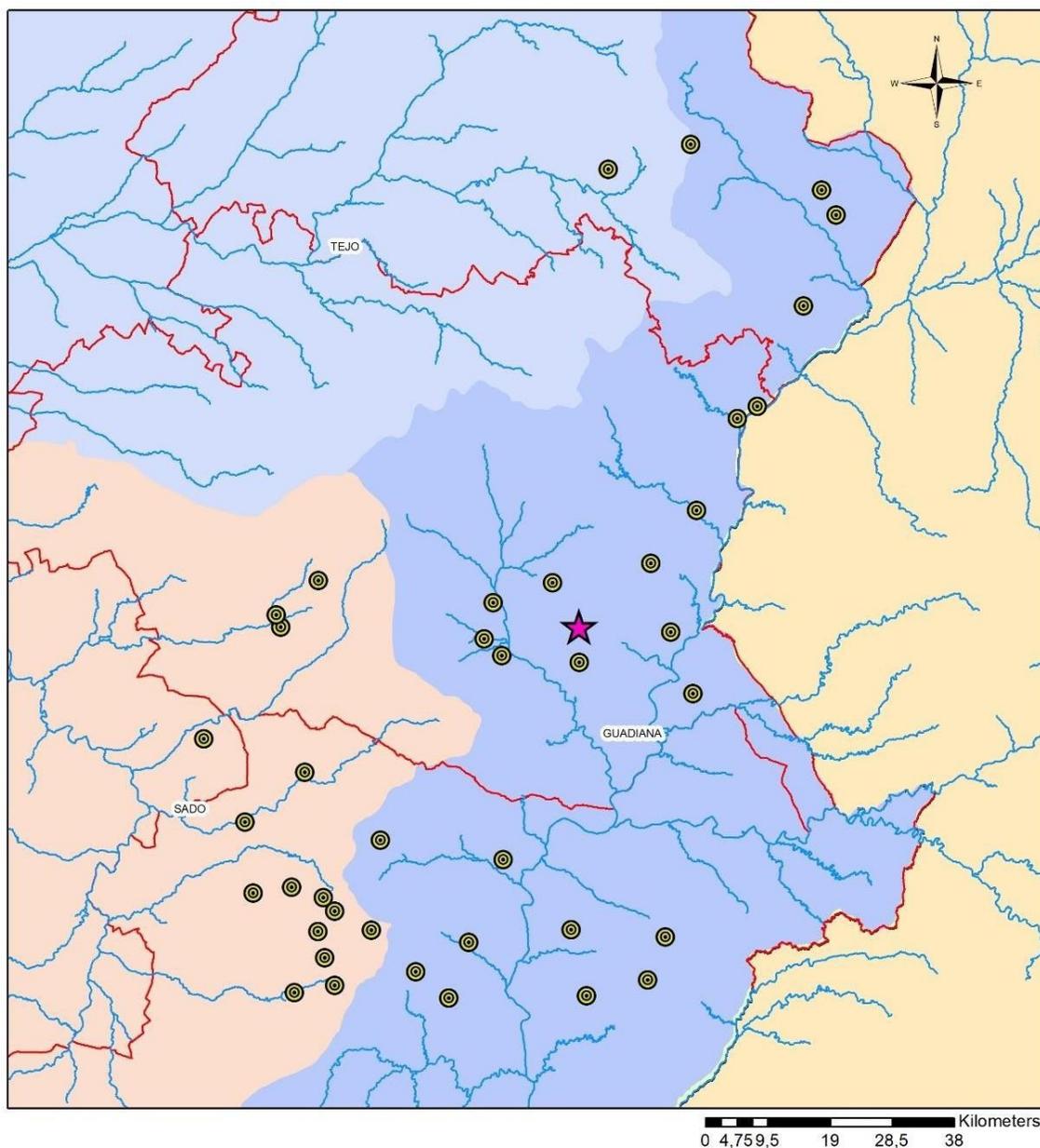
Informação Complementar:

-  Linhas Hidrográficas
-  Distritos
- Sítios:**
-  Recintos de Fossos
-  Complexo Arqueológico dos Perdigões

Bacias Hidrográficas:

- | | | |
|--|---|--|
|  ARADE |  LIMA |  SADO |
|  AVE |  LIS |  TEJO |
|  CÁVADO |  MINHO |  VOUGA |
|  DOURO |  MIRA |  VÁRIOS |
|  GUADIANA |  MONDEGO | |

Mapa 4. Mapa de Bacias Hidrográficas em escala aproximada com a identificação dos Recintos de Fossos e Complexo Arqueológico dos Perdigões



Legenda:

Informação Complementar:

— Linhas Hidrográficas

□ Distritos

Sítios:

⊙ Recintos de Fossos

★ Complexo Arqueológico dos Perdigões

Bacias Hidrográficas:

ARADE

AVE

CÁVADO

DOURO

GUADIANA

LIMA

LIS

MINHO

MIRA

MONDEGO

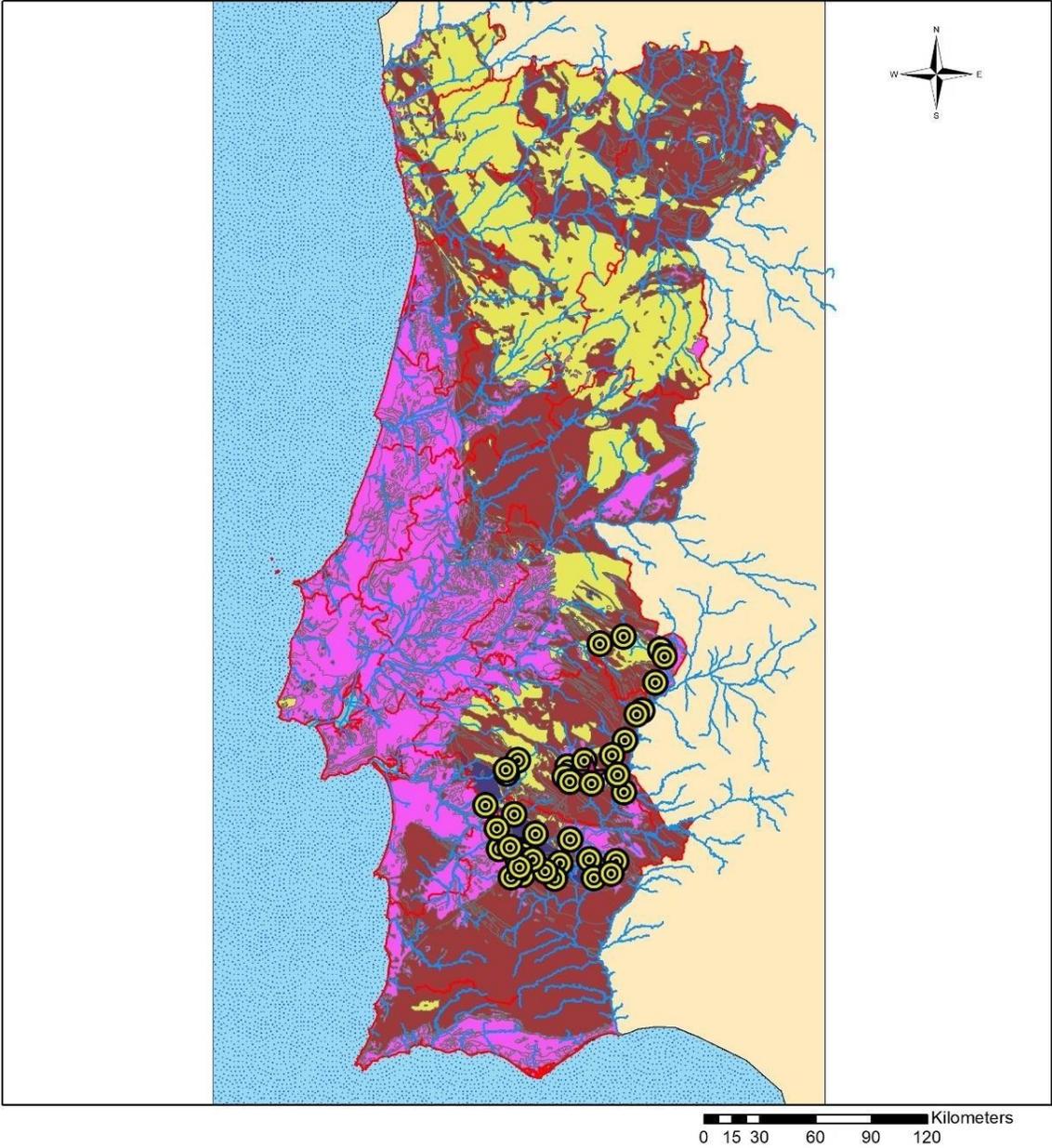
SADO

TEJO

VOUGA

VÁRIOS

Mapa 5. Mapa Geológico com a identificação dos Recintos de Fossos e Complexo Arqueológico dos Perdígões



Legenda:

Informação Complementar:

-  Linhas Hidrográficas
-  Distritos

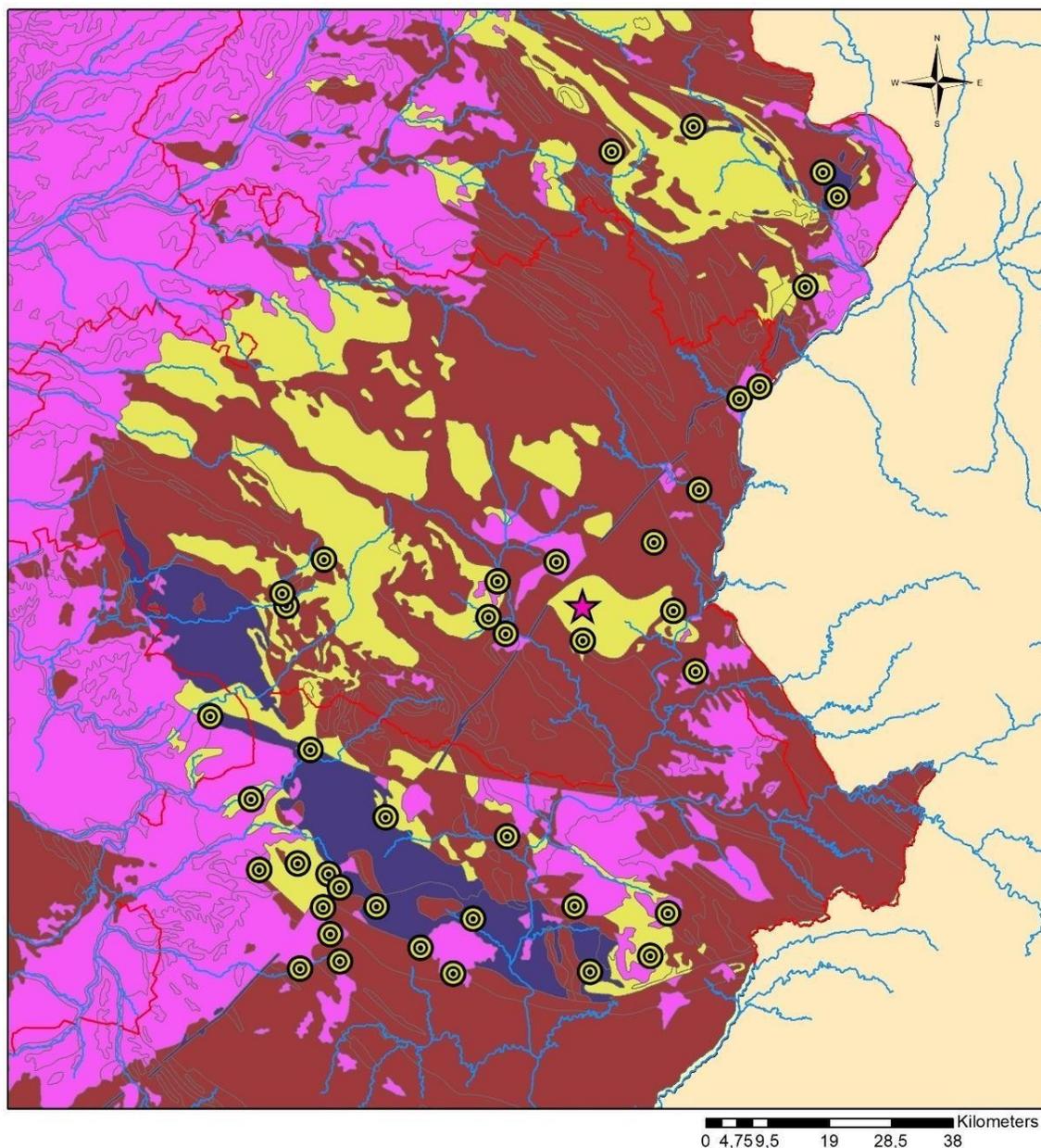
Sítios:

-  Recintos de Fossos
-  Complexo Arqueológico dos Perdígões

Litologias:

-  Água
-  Form. Sedimentares
-  Form. Sedimentares e Metamórficas
-  Rochas Eruptivas e Plutónicas
-  Rochas Eruptivas Vulcânicas

Mapa 6. Mapa da Geologia em escala aproximada com a identificação dos Recintos de Fossos e do Complexo Arqueológico dos Perdigões



Legenda:

Informação Complementar:

-  Linhas Hidrográficas
-  Distritos

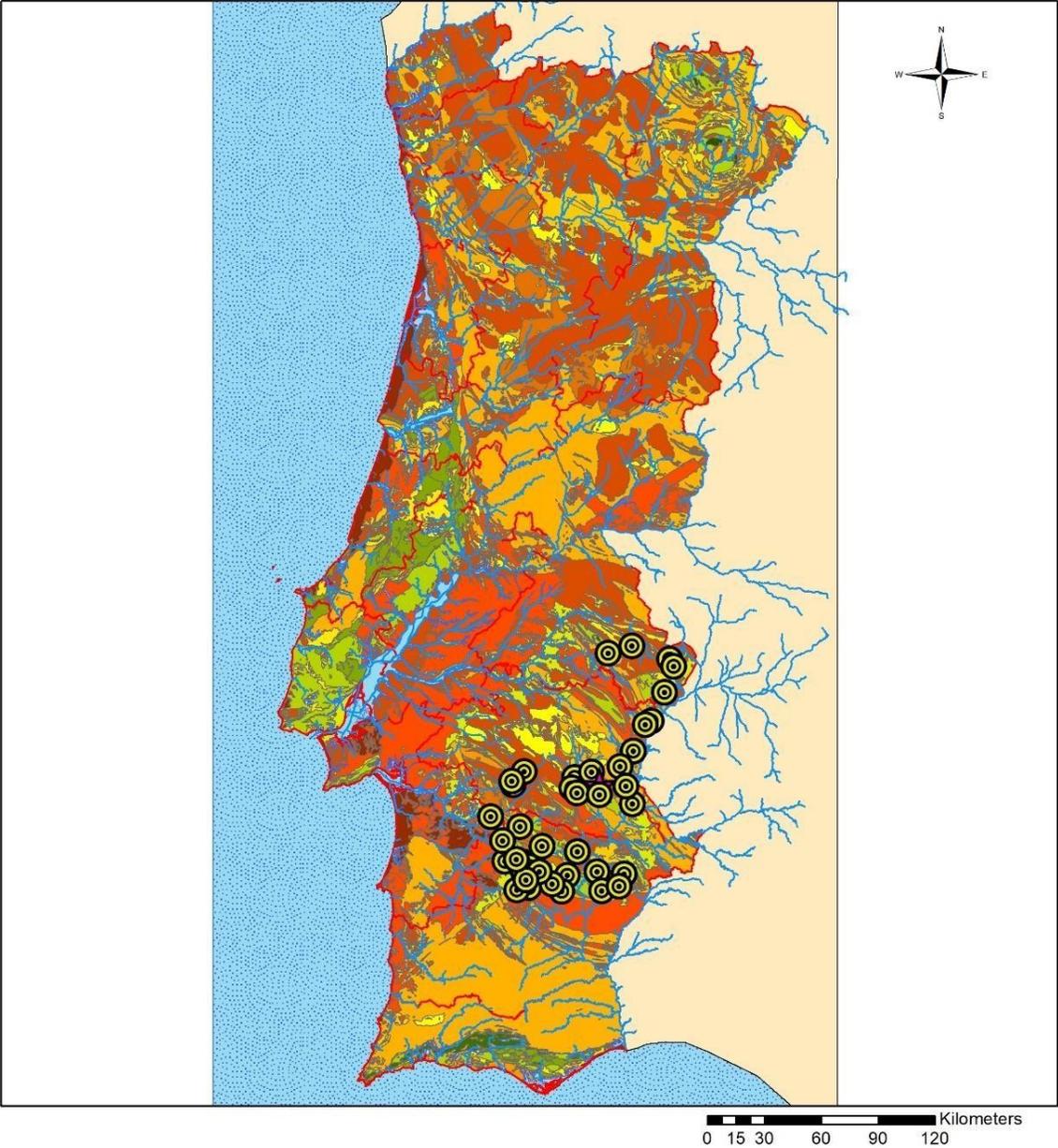
Sítios:

-  Recintos de Fossos
-  Complexo Arqueológico dos Perdigões

Litologias:

-  Água
-  Form. Sedimentares
-  Form. Sedimentares e Metamórficas
-  Rochas Eruptivas e Plutónicas
-  Rochas Eruptivas Vulcânicas

Mapa 7. Mapa de Qualidade de Solos com a identificação dos Recintos de Fossos e do Complexo Arqueológico dos Perdigões



Legenda:

Informação Complementar:

- Linhas Hidrográficas
- Distritos

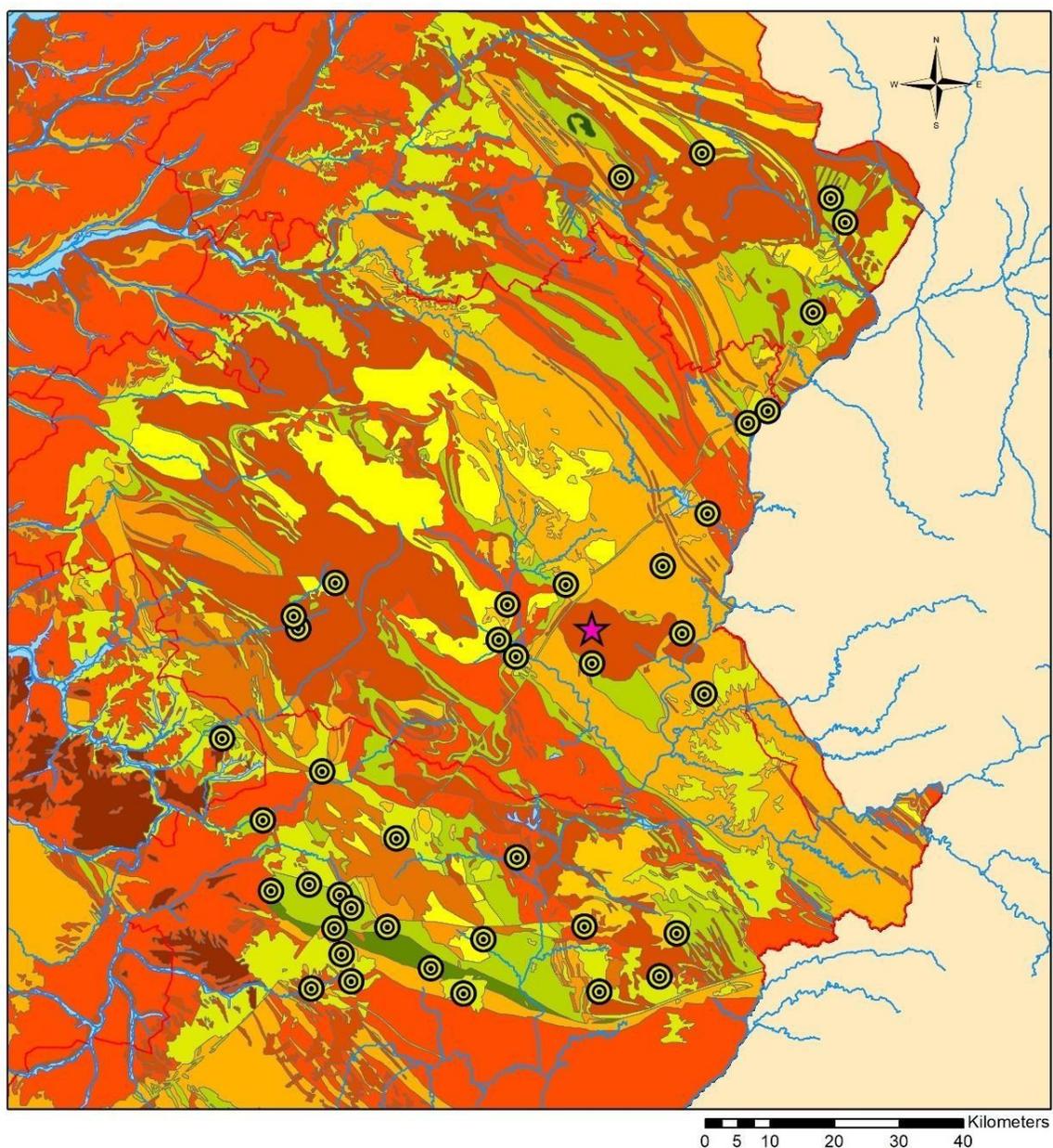
Sítios:

- ⊙ Recintos de Fossos
- ★ Complexo Arqueológico dos Perdigões

Qualidade dos Solos:

Água	3	5+7
Aluviões	3+4	6
1	3+5	7
2	4	
2+3	4+5	
2+4	5	
2+5	5+6	

Mapa 8. Mapa de Qualidade dos Solos em escala aproximada, com a identificação dos Recintos de Fossos e Complexo Arqueológico dos Perdigões



Legenda:

Informação Complementar:

— Linhas Hidrográficas

□ Distritos

Sítios:

⊙ Recintos de Fossos

★ Complexo Arqueológico dos Perdigões

Qualidade dos Solos:

Água	3	5+7
Aluviões	3+4	6
1	3+5	7
2	4	
2+3	4+5	
2+4	5	
2+5	5+6	

10.2 Anexo II: Dados por Direito

Gráfico 29. Distribuição dos Recintos de Fossos por Distritos

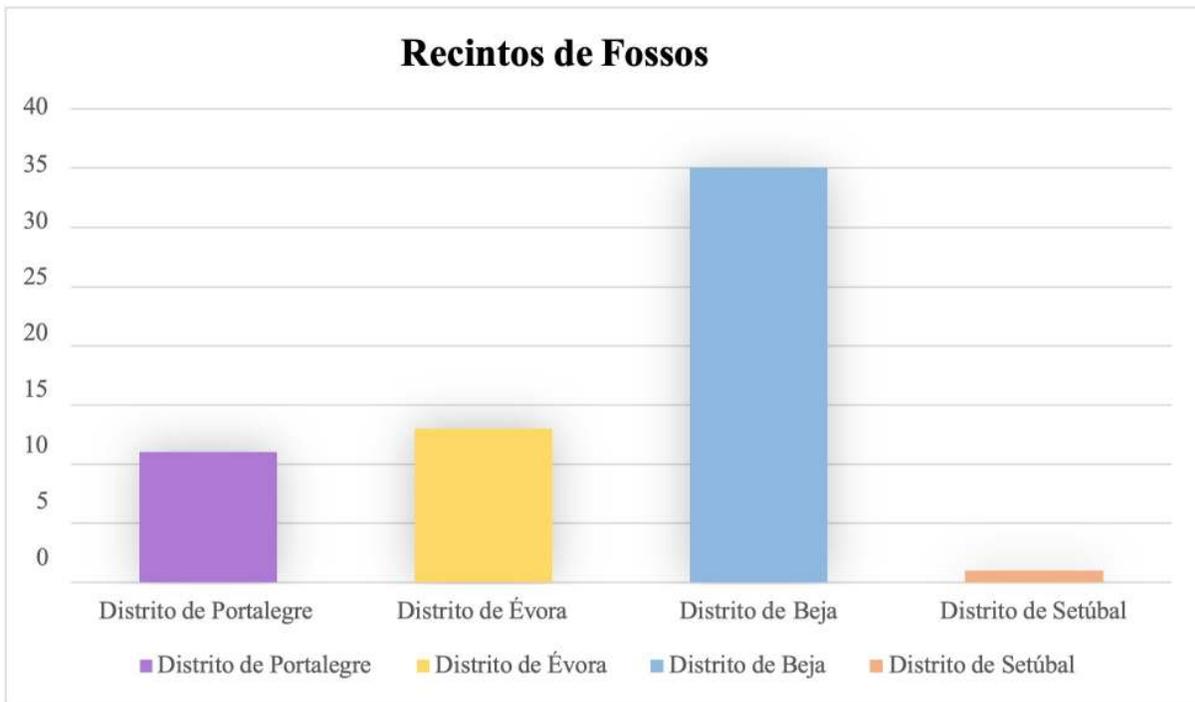


Gráfico 30. Recintos de Fossos no Distrito de Portalegre, distribuição por Concelho

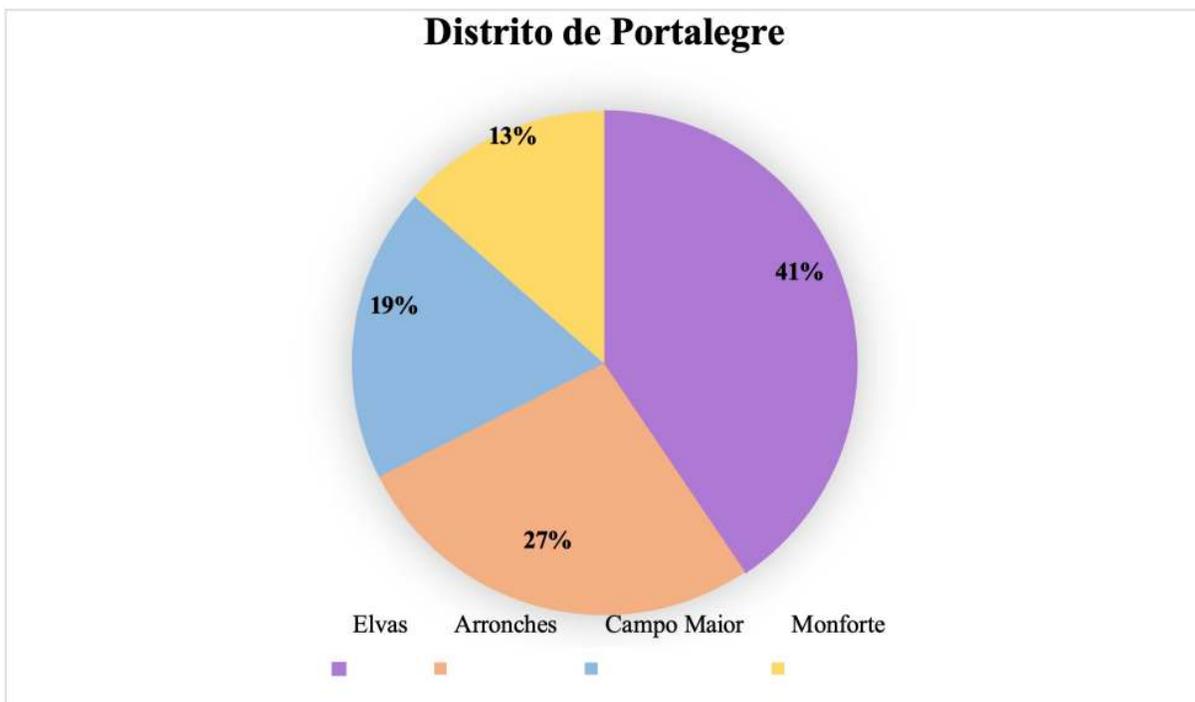


Gráfico 31. Recintos de Fossos no Distrito de Évora, distribuição por Concelho

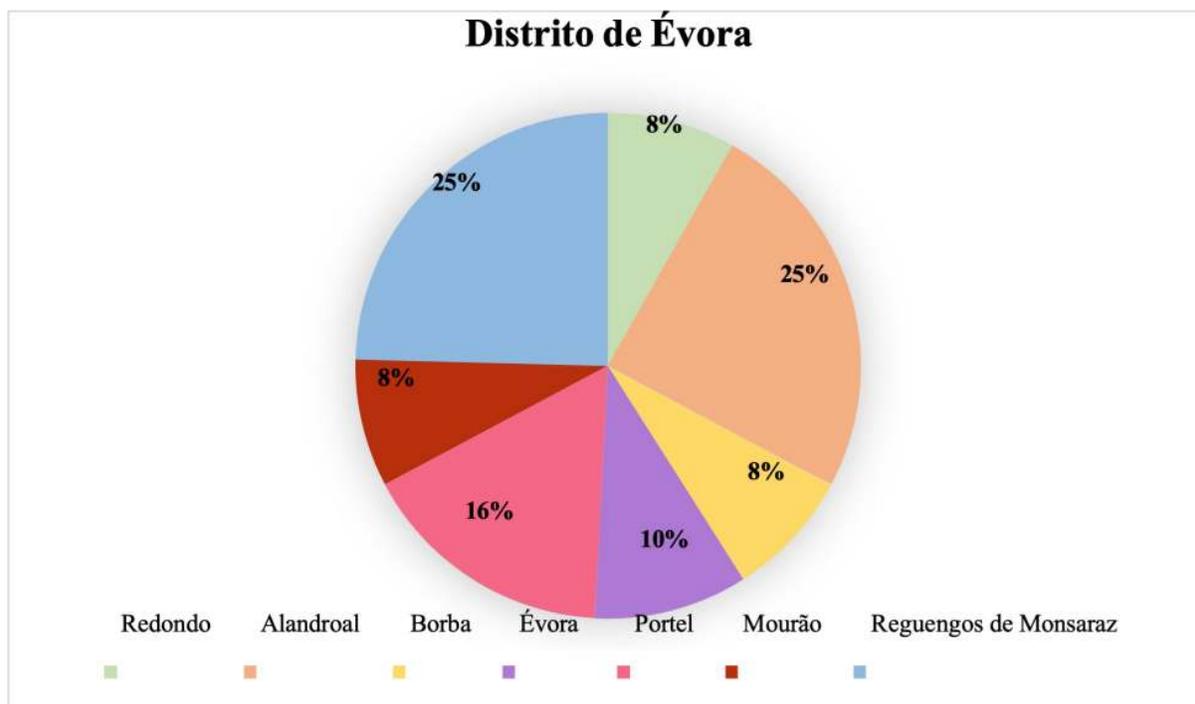
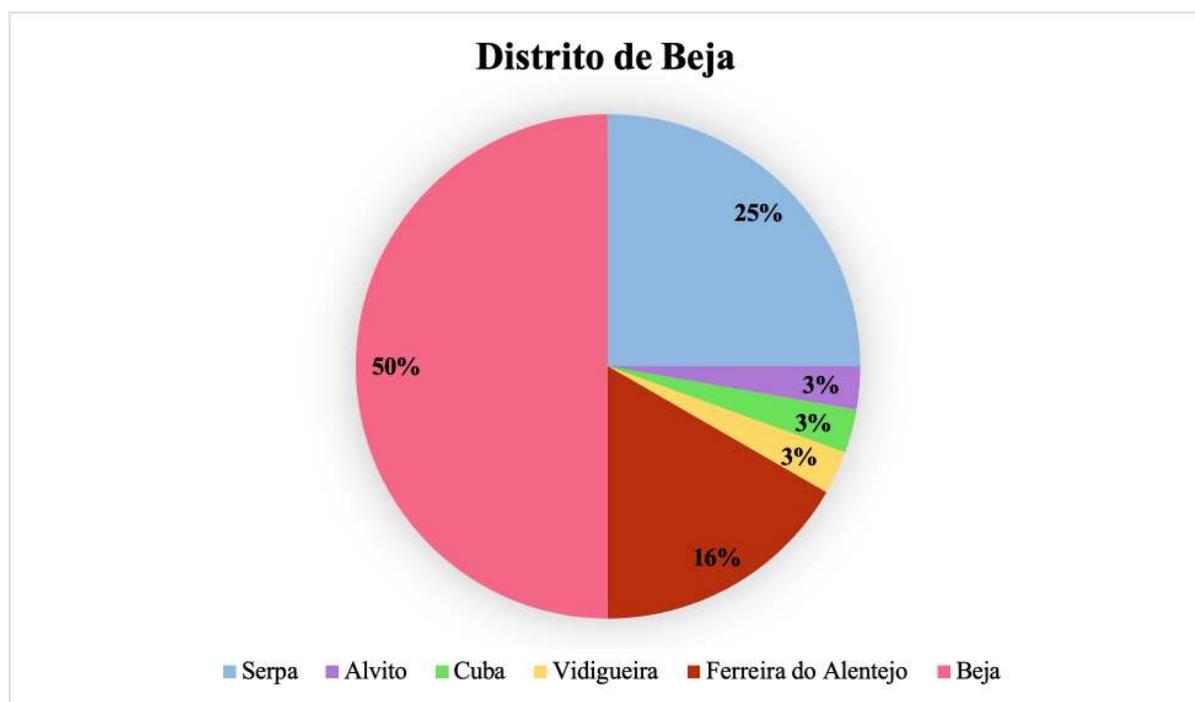
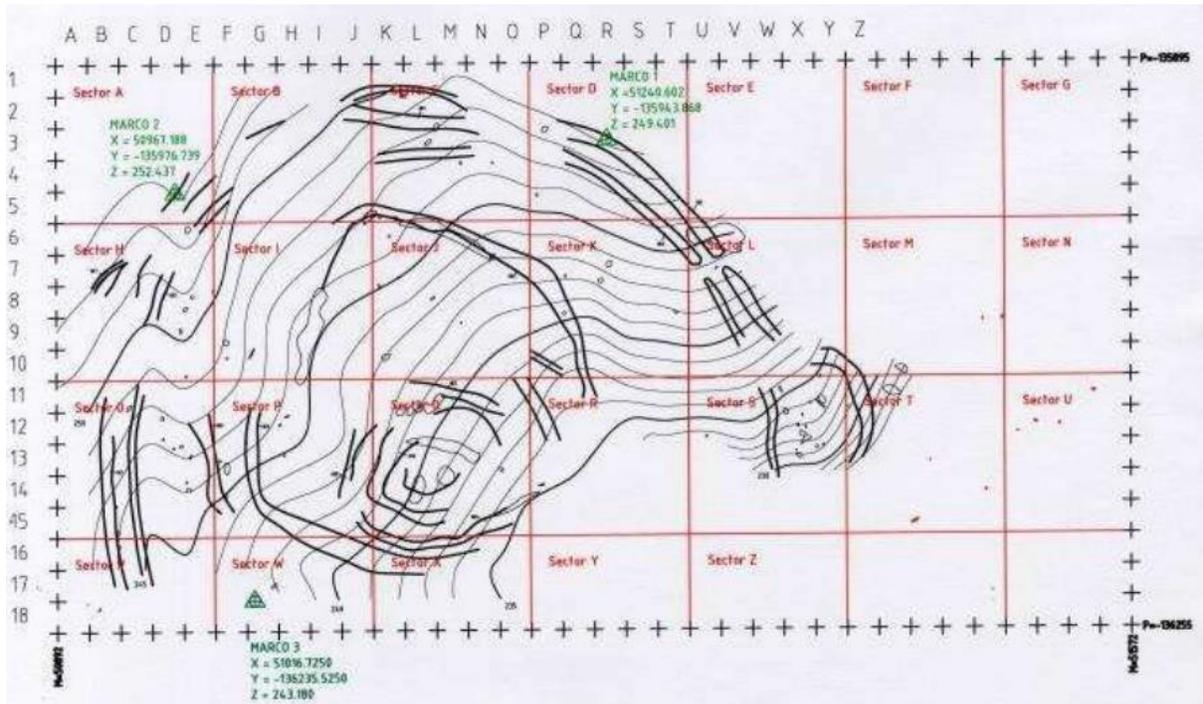


Gráfico 32. Recintos de Fossos no Distrito de Beja distribuição



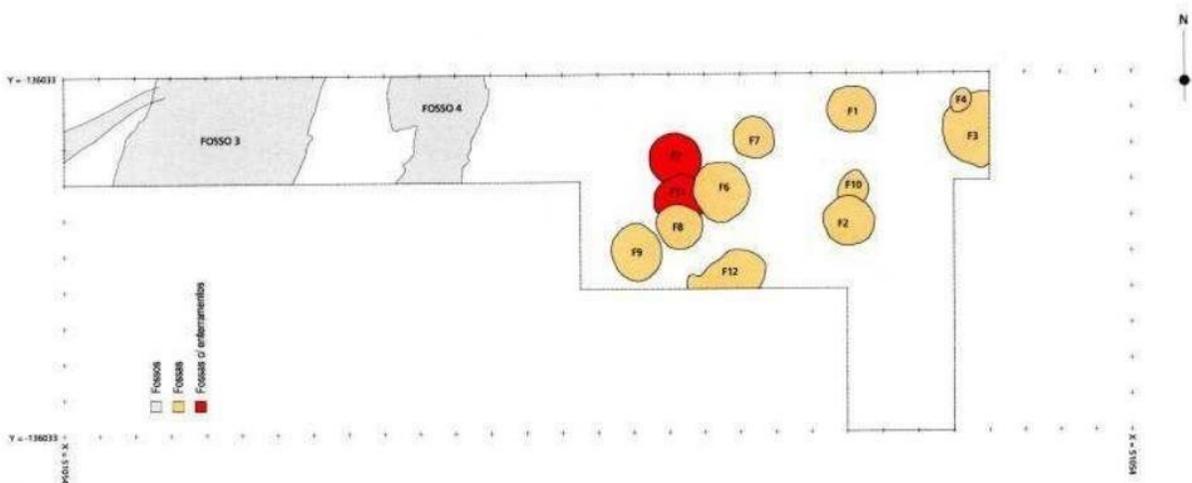
10.3 Anexo III: Escavação

Figura 1. Divisão da área do Complexo Arqueológico dos Perdigos por Sectores de A a Z



Fonte: Valera, 2008

Figura 2. Planta Geral com implantação das estruturas negativas identificadas



Fonte: Valera, 2008

Figura 3. Aspecto do corte Norte (imagem da esquerda) e Corte Sul (imagem da direita) do Fosso 3



Fonte: Valera, 2008

Figura 4. Dois momentos de deposição horizontal de líticos, fragmentos cerâmicos e fauna



Fonte: Valera, 2008

Figura 5. Deposição do Vaso de Suporte e seixos rolados na [UE58]



Fonte: Valera, 2008

Figura 6. Deposição de dois crânios de canídeos



Fonte: Valera, 2008

Figura 7. Depósitos finais de enchimento do Fosso 3 (imagem esquerda) e do canal de erosão (imagem direita)



Fonte: Valera, 2008

10.4 Anexo IV: Tipologias cerâmicas e componentes de tear por U.E.

Gráfico 1. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE16]

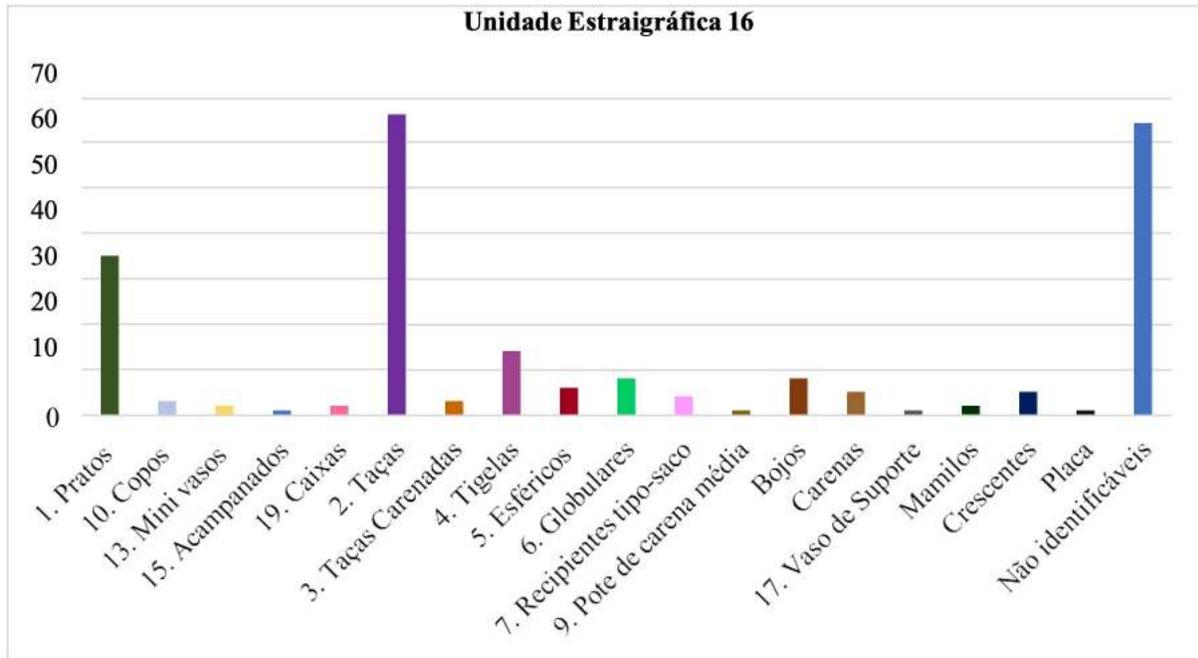


Gráfico 2. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE20]

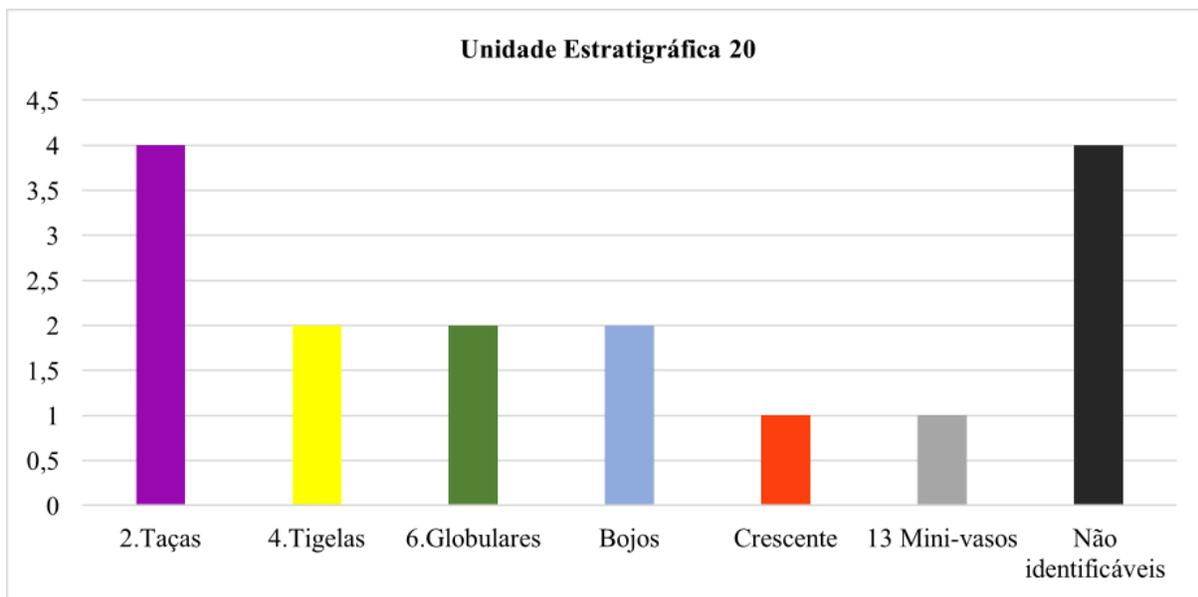


Gráfico 3. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE28]

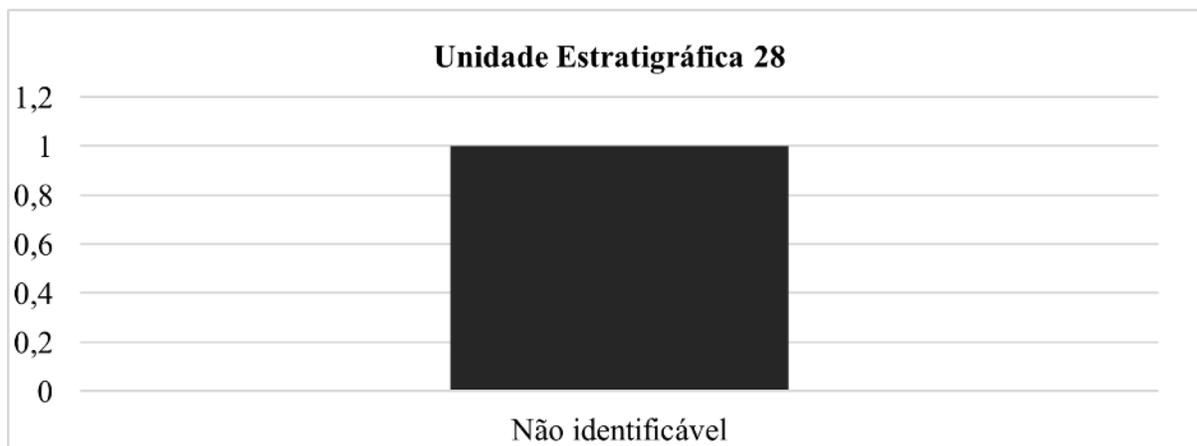


Gráfico 4. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE30]

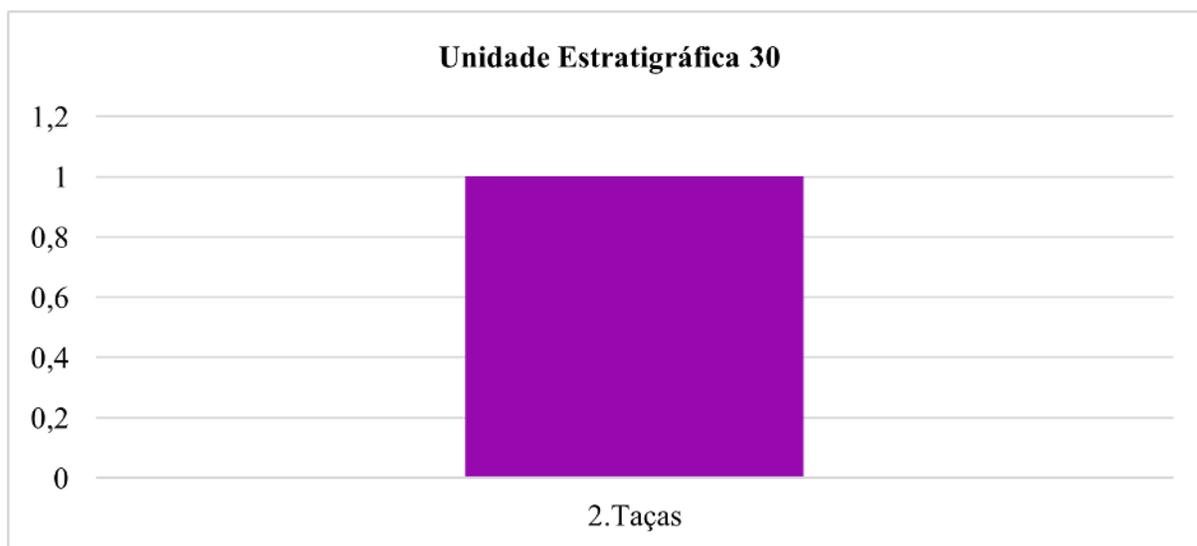


Gráfico 5. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE32]

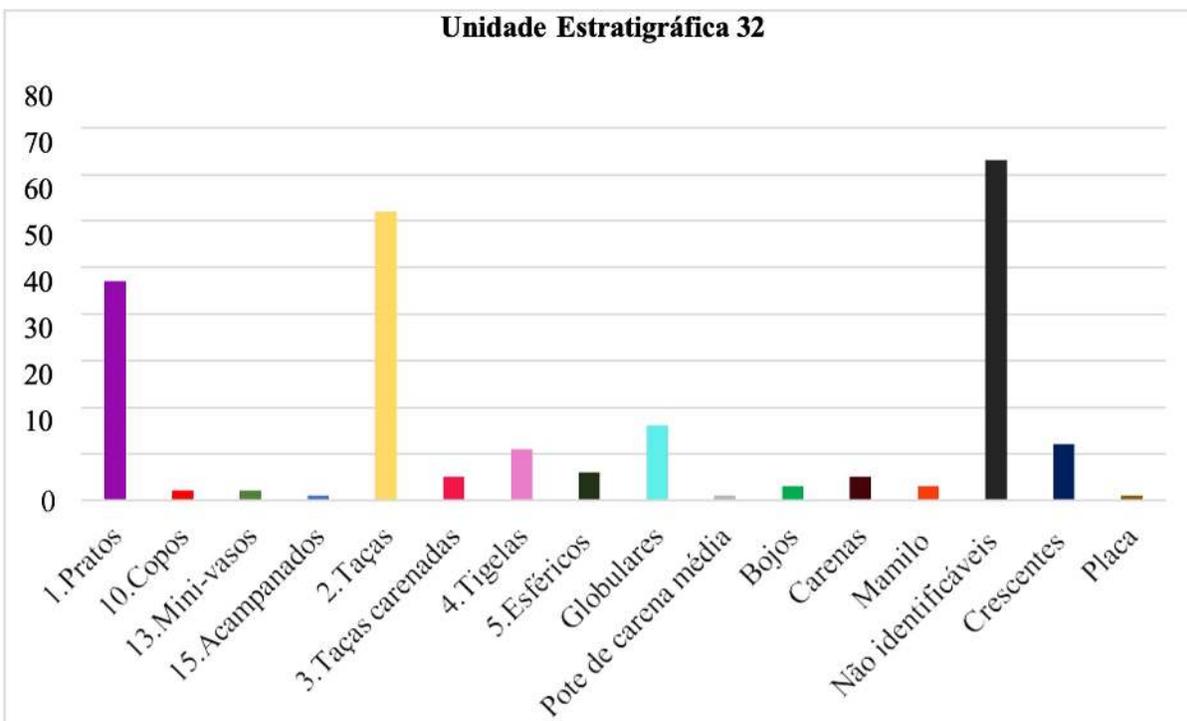


Gráfico 6. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE37]

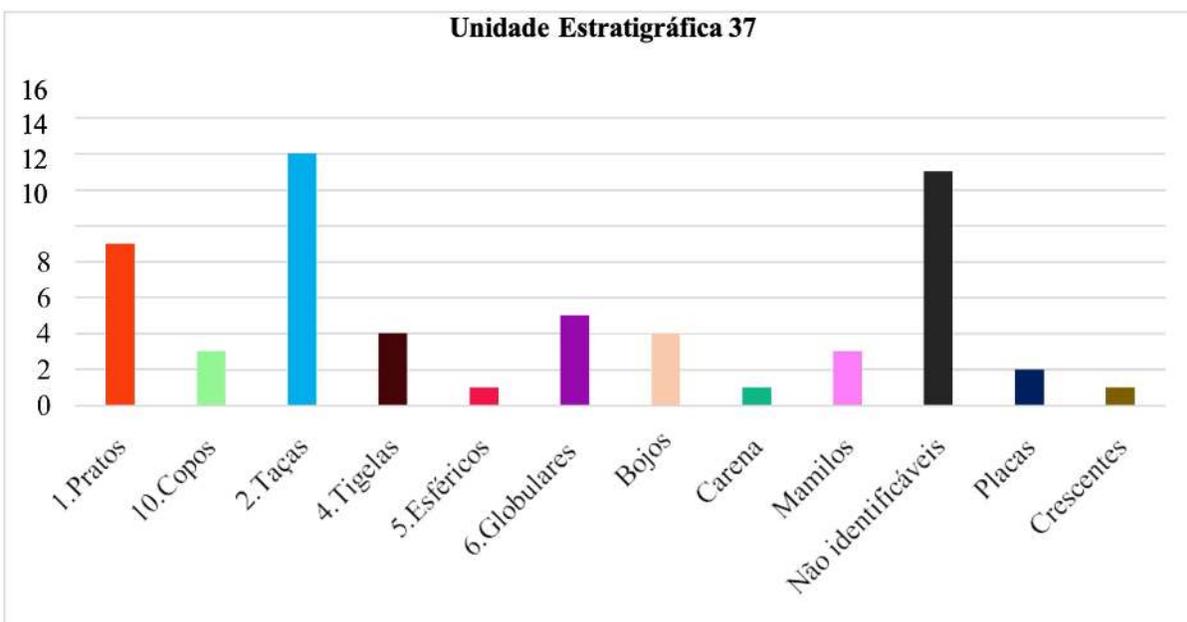


Gráfico 7. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE38]

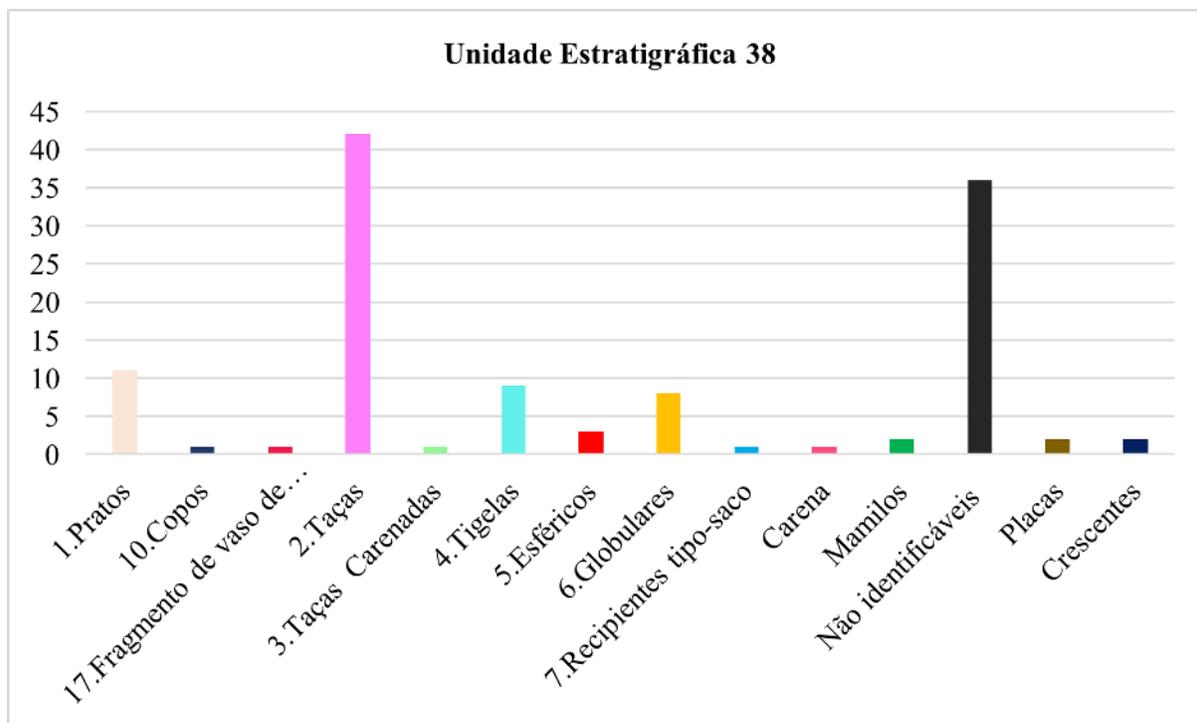


Gráfico 8. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE58]

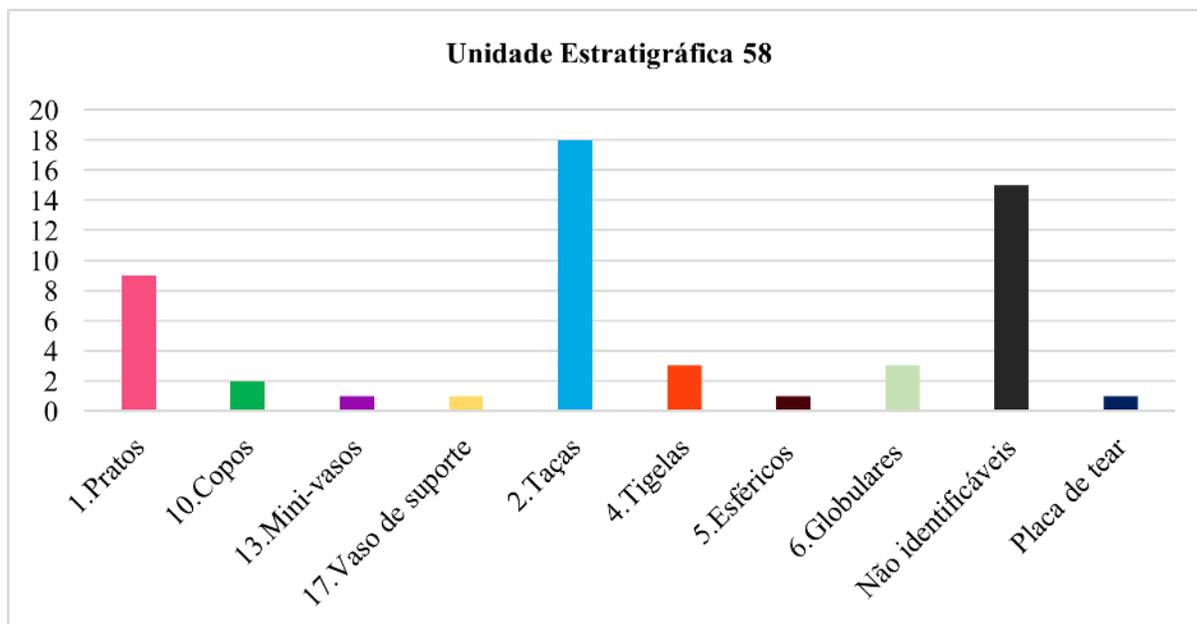


Gráfico 9. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE60]

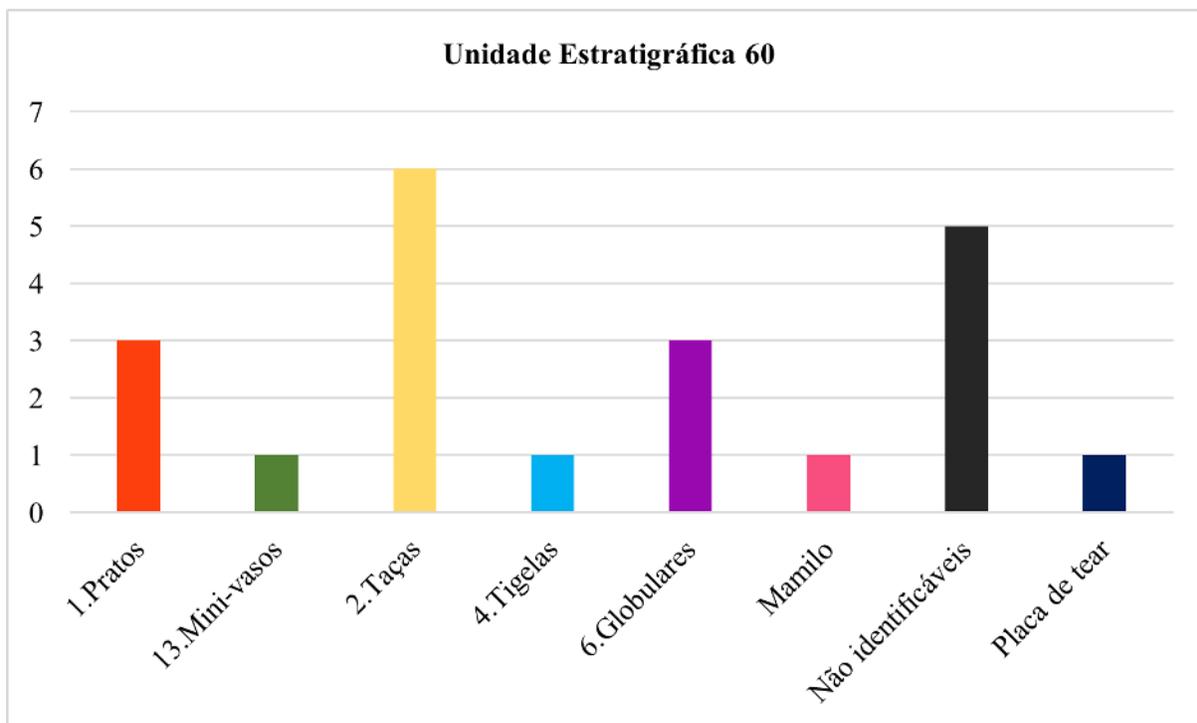


Gráfico 10. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE67]

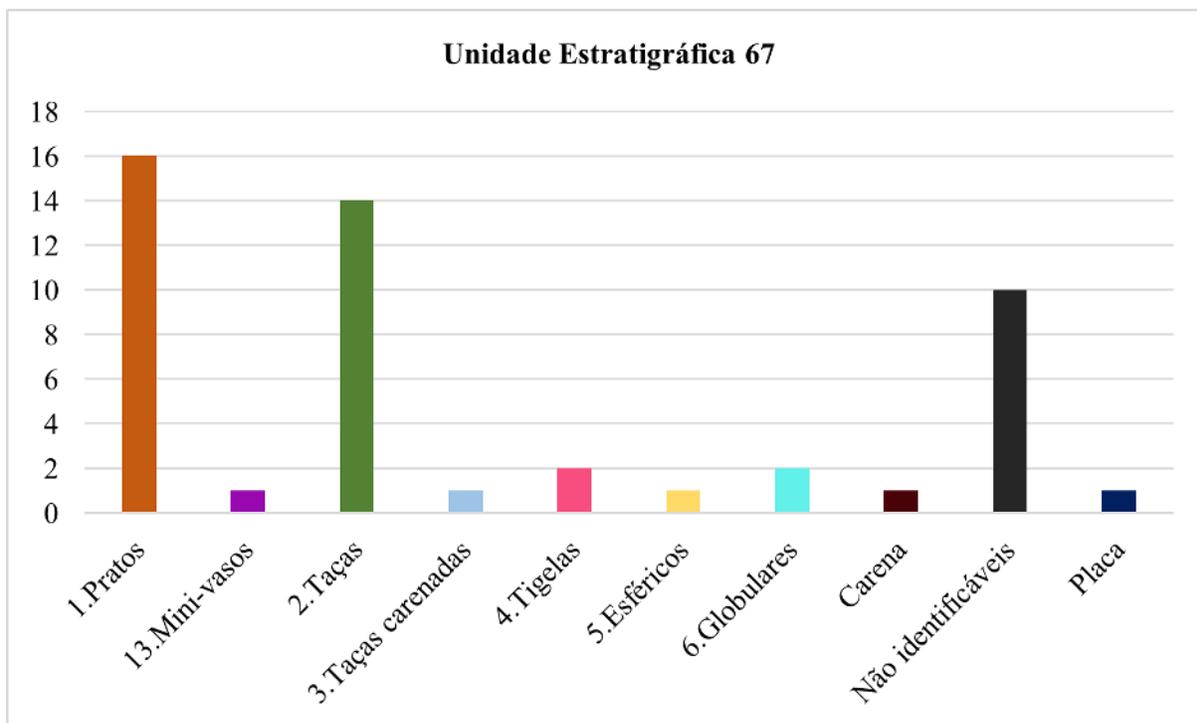


Gráfico 11. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE75]

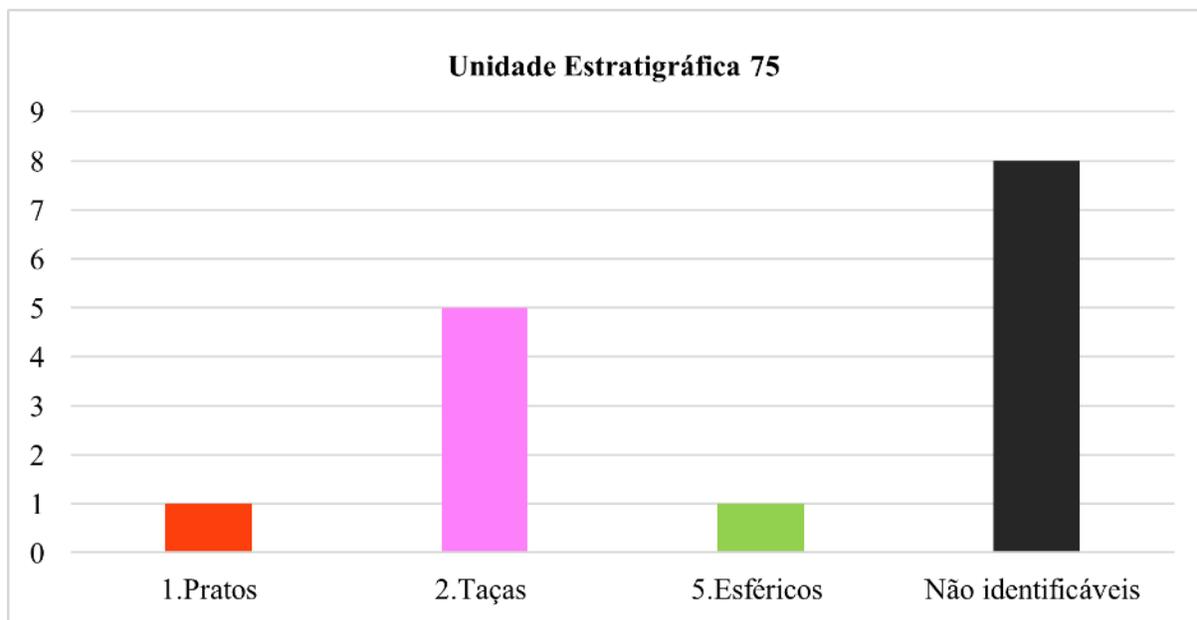


Gráfico 12. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE82]

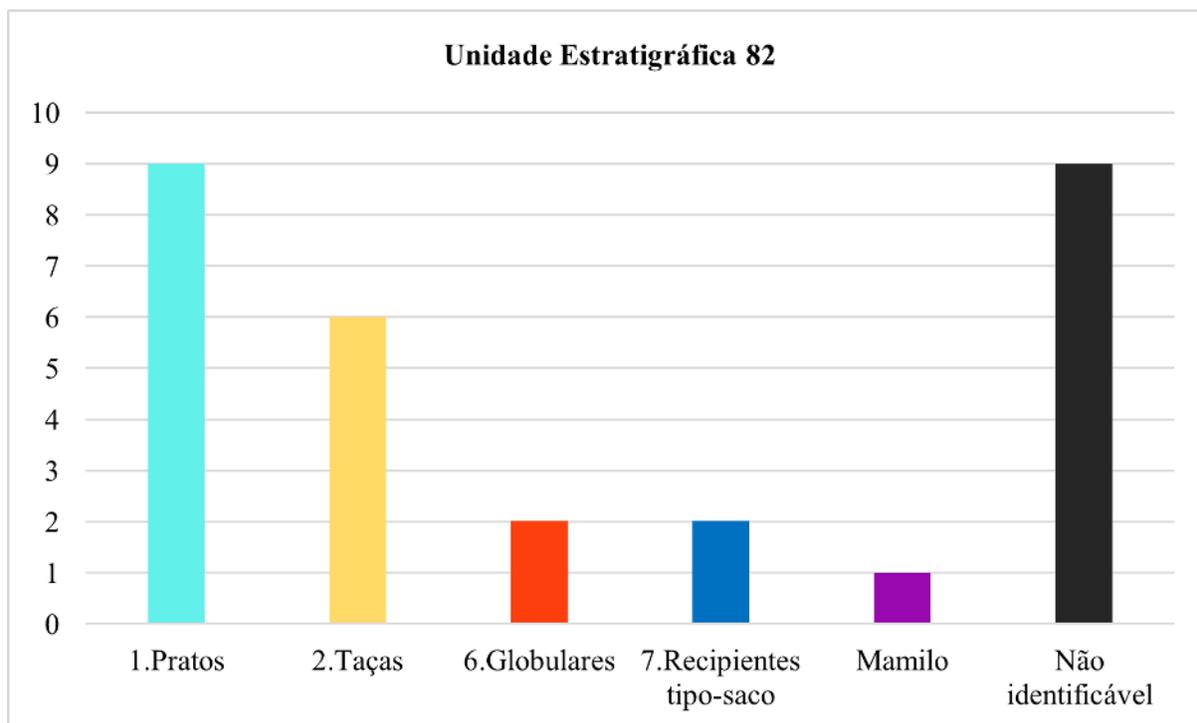


Gráfico 13. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE83]

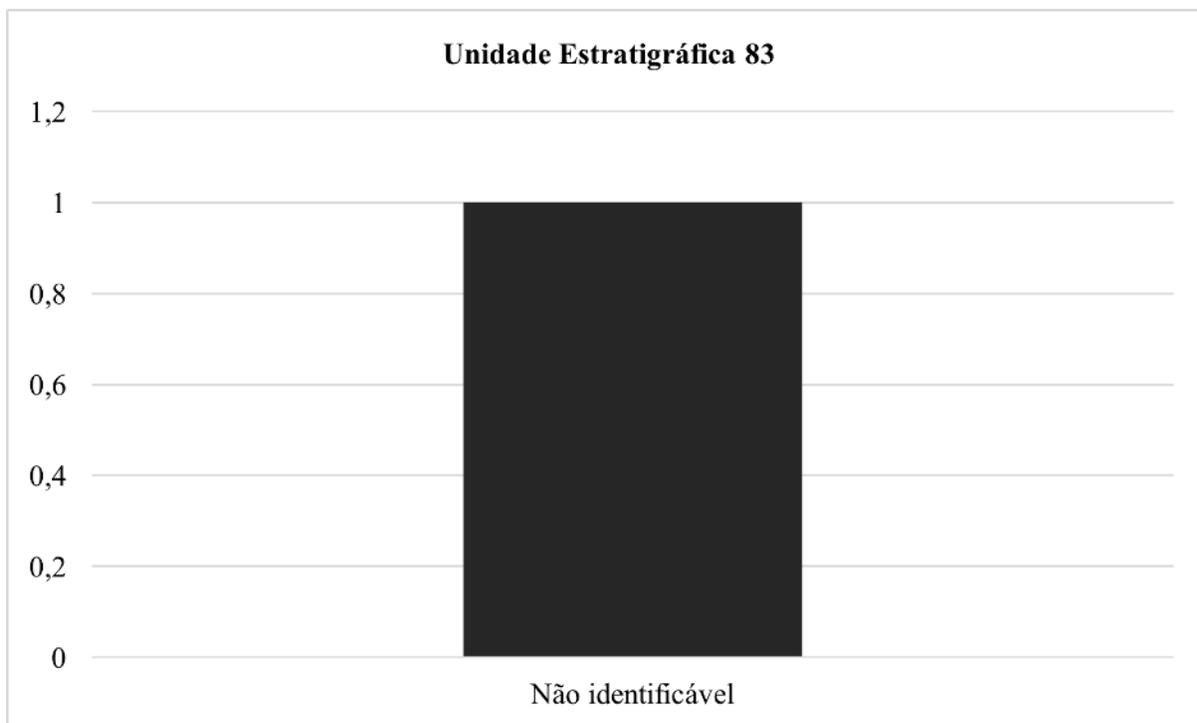


Gráfico 14. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE84]

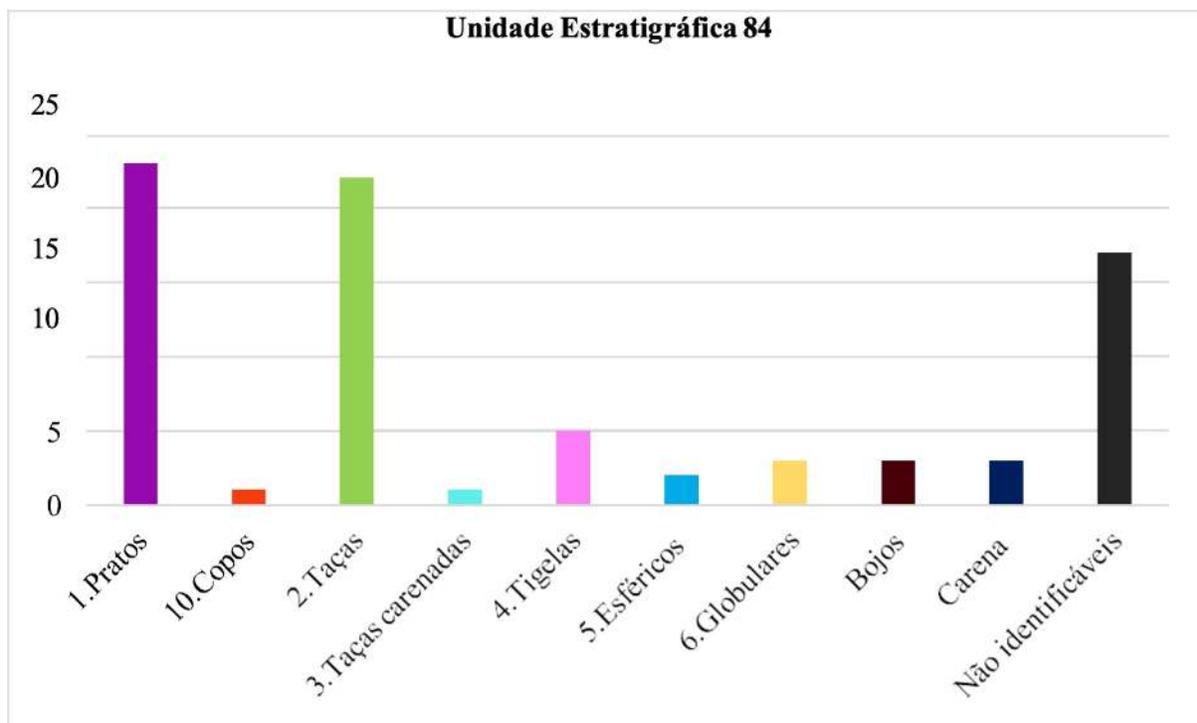


Gráfico 15. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE87]

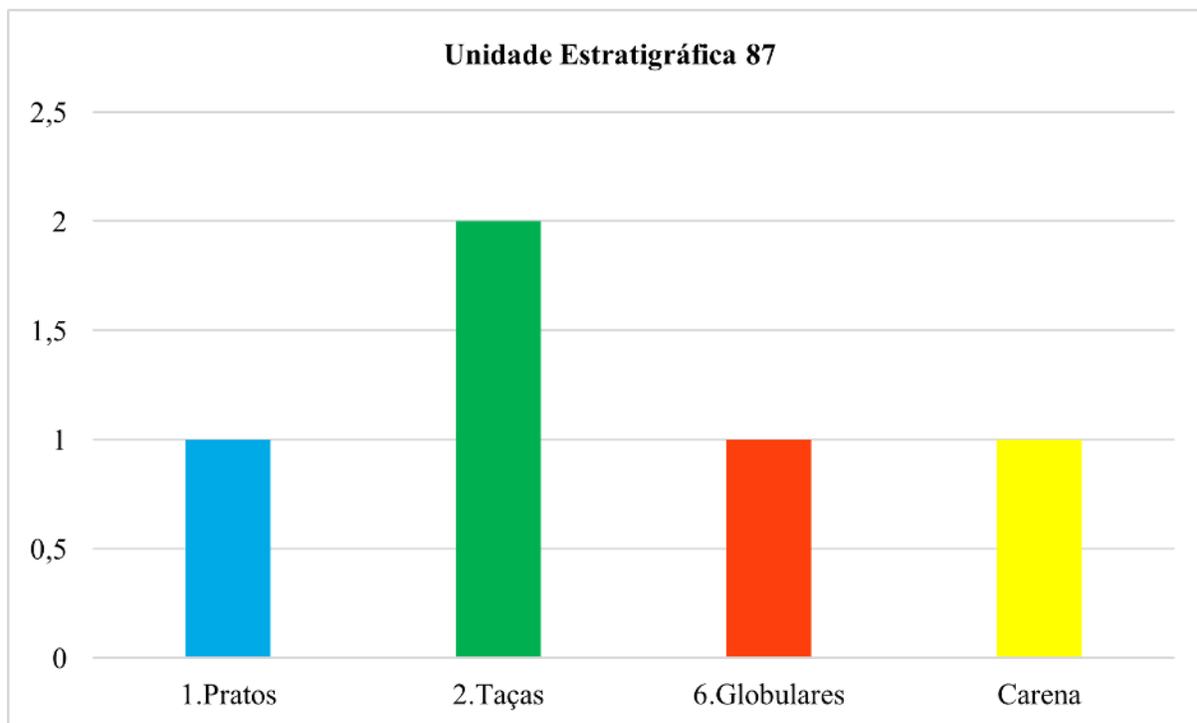


Gráfico 16. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE92]

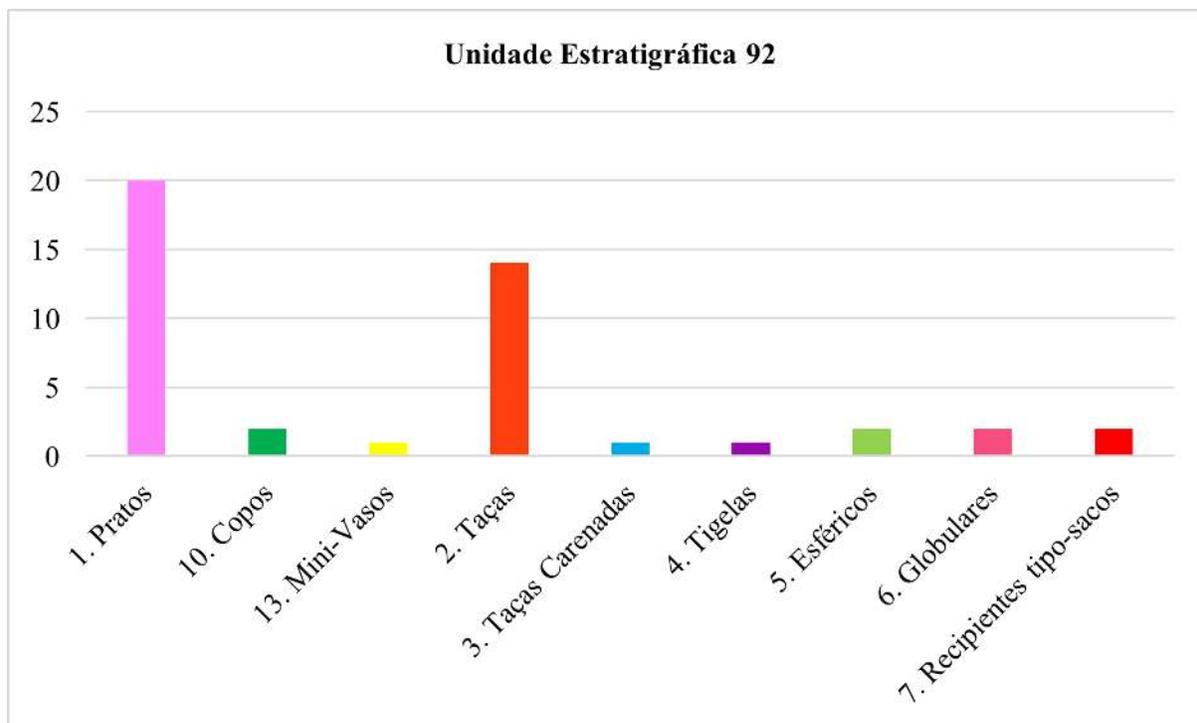


Gráfico 17. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE93]

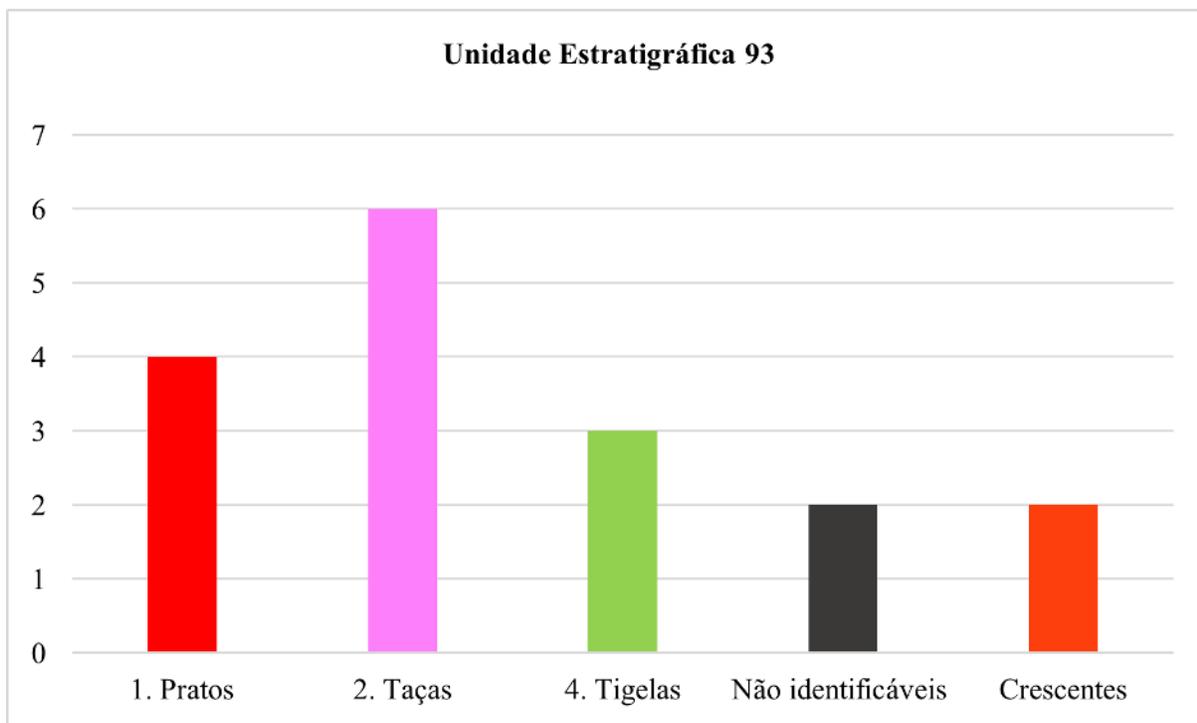


Gráfico 18. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE94]

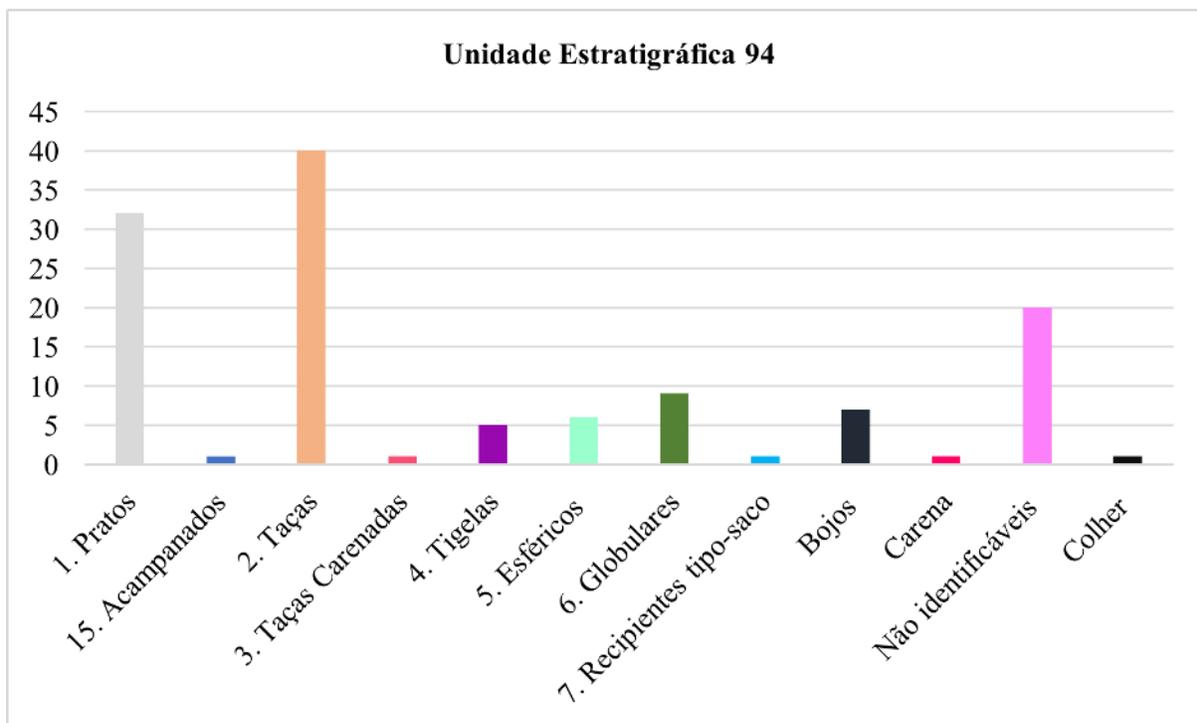
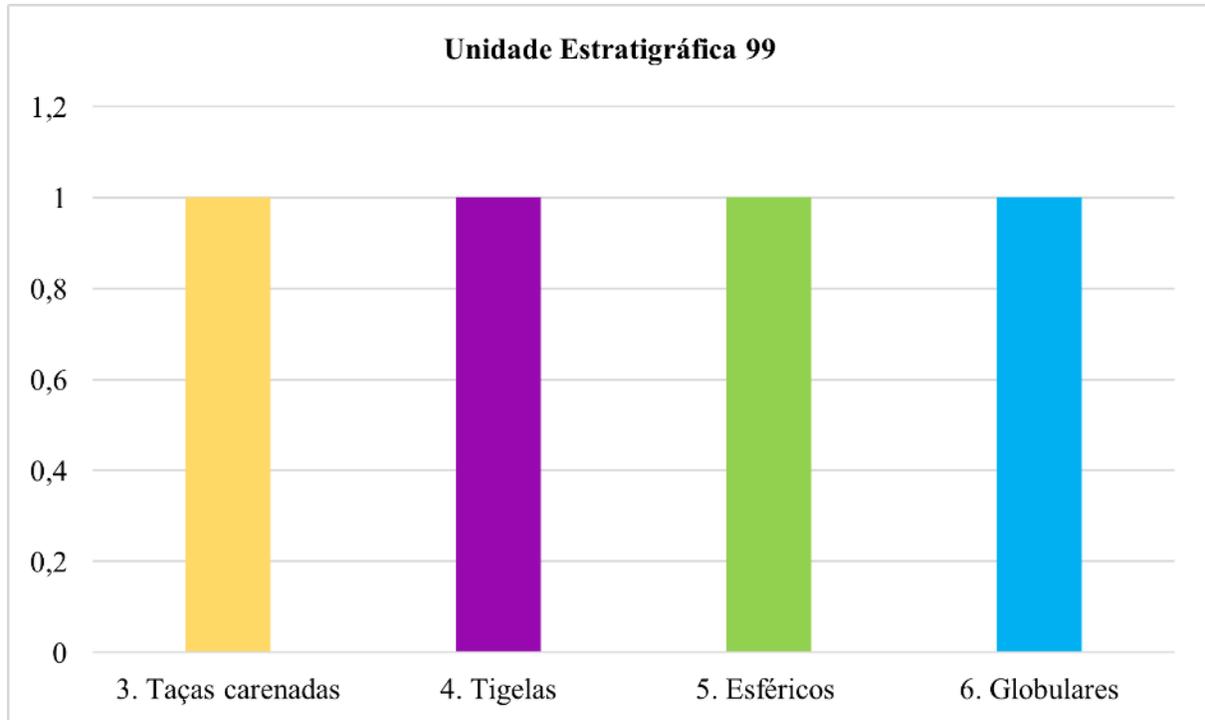


Gráfico 19. Tipologias presentes na Unidade Estratigráfica [UE99]



10.5 Anexo V: Distribuição dos Líticos por Unidade Estratigráfica

Gráfico 20. Líticos presentes na Unidade Estratigráfica [UE16]

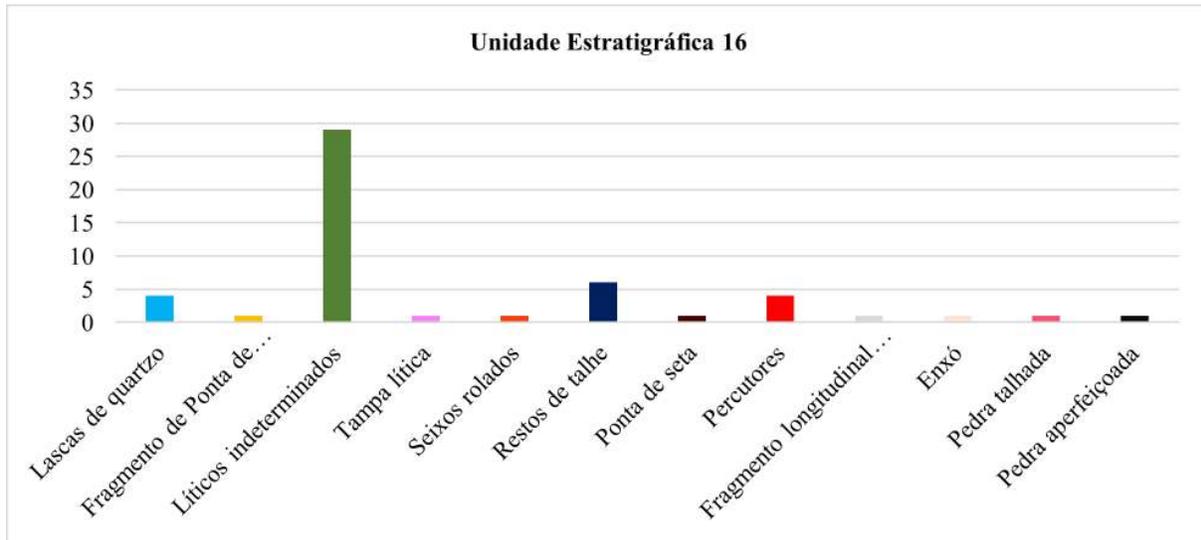


Gráfico 21. Líticos presentes na Unidade Estratigráfica [UE20]

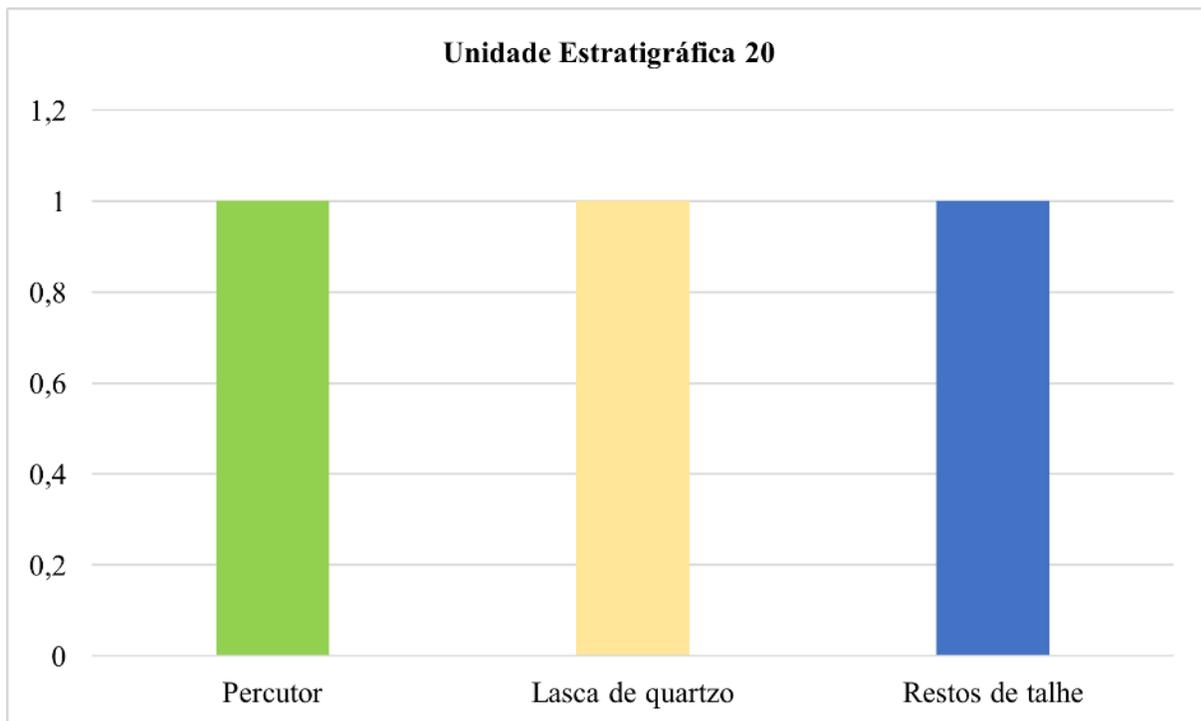


Gráfico 22. Líticos presentes na Unidade Estratigráfica [UE32]

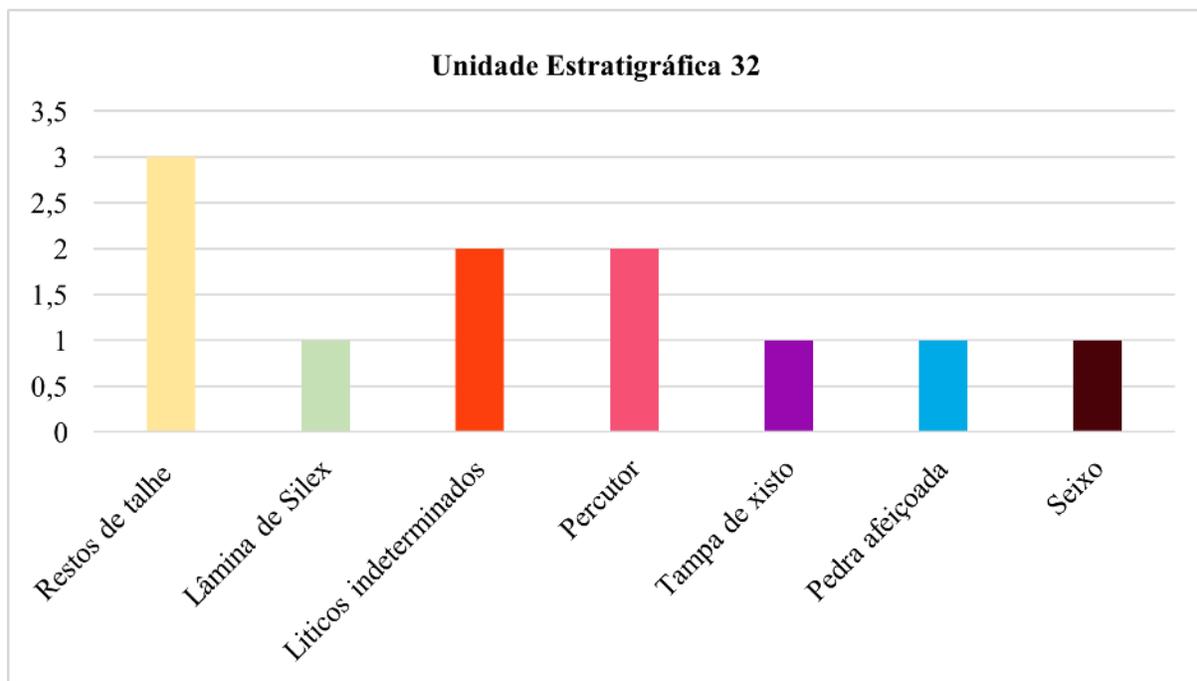


Gráfico 23. Líticos presentes na Unidade Estratigráfica [UE37]

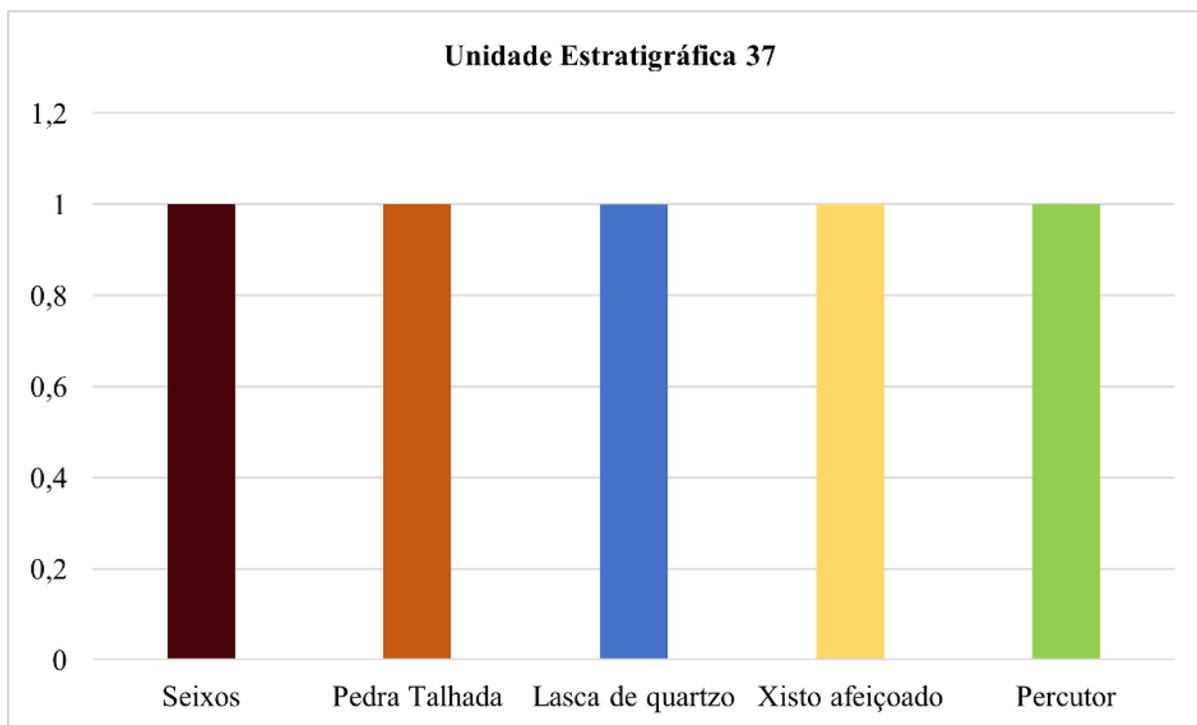


Gráfico 24. Líticos presentes na Unidade Estratigráfica [UE82]

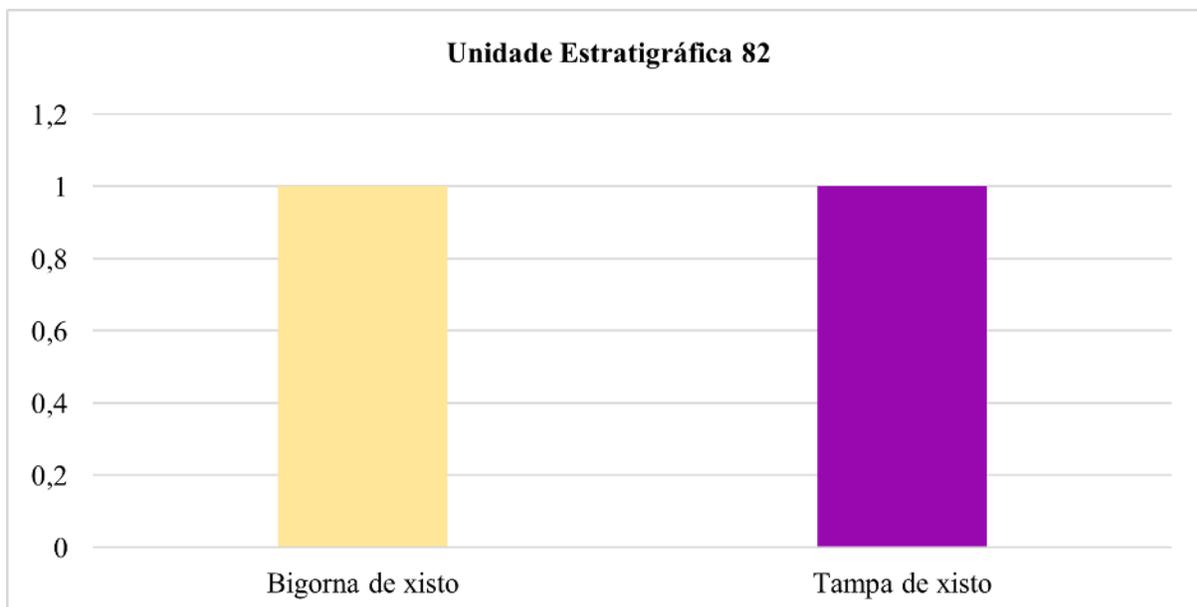


Gráfico 25. Líticos presentes na Unidade Estratigráfica [UE92]

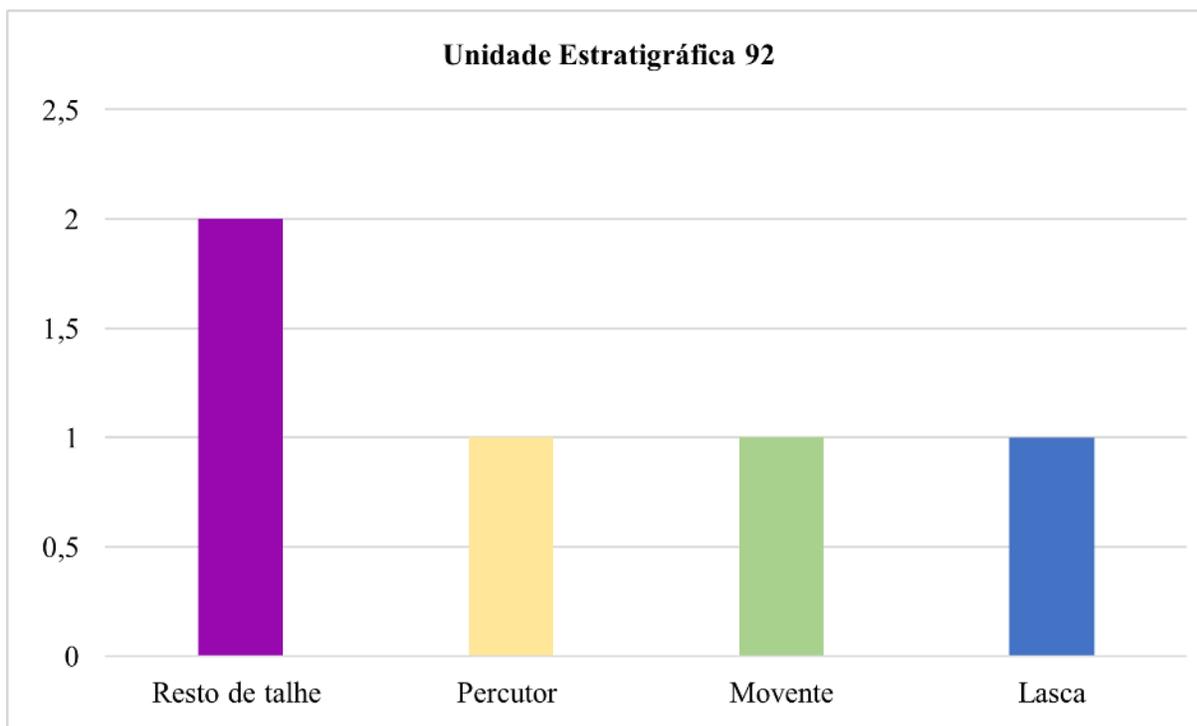


Gráfico 26. Líticos presentes na Unidade Estratigráfica [UE93]



Gráfico 27. Líticos presentes na Unidade Estratigráfica [UE94]

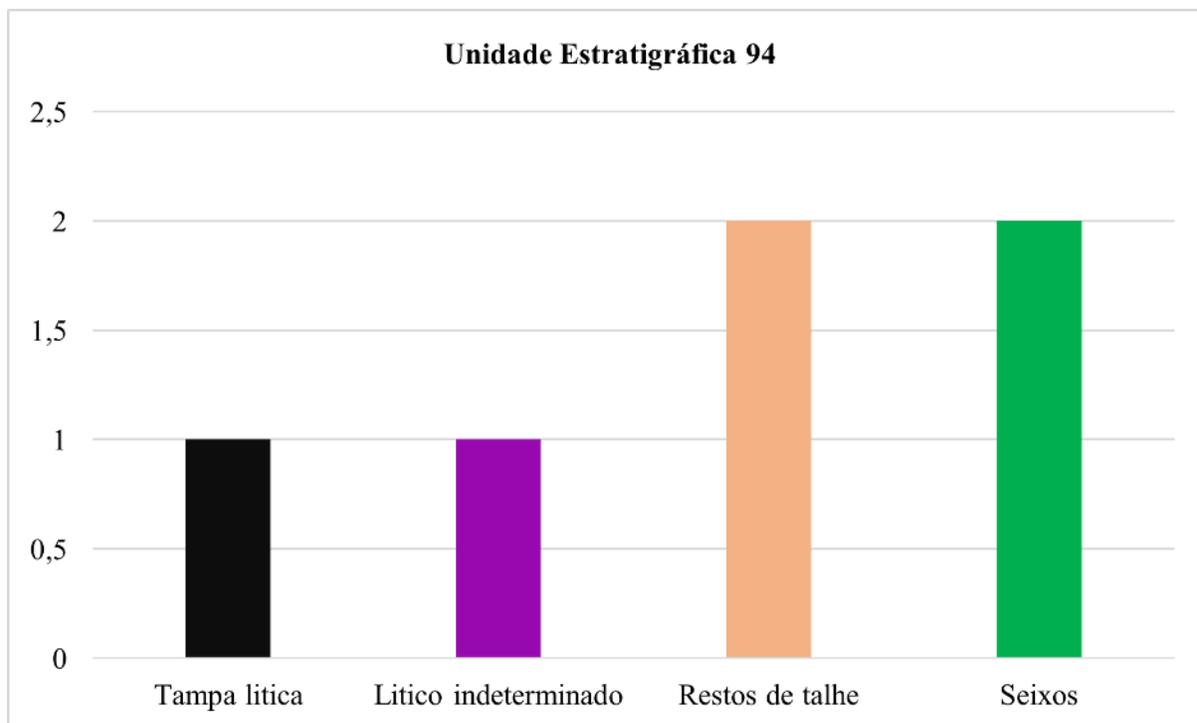


Gráfico 28. Líticos presentes na Unidade Estratigráfica [UE99]

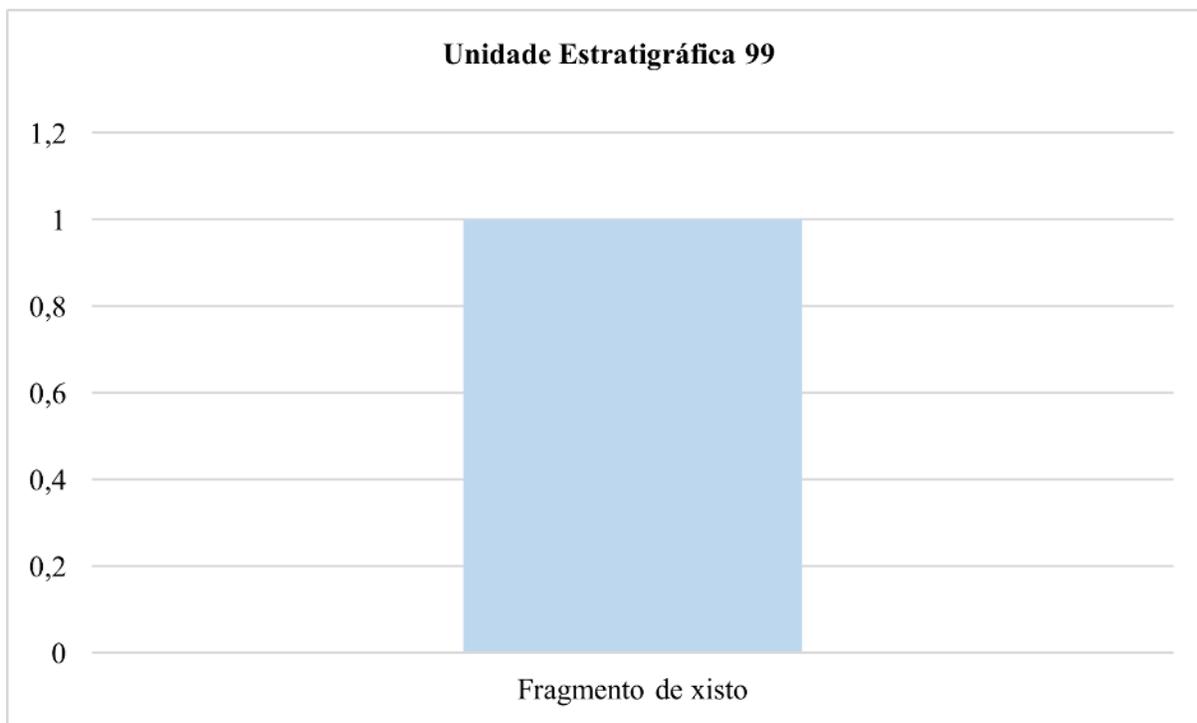
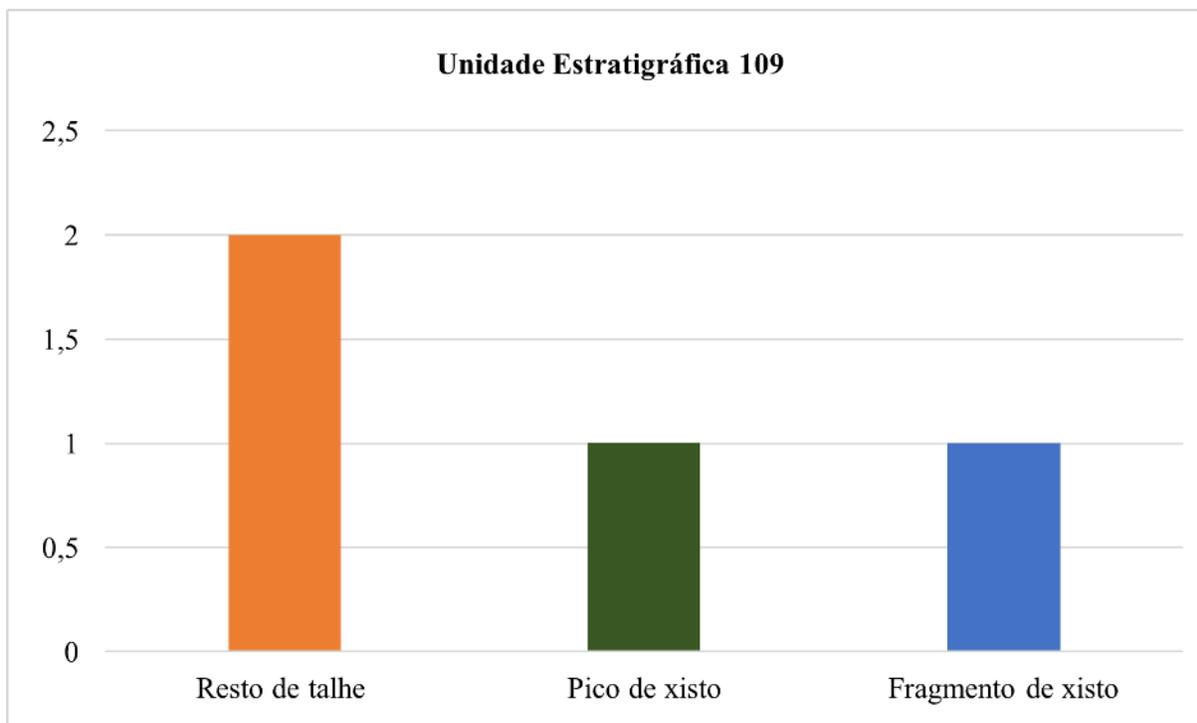


Gráfico 29. Líticos presentes na Unidade Estratigráfica [UE10]



10.6 Anexo VI: Cerâmicas – Tipologias

Figura 8. Pratos- 3082: 1.6c; 1195:1.1c; 3855: 1.6d; 3559: 1.4c; 3948: 1.5f

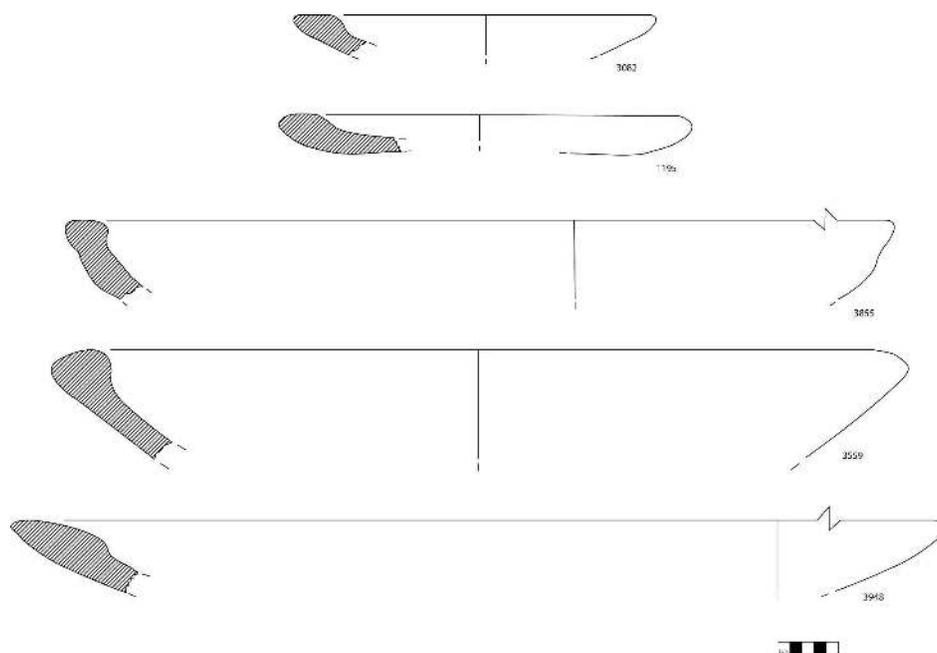


Figura 9. Pratos- 3876: 1.9; 3921: 1.1a; 3480: 1.4a; 3924: 1.6b

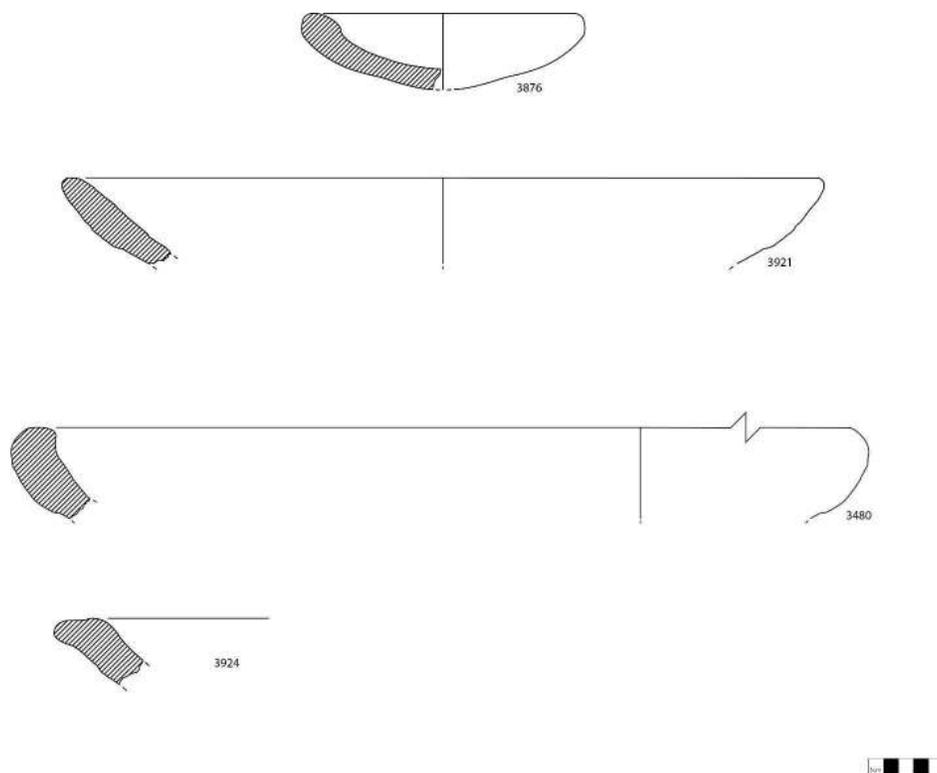


Figura 10. Pratos- 3116: 1.5j 1312: 1.5d; 4438: 1.6d

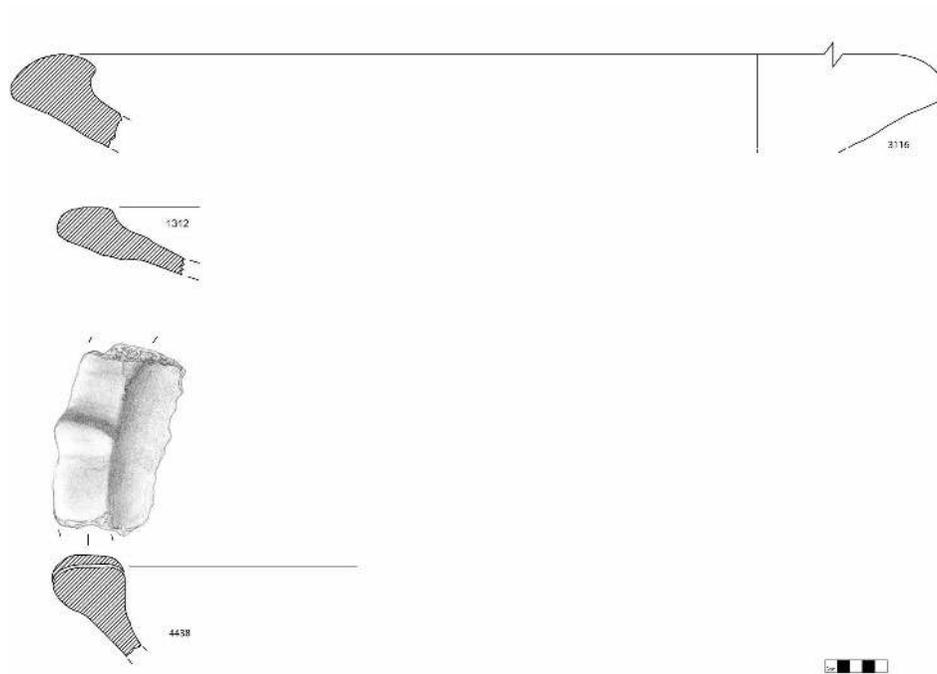


Figura 11. Pratos- 4284: 1.5e; 4182: 1.5f; 4427: 1.7; 3512: 1.5i; 3464: 1.5g

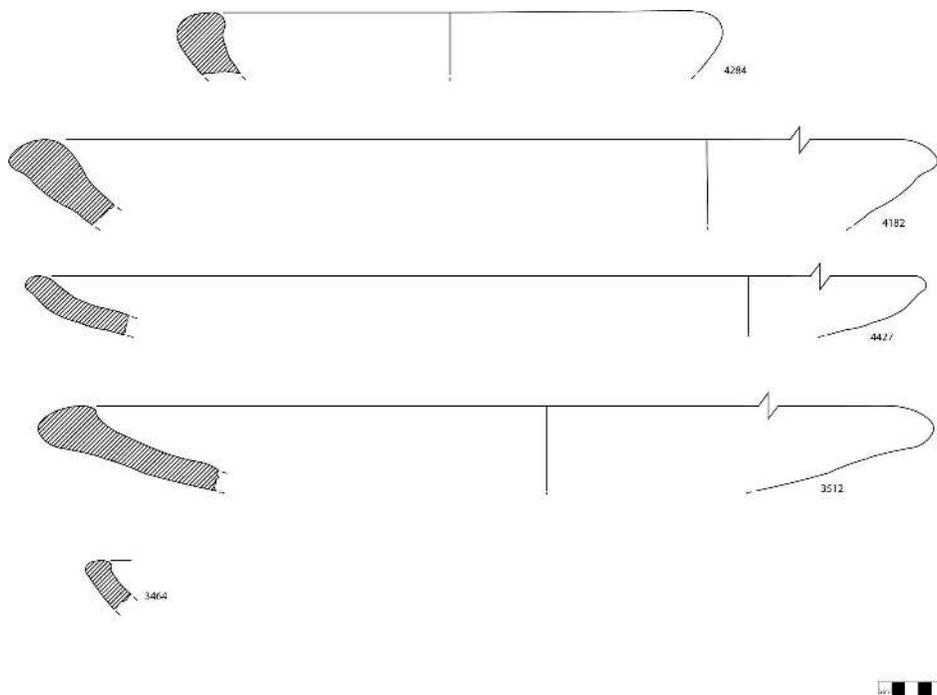


Figura 12. Pratos- 498: 1.3c; 4418: 1.5c; 1125: 1.5b

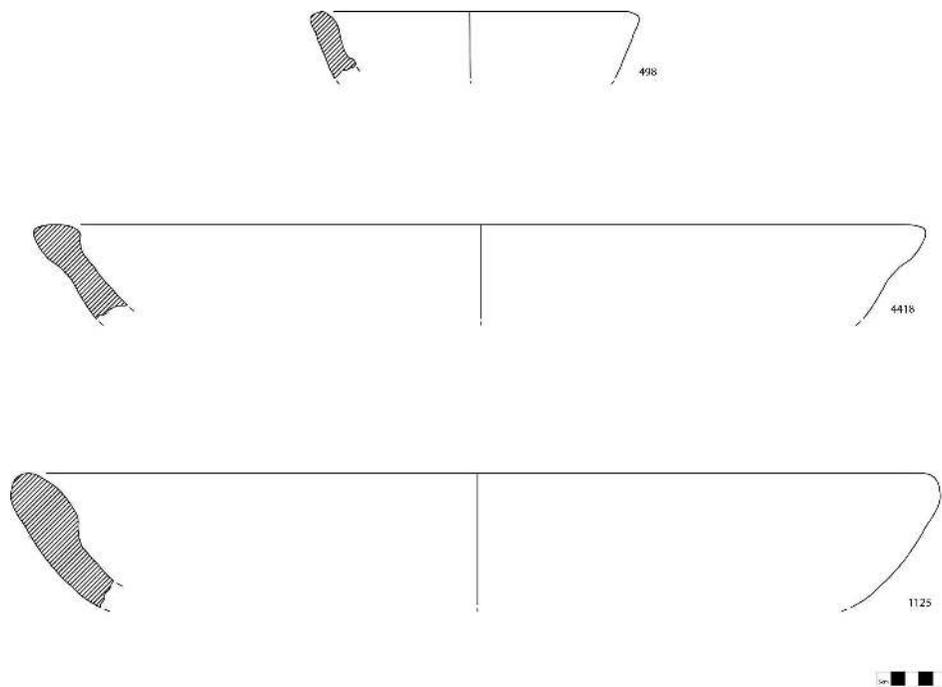


Figura 13. Pratos- 559:1.4b; 4348: 1.6e; 4260: 1.5h; 847: 1.4b

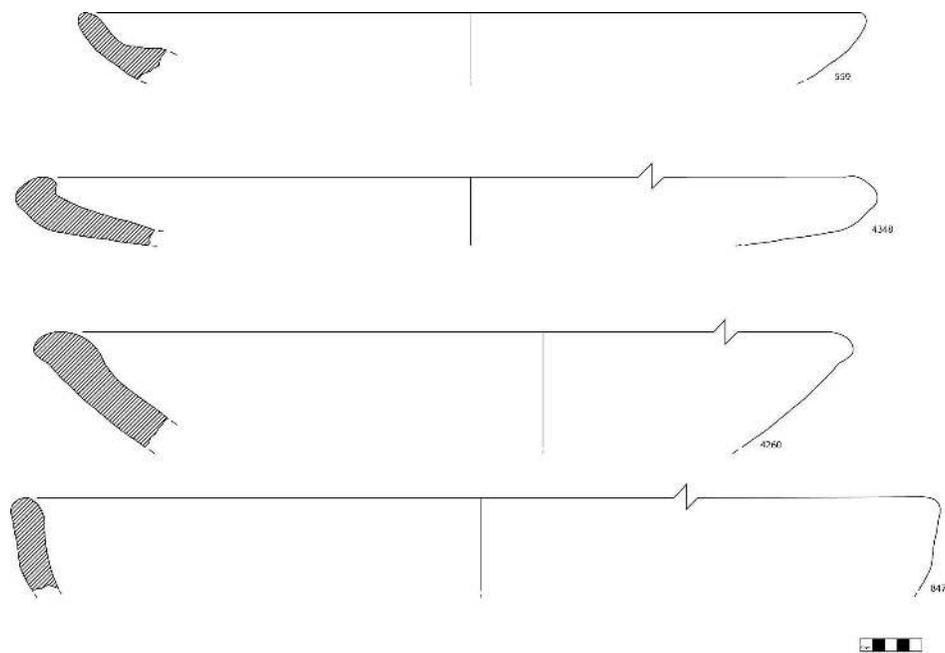


Figura 14. Taças- 416: 2.7b; 862: 2.4a; 87b: 2.11

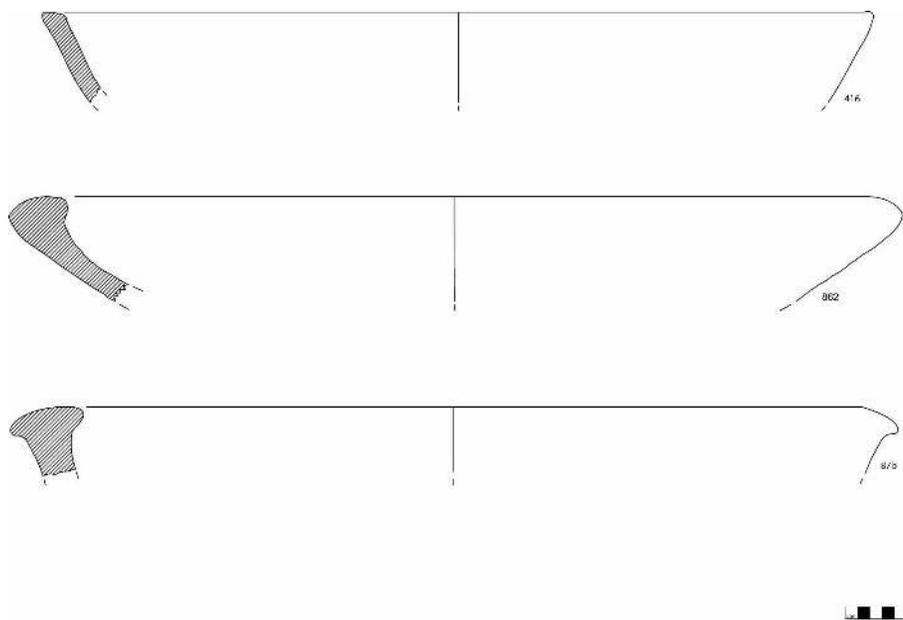


Figura 15. Taças- 3914: 2.1a; 1186: 2.4a; 3582: 2.14; 3385: 2.4c

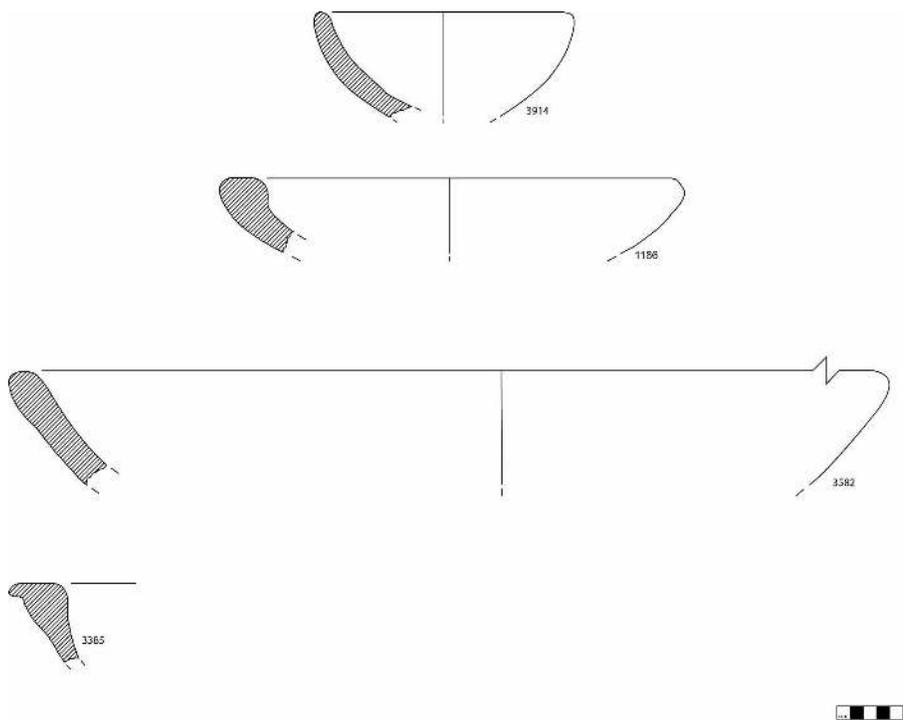


Figura 16. Taças- 2188: 2.1a ; 2177: 2.3b; 1127: 2.4a;

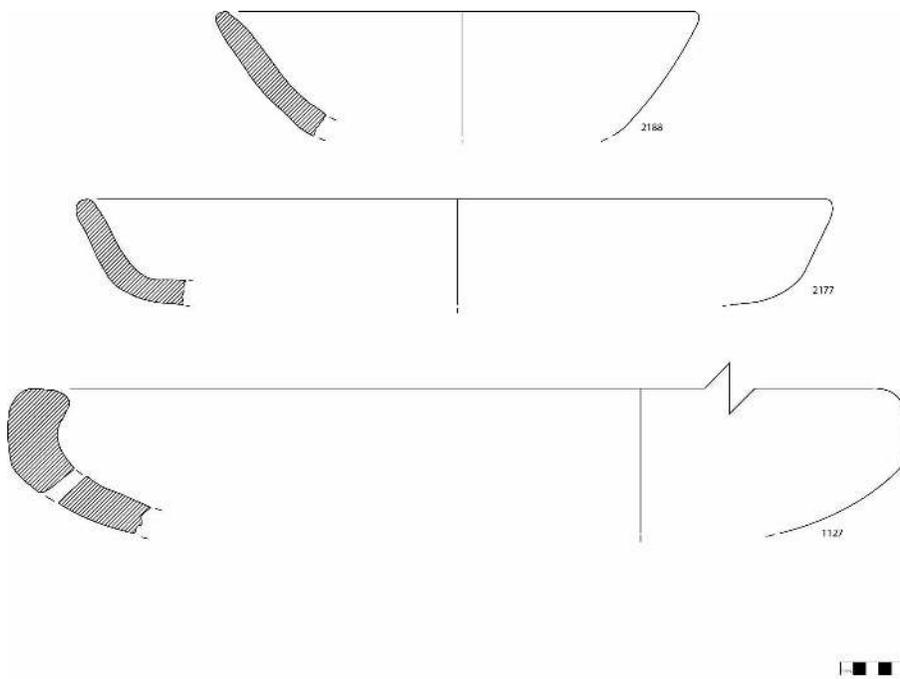


Figura 17. Taças-539: 2.3b; 3756: 2.12;86b:2.10

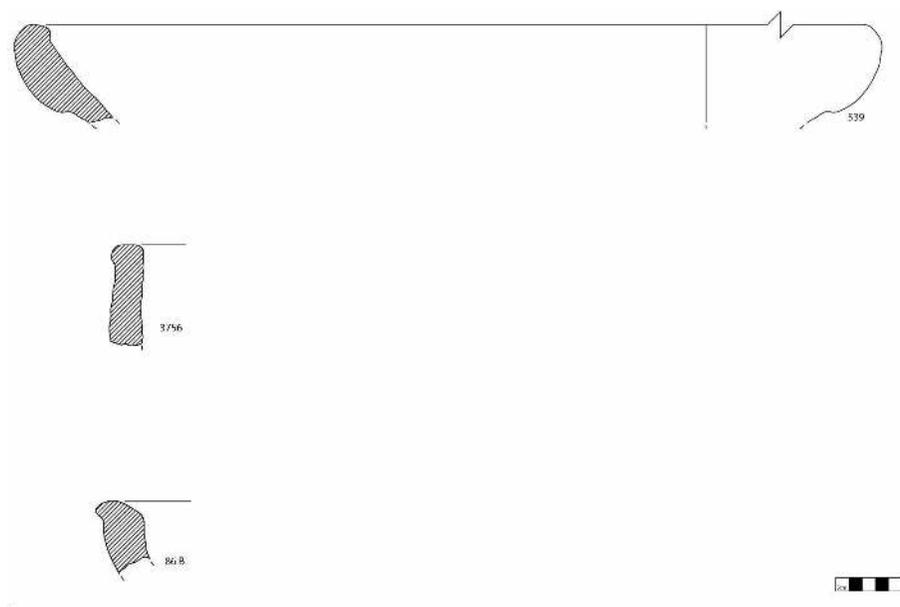


Figura 18. Taças- 1436: 2.1a; 1303: 2.2b; 1060: 2.2a; 771: 2.1b

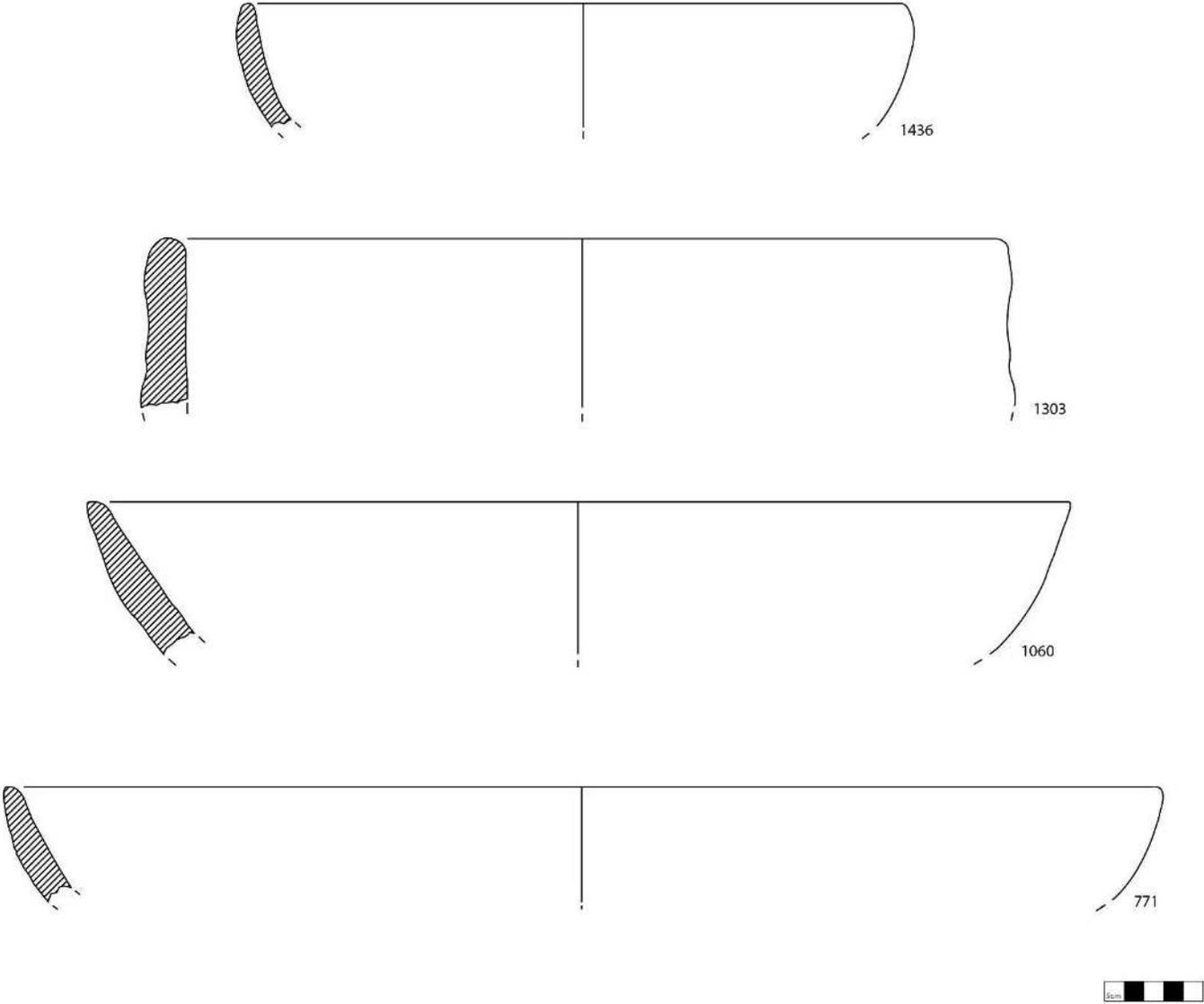


Figura 19. Taças- 4343:2.3a; 3289: 2.5b; 3241: 2.13

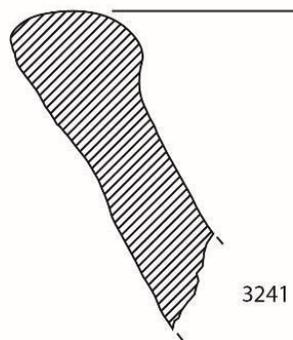
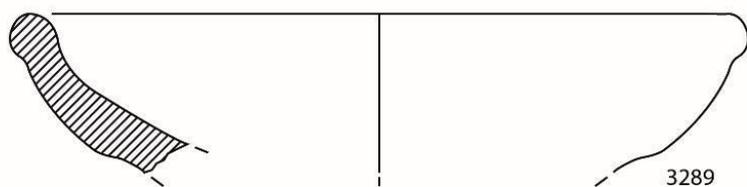
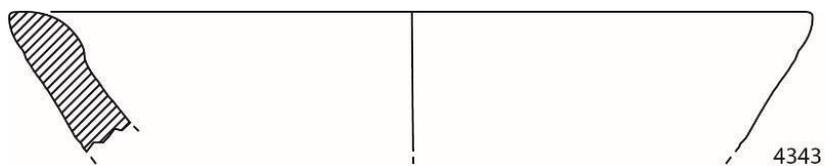


Figura 20. Taças- **251:** 2.5a com decoração; **3610:** 2.10; **905:** 2.6; **4264:** 2.15

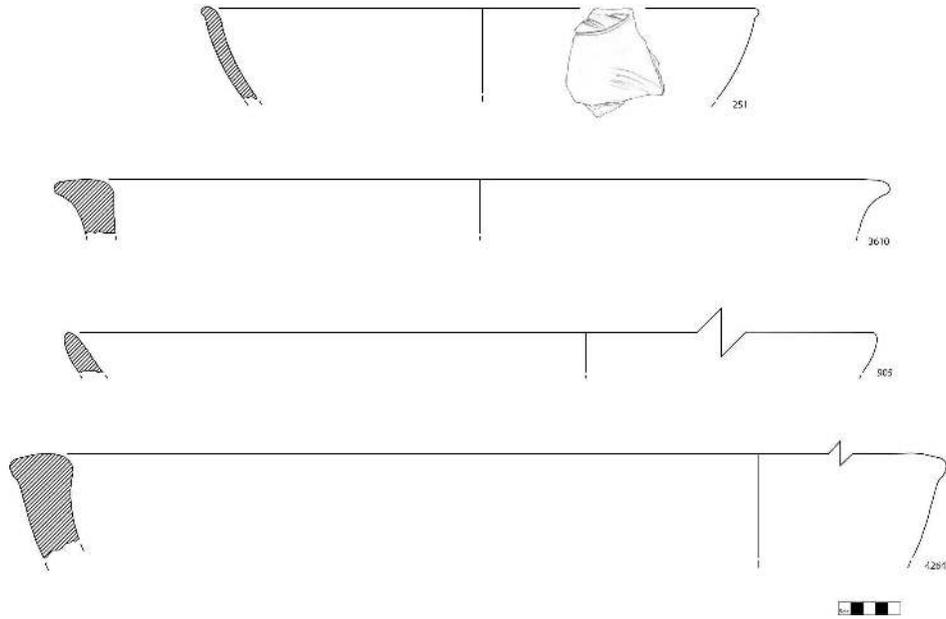


Figura 21. Taças carenadas – **4772:** 3.1a; **2294:** 3.3c; **4463:** 3.1a; **3590:** 3.3a

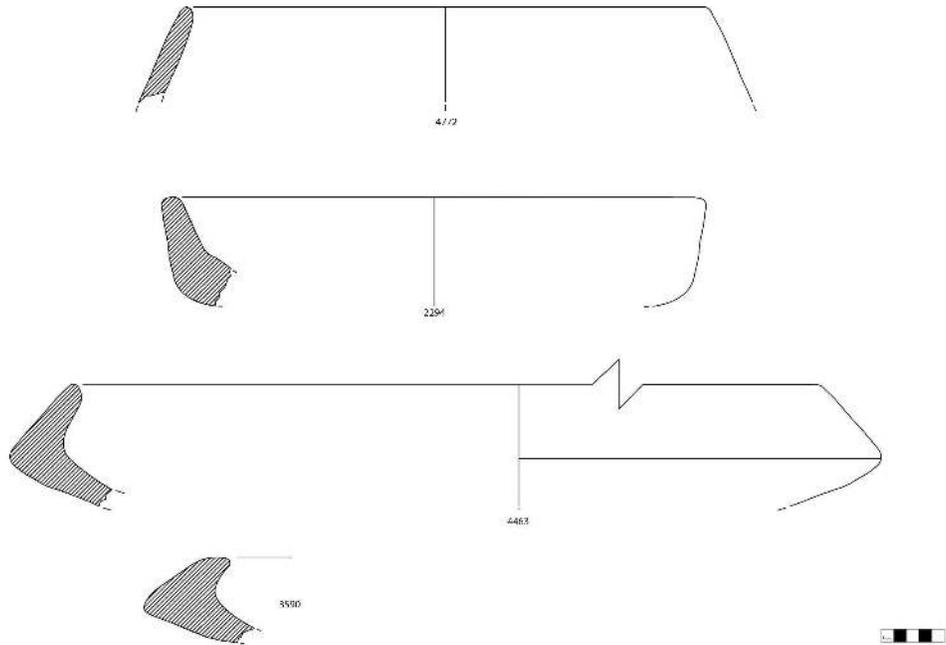


Figura 22. Tigelas- 995: 4.2a; 249: 4.2f; 4472: 4.2h; 765: 4.2c; 2290: 4.2d

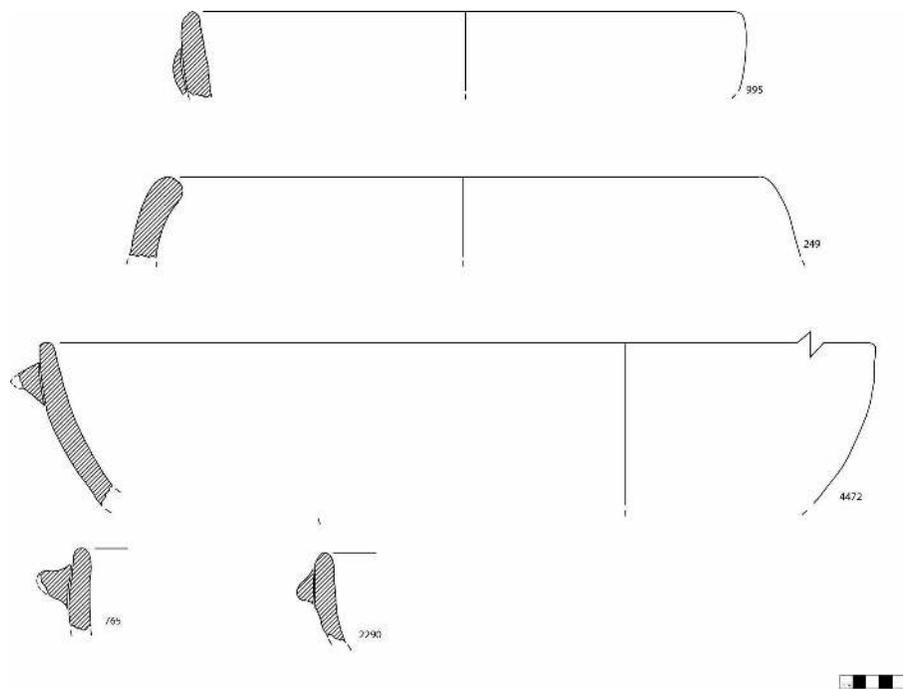


Figura 23. Tigelas- 132: 4.2d; 2002: 4.2f; 2173: 4.2c

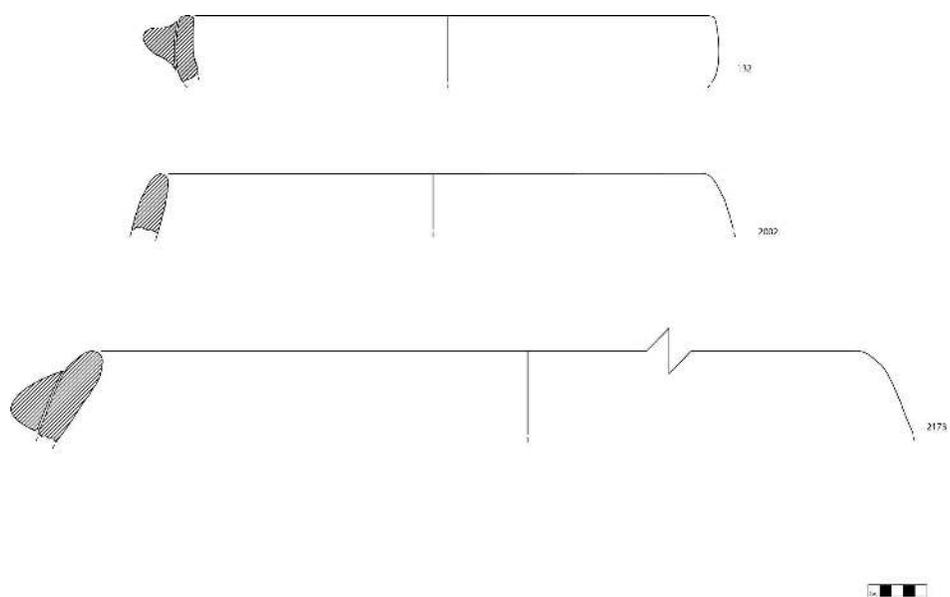


Figura 24. Tigelas- 1419:4.5; 3977: 4.2g; 4115: 4.3a

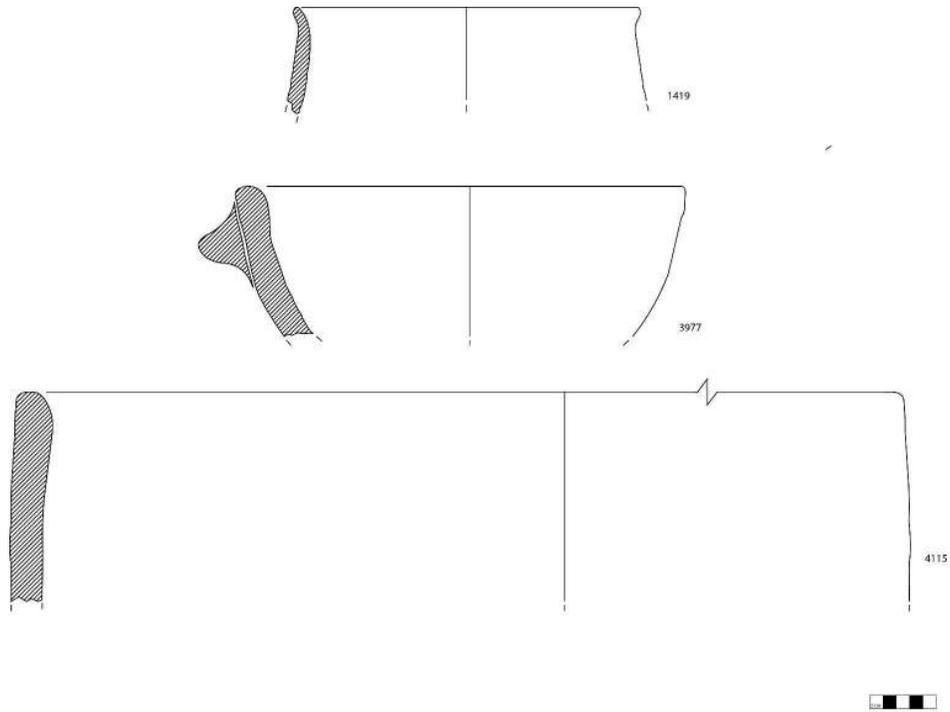


Figura 25. Esféricos- 4413: 5.3; 2140: 5.2; 4150: 5.1b com decoração simbólica ;3367: 5.1; 2327: 5.1b

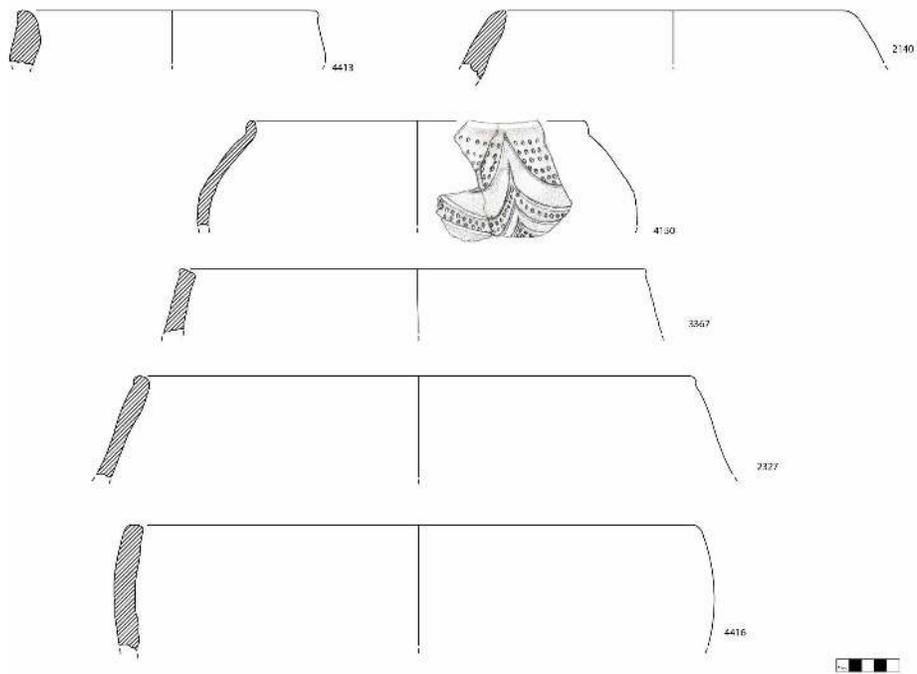


Figura 26. Globulares- **3902/3905:** 6.5 com decoração simbólica; **819:** 6.1b**4466:** 6.1b; **2344:** 6.1g

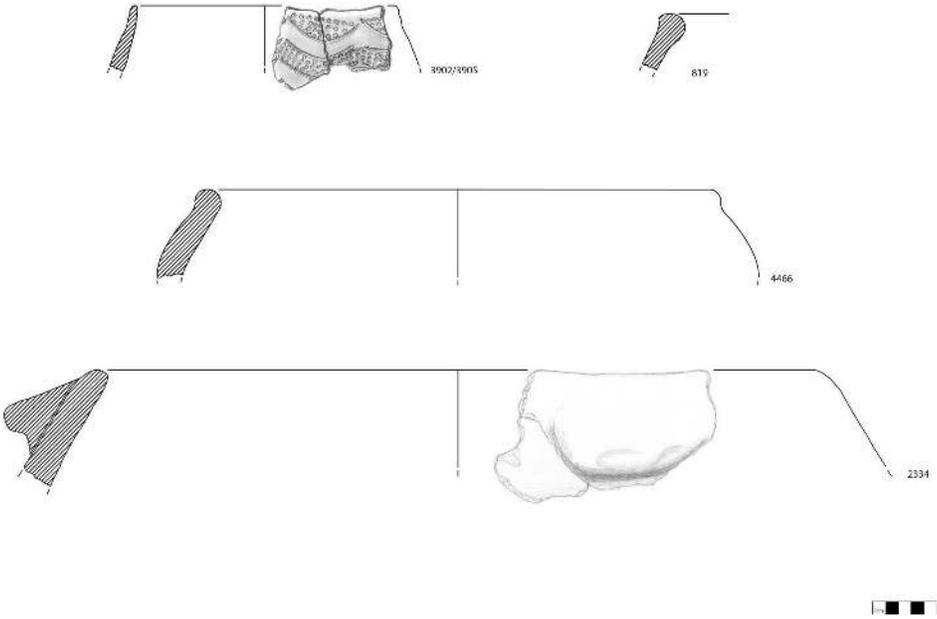


Figura 27. Globulares- **645:** 6.1c; **951:** 6.3a; **4845:** 6.3c com decoração em caneluras

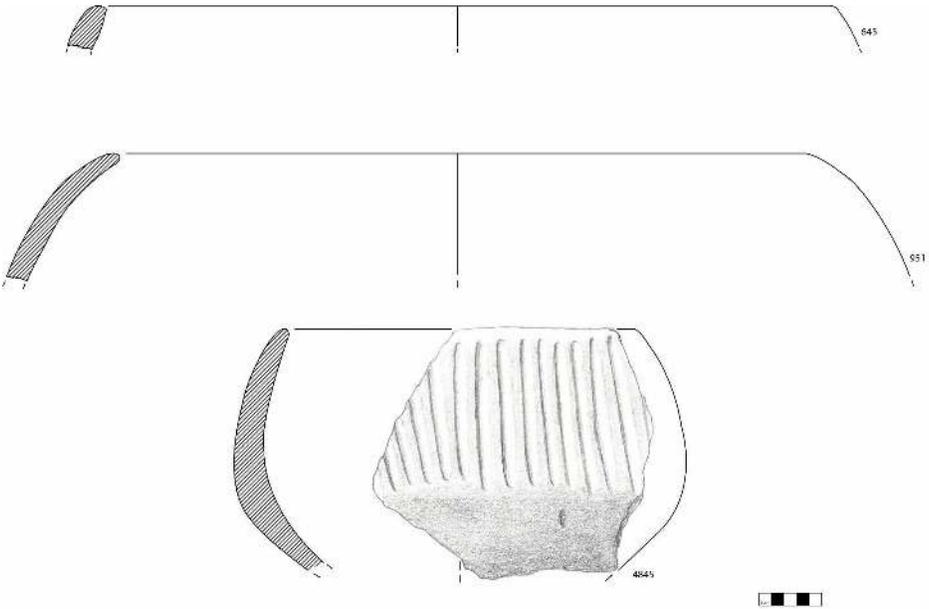


Figura 28. Globulares- 212: 6.1b; 3494: 6.1d; 3736: 6.7; 2150:6.1f

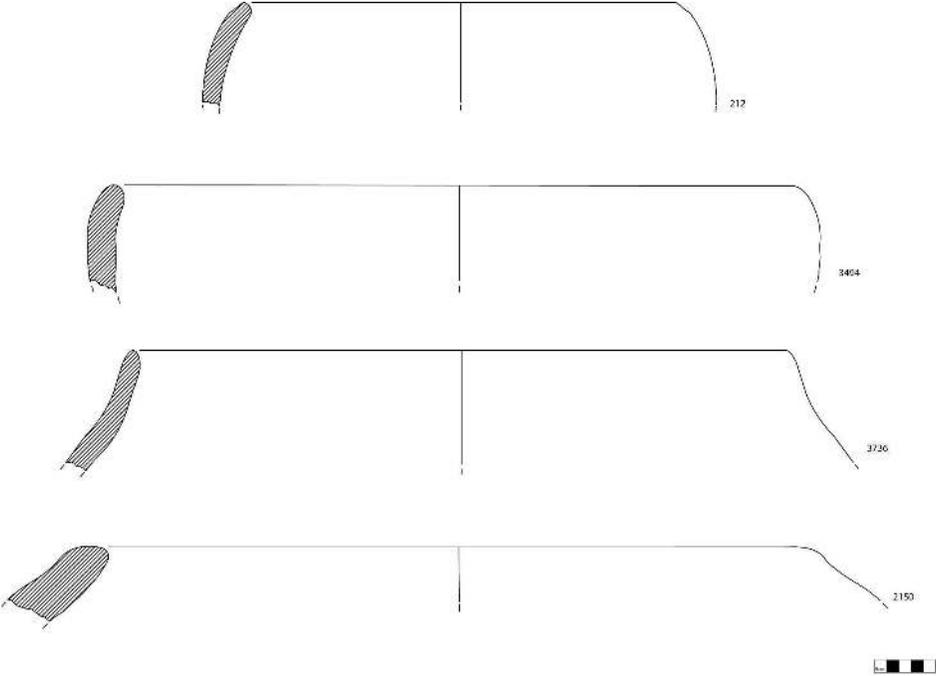


Figura 29. Recipientes tipo saco: 4449: 7.4; 4114: 7.1a

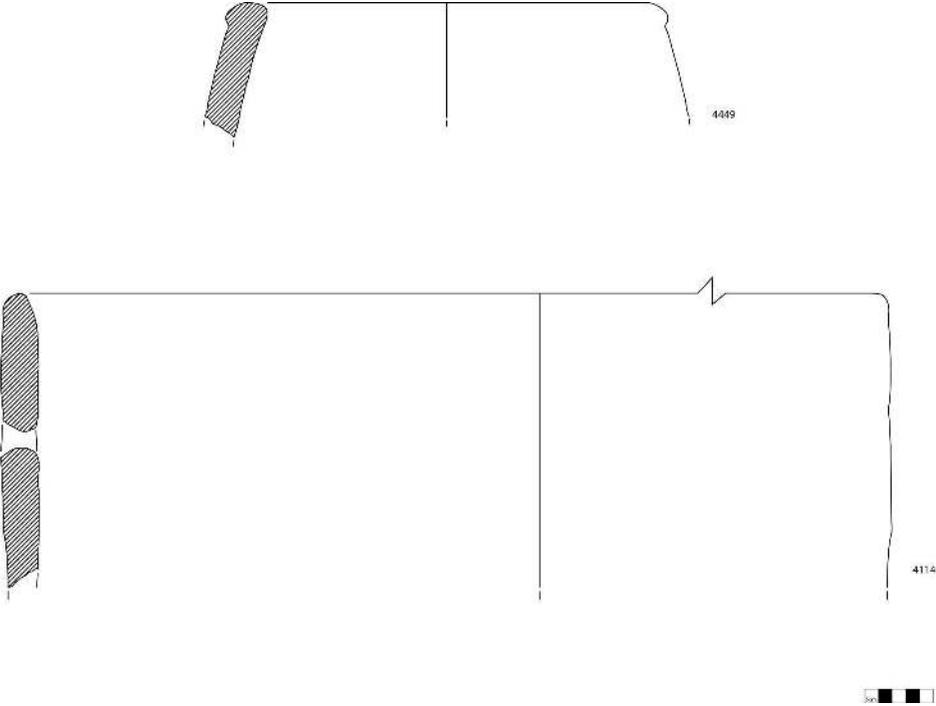


Figura 30. Recipientes tipo saco: 345: 7.4

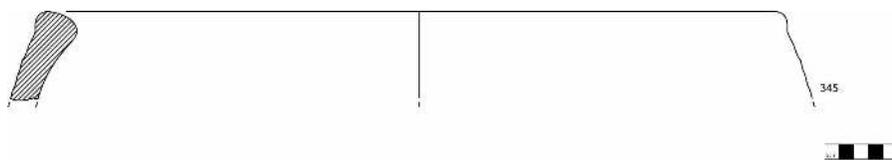


Figura 31. Taça de carena média: 147: 9.a ; 2115: 9.c

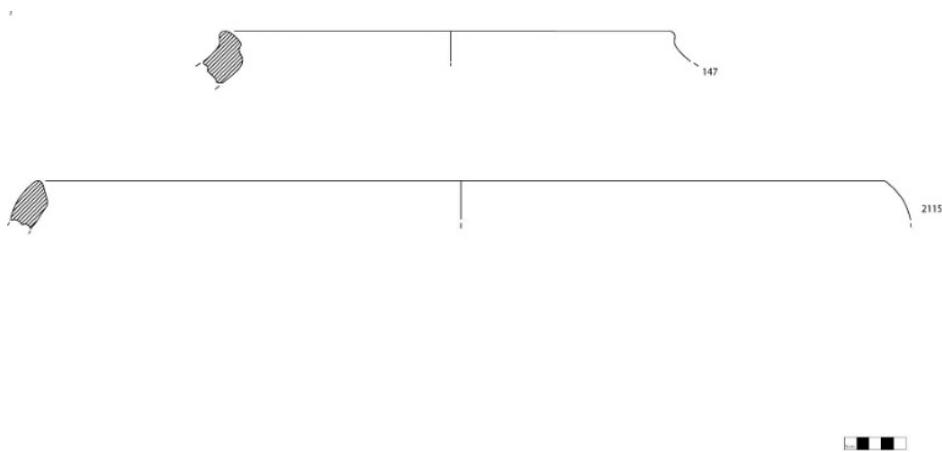


Figura 32. Copos- 1124: 10.8; 4175: 10.5; 3854: 10.3; 3177: 10.7; 4773: 10.4; 2014: 10.5

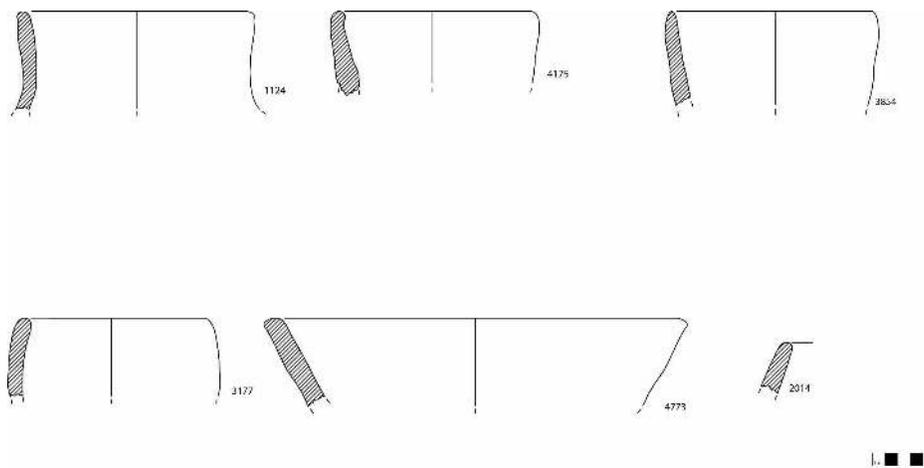


Figura 33. Mini vasos- **1200:** 13.13b; **263:** 13.13c; **4767:** 13.13i; **2010:** 13.13g; **3539:** 13.13f

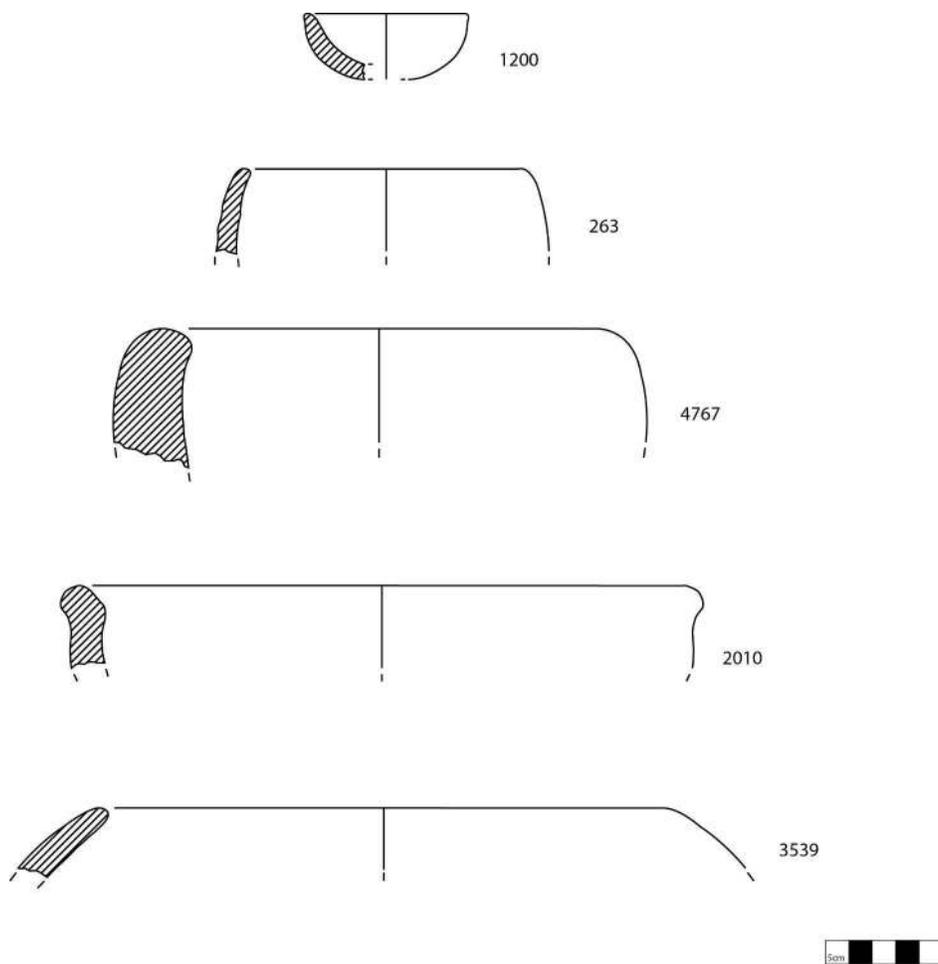


Figura 34. Acampanados- **918:** 15.1a

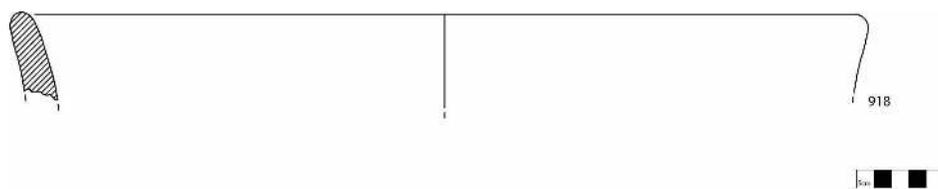


Figura 35. Caixa- **1263:** 19



Figura 36. Vaso de suporte

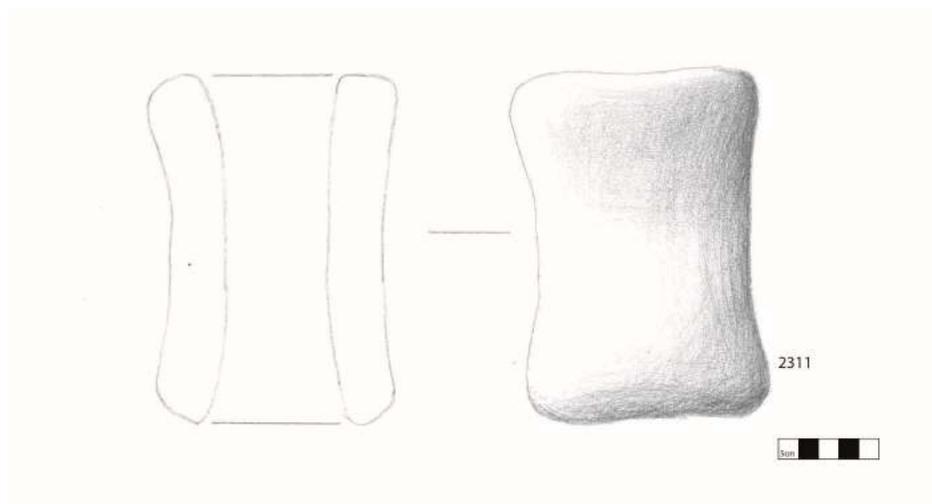
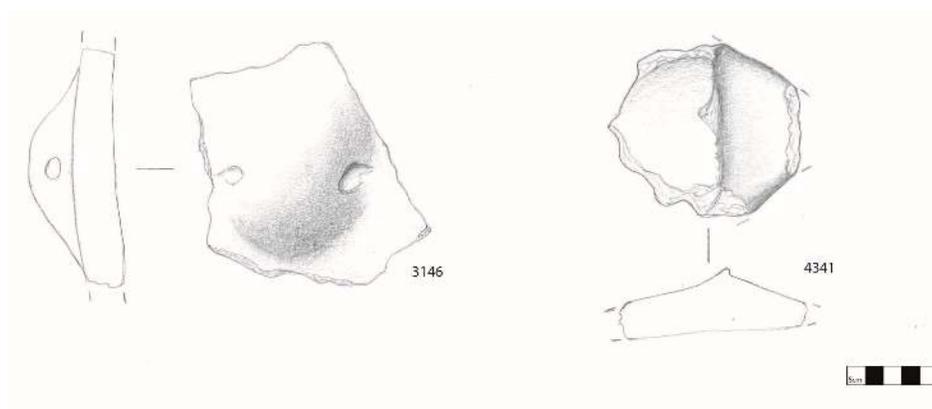
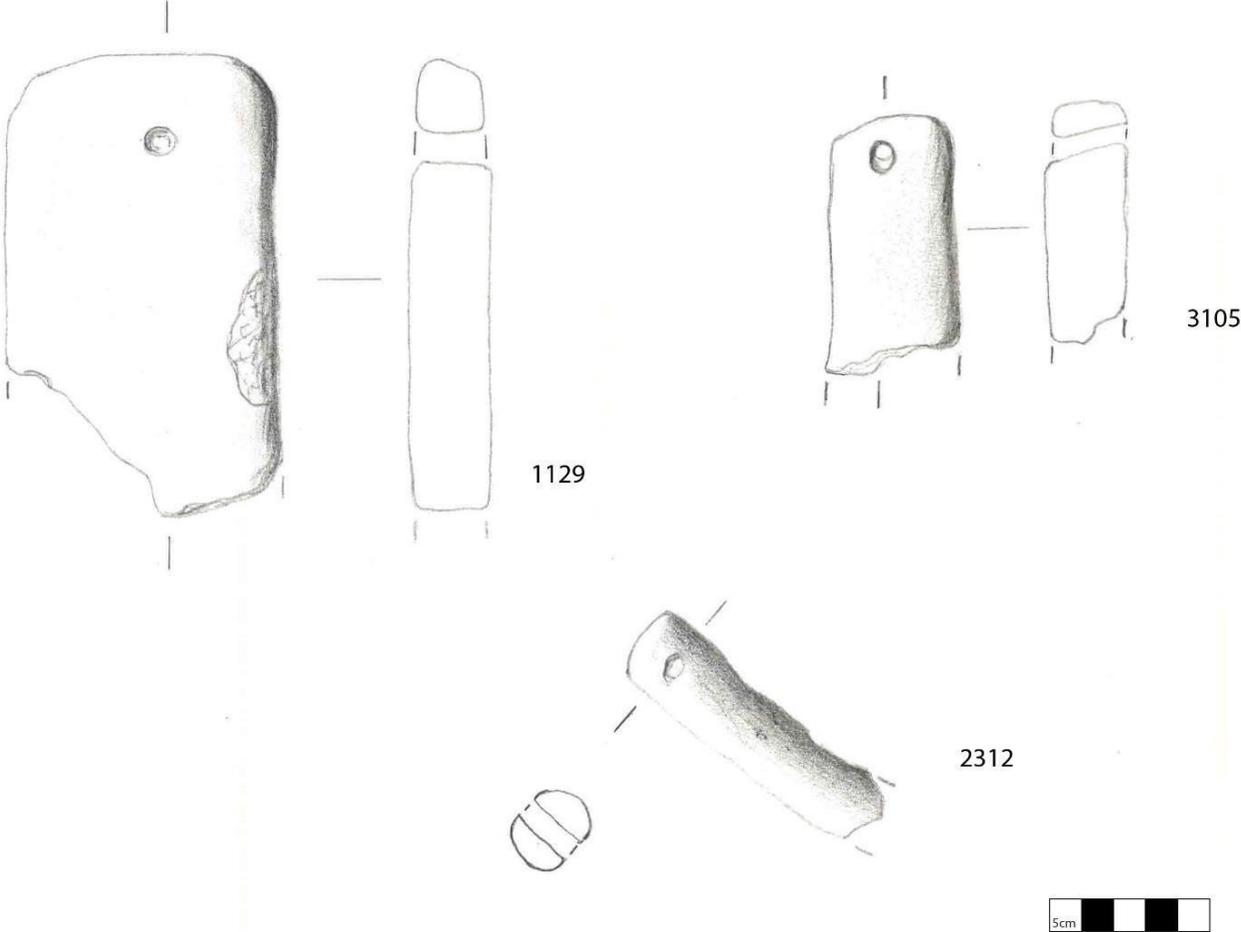


Figura 37. Vários- 3146: Mamilo; 4341: Colher



10.7 Anexo VII: Componentes de tear

Figura 38. Componentes de tear- 1129: Placa de tear; 3105: Crescente; 2312: Crescent



10.8 Anexo VIII: Líticos - Fotografias

Figura 39. Percutor em matéria quartzítica



Figura 40. Bigorna de xisto



Figura 41. Machado de pedra polida



Figura 42. Ponta de seta em xisto jaspoide



Figura 43. Ponta de seta em xisto jaspoide



Figura 44. Enxó



Figura 45. Lâmina em material silicioso



Figura 46. Lasca de material quartzítico



Figura 47. Resto de talhe de xisto jaspoide



Figura 48. Disco em xisto



Figura 49. Lasca de quartzo



Figura 50. Pico de xisto



Figura 51. Fragmento de ponta de seta em xisto jaspoide



Figura 52. Fragmento de machado de pedra polida



10.9 Anexo IX: Cerâmicas - Fotografias

Figura 53. Fotografia do fragmento 4150



Figura 54. Fotografia do fragmento 4845



Figura 55. Fotografia do fragmento 251



Figura 56. Fotografia do fragmento 4419



Figura 57. Fotografia do Vaso de Suporte

